



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA E CONEXÕES ATLÂNTICAS**  
**CULTURAS E PODERES**  
**MESTRADO EM HISTÓRIA**

**CARLOS AUGUSTO LIMA BARROS**

**O ORIENTE ASCENDE EM ROMA:** uma análise das representações documentais do  
imperador romano Heliogábalo (218-222 d.C.)

São Luís – MA  
2025

**CARLOS AUGUSTO LIMA BARROS**

**O ORIENTE ASCENDE EM ROMA:** uma análise das representações documentais do imperador romano Heliogábalo (218-222 d.C.)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Maranhão, visando a aquisição do grau de mestre em História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes.

**Orientador:** Prof. Dr. Alexandre Guida Navarro

São Luís – MA  
2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Lima Barros, Carlos Augusto.

O Oriente ascende em Roma: : uma análise das  
representações documentais do imperador romano Heliogábalo  
218-222 d.C / Carlos Augusto Lima Barros. - 2025.  
179 p.

Orientador(a): Alexandre Guida Navarro.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em  
História/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luis,  
2025.

1. Heliogábalo. 2. Mos Maiorum. 3. Oriente. 4.  
Representação. 5. Império Romano. I. Navarro, Alexandre  
Guida. II. Título.

**CARLOS AUGUSTO LIMA BARROS**

**O ORIENTE ASCENDE EM ROMA: uma análise das representações documentais do  
imperador romano Heliogábalo (218-222 d.C.)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
História, da Universidade Federal do Maranhão, visando a aquisição  
do grau de mestre em História e Conexões Atlânticas: Culturas e  
Poderes.

Aprovada em 10 de outubro de 2025

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Alexandre Guida Navarro**

UFMA

Orientador

**Prof. Dr. Glaydson José da Silva**

UNIFESP

Examinador externo

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mariana Zanchetta Otaviano**

IPHAN

Examinadora externa

O Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Maranhão, certifica que esta é a versão final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para a obtenção do título de (mestre ou doutor) em História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes.

---

Prof(a). Dr(a). Italo Domingos Santirocchi

Coordenador(a) do PPGHis UFMA

---

Prof(a). Dr(a). Alexandre Guida Navarro

Orientador(a) – PPGHis UFMA

*Dedico este trabalho a todos os pesquisadores que mesmo em  
meio as adversidades, se arriscaram a seguir pelo âmbito que  
lhes inspirava paixão e entusiasmo.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Maria das Dores Lima Barros, pela sua criação empenhada em mostrar que a educação é o bem mais precioso que podemos herdar e algo que nenhuma pessoa pode nos tirar. Agradeço pelo seus sacrifícios, por sua disponibilidade, pelo seu amparo e cuidado que me proporcionaram concluir meu ensino básico, minha graduação e agora meu mestrado. A figura da minha mãe foi essencial para que eu pudesse ser inspirado a aprender cada vez mais.

Agradeço aos meus amigos de graduação na UEMA e de espaços fora do âmbito acadêmico pelos momentos de tranquilidade e diversão que contribuíram para eu pudesse enfrentar essa etapa da minha vida com maior disposição.

Agradeço meu amigo, Luiz Sérgio, por ter me ajudado com tantos debates e discussões históricas tanto sobre meu tema quanto sobre a história em geral. Através deste amigo, eu me senti desafiado, inspirado e amparado a continuar meu estudo, inclusive após uma qualificação traumatizante, e também a aprender a filtrar e ignorar algumas críticas.

Agradeço ao meu amigo de graduação, Cleonisson, por ter me apresentado o livro *Os Césares: apogeu e loucura*, o qual proporcionou meu primeiro contato com o imperador Heliogábalo e consequentemente o desenvolvimento de um projeto de mestrado.

Agradeço à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Livia Bomfim Vieira por ter me apresentado os primeiros textos historiográficos que tratavam sobre o imperador Heliogábalo, introduzindo meu estudo em uma perspectiva mais crítica e científica.

Agradeço à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Pollyanna Gouveia Mendonça Muniz por ter contribuído imensamente para que este trabalho se adequasse a área de concentração do programa e também por ter sido a única professora do programa a ter me feito sentir incluído e valorizado em relação a minha pesquisa dentro do mestrado em História na UFMA.

Agradeço ao meu orientador, Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Alexandre Guida Navarro, pelas contribuições para a produção deste trabalho e por ter aceitado o desafio de me orientar.

Agradeço à CAPES pela disponibilização da bolsa de mestrado, a qual foi fundamental para que eu pudesse continuar cursando o mestrado e pudesse custear minhas despesas.

*“[...] Mas Heliogábalo, o magnífico Adônis, foi também o monstro mais cruel que haja ocupado o trono do Império. Por seus vícios abjetos e suas invenções dementes, avantajou-se de cem côvados ao satânico Nero!” (Ivar Lissner, 1985, p. 358).*

## RESUMO

Heliogábalo foi um jovem sírio, natural da cidade de Emesa, que aos seus 14 anos se tornou imperador de Roma durante os anos de 218 a 222 d.C. através de um golpe político supostamente orquestrado por sua avó, Júlia Mesa, que derrubou o atual governante, Macrino. As narrativas em torno do seu período no poder se constituíram por representações negativas sobre a forma como governava, como manifestava sua identidade cultural síria/oriental, a maneira como mantinha suas relações homoeróticas e sua efeminação. A ascensão de Heliogábalo está envolvida no contexto do Império Romano do terceiro século, período de ascensão de orientais em postos políticos romanos e também de uma coalizão de poder sírio no meio imperial, sendo assim o imperador é envolvido em forças políticas que contribuíram para sua permanência no poder, como aliados orientais, pessoas de baixas camadas sociais e a figura de sua avó e mãe que se encaixam no que ficaria conhecido por estudiosos como a Dinastia das Júlias. As representações de Heliogábalo entravam em confronto com os próprios valores e costumes romanos, que podem ser enquadrados no termo latino *mos maiorum*, noção aristocrática que moldava diferentes aspectos da sociedade romana, regendo a forma como ela deveria se portar, logo ao ser associado enquanto alguém que desrespeitava o *mos maiorum*, o imperador é inserido em uma categoria de perturbação da ordem do Império Romano. Descrito em narrativas como um tirano cruel, oriental exótico e fanático, bem como um efeminado receptor em suas relações homoeróticas e influenciado por figuras femininas, Heliogábalo é permeado por representações que revelam diferentes aspectos da sociedade imperial romana, possibilitando que através do estudo de Heliogábalo possamos compreender o próprio Império Romano. Essa pesquisa objetiva analisar as representações textuais antigas em torno do imperador Heliogábalo a partir dos eixos Imperador, Oriental e Desviante, para assim, compreender a partir de sua representação, o contexto romano no qual estava envolvido, trabalhando com aspectos que envolvem o *mos maiorum*, conexão entre Roma e o Oriente, noções sobre a efeminação e homoerotismo, a influência feminina no poder imperial, entre outros elementos, problematizando noções descontextualizadas de um Império sem trocas culturais ou possuidor de uma virilidade extrema.

**Palavras-chave:** Heliogábalo; *Mos maiorum*; Oriente; Representação; Império Romano.



## ABSTRACT

Elagabalus was a young Syrian, born in the city of Emesa, who at the age of 14 became emperor of Rome from 218 to 222 AD through a political coup allegedly orchestrated by his grandmother, Julia Maesa, which overthrew the current ruler, Macrinus. The narratives surrounding his time in power are characterized by negative representations of the way he governed, how he manifested his Syrian/Eastern cultural identity, his homoerotic relationships, and his effeminacy. Elagabalus's rise to power is embedded in the context of the third-century Roman Empire, a period of ascendancy of Easterners to Roman political positions and a coalition of Syrian power within the imperial sphere. Thus, the emperor is implicated in political forces that contributed to his continued power, such as Eastern allies, people from lower social classes, and the figures of his grandmother and mother, who fit into what would become known by scholars as the Julia Dynasty. Elagabalus's depictions clashed with Roman values and customs, which can be framed by the Latin term *mos maiorum*, an aristocratic notion that shaped various aspects of Roman society, governing how it should behave. Therefore, by being associated with someone who disrespected the *mos maiorum*, the emperor is placed in a category of disruption of the Roman Empire's order. Described in narratives as a cruel tyrant, an exotic, fanatical Oriental, as well as an effeminate recipient in his homoerotic relationships and influenced by female figures, Elagabalus is permeated by representations that reveal various aspects of Roman imperial society, enabling us to understand the Roman Empire itself through the study of Elagabalus. This research aims to analyze ancient textual representations surrounding the emperor Heliogabalus from the Emperor, Oriental and Deviant axes, in order to understand, from his representation, the Roman context in which he was involved, working with aspects involving the *mos maiorum*, connection between Rome and the East, notions about effeminacy and homoeroticism, the feminine influence in imperial power, among other elements, problematizing decontextualized notions of an Empire without cultural exchanges or possessing extreme virility.

**Keywords:** Elagabalus; *Mos maiorum*; East; Representation; Roman Empire.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Busto do Imperador Heliogábalo de 221 d.C.....	p. 27
<b>Figura 2</b> – Mapa dos domínios romanos do Império no segundo século (117 d.C.).....	p. 31
<b>Figura 3</b> – Esquema dinastia dos Severos e das Júlias .....	p. 35
<b>Figura 4</b> – Esquema dinastia Antonina .....	p. 43
<b>Figura 5</b> – Pintura de tinta a óleo, <i>The Roses of Heliogabalus</i> , 1888 .....	p. 57
<b>Figura 6</b> – Mapa mostrando os domínios dos Diádocos, após a Batalha de Corupédio ....	p. 71
<b>Figura 7</b> - Mapa mostrando a divisão da “Cele Síria” e da “Síria Fenícia” .....	p. 75
<b>Figura 8</b> - Mapa da divisão Ocidente e Oriente no mundo contemporâneo .....	p. 79
<b>Figura 9</b> – Moeda do Imperador Heliogábalo (Marcus Aurelius Antoninus Augustus).....	p. 102
<b>Figura 10</b> – Busto de Júlia Domna .....	p. 148
<b>Figura 11</b> – Moeda com busto de Júlia Mesa .....	p. 152
<b>Figura 12</b> – Busto de Júlia Soémia .....	p. 157
<b>Figura 13</b> – Busto de Júlia Mameia .....	p. 159

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: IMPERADOR.....	25
1.1. O florescer do futuro Império.....	25
1.2. Duas dinastias, um só imperador.....	34
1.3. Aos moldes “heliogabalos”.....	50
CAPÍTULO 2: ORIENTAL.....	69
2.1. Um Oriente romano.....	69
2.2. Oriente e Ocidente em contato.....	82
2.3. O deus-sol e o imperador sacerdote.....	94
CAPÍTULO 3: DESVIANTE.....	112
3.1. O desvio do ser.....	112
3.2. Luxúria e homoerotismo.....	129
3.3. A dinastia das Júlias.....	146
Considerações Finais.....	164
Referências.....	173
Fontes Primárias.....	173
Sites.....	173
Bibliografia.....	173

## INTRODUÇÃO

A Roma antiga é o cenário de diferentes estudos e discussões sobre sua origem e contribuição para a formação do mundo ocidental. Sua história suscitou pesquisas interessadas em entender mais sobre esta cidade de longa duração e com um impacto significativo que suscita ainda na contemporaneidade com análises que buscam abranger diferentes aspectos sobre Roma.

O Império Romano se destaca no meio historiográfico em relação ao estudo de seu funcionamento político, impacto, desmembramento entre a Roma ocidental e o Império Bizantino ou Império Romano do Oriente, a crise e reconfiguração da parte ocidental, até propriamente o estudo dos grandes homens na figura dos imperadores que marcaram a mentalidade de estudiosos e conhecedores de Roma.

Ao longo da historiografia, tendo por importante contributo a escola dos Annales, ocorreram mudanças na forma como esses estudos sobre Roma foram realizados, sendo acrescentadas novas temáticas como a de gênero e até mesmo sexualidade, novas perspectivas como a da História global ou mesmo uma análise vista de baixo, a partir de sujeitos comuns da sociedade. Essa mudanças nos estudos se justificam pela transformação que a história irá passar ao longo do tempo.

A história cultural nos servirá como uma das bases teóricas que permeiam essa pesquisa. Peter Burke (2021) afirma que a chamada “nova história cultural”, surgida por volta do final da década de 1980, surgida com uma ênfase em mentalidades, suposições e sentimentos representou uma reforma na tradição como com a maior atenção ao estudo da cultura material que anteriormente era deixada de lado em relação aos seus aspectos simbólicos, além do uso de novos conceitos como a de práticas e representações, esse segundo conceito será primordial para esse estudo.

A história cultural parte do pressuposto que qualquer indivíduo produz cultura, independente de quem seja, ao se comunicar, seja oralmente ou pela escrita, o ser humano produz cultura, seu próprio modo de vida já pode ser considerado enquanto um exemplo ou marca cultural (Barros, 2003, p. 146).

A história cultural busca entender os mecanismos de produções e influências da cultura. Esse interesse também atinge os sujeitos e agências produtoras de cultura, os seus meios de produção e transmissão e os padrões relacionados aos objetos culturais como “as 'visões de mundo', os sistemas de valores, os sistemas normativos que constroem os

indivíduos, os 'modos de vida'...' (Barros, 2003, p. 148), que se relacionam tanto aos grupos sociais quanto as concepções que se formam a estes mesmos grupos sociais.

Tendo por base principal a história cultural em especial com a noção de representação que será explicada mais adiante, esse trabalho objetiva analisar as representações textuais antigas em torno do imperador Heliogábalo e assim compreender o próprio contexto romano no qual estava envolvido. Por meio de uma análise em torno do que é escrito sobre o governante, é possível compreender aspectos relacionados a ele, bem como diferentes elementos da sociedade romana que estão atrelados à sua própria história e conduta, o que torna seu estudo uma considerável contribuição para a historiografia sobre Roma antiga.

O estudo sobre o imperador romano Heliogábalo permite entender a pluralidade cultural que esteve presente na Antiguidade, combatendo distorções que atestam para uma homogeneidade europeia que beira a uma desqualificação do que fugia do eixo europeu ocidental. É possível discutir a memória desse imperador oriental em Roma, que é representado enquanto um desviante dos valores romanos.

Nosso trabalho possui por problema central a própria visão cristalizada na mentalidade contemporânea em relação a um Império Romano subjugador que definiu a cultura de diferentes povos, através de um processo de romanização, ou seja, de imposição de sua cultura de forma homogênea, enquanto as tradições, hábitos, ritos do “Outro” eram eliminados. É necessário levar em consideração as trocas culturais que influenciaram o Império Romano, pois através da análise dessas interações e conexões conhecemos uma Roma heterogênea que ultrapassa os discursos das próprias fontes escritas.

Outra noção contemporânea que problematizamos seria a de um Império que emulava uma virilidade extrema, ignorando o próprio contexto de diferentes identidades que existiram no contexto romano, é essencial que se leve em consideração que estamos diante de uma sociedade que vivenciava situações de homoerotismo<sup>1</sup> com diferentes significados. Devemos pensar para além de uma “heterossexualidade compulsória” ou de abertura a uma vivência “homossexual”; é necessário que busquemos entender tais envolvimento afetivos/sexuais permeados pelas próprias noções da época, que não necessariamente pensavam a partir de uma ótica de sexualidade.

---

<sup>1</sup> Atração sexual ou romântica entre pessoas do mesmo sexo. Utilizaremos tal termo para englobar o âmbito das práticas eróticas, afetos e desejos entre pessoas do mesmo sexo no mundo romano, assim evitamos encaixar os indivíduos em uma determinada sexualidade.

Acreditamos que Heliogábalo representou justamente um contraponto a essas visões que problematizamos, pois é representado sob a perspectiva de um imperador que governou o Império Romano através de um golpe político orquestrado por uma figura feminina, trouxe aspectos de sua cultura oriental, como sua religiosidade, para a região romana e mostrou uma luxúria próxima da efeminação e homoerotismo receptor. Tais representações revelam os anseios, preocupações, rejeições, aceitações e limites que envolviam a sociedade romana de sua época, bem como as conexões com o mundo oriental e presença de indivíduos que se distanciavam de uma noção de virilidade.

Nossa tese central parte do entendimento que o estudo das representações do imperador Heliogábalo torna possível compreender diferentes aspectos sobre sua figura, como sua afronta à ordem romana, o estabelecimento do contato oriente e ocidente através de sua identidade cultural e a exibição de uma efeminação que contrastava com ideais de virilidade, e que esses elementos particulares se mesclam a elementos gerais do próprio contexto imperial, pois revelam aspectos de funcionamento da sociedade romana e dos seus escritores antigos.

Estudar Heliogábalo contribui para um entendimento que vai além de uma pura escrita biográfica, sua figura evoca um contexto muito maior de conhecimento sobre a sociedade que o envolvia e sobre os próprios escritores antigos que estão envolvidos nas fontes textuais que atestam sua história. As produções textuais romanas revelam resistências, conexões, dissidências, barreiras, entre outros elementos que constroem essa sociedade e podem ser analisados a partir do imperador e sua trajetória.

É importante ressaltar que estivemos conscientes durante a escrita deste trabalho da produção moderna que percorre o imperador Heliogábalo, com autores que contribuíram para que sua imagem fosse analisada, dividindo-se entre aqueles que apresentam análises próximas às narrativas das fontes escritas e aqueles que apresentam uma visão mais crítica em relação à forma como Heliogábalo é colocado nos documentos antigos, contribuindo, assim, para um novo estudo em relação ao imperador.

Na primeira categoria acima ressaltamos o historiador inglês Edward Gibbon, em seu livro *A história do declínio e queda do Império Romano* (2005), no qual o autor apresenta uma visão em consonância com as fontes escritas antigas, Heliogábalo é tratado como símbolo de decadência moral e política do Império Romano, assim, sua narrativa acaba por reforçar os próprios discursos presentes nos documentos antigos. Outro autor que se inclui nessa perspectiva é o jornalista e divulgador histórico alemão, Ivar Lissner, com seu livro *Os césores: apogeu e loucura* (1985), seu escrito é um exemplo de que a memória sobre

Heliogábalo perpassou o campo historiográfico, bem como sua colocação negativa, pois o autor apresenta o imperador como alguém exótico e depravado, não fazendo uma crítica das fontes escritas.

Na segunda categoria ressaltamos a historiadora brasileira Semíramis Corsi Silva que lançou diferentes artigos (2017; 2019) e capítulos de livro (2018; 2021) que abordam Heliogábalo a partir de teorias contemporâneas, se preocupando em fazer uma análise crítica sobre as suas representações nas fontes escritas e destacando elementos da própria sociedade romana. Outro contribuinte seria o historiador espanhol Leonardo de Arrizabalaga Y Prado (2010), que em seu livro *The emperor Elagabalus: fact or fiction?* apresenta a figura de Heliogábalo como uma construção estereotipada, resultante de uma propaganda hostil e construções literárias que visavam retratá-lo negativamente, apresentando uma considerável desconfiança em relação as narrativas das fontes escritas.

Perpassando por produções moralistas e sensacionalistas, bem como leituras de teor mais crítico em relação às fontes, a historiografia e produção literária em relação a Heliogábalo vêm ao longo dos anos se tornando mais difundida e sua figura mais conhecida. Ao apresentar essas contribuições acima objetivamos deixar claro que nosso trabalho não apresenta um objeto inédito, tendo outras contribuições de pesquisadores, contudo optamos por nos centrar nas fontes textuais e não nos limitarmos às interpretações de outros estudiosos, usando algumas contribuições para enriquecer esse trabalho, mas propondo uma análise sobre as fontes textuais com novas reflexões e críticas.

O conhecimento sobre a figura de Heliogábalo parte principalmente de três obras, *História de Roma*, de Dião Cássio, *História romana depois de Marco Aurélio*, de Herodiano, e o compilado de capítulos por diferentes escritores antigos reunidos em torno do livro *História Augusta*. As três fontes primárias dedicam um conteúdo significativo sobre a figura do imperador, logo, se mostram bem importantes para uma pesquisa a seu respeito.

Dião Cássio foi um historiador grego nascido na cidade de Niceia, na Bitínia<sup>2</sup>, atual Turquia, provavelmente por volta de 163 ou 164 d.C. Sua família era abastada e influente no cenário político local, seu pai, Cássio Aproniano, foi um senador consular<sup>3</sup> e governador de três províncias imperiais, que dividia seus negócios e laços sociais entre Niceia e Roma, onde fez sua carreira política, e sua cidade natal, Nicéia (Esteves, 2019, p. 195).

---

<sup>2</sup> Niceia foi uma cidade grega que se localizava na região e depois província romana da Bitínia, localizada no noroeste da Ásia Menor.

<sup>3</sup> Senador que também havia exercido o cargo de cônsul, que era a magistratura mais alta do governo romano. Este título indicava uma pessoa de grande prestígio e influência, tendo uma longa trajetória política e militar.

Seguindo os passos do pai, Dião Cássio também teria construído uma carreira política em Roma. Segundo o historiador alemão Martin Hose (2010, p. 442), por volta de 180, Dião Cássio teria passado a viver em Roma; a partir de 192, se juntou ao Senado, já que em sua *História Romana* passa a falar sobre essa na primeira pessoa do plural; em 194 ou 195, foi designado pretor<sup>4</sup>, e durante o governo de Septímio Severo (193-211 d.C.) e de Severo Alexandre (222-235 d.C.) teria sido eleito cônsul<sup>5</sup>.

O historiador canadense-britânico Timothy Barnes (1984, p. 244-245) acrescenta que o escritor antigo teria desenvolvido uma relação de *amicus*<sup>6</sup> com o imperador Septímio Severo, algo que perdurou durante o governo do seu sucessor e filho, Caracala (211-217 d.C.), estando ainda presente em Roma após o seu assassinato e ascensão daquele que o sucederia, Macrino (218 d.C.). Essa permanência no império durou até pouco antes do posterior assassinato de Macrino e consequente ascensão de Heliogábalo, com o primeiro o nomeando curador<sup>7</sup> de Pérgamo<sup>8</sup> e Esmirna<sup>9</sup>, o que o levou para fora do Império.

Nos anos iniciais do governo de Heliogábalo, durante o inverno de 218/219, Dião estava em Pérgamo, dali teria voltado para sua terra natal e depois ido para a região da África como procônsul<sup>10</sup>; após um período nesse local teria governado a Dalmácia<sup>11</sup>, e depois a Panônia Superior<sup>12</sup>, e então retornado a Roma somente em 229, já no governo de Severo Alexandre. As datas do seu pro-consulado e de seus dois mandatos nas cidades acima não são exatas, o próprio escritor antigo dá a entender que ocorreram durante o governo de Alexandre, mas Barnes (1984, p. 243-244) desconfia dessa narrativa e afirma que provavelmente teriam ocorrido ainda durante o reinado de Heliogábalo, no ano de 220/221.

---

<sup>4</sup> Tratava das questões jurídicas. Se dividia em pretores urbanos, responsáveis pela justiça na cidade, e os pretores peregrinos, que tratavam da justiça no meio rural e entre os estrangeiros.

<sup>5</sup> Responsáveis por fazer cumprir as leis e decretos do Senado e das Assembleias, também podiam reunir as casas do legislativo e propor novos atos. Teve um destaque muito importante durante a República romana, contudo no Império perdeu parte considerável de sua influência se tornando muito mais uma figura representativa, mas ainda destacada.

<sup>6</sup> Equivalente latino de “amigo”.

<sup>7</sup> Responsáveis por funções administrativas específicas como a fiscalização de obras de construção ou restauro que o imperador autorizava ou subsidiava numa cidade, pelo abastecimento de água ou pela distribuição de grãos.

<sup>8</sup> Antiga cidade grega, localizada na região da Ásia Menor, atualmente na Turquia.

<sup>9</sup> Cidade da Grécia Antiga localizada em um ponto estratégico na costa do mar Egeu da Anatólia, atual Turquia.

<sup>10</sup> Responsáveis por governar e administrar as províncias romanas, incluindo a arrecadação de impostos, a manutenção da ordem, a gestão da justiça e o comando de tropas.

<sup>11</sup> Província romana que abrangia a maior parte dos modernos estados da Albânia, Croácia, Bósnia e Herzegovina, Montenegro e Sérvia.

<sup>12</sup> Província do Império Romano, correspondente à atual Hungria ocidental e partes da Áustria oriental, bem como partes de vários estados balcânicos, principalmente Eslovênia, Croácia e Sérvia.



Em relação a produção da *História Romana*, originalmente chamada de *Romaike Historia*, o próprio Dião Cássio (LXIII 23, 1-5, p. 117; 119) afirma que anteriormente havia escrito e publicado um pequeno livro sobre sonhos e presságios que influenciaram Septímio Severo a aguardar pelo poder imperial, o qual após alcançá-lo teria enviado uma carta com agradecimentos e elogios.

Após o ocorrido, no mesmo dia, ao dormir no anoitecer, Dião Cassio teria sonhado com um força divina que o ordenou a escrever “a história”, esta seria dedicada às guerras que se seguiram à morte de Cômodo, a partir daí, levando em consideração a aprovação do próprio imperador e de outras pessoas sobre esse último escrito, surgiu o desejo de uma compilação de tudo que dizia respeito aos romanos. Dião afirma que passou 10 anos coletando a história desde os primórdios de Roma até a morte de Severo e outros doze anos compondo sua obra.

Posteriormente em seu escrito, Dião Cássio (LXXIX 10, 1-2) afirma que após a morte de Septímio Severo teria tido uma visão em que este o convidava a aprender com precisão e escrever um relato sobre tudo que foi dito e feito em Roma.

Conforme o doutor em letras brasileiro Anderson Martins Esteves (2019, p. 199), esses trechos acima foram interpretados pelos estudiosos como afirmações de que inicialmente o escritor antigo pretendia escrever um compilado das origens romanas até a morte de Septímio Severo, contudo depois decidiu continuar a escrita sobre os demais imperadores. Concordando com outros pesquisadores, o autor situa o período de coleta das fontes e escrita da obra entre 211 a 233 d.C.

A *História de Roma* é composta por 80 livros que abrangiam desde a fundação de Roma (chegada do herói troiano Eneias, conhecido como fundador de Roma) até o início do governo de Alexandre Severo em 229, contudo parte dos manuscritos se perderam ao longo do tempo tendo sobrevivido os livros de 36 a 54 (68-10 a.C.) e fragmentos dos livros 55 a 60 (9 a.C. – 46 d.C.).

O restante da *História* teria sido restaurado por trechos de obras históricas produzidas no governo do imperador bizantino Constantino Porfirogênito (912-959 d.C.), mas também através “da obra do monge Xifilino (séc. XI), que fez uma epítome dos livros 36 a 80; [...] da obra de Ioannes Zonaras (séc. XII), usada para reconstituir os primeiros 20 livros de Dión” (Esteves, 2019, p. 201), dentre esses, Xifilino seria o mais fiel ao texto, enquanto Zonaras teria feito alterações ao texto original.

O escrito de Dião Cássio é um reflexo de uma aristocracia tradicional imperial, defensora da ordem e dos valores romanos. Segundo o historiador brasileiro Ariel Garcia Corrêa (2019, p. 28), Dião Cássio, embora tivesse origem grega, considerava-se romano, o que pode ser explicado pela identificação dos habitantes da região da Bitínia com seu anexador, o Império Romano, “os aristocratas da Bitínia assumiam uma identidade política romana, embora continuassem gregos no sentido étnico do termo”.

Ao abordar sobre o período imperial, traz uma clara diferenciação entre os bons e maus imperadores, embora não recaia em uma simples definição de heróis e vilões, acrescentando em determinados pontos, aos personagens mais elogiados, características negativas e, a outros personagens criticados, características positivas.

Para Dião Cássio a elite senatorial é “a essência definidora do Estado romano”<sup>13</sup> (Kemezis, 2014, p. 148), assim as relações estabelecidas entre o imperador e o Senado são originadas pelos valores da época em que estão inseridas e as descrições estabelecidas por Dião Cássio sobre a figura dos imperadores se baseava em sua própria posição enquanto senador romano (Corrêa, 2019, p. 26). Essas características nos levam a acreditar que o público-alvo de sua *História* fosse a elite senatorial e o próprio círculo imperial.

Outra fonte aqui utilizada é *História de Roma depois de Marco Aurélio* de autoria de Herodiano que é um registro sobre os governos dos imperadores romanos, dividido em oito livros que cobrem dos anos de 180 (morte do imperador Marco Aurélio [161-180 d.C.]) até 238 d.C. (ascensão do imperador Gordiano III (238-244 d.C.)).

Segundo a historiadora brasileira Janaice Silva (2019, p. 14), o escrito objetiva “ênfatar as inúmeras situações inconstantes e repentinas que caracterizariam a vida dos imperadores”, organizando os acontecimentos dos seus reinados cronologicamente e por governante. Além disso, o próprio Herodiano (II 15, 7, p. 174) afirma que todos os acontecimentos narrados partem de um conhecimento pessoal do mesmo, com o objetivo de recontar sistematicamente um período de setenta anos, sem bajulação ou omissão de informações dignas de serem lembradas.

Em relação à figura de Herodiano, pouco se sabe sobre ele, não se tendo informações sobre seu nascimento, morte, status social ou mesmo seu local de origem, um dos poucos relances de sua vida pessoal, que o próprio escritor antigo informa em sua *História*, está presente ainda no início do primeiro livro (I 2, 5, p. 90), no qual afirma que os eventos narrados tiveram sua participação direta por meio de seus cargos no serviço público e

---

<sup>13</sup> “the defining essence of the Roman state”.

imperial. Através desse trecho, têm-se duas teorias mais difundidas, a de que ele seria um liberto imperial ou um funcionário público (Silva, 2019, p. 18).

Sobre a teoria de Herodiano ter sido um liberto imperial, concordamos com Silva (2019), que chama atenção para a quase impossibilidade de um liberto ascender a um cargo público por seu próprio mérito; ler e escrever em grego, língua reservada aos intelectuais e aristocratas e pelas críticas que este faz à ascensão de libertos a cargos importantes, algo que Corrêa (2019, p. 35-36) chama atenção enquanto uma característica do reinado de Heliogábalo. Diante desse cenário, também acreditamos que o escritor antigo tenha sido um funcionário público pertencente a aristocracia.

Sobre a origem de Herodiano, o historiador espanhol Fernando Gascó la Calle (1982, p. 167-169) afirma que existem discussões que localizam o escritor antigo em Alexandria, Antioquia e Ásia Menor<sup>14</sup>; em ordem correspondente, os motivos elencados seriam a forma energética com a qual descreve uma massacre executado pelo imperador Caracala (211-217 d.C.) à Alexandria; a frequente abordagem da Síria e da própria cidade de Antioquia, demonstrando conhecimento e interesse pelos eventos dessa região; por aparentemente, além de Roma, ter sido Bizâncio, a única outra cidade que visitou, mencionar as cidades do noroeste da Anatólia frequentemente e por identificar a diferença conceitual entre dois termos utilizados somente em uma parte da Anatólia.

Essas localizações, com exceção da última, são questionadas pelo próprio autor, que parece inclinado a acreditar na origem pela Ásia Menor. Contudo, concordamos com Silva (2019, p. 19) de que Herodiano seria grego, informação que a autora aponta como a hipótese mais aceita, tendo por justificativas seu nome que derivava do nome comum na região, Herodes; por passagens no seu livro que ele se insere enquanto pertencente à sociedade grega; pelo uso do termo *basileu*, palavra de origem grega equivalente a imperador e pela própria escrita ser originalmente em grego, voltada para um público helênico e com influências gregas presentes em seu estilo literário.

Em relação à sua *História*, o historiador neerlandês Lukas de Blois (2003, p. 149) afirma que o trabalho mescla estilos literários da história, encômio<sup>15</sup>, romance e biografia, dando mais atenção às “trivialidades, características das personalidades dos imperadores, enquanto datas, dados geográficos e fatos históricos importantes são, por vezes, tratados

---

<sup>14</sup> Também conhecida por Anatólia, é uma península localizada na região oeste da Ásia, corresponde ao atual território da Turquia.

<sup>15</sup> Tipo de discurso ou hino religioso que visa exaltar e enaltecer o objeto do louvor.

apenas de forma muito breve e imprecisa”<sup>16</sup>, enquanto para Silva (2019, p. 19), no escrito de Herodiano ocorre a escolha de não se tratar todos os fatos, mas somente o que é tido enquanto “importante e digno de glória pelo narrador; mais importante que datá-los é inseri-los numa sucessão lógica e cronológica”.

Blois (2003, p. 149) considera que o público alvo das *Histórias* de Herodiano e Dião Cássio são os mesmos, bem como suas visões políticas. Em Herodiano, o Império Romano deve ser composto por um “forte governo monárquico em um sistema sócio-político hierárquico fixo no qual vários grupos têm suas próprias funções e status, como órgãos em um corpo”<sup>17</sup> (2003, p. 149-150), além desse aspecto, o Império seria um conglomerado de povos dominados por Roma e pelo imperador, constituídos por características específicas (2003, p. 150), inclusive a figura do imperador seria a espinha dorsal do Império em si (2003, p. 151), seus reinados influenciam na estrutura do escrito de Herodiano.

Embora tenha proximidade de ideias e público, Herodiano apresenta uma narrativa mais linear e objetiva que Dião Cássio, além disso, em relação a Heliogábalo, notamos algumas diferenças, com uma versão menos lasciva, ocultando-se os escândalos sexuais, enquanto o aspecto religioso do governante recebe uma maior atenção, sua representação é menos monstruosa que em Dião Cássio (Kemezis, 2016, p. 364).

Como última fonte a ser utilizada temos a *História Augusta*, que em seus primórdios teve por título original *Diversorum Principum et Tyrannorum a Divo Hadriano usque ad Numinianum Diversis compositae*, estando presente em um manuscrito do mosteiro de Fulda, intitulado *Codex Palatinus 899*, produzido no século IX d.C. e hoje presente na Biblioteca do Vaticano (Cerri, 2000, p. 30). É composta por uma coletânea de trinta biografias dos imperadores, seus corregentes e herdeiros, bem como dos usurpadores, esse detalhe a distingue consideravelmente das outras duas fontes que trabalhamos.

Abrangendo do início do reinado do imperador Adriano (117-138 d.C.) em 117 d.C. até a morte dos imperadores conjuntos Numeriano e Carino (283-284 d.C.; 283-285 d.C.) durante respectivamente os anos de 284 e 285; a *História Augusta* atribui a cada biografia um escritor antigo, de um total de seis, que se dividem na escrita de um mais imperadores para a fonte, sendo assim temos os seguintes nomes: Élio Espaciano, Júlio Capitolino, Vulcácio Galicano, Élio Lamprídio, Trebélíio Polião e Flávio Vopisco.

---

<sup>16</sup> “trivialities, characteristic of the personalities of the emperors, whereas dates, geographical data, and important historical facts are sometimes dealt with only very briefly and rather inaccurately”.

<sup>17</sup> “strong monarchical government in a fixed hierarchical socio-political system in which various groups each have their own functions and statuses, like organs in a body”.

Tendo sido produzida originalmente em latim, a *História Augusta* apresenta as vidas dos imperadores de forma romaneada, com detalhes íntimos e pormenores dos imperadores (Corassin, 1988, p. 154). Sua importância documental reside justamente na amplitude de informações que abordam, abrangendo desde o meio social e político até o âmbito religioso das épocas narradas (Corassin, 1988, p. 155).

Com o objetivo de entreter o público, a historiadora brasileira Maria Luiza Corassin (1997, p. 107-108) afirma que a *História Augusta* não se enquadra em modelos biográficos antigos que visavam a instrução moral através do fornecimento de exemplos e a divulgação de uma ética discursiva, antes é utilizada como meio da aristocracia tradicional expor seus olhares sobre a figura do imperador, fornecendo modelos de comportamento positivos e negativos.

Diferentemente das outras duas fontes aqui destacadas, a *História Augusta* apresenta dois principais problemas, sua autoria e a datação do escrito. Como colocado acima, a sua produção é atribuída a seis escritores antigos, contudo, estes não são citados em nenhuma outra fonte textual, contribuindo para uma desconfiança em relação a autenticidade dessa informação, acrescido a isso, ainda existe uma determinada estrutura de organização e temas semelhantes que percorrem toda a composição da *História Augusta*, bem como a presença de peculiaridades linguísticas que levam a crer na ação de um compilador ou mesmo de um único escritor antigo (Cerri, 2000, p. 32-33).

Já em relação a sua datação, apesar do escrito se tratar enquanto produzido no século III a partir de dedicatórias e menções dos seus supostos escritores antigos a imperadores da época, como Élio Esparciano (*Vita Aelli*/Vida de Élio) e Júlio Capitolino (*Vita Marci*/Vida de Marco) ao imperador Diocleciano (284-305 d.C.), como se ambos escrevessem durante seu governo, a data de produção mais aceita parte da segunda metade do século IV. Segundo a historiadora brasileira, Mariane Cerri (2000, p. 43), o teor denunciatório que a fonte apresenta desde a sua descrição de governos do século II representaria uma crítica ao sistema imperial e mais especificamente ao próprio *dominato*<sup>18</sup> do século IV, disfarçadas de narrativas críticas a imperadores anteriores.

Além dessas duas questões, a fonte apresenta ainda outras problemáticas em sua composição, como casos de anacronismos com menções a cargos e títulos que só surgiriam na segunda metade do século IV (Cerri, 2000, p. 33), referência a documentos falsificados (Silva,

---

<sup>18</sup> Fase final do Império Romano, entre os anos de 284 a 476 d.C., caracterizado por uma centralização política mais rígida na figura do Imperador, com ênfase na autoridade militar e perda da relevância política e militar do Senado.

2016, p. 106) e o uso de ficção para complementar as vidas dos imperadores dos quais se tinham poucas informações, mais especificamente os usurpadores ou mesmo aqueles que governaram em conjunto (Corassin, 1988, p. 156).

Contudo, apesar de sua várias problemáticas, a *História Augusta* ainda se constitui como uma importante fonte que abrange um nível alto de informações sobre a vida dos imperadores. O seu cruzamento com outras fontes e um olhar crítico proporcionam um estudo que pode ser beneficiado com seus detalhes, mas que ao mesmo tempo está atento aos trechos mais fantasiosos, contribuindo para um trabalho enriquecedor.

A *História Augusta* possui por público alvo a aristocracia senatorial romana, da qual o próprio escrito advém, se preocupando em expressar os interesses políticos, econômicos e sociais dessa ordem, criticando os imperadores jovens e seus maus conselheiros (Corassin, 1988, p. 161). Outros elementos do escrito são referentes a críticas aos imperadores associados a religiões orientais, os excessos com comida, bebida e sexo, sendo que os bons imperadores seriam aqueles moderados ou que mesmo seguindo religiões não romanas, mantivessem uma maior sobriedade nos cultos (Goméz, 2018, p. 37).

Em relação ao tratamento dispensado a Heliogábalo na *História Augusta*, sua *vita* é um dos mais longos do escrito, o qual podemos dividir em basicamente duas partes, a primeira que se dedica a explorar em uma linha mais cronológica seu reinado e queda e a segunda em que se tem uma espécie de catálogo dos seus excessos que abrangem sua alimentação, vestuário, decoração, maldade e depravação. Com comparações a imperadores anteriores que possuíam uma memória negativa, como Calígula, Nero e Vitélio, Heliogábalo é construído enquanto um imperador tirano (Kemezis, 2016, p. 361).

A decisão de usar essas três fontes primárias se justifica por representarem as fontes escritas que fornecem as maiores informações sobre Heliogábalo. Dião Cassio e Herodiano representariam produtores textuais antigos relevantes e respeitados para serem analisados, oferecendo tanto similaridades quanto diferenças em suas narrativas e sendo contemporâneos do imperador.

Já em relação a *História Augusta* esta é apresentada como uma obra que carrega uma desconfiança por parte dos estudiosos, dada a falta de confiabilidade em trechos de seu conteúdo, mas sua presença se justifica tanto por ser uma outra contribuição primária em meio à pouca disponibilidade, como também, por meio do seu entendimento como uma representação permeada por um contexto e objetivos possíveis de serem analisados.

Para este trabalho usaremos as seguintes edições das fontes acima discutidas: a versão em inglês, *Dio's Roman History*, traduzida por Earnest Cary e lançada pela *The Loeb Classical Library* (1957); a versão em espanhol, *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurelio*, traduzida por Juan J. Torres Esbarranch, publicada pela Editorial Gredos (1985); e a versão em português, *História Augusta*, com tradução por Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno S. Rodrigues, lançada pela Imprensa da Universidade de Coimbra (2021).

Segundo Chartier (2002, p. 127), os textos estão envoltos em um suporte que permite sua leitura, tornando necessária também a análise das formas através das quais ela chega ao autor, sendo assim é importante não pensar o texto puro em si, mas estar atento aos dispositivos que o permeiam. Com base nisso, a abordagem das três obras citadas anteriormente pretende levar em consideração os seus escritores antigos, influências, contextos e objetivos com seus desenvolvimentos.

Uma visão crítica e atenta às limitações da documentação são essenciais, pois deve-se entender que esta apresenta um recorte da realidade e não está isenta de juízo de valores e opiniões ou mesmo objetivos que visam alcançar a partir do que é representado. Ao levar em consideração esses aspectos, ao trabalho com documentos é conferido um valor histórico e permitido sua utilização de forma científica.

A metodologia consistiu na leitura crítica do referencial bibliográfico e documental, partindo do entendimento que a época a ser trabalhada necessita de um cuidado específico, dada a facilidade em recair em possíveis anacronismos, logo, a preocupação residiu em escolher um embasamento teórico que contribuísse para a análise.

Como forma de ter um olhar atento às representações, esse trabalho se localiza na história cultural de forma a analisar a forma como o imperador é representado e os significados que estão envolvidos nessa representação. Com isso corroboramos com o historiador brasileiro, Cícero Oliveira (2018, p. 72), que entende o estudo das “representações” como preocupado com os “processos de formação dos significantes discursivos e performáticos, a saber, dos esquemas conceituais e de condutas (políticas e sociais) atrelados às percepção (sic) e avaliação social”, bem como com as classificações e exclusões presentes em um determinado espaço-tempo.

Sendo assim, a história cultural oferece uma importante base de análise em relação às representações inseridas nas estruturas do mundo social, onde a produção de discursos não é

neutra, perpassando por desejos e objetivos que organizam estratégias com vista a contribuir para a construção que é realizada.

Chartier (2002) se mostra primordial para entender o imperador a partir do conceito de representação, possibilitando entender que as construções não são munidas de uma razão e objetividade única, antes, são permeadas por interesse dos grupos que as produzem e buscam impor uma ordem, legitimar algum plano ou justificar escolhas e condutas. Reflexões sobre esse aspecto permitem compreender a sociedade e seus indivíduos.

Dessa forma, os escritos que abordam Heliogábalo são analisados enquanto construções deste, representando-o de uma forma com determinados objetivos que permeiam essas produções, logo torna-se importante entender o contexto que envolve os escritores antigos e suas obras, como forma de analisar os possíveis significados envolvidos no que é dito.

Uma metodologia útil ao se trabalhar com a figura do imperador é a biografia, outrora vista com tanta desconfiança por historiadores, sendo associada ao simplismo, mas que se reaproxima definitivamente da História nas décadas de 1970 e 1980, com o afastamento do interesse predominante sobre as estruturas que marcaram as análises marxistas e deterministas para uma análise dos indivíduos. “O indivíduo e suas ações situavam-se em sua relação com o ambiente social ou psicológico, sua educação, experiência profissional etc. O historiador deveria focar naquilo que os condicionava a fim de fazer reviver um mundo perdido e longínquo” (Del Priore, 2009, p. 9).

Mary Del Priore (2009, p. 9; 10) afirma que a biografia histórica vai se integrar na história social e cultural e, assim, os atores históricos são revestidos com individualidade e importância, logo, a narrativa de suas vidas está permeada pela rede de relações sociais diversificadas que os envolvem. Em uma perspectiva cultural podemos compreender que usar o método biográfico parte do entendimento do sujeito abordado não de forma isolada e sim influenciado pelo seu contexto, a partir dessa inserção ele se torna um ator sociocultural a ser estudado.

Ao se analisar propriamente a figura de Heliogábalo outras metodologias contribuem para o estudo de alguns pontos que são evidenciados na documentação, como é o caso da sua origem síria e a presença de uma cultura oriental em seu período enquanto governante de Roma. A História Global contribui em muito para se explorar esse aspecto, pois se apresenta enquanto uma metodologia preocupada com as trajetórias dos indivíduos, mas que não os



percebe de forma isolada, pelo contrário, se preocupa com as relações, conexões, interligações presentes nos contatos que são estabelecidos entre os sujeitos (Vanhaute, 2009, p. 23).

Para o historiador belga Eric Vanhaute (2009, p. 24), a história global estimula diferentes formas de olhar e pensar sobre a história humana, se afastando de uma individualidade para centralizar nas comunidades. A análise a partir de comparações, conexões e sistemas seriam a base principal dessa possibilidade de metodologia, sendo que seus estudos podem ser realizados de três formas: em uma perspectiva comparativa notando os padrões, semelhanças e diferenças; pelas interações, circulações, conexões e conflitos; e pelo contexto de sistemas em grande escala condicionantes das ações humanas e desenvolvimento histórico.

Compreender as representações em torno do imperador nesse trabalho perpassará por três eixos que correspondem respectivamente ao três capítulos, “Imperador”, “Oriental” e “Desviante”. Esses três eixos pretendem nortear a forma como analisaremos as fontes, buscando compreender a figura desse governante a partir do que é narrado por ele, mas dando destaque a pontos mais específicos para que assim possamos analisar as suas representações nos documentos antigos, enquanto apresentamos uma perspectiva historiográfica e teórica em relação aos três eixos.

No primeiro capítulo, intitulado “Imperador”, será discutido o aspecto governamental de Heliogábalo, buscando analisar como as fontes representam decisões que recaiam na forma como este governou. Inicialmente contextualizaremos o Império Romano e o século III, contexto que Heliogábalo esteve envolvido; abordaremos sobre a dinastia Antonina e Severa e como o imperador utilizou destas para se legitimar no poder e buscaremos compreender a constituição da corte imperial de Heliogábalo também como uma forma de legitimação no poder e representação da sua afronta à ordem romana.

No segundo capítulo, intitulado “Oriental”, discutiremos o aspecto oriental do imperador, no qual será discutida a representação de sua identidade cultural e religiosidade, inseridas em um contexto oriental frente ao contexto romano que passou a estar inserido após sua ascensão. Inicialmente contextualizaremos o cenário da Síria antiga como província romana, bem como as noções de Oriente; discutiremos a abordagem das fontes escritas em relação a sua identidade cultural oriental, buscando perceber tanto as contradições quanto conexões entre o Oriente antigo e o Império Romano e analisaremos como o aspecto religioso de Heliogábalo e sua conexão com Elagabal foram representadas pelos escritores antigos.

No terceiro capítulo, intitulado “Desviante”, focaremos na abordagem da efeminação e homoerotismo de Heliogábalo a partir das fontes escritas, buscando compreender os ataques a sua imoralidade e possíveis encaixes que podemos perceber em categorias romanas da sua época, bem como na participação da dinastia das Júlias no seu governo. Inicialmente discutiremos o encaixe do imperador em uma personalidade efeminada; abordaremos sobre suas relações homoeróticas e associações com a luxúria e depravação e na figura da dinastia das Júlias como importantes personagens para a coalização de poder sírio que contribui para a ascensão e permanência de Heliogábalo no poder.

## CAPÍTULO 1: IMPERADOR

### 1.1. O florescer do futuro Império

Jamais teria escrito a vida de Antonino Heliogábalo, também chamado Vário, para que se não soubesse que ele foi príncipe dos romanos, se antes dele o império não tivesse tido Calígulas, Neros e Vitélios. Mas, tal como a mesma terra tanto produz venenos como trigo e outras coisas saudáveis, tanto produz serpentes como animais domésticos, também o leitor diligente encontrará, por si, compensação contra estes monstruosos tiranos ao ler as vidas de Augusto, Trajano, Vespasiano, Adriano, Pio, Tito e Marco. Ao mesmo tempo, ele entenderá o discernimento dos romanos, pois estes últimos foram imperadores durante muito tempo e tiveram uma morte natural, enquanto aqueles foram mortos, arrastados pelas ruas, e até apelidados de tiranos, pelo que ninguém ousa pronunciar os seus nomes (*História Augusta* I 1-3, p. 187).

Nos primeiro trecho tem-se uma das fontes escritas que se dedicam a falar sobre a vida do imperador, a *História Augusta*. O fragmento acima é o início da chamada “*Vita Heliogabali*”, traduzido por “Vida de Heliogábalo”, em que já no começo somos apresentados a um discurso que o compara a imperadores considerados ruins em Roma e até mesmo a serpentes, concluindo com os desfechos de vida vergonhosos dos governantes considerados tiranos em contraponto àqueles considerados bons.

O trecho acima introduz a temática de representação sobre Heliogábalo, demonstrando a construção de uma narrativa negativa em relação à descrição da trajetória do imperador que irá estar presente durante seu conteúdo.

O trecho insere esse trabalho às representações em relação ao imperador romano Heliogábalo, mostrando como sua imagem ficou atrelada a aspectos controversos que buscam apresentá-lo como um governante e indivíduo ruim, que foi um mal exemplo de imperador.

Heliogábalo foi um jovem governante que esteve no poder durante os anos de 218 a 222 d.C. Ele nasceu na cidade de Emesa, na Síria, onde desempenhou funções sacerdotais ao deus sírio Elagabal<sup>19</sup>. Sua família tinha laços com o imperador Septímio Severo (193-211 d.C.), pois Julia Mesa, sua avó, era irmã de Julia Domna, esposa do governante, além disso, ela esteve presente na corte imperial tanto do seu cunhado quanto do seu sobrinho, Caracala, que sucederia seu pai no trono de 211 a 217<sup>20</sup>.

Mesa possuía duas filhas, Julia Mameia e Julia Soémia, a última, mãe de Heliogábalo. Já o pai do imperador ainda é alvo de incertezas, porém Dião Cássio, bem como alguns

<sup>19</sup> Também chamado de Heliogábalo, aqui preferimos a grafia Elagabal para não ocorrer confusão como o nome do imperador em si.

<sup>20</sup> O imperador Caracala governou inicialmente em conjunto com seu pai, Septímio Severo, de 193 a 211 d.C. e com seu irmão, de 209 a 211 d.C., contudo, para este trabalho consideramos o período do seu governo solo.

estudiosos, afirmam ter sido Sexto Vario Marcelo<sup>21</sup>, um equestre<sup>22</sup> sírio da época de Septímio Severo, que faleceu de velhice em algum ponto antes da ascensão do seu suposto filho.

Vario Avito Bassiano era o nome de nascimento do imperador, tendo ficado conhecido como Heliogábalo apenas posteriormente à sua morte, por sua grande devoção à divindade que adorava, Elagabal. Nasceu por volta do ano de 204 e faleceu em 222, ocasião que coincide com o fim do seu governo, devido a uma emboscada que ocasionou o seu assassinato.

---

<sup>21</sup> Dião Cássio, em *História de Roma*, afirma que Sexto Vario Marcelo era da cidade de Apameia, na Síria e que tinha desempenhado diferentes cargos de procuradoria (LXXIX 30; 2-4. p. 409), já na *História de Roma depois de Marco Aurélio*, de Herodiano, nos rodapés de 368 a 371, os editores/tradutores do livro apresentam informações sobre a família de Heliogábalo, colocando que Julia Soemias era casada com Sexto Vario e que este havia sido um equestre bem influente. Alguns autores bibliográficos lidos para este trabalho afirmam a mesma paternidade, sendo que destacamos aqui o informado por Adam Kemezis em seu artigo *The fall of Elagabalus as literary narrative and political reality* (2016), no qual afirma que Sexto Vario foi promovido para o senado por Caracala, provavelmente por ter participado na conspiração contra seu irmão, Geta, que levou a sua morte e ascensão de Caracala como imperador solo e não mais em conjunto com o irmão, contudo Kemezis afirma que Sexto faleceu não muito depois desse acontecimento.

<sup>22</sup> Membro da ordem equestre (*ordo equester*), classe aristocrática abaixo apenas da ordem senatorial (*ordo senatorius*). Era basicamente um “cavaleiro” que desempenhava funções de liderança, compondo a cavalaria do exército romano.



**Figura 1 – Busto do Imperador romano Heliogábalo, 218-222 d.C.. Fonte: Sala dos Imperadores, *Musei Capitolini*, Roma, Itália.**

**Disponível em:**

**<https://www.museicapitolini.org/es/opera/ritratto-di-elagabalo>. Acesso em: 02/08/2025.**

Vário Avito ficou conhecido nas fontes antigas como um governante ruim, tendo sido alvo de críticas as suas decisões políticas, a sua identidade cultural síria e a forma como se portava em contraponto ao ideal de virilidade da época, se assemelhando com outras narrativas antigas sobre imperadores romanos como Calígula e Nero, cristalizados nos documentos como “imperadores loucos”.

Para esse primeiro capítulo, a partir do eixo Imperador, nos dedicaremos a compreender a sua ação enquanto governante, com decisões e atitudes que estão relacionadas à forma como este atuou e se manteve no trono, bem como a entender o próprio funcionamento do Império Romano.

O contexto de Vário Avito Bassiano, para além de um século, está associado ao período dos imperadores da chamada Roma imperial, e aqui é importante abordarmos o histórico como forma de melhor contextualizar esta época. Com uma divisão política e histórica em três sistemas de poderes que seriam o sistema monárquico, republicano e imperial, o Império Romano nasce ainda na República, a partir principalmente da figura dos Triunviratos, que irão reunir poderes que entrarão em confronto com outras esferas de poder

republicanas como a do Senado, responsável por controlar o tesouro público, dirigir a política externa e interna, ocupar-se da religião cívica e zelar pelos interesses da cidade.

O período próximo do fim da República é marcado por conflitos generalizados que podem ser subdivididos em quatro tipos principais, lutas de escravizados, resistência dos habitantes das províncias em oposição ao domínio romano, a luta dos itálicos contra Roma e a luta entre os cidadãos romanos separados em grupos com interesses opostos (Alföldy, 1989, p. 82).

Foi desencadeada uma crise na sociedade romana pela “agudização das contradições no seio da organização social romana, por um lado e, por outro, as fraquezas cada vez mais evidentes do sistema de governo republicano tiveram como resultado uma súbita eclosão das lutas sociais e políticas” (Alföldy, 1989, p. 81). O sistema republicano não conseguiu resolver a sua crise e ainda enfrentava o desafio da integração na sociedade de numerosas regiões que já se estendiam da Gália à Síria no fim da República.

O Primeiro Triunvirato narrado acima foi formado pelos líderes políticos e militares, Licínio Crasso, Pompeu e Júlio César, homens influentes no cenário republicano romano que alcançaram vitórias em conflitos e ganharam poderes que o destacaram na sociedade (Corassin, 2011, p. 59-60). Contudo esse cenário foi alterado com a morte em batalha de Crasso e a disputa de poder entre César e Pompeu que culminou em uma guerra civil em 49 a.C. e que se encerrou em 48 a.C. com a vitória de César, o qual se tornou o único senhor de Roma, sendo nomeado o ditador que reorganizaria a República (Corassin, 2011, p. 60).

Em 45 a.C., Júlio César recebeu o título vitalício de *imperator*<sup>23</sup> e em 44 a.C. tornou-se *dictator perpetuo*<sup>24</sup>, seu poder aumentou consideravelmente e foi responsável por ter empreendido um vasto programa de reformas no Senado e na distribuição de trigo à plebe de Roma. Contudo, o poder acumulado nas mãos do governador terminou em acusações de que aspirava à realeza e em seu assassinato por um grupo de senadores que acreditavam que iriam ser saudados, contudo foram perseguidos dada a grande popularidade de César junto à plebe urbana (Corassin, 2011, p. 60; 61).

Porém, a morte de Júlio César, não representou a retomada do sistema republicano, como colocado pelo historiador húngaro Géza Alföldy (1989, p. 108-109), as bases para o Império já estavam lançadas e iam contra a defasagem da República, aquele que conseguisse

---

<sup>23</sup> Concedia o controle dos exércitos.

<sup>24</sup> Aumentou ainda mais sua autoridade e legitimidade, estendendo seu poder por toda sua vida e podendo indicar os candidatos às magistraturas, concluir a paz e declarar a guerra, dispor do erário (tesouro do estado da Roma antiga) e das províncias.

reunir o poder e afastar os possíveis concorrentes teria êxito e é justamente o que vai ocorrer no segundo triunvirato que irá se formar em meio a uma luta entre o partido senatorial.

Otaviano, Marco Antônio e Lépido, três políticos e líderes militares, se unem, combateram e derrotaram o exército de republicanos que disputaram o poder contra eles, depois dividiram as regiões e o governo romano entre si, iniciando o chamado Segundo Triunvirato. Otaviano ficou com Roma e províncias ocidentais como a Gália, Marco Antônio com províncias orientais como Egito e Síria, e já Lépido com províncias africanas, que basicamente eram compostas da parte norte da África.

Em meio a já estabelecida divisão, iniciou-se um conflito entre Otaviano e Marco Antônio pelo domínio único de Roma, por um lado o primeiro era beneficiado por ser sobrinho e filho adotivo de César que inclusive foi divinizado após sua morte deixando o sobrinho em uma condição de *divi filius*<sup>25</sup>, e, por outro lado, Antônio foi acusado de “tendências monárquicas orientalizes e de trair Roma, ao esquecer-se dos deveres de general romano para unir-se com a rainha do Egito, Cleópatra” (Corassin, 2011, p. 62).

O desfecho do conflito veio em 31 a.C., com a batalha naval do Ácio<sup>26</sup>, que culminou na derrota e morte de Marco Antônio e elevação de Otaviano a o único senhor do mundo romano. Segundo o historiador Pierre Grimal (2011, p. 53), Otaviano organizou o Ocidente contra Antônio, conseguindo moldar uma grande união nacional à sua volta, e formando sua imagem atrelada a uma Roma contra um Oriente “monstruoso, tirânico e inimigo do nome romano”, o que contribuiu grandemente para sua vitória.

E assim nasce o Império romano, período que irá durar de 27 a.C., com a instauração do Principado por César Augusto (27 a.C. – 14 d.C.) até o final do império romano do Ocidente<sup>27</sup>, em 476. A historiadora brasileira Maria Luiza Corassin (2011, p. 63-64) apresenta de forma mais detalhada a tomada de poder por Otaviano, colocando que este assumiu o título de *imperator* desde seu reconhecimento como filho adotivo de Júlio César em seu

---

<sup>25</sup> “Filho de deus”.

<sup>26</sup> Batalha naval travada entre a frota marítima de Otaviano e as frotas combinadas de Marco Antônio e Cleópatra VII. A batalha ocorreu em 2 de setembro de 31 a.C. no Mar Jônico, perto da antiga colônia romana de Actium, Grécia, até 30 de agosto de 30 a.C.

<sup>27</sup> É importante ressaltar que ocorreu um desmembramento em Roma, em 330 d.C. surgindo um Império no Oriente, cujo qual ficaria conhecido em 395 como Império Bizantino após a divisão realizada pelo imperador Teodósio I em que se tem o Império Romano do Ocidente, com capital em Roma, e o Império Romano do Oriente ou Império Bizantino, com capital em Constantinopla. Mesmo com a “queda” do lado ocidental, o Império oriental continuou a existir até 1453.

testamento<sup>28</sup>, unido a isso havia recebido poderes que garantiam o controle político de Roma, das províncias e do exército.

Na pós-vitória sobre Marco Antônio, em meio a uma sessão do Senado de janeiro de 27 a.C., Otaviano renunciou todos seus poderes e devolveu o governo da República ao Senado e ao povo, segundo Corassin (2011, p. 64), uma encenação, em contraponto o Senado implorou para que ele se mantivesse e em uma sessão posterior lhe concederam o título de Augusto<sup>29</sup> e assim este passou a ser denominado de *Imperator Caesar*<sup>30</sup> *Augustus*, essas qualificações adquiriram um valor oficial e nos séculos seguintes se tornariam o título oficial do chefe da *Res Republica*<sup>31</sup>, acrescido a isso também seria chamado de Príncipe ou *Princeps*, título que significava, segundo o costume na República, “o primeiro dos cidadãos” e passou a ser referenciado a figura dos imperadores.

Segundo a autora (2021, p. 64), os poderes fundamentais do príncipe eram o poder tribúncio<sup>32</sup> e o *imperium*<sup>33</sup>, além disso, apenas ele tinha direito às aclamações imperiais pelas tropas após vitórias, podia excluir e incluir senadores e cavaleiros nas respectivas ordens. Renata Lopes Biazotto Venturini (2001) traz uma visão ainda mais detalhada sobre os poderes do imperador a partir do governo de Augusto, inclusive sobre os dois elementos acima.

[...] Portanto, ele reuniu os poderes do *imperium*, a *tribunicia potestas* - que lhe permitia a convocação dos comícios e do senado -, o *ius auxilii* - o direito de proteger os cidadãos, o *imperium consular* - autoridade sobre o governo das províncias -, o *pontificatus maximus* - controle administrativo e espiritual sobre os cultos e a hierarquia religiosa -, e a *censoria potestas* - para efetuar, entre outras prerrogativas, as tarefas do *census*, uma das quais era a nomeação para a carreira senatorial por meio da *lectio senatus*. (p. 216).

Com isso, percebe-se que a figura do imperador ganhou um considerável reconhecimento e destaque na sociedade romana, se tornando a peça central de todo o sistema e acumulando diversos poderes.

<sup>28</sup> “[...] o título era concedido ao comandante de um exército vitorioso, com o número dos triunfos recebidos. Agora assumia um sentido novo, isto é, o de titular do comando supremo” (Corassin, 2011, p. 63-64). Ver também rodapé 15.

<sup>29</sup> Título honorífico supremo que demarcava o status e poder de imperador, passando a ser utilizado por todos os demais imperadores como parte dos seus nomes.

<sup>30</sup> Augusto adotou o título de César como forma de aproximar ainda mais sua figura do tio e pai adotivo, Júlio César, esta prática continuou entre seus sucessores como uma forma do atual imperador nomear seu sucessor com esse título.

<sup>31</sup> Termo advindo ainda do período republicano para se referir à República Romana, passou a designar no período imperial também um sentido próximo de “Estado”, sendo mais referente ao sistema político.

<sup>32</sup> “[...] renovado anualmente, dava-lhes imunidade no cargo e o direito de convocar as assembléias populares e o Senado, de propor leis e de vetar as que o desagradassem” (Corassin, 2011, p. 64).

<sup>33</sup> “[...] era duplo, consular e proconsular, o que lhe dava o direito de intervenção em Roma, na Itália e em todas as províncias. Dava-lhe também o comando do exército” (*Ibidem*).



Grimal (2011, p. 54) afirma que Augusto foi habilidoso o suficiente para nunca interromper o diálogo com o povo romano, “os provinciais, os aristocratas, a burguesia italiana, os soldados, ou mesmo os escravos e os libertos”. Seu governo representou uma espécie de renascimento romano, deixando marcas duradouras no restante da história do Império e alterando o contexto que o cercava, por exemplo dando maior peso às províncias conquistadas ou tornando os chefes do exército oficiais à disposição do Príncipe.

Falando em um contexto mais geral, o historiador brasileiro Pedro Paulo Funari (2001, p. 96) aborda que o Principado<sup>34</sup> ou Império deu início a uma reorganização nos domínios romanos com uma maior centralização do poder na figura do imperador que teria acumulado os poderes, embora ainda existissem os órgãos administrativos da República. O autor também chama atenção para a sua herança de uma expansão multissecular de Roma que teve início durante o período republicano e que dominou toda a península itálica, Cartago, Sicília, o norte da África, a Península Ibérica, os reinos helenísticos, a Ásia Menor, o Egito e a Gália.



**Figura 2 - Mapa dos domínios romanos do Império no segundo século (117 d.C.). Disponível em: [https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/historia-da-palestina#google\\_vignette](https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/historia-da-palestina#google_vignette), 2010. Acesso em: 02/08/2025.**

<sup>34</sup> “[...] pois o governante era o príncipe, um general vitorioso do exército (*imperator*, em latim)” (Funari, 2001, p. 96).

Dentro do período imperial, Bassiano exerceu o seu governo durante um século bastante conturbado da história romana, o século III, período que ficou conhecido na historiografia pela sucessão de conflitos com povos estrangeiros, problemas econômicos e políticos, situação que pode ser bem exemplificada pelo famoso trecho na *História de Roma* de Dião Cássio em que o escritor antigo afirma que após o governo do imperador Marco Aurélio (161-180 d.C) se teria a passagem de um reino de ouro para um de ferro e ferrugem (LXXI 36, 4, p. 69), essa passagem é comumente associada ao fim do século II e início do século III, contudo é importante tecermos algumas considerações.

Ao fazer essa afirmação acima, Dião Cássio fazia referência não exatamente à época em si ou um conjunto de imperadores, mas sim representaria um contraponto àquele que sucederia a Marco Aurélio, Cômodo (180-192 d.C.<sup>35</sup>), tido como um mal imperador pelas fontes antigas, sendo considerado cruel, sanguinário e promiscuo. Logo o trecho acima deve ser problematizado, pois parece que o intento era muito mais enaltecer os imperadores anteriores e rebaixar Cômodo pelo desafeto que provocava do que realmente uma reflexão sobre uma mudança na sociedade entre os governos ou mesmo entre o antigo e o próximo período.

Corassin (2011, p. 79) afirma que o reinado de Marco Aurélio (161–180 d.C.) na verdade marcou o início da crise do Império na forma da invasão germânica, ameaça persa, tentativas de usurpação do poder e a peste em 165, o que se contrapõe em certo ponto com a afirmação de Dião Cássio. Alföldy (1989, p. 175) contribui para essa visão afirmando que a crise “definía-se já nos bastidores da monarquia dos Antoninos”, não começando de repente como alguns autores mais antigos ou a própria documentação sugere.

Ainda segundo Alföldy (1989, p. 175), as modificações da estrutura social e econômica imperial, embora aceleradas nos últimos governos antoninos e durante a dinastia dos Severos em si, eram frutos de processos de transformações anteriores, mas que não eram quase notados pelo status de prosperidade que os governantes antecessores a Marco Aurélio possuíam.

Os historiadores brasileiros Gilvan Silva e Caroline Soares (2013) ao discutirem sobre a visão de “crise” no século III romano, ressaltam a visão dos antigos de que os governos posteriores aos Antoninos teriam contribuído para a ruína do Império, afirma que Dião Cássio e Herodiano, escritores antigos influentes que defendiam essa narrativa, expressavam uma

---

<sup>35</sup> O imperador Cômodo governou em conjunto com seu pai, Marco Aurélio, de 176 a 180 d.C., ano da morte de seu progenitor.

opinião aristocrática e senatorial sobre o tema “atribuindo às revoltas sociais e ao empobrecimento urbano as vicissitudes do Estado romano e a sua tendência a se constituir como uma “tirania”, interpretação aceita e transmitida pelos autores dos séculos seguintes.” (p. 144), logo estão imbuídos de concepções ligadas aos próprios ideais dos grupos cujo qual estavam inseridos e não necessariamente advinham de uma reflexão propriamente sobre a época.

Uma colocação ainda mais divergente da documentação será a do historiador espanhol José Fernandez Ubiña (2015, p. 263) que irá considerar a “crise” como um mito historiográfico, justificando que apesar dos problemas enfrentados, como as invasões de germanos e persas, guerras civis e os estragos provocados pela peste, os elementos dos problemas internos que caracterizaram o Principado já mantinham um equilíbrio instável durante os séculos I e II.

O que realmente entrou em crise foi o sistema augusto com contradições em momentos críticos, não ocorrendo uma crise centenária ou universal, inclusive, o Império em si vai conhecer outros momentos pós-século III que também serão complicados, provocando sua posterior desintegração. (Ubiña, 2015, p. 282). O autor, tal qual outros historiadores, prefere trabalhar com a noção de “continuidade” ou transformação” em substituição ao termo “crise”.

Tendo sido feita essa colocação acima, devemos ter em mente que a crise do século III deve ser problematizada como partindo até mesmo de um desagrado dos escritores antigos em relação àqueles que sucederam a Marco Aurélio, como ocorreu com as críticas aos imperadores da dinastia dos Severos<sup>36</sup>, que melhor abordaremos mais adiante. Contudo é perceptível que esse período foi turbulento, marcado por problemáticas que afetaram a sociedade romana.

Alföldy (1989, p. 173) fala de uma crise generalizada do mundo romano caracterizado por um sistema instável e que era percebido com maior destaque nas relações externas do Império, com conflitos contra os germanos e aliados reaparecendo nos governos de Severo Alexandre (222-235 d.C.) e de Maximino (235-238 d.C.), além disso o Império persa também representou uma ameaça, particularmente no controle das províncias romanas do Oriente. Esse cenário se apresentava não apenas na política externa, mas também na interna.

Alföldy (1989, p. 174) chama atenção para conflitos políticos e econômicos que impactaram a sociedade do século III. Embora dê maior destaque ao período pós-governo dos

---

<sup>36</sup> Dinastia romana formada por cinco imperadores que governaram entre 193 d.C. a 235 d.C.

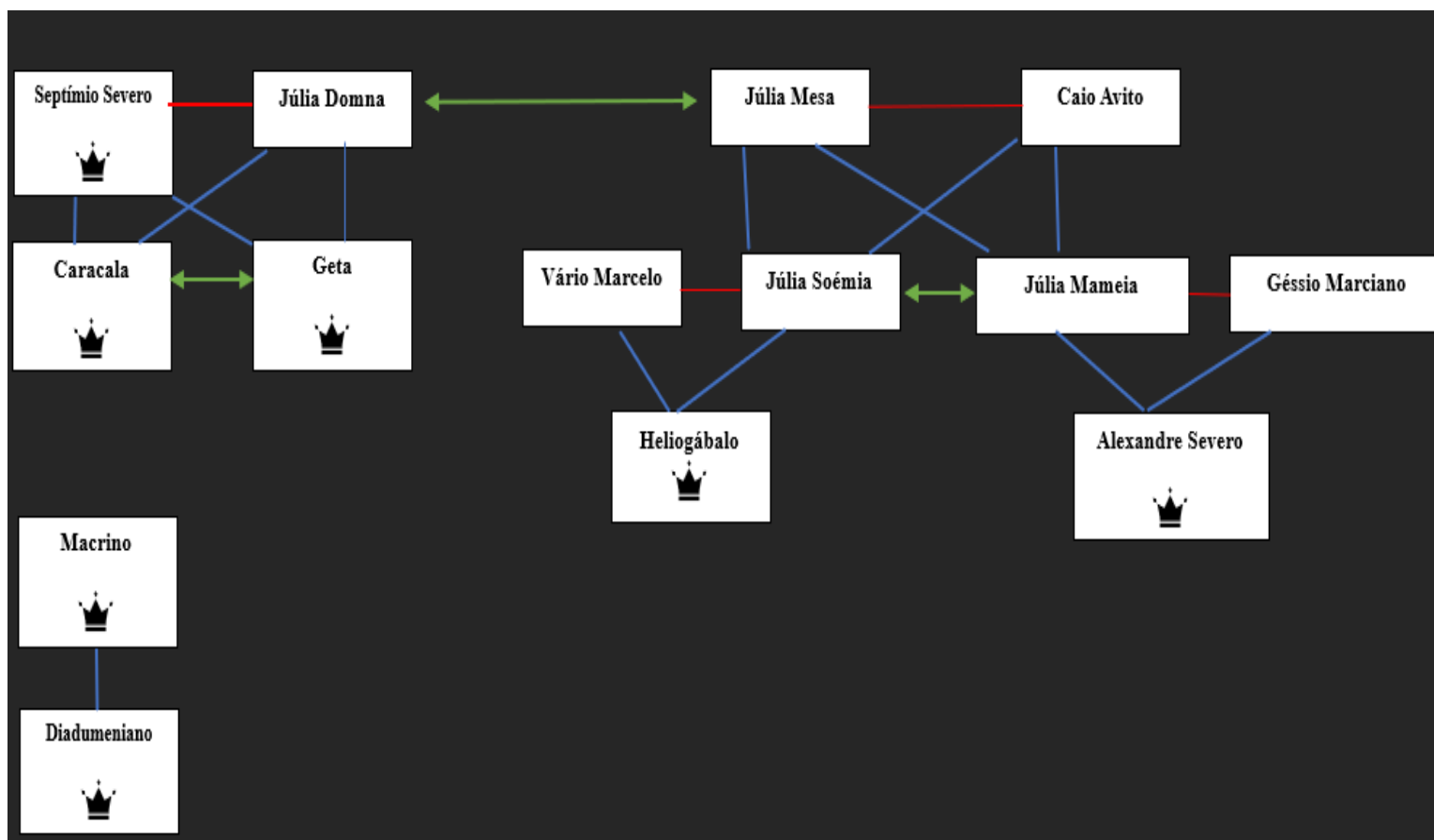
Severos, é afirmado que já posteriormente a Marco Aurélio, os imperadores raramente ascendiam ou findavam seu reinado se não pelo uso de revoltas militares ou guerras civis, o que é justamente o caso dos Severos e, mais especificamente, de Heliogábalo.

O imperador Heliogábalo está inserido em um contexto problemático que já vinha se arrastando desde o século II, o que provavelmente afetou sua posição enquanto imperador em algum possível aspecto, embora a documentação não apresente diretamente como foi sua atuação em relação a uma política externa e dê informações mais fragmentadas sobre sua atuação política interna.

Com isso temos o cenário pronto para o período imperial cujo qual Heliogábalo esteve inserido. Dada essa contextualização analisaremos nos próximos tópicos sua figura enquanto governante de Roma. A forma como sua administração foi representada na documentação servirá para explorar o eixo Imperador que desde aqui já vem sendo trabalhado, ao inseri-lo em seu contexto. Explorar sua conexão com as dinastias Antonina e Severa enquanto forma de legitimação e a formação de sua corte imperial contribuirão ainda mais para entendê-lo enquanto imperador de Roma.

## ***1.2. Duas dinastias, um só imperador***

A ascensão de Heliogábalo ao poder se deu no ano de 218, época do governo de Opélio Macrino, e está inserida em um contexto de golpe imperial arquitetado pela sua avó no imperador reinante. Como colocado no tópico anterior, Julia Mesa possuía ligação parental com a esposa de Septímio Severo (193 d.C. – 211 d.C.), Júlia Domna, e esteve presente tanto na corte do imperador quanto de seu filho que o sucedeu.



**Figura 3 - Esquema dinastia dos Severos e das Júlias.** Fonte: Autoria do autor, 2025. As linhas vermelhas indicam relações de casamento, as linhas azuis a descendência, as linhas verdes indicam relações fraternais entre irmãos e o símbolo da coroa os imperadores.

Opélio Macrino foi o governante durante os anos de 217 a 218<sup>37</sup>, sua ascensão parte do assassinato de Caracala, orquestrado pelo próprio Macrino. Em *História de Roma depois de Marco Aurélio*, Herodiano (IV 12, 3-7, p. 235-236) afirma que Antonino<sup>38</sup> era um homem muito curioso sobre diferentes questões físicas e espirituais e, ao mesmo tempo, bem desconfiado de possíveis conspirações contra ele, consultando variados oráculos, sábios e astrólogos.

<sup>37</sup> O reinado de Macrino se situou em um período de catorze meses entre os anos de 217 a 218.

<sup>38</sup> O nome de nascimento do imperador era Lúcio Sétimo Bassiano, tendo sido renomeado César Marco Aurélio Antonino Augusto ainda criança por intermédio do pai aproximando sua figura da dinastia Antonina. O nome Caracala, na verdade, foi a forma como ele ficou conhecido pelo uso de uma túnica gaulesa com capuz que ele geralmente utilizava. As documentações se referem a ele como Antonino, sendo que Dião Cássio também o chama de “Tarautas”, um gladiador que tinha uma baixa estatura e era violento.

Desconfiado que não lhe davam respostas sinceras, ordenou que Materniano, um amigo próximo e de sua intimidade, consultasse os melhores adivinhos sobre o seu fim de vida e possíveis conspiradores, curiosamente o escritor antigo revela que Materniano escreveu uma carta revelando que obteve uma resposta do oráculo de que Macrino, na época seu prefeito de pretório<sup>39</sup>, conspirava contra o Império e era preciso se livrar dele, o que posteriormente se revelaria uma verdade.

Em determinada viagem, entregaram ao imperador um grupo de cartas. Como estava ocupado, Caracala ordenou que Macrino as lesse e se houvesse algo de importante comunicasse a ele, tarefa que era comumente dada aos prefeitos de pretório, contudo, dessa vez existia um detalhe maior, a carta de Materniano, que ao ser localizada foi escondida e descartada por Macrino sem que o imperador soubesse. Herodiano ressalta que Macrino já se mostrava rancoroso com Caracala por determinadas atitudes que este tinha consigo, humilhando-o publicamente com acusações de covardia, inexperiência militar e efeminação, chegando a ponto de o ameaçar de morte diferentes vezes (IV 12, 1-2, p. 234-235).

Após o episódio da carta, Macrino resolveu agir e para isso se aproveitou de uma situação ocorrida com Marcial, membro da guarda pessoal de Antonino, que recentemente havia perdido o irmão, acusado sem provas e condenado à morte pelo imperador, e que também sofria com humilhações por parte deste. Macrino propôs uma conspiração, o que foi aceito e assim em determinada temporada de Antonino na Mesopotâmia, este se dirigiu a um templo que possuía uma considerável distância da cidade, logo preferiu levar um grupo reduzido de seu exército para não cansar a todos, mas em determinado momento em meio a uma dor de barriga ordenou que se afastassem e este ficasse em um local mais isolado. Marcial se aproveitando da situação, com a justificativa que iria informar algo ao imperador, se aproximou dele e o matou, dando fim ao governo de Antonino (IV 13, 3-5, p. 236-237). Herodiano conta que não suspeitaram do plano de Macrino atribuindo a autoria somente a Marcial como uma vingança pessoal.

Em relação ao prefeito, este foi novamente beneficiado, pois após a morte do imperador, se manteve uma indecisão sobre seu sucessor até que chegou a notícia que um dos líderes de um povo inimigo estava avançando contra Roma, logo, era urgente que se decidisse

---

<sup>39</sup> Título oficial do funcionário da ordem equestre que acumulava diferentes funções civis e militares, como a jurisdição penal da província da Itália, receber os recursos das sentenças dos governadores das províncias, comando de todas as forças militares na Itália. Sua importância cresceu consideravelmente desde os tempos de Augusto, ganhando cada vez mais destaque.

o novo imperador e o escolhido foi justamente Macrino, apoiado por alguns tribunos<sup>40</sup> suspeitos de conspirarem junto com este, conseguindo assim ascender mais pela necessidade do momento do que pelo apoio de grupos políticos ou dos soldados (IV 14, 2-3, p. 238-239).

Dião Cássio em *História de Roma*, também traz a mesma narrativa da carta desviada por Macrino e de que após esse episódio este decidiu apressar a conspiração contra Caracala, contudo, acrescenta que ele fez um acordo não apenas com Marcial<sup>41</sup>, mas, também, com dois tribunos, os irmãos Nemesiano e Apolinário e que em uma viagem do imperador, quando este parou por um momento para descansar descendo de seu cavalo, foi apunhalado por Marcial, que fugiu, mas acabou sendo atingido por um dardo e morto, enquanto os tribunos, fingindo virem ao socorro de Caracala, consumaram seu assassinato (LXXIX 5, 1-5, p. 349;351).

A *História Augusta* inclui, além dos cúmplices já mencionados, Triciano, comandante da cavalaria extraordinária<sup>42</sup> e Márcio Agripa, um liberto, que desempenhou diferentes cargos nos principados de Severo e Caracala. A narrativa do assassinato é semelhante à de Herodiano, com Caracala descendo do cavalo para fazer necessidades físicas, contudo, aqui é colocado que quando era ajudado a montar de volta no cavalo, seu assassino lhe transpassou uma adaga, sendo este Marcial.

Percebamos que Macrino representou uma espécie de ruptura em uma continuidade parental que vinha sendo estabelecida entre Septímio Severo (193–211 d.C.) e Caracala (211–217 d.C.), também não se tornou imperador conquistando a confiança e afeição dos soldados, característica esta, que como veremos mais adiante, foi marcante entre os Severos e contribuiu para as suas permanências no trono, além disso, acabou por provocar descontentamento na elite romana por algumas de suas atitudes.

Herodiano afirma que Macrino tentou imitar o comportamento de Marco Aurélio (161–180 d.C.) em sua fala e porte, contudo, deixou a desejar em outros aspectos, negligenciando a administração do Estado em prol de uma vida de conforto e acompanhamento de espetáculos de mímicas e músicas, além de viver ornamentado de ouro e pedras preciosas, hábito que os soldados associavam aos bárbaros e mulheres (V 3, 1-6, p. 247).

---

<sup>40</sup> Magistrados que defendiam os direitos e interesses do povo se dividindo entre os tribunos militares que comandavam porções do exército romano e entre os tribunos da plebe que podiam convocar reuniões do Senado, intervir em nome dos plebeus em assuntos legais, vetar ações de cônsules e outros magistrados. Herodiano se refere ao primeiro grupo nesse caso.

<sup>41</sup> Aqui, o motivo da união é menos pessoal. Dião informa que Marcial guardava um rancor contra Caracala por não ter lhe dado o posto de centurião que havia solicitado.

<sup>42</sup> Corpo de cavalaria organizado por Caracala especialmente para campanha contra os partos.

Dião Cássio apresenta algumas atitudes do imperador que foram malvistas, como a elevação de Advento, que também havia sido prefeito de pretório no governo de Caracala, ao Senado, pois já tinha uma idade avançada que atrapalhava sua visão, por ter servido na força mercenária e ter se tornado prefeito antes de ser senador, tais elementos eram negativos para os senadores (LXXIX 14, 1-4; p. 371).

Além de outras reclamações sobre cargos dados a pessoas sem as corretas qualificações, Macrino irritou os soldados quando reduziu seus pagamentos e retirou alguns de seus prêmios e isenções conquistados anteriormente (Dião Cássio, LXXIX 28, 1-4, p. 405). Vale ressaltar ainda que Macrino foi o primeiro imperador romano a governar sem ter exercido uma magistratura prévia, o que era visto com desdém pelo Senado.

Na *Vita Macrini*<sup>43</sup>, na *História Augusta*, também existe uma visão negativa sobre sua atuação dizendo que era odiado tanto por civis quanto por soldados (II 1; p. 158), era soberbo e sanguinário, punindo com castigos reservados a escravizados toda classe de gente e teria crucificado soldados (XII 1-2; p. 169), dentre outras ações violentas de caráter punitivo que o imperador ordenou.

Esses elementos acima contribuíram para que o governo de Macrino fosse abalado e caísse em descrédito frente ao Senado e principalmente ao exército, cenário pronto para a ascensão de um novo imperador.

Durante o tempo que esteve presente nas cortes imperiais de seu cunhado e sobrinho, Júlia Mesa acumulou riquezas e viveu no luxo, contudo, essa situação mudou quando Macrino se tornou o novo governante e a expulsou de Roma, fato registrado tanto por Herodiano quanto na *História Augusta*, ambos os trechos das obras informam que foram conservados todos os bens de Mesa e ordenado que esta retornasse à sua cidade natal.

Mesa, interessada em retornar à corte imperial, empregou duas táticas, a primeira teria sido afirmar entre os soldados romanos estacionados na Síria, província de Roma na época, que seu neto, Heliogábalo, era um filho desconhecido de Caracala, rumor que ganhou força e se espalhou entre os soldados, e a segunda foi prometer sua fortuna aos guardas caso recuperassem o império para sua família (Herodiano, V 3, 11; p. 250). Essas estratégias, aliadas ao ódio que os soldados sentiam por Macrino (Herodiano, V 4, 2; p. 251), contribuíram para a rebelião e aclamação de Heliogábalo com o nome de Antonino, seu

---

<sup>43</sup> Vida de Opélio Macrino, contudo é importante ressaltar que originalmente o imperador não possuía uma biografia própria na *História Augusta*, estando presente na *Vita Antonini Caracallae* (Vida de Antonino Caracala) e *Vita Heliogabali* (Vida de Heliogábalo), na versão aqui utilizada o imperador e seu filho possuem capítulos separados para si.



revestimento com o manto de púrpura<sup>44</sup> e a proteção no interior do acampamento militar junto com sua família.

Quando soube do acontecido, Macrino, subestimando o caso como um simples jogo de criança (V 4, 2; p. 251), enviou um dos seus prefeitos, Juliano, juntamente com suas legiões<sup>45</sup> para dar fim ao motim, contudo, as coisas não saíram como esperado.

Segundo Herodiano (V 4, 3-4; p. 252), após a chegada de Juliano e sua guarda ao acampamento, os soldados que estavam em seu interior mostraram o novo Antonino, o aclamando, chamando de filho de Caracala e mostrando suas bolsas repletas de dinheiro, o que foi o bastante para que a guarda se rebelasse, cortasse a cabeça de Juliano e enviasse a Macrino. “Com esses reforços, o exército de Emesa não só era capaz de se defender contra um cerco, mas também podia se envolver em combate corpo a corpo em uma batalha campal”<sup>46</sup>, além disso, todos os outros dias vinham desertores que acresciam a força dos rebeldes.

Somente após isso, Macrino se deu conta da gravidade da situação e reuniu seu exército para sitiar o acampamento onde o jovem Avito, agora Antonino, estava guardado junto com sua família, contudo, as tropas do futuro imperador logo saíram ao encontro dos adversários, lutando com fervor, pois temiam as consequências de uma possível derrota, dando início a chamada Batalha de Antioquia.

Em contraponto às forças do adversário, os defensores de Macrino estavam enfraquecidos e alguns até mesmo trocaram de lado em meio à batalha. O imperador, temendo ser derrotado e se tornar prisioneiro, fugiu junto com o filho<sup>47</sup> e um centurião<sup>48</sup> de confiança, além disso, abandonou todos os signos imperiais, trocou de roupa e tirou a barba. Após um tempo de batalha, os aliados de Macrino perceberam sua ausência e se aproveitando da situação, Antonino enviou soldados para falarem que o imperador havia fugido e que perdoaria e contrataria para sua guarda imperial aqueles que fossem para o seu lado, o que foi

<sup>44</sup> Um dos símbolos reais do imperador. Corassin (2011, p. 15), ao abordar a presença etrusca na monarquia romana, afirma que os reis assumiram alguns atributos para evidenciar o seu poder, dentre esses, a toga na cor púrpura, o cetro e a coroa permaneceram durante a época da República e o Império como símbolos de triunfo que determinado sujeito exibia durante uma cerimônia. No período imperial, simbolizava a ostentação de poder do imperador.

<sup>45</sup> Maior unidade militar do exército romano, composto por grande número de homens chamados legionários que se formou ainda na República e eram comandadas por um general. Eram responsáveis por garantir a segurança e unidade de Roma.

<sup>46</sup> “Con estos refuerzos el ejército de Emesa no sólo era capaz de defenderse de un asedio sino que también podía salir a combatir cuerpo a cuerpo en una batalla campal”.

<sup>47</sup> Diadumeniano, filho de Macrino, que durante o reinado do seu pai recebeu o nome de Antonino, o título de César e também durante a revolta de Heliogábalo foi feito coimperador junto com seu pai.

<sup>48</sup> Oficial do exército romano responsável por comandar uma unidade de infantaria que contava com 80 legionários, sendo chamada de centúria.

aceito, e logo após enviou guardas atrás do fugitivo que o capturaram e o mataram juntamente com seu filho, dando fim ao reinado de Macrino.

O que foi colocado acima é abordado também na *História Augusta*<sup>49</sup>. Já Dião Cássio apresenta algumas diferenças. O escritor antigo atribui a Eutiquiano<sup>50</sup>, um ginasta e artista, a derrubada de Macrino e ascensão de Heliogábalo. O suposto líder da revolta teria trago o jovem para o acampamento, o vestido com as roupas que Caracala usava quando criança e convencido os soldados a se rebelarem.

Dião traz a mesma narrativa da ida de Juliano e soldados para o acampamento com a troca de posição destes últimos a favor de Heliogábalo. Acrescenta que Macrino tentou obter a afeição dos soldados ainda leais a si, restaurando os benefícios que anteriormente havia retirado e prometendo dinheiro, contudo, quando lhe foi mostrada a cabeça de Juliano, seu prefeito de pretório, fugiu e começou a se preparar junto com sua tropa para a futura batalha.

O escritor antigo apresenta um cenário caótico: mensageiros de ambos os lados sendo enviados e mortos, alguns dos soldados que não se apegaram imediatamente à causa de Heliogábalo foram assassinados, os guardas recém-alistados queriam os mesmos benefícios dos já estabilizados e estes últimos se aliaram ao grupo reclamante com outras reivindicações. Macrino até mesmo enviou mensagem ao Senado sobre o rival, o chamando de louco e um simples garoto (LXXIX 36, 1, p. 421).

O imperador declarou guerra ao jovem usurpador e sua família, prometendo perdão aos soldados que voltassem ao seu lado. Dião também contraria o relatado nas outras documentações ao dizer que o exército do novo Antonino era fraco, foi necessário que Mesa e Soemia saltassem de suas carruagens e intercedessem para não desistirem, enquanto o futuro imperador investia a cavalo com a espada desembainhada. Macrino, vendo a resistência, fugiu (LXXIX 38; 3-4, p. 427;429).

Macrino empenhou uma fuga, que segundo o próprio Dião, teria sido bem sucedida, caso não tivesse parado em Calcedônia e solicitado a um dos seus subordinados políticos dinheiro, sendo assim reconhecido por inimigos, capturado e morto, tendo seu filho sido

---

<sup>49</sup> A *História Augusta* apresenta a mesma sucessão de fatos que Herodiano, sobre a participação de Julia Mesa, o envio de Juliano e seu consequente assassinato, bem como a batalha entre as tropas de Macrino e Heliogábalo que resultaram em sua fuga juntamente com o filho e, mais tarde, na captura e morte de ambos, porém, apresenta uma narrativa mais resumida que a *História de Roma depois de Marco Aurélio*.

<sup>50</sup> Dião Cássio nos apresenta duas figuras nesse conflito, Eutiquiano, que já foi aqui apresentado e Ganys, general romano que liderou as tropas contra Macrino. Existe uma carência de maiores informações nas fontes escritas sobre essas duas figuras, contudo, pretendemos melhor abordá-los no terceiro tópico deste capítulo quando analisarmos a composição da corte imperial de Heliogábalo

também capturado e morto logo depois. E esta foi a derrocada de Macrino e ascensão de Heliogábalo em 218, aos seus 14 anos, ao cargo de imperador de Roma.

Explorando esse histórico até aqui, evidenciamos para além de uma contextualização da ascensão de Heliogábalo, as similaridades e diferenças nas fontes aqui destacadas e, com isso, percebemos que são diferentes representações de um mesmo período, o que nos remete à proposta de analisar como o imperador foi representado.

Devemos chamar atenção para Chartier e suas reflexões em torno do conceito de representação e sua formação em torno dos interesses de grupos que as forjam. Mesmo que se camufle em uma fundação na razão (2002, p. 17), os discursos proferidos devem ser relacionados com a posição daqueles que os produzem, não sendo neutros, mas,

produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos, desafios, se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (Chartier, 2002, p. 17).

Percebemos, assim, que as representações estão inseridas entre os discursos e práticas localizadas entre grupos dominantes que possuem determinados objetivos ao representar o representado de determinada forma. O mundo passa a ser entendido enquanto representação, “moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam” (p. 23), o autor chama atenção dentro desse aspecto à forma como essa figuração é apropriada na leitura dos textos e imagens, preocupação que vai estar presente em sua análise e que também nos é importante ao compreender que os escritores antigos nas documentações partem de seus contextos na forma como representam Heliogábalo.

Para além de uma interpretação puramente semântica dos textos, é necessário entender que são investidos de uma significação e um estatuto; as formas produzem sentido e isso não é diferente na leitura. Chartier critica a análise que se fecha no texto em si, puramente em seus signos, ignorando as “redes de prática que organizam os modos, histórica e socialmente diferenciados, da relação aos textos. A leitura [...] é inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro” (1991, p. 181). Cada comunidade de leitores tem suas próprias maneiras de ler, e com isso é importante que sejam reconstruídas.

Entendemos que nossa análise sobre os três eixos que envolvem Heliogábalo está inserida em uma representação não neutra por parte das fontes escritas antigas, os escritores

antigos que foram expostos e analisados na introdução terão seus contextos levados em consideração para que não tomemos o que é falado como a pura realidade, um governante sem escrúpulos, pervertido e completamente louco, ao invés de alguém que apresentou um comportamento que não condizia com o que era esperado dele dado o seu status na sociedade e seu “gênero”<sup>51</sup> em si e assim causou o desagrado desses aristocratas sobre si e teve suas atitudes negativamente amplificadas.

Nosso objetivo aqui é analisar suas representações levando em consideração o contexto que partem seus escritores e as próprias temáticas abordadas, além disso entender que diferentes elementos contribuíram para seu viés negativo. Por meio desses objetivos podemos compreender que Heliogábalo se mostra enquanto um contributo para se compreender a história romana.

No primeiro tópico e parte do segundo nos atentamos à contextualização de Roma e ascensão do imperador, elementos que já consideramos se incluírem na proposta de análise do eixo *Imperador*, pois retratam manobras, especificidades e o contexto que estão envolvidos na trajetória de Heliogábalo até o trono, momentos que o antecedem construíram caminhos para a forma como a Roma imperial se estabeleceu e até mesmo para sua futura ascendência a governante.

Além disso, essa apresentação inicial da representação de Macrino e elevação de Heliogábalo ao poder, revelam a construção de discursos que são feitas pelas fontes escritas ao representarem os imperadores. Macrino é colocado enquanto um mal imperador, rompedor de uma sucessão parental e possuinte de vícios, enquanto o novo Antonino, apesar das manobras de sua avó e Eutiquiano para sua ascensão, é apresentado de uma forma mais neutra e até promissora contra um governante ilegítimo. As similaridades e diferenças nas fontes escritas também revelam que tais discursos estão envolvidos em lacunas textuais, diferentes narrativas e influências contextuais que marcam as escritas de cada documento.

É importante ter em mente não somente a não neutralidade, como também as diferenças discursivas que compõe as produções das fontes antigas e mesmo seus públicos alvo. Esses elementos revelam os diferentes objetivos propostos nos escritos e como estes se articulam na forma como as narrativas são construídas, assim, analisar a representação proporciona uma reflexão interessante sobre o contexto que envolve seus produtores, pois “ela reflete o ponto de vista daquele que a relata” (Silva, 2000, p. 84).

---

<sup>51</sup> Colocamos gênero aqui como forma de melhor ilustrar o seu pertencimento na sociedade romana como um ser masculino, mas somos conscientes do fato de ser um conceito contemporâneo.

Em meio a esse contexto, iremos nos deter agora na tentativa de legitimação no poder realizada pelo imperador Heliogábalo através da associação a duas dinastias, a dos Antoninos (96-192 d.C.) e dos Severos (193-235 d.C.).

A dinastia Antonina foi a terceira existente no império romano após a Júlio-Claudiana e a Flaviana, governando de 96 a 192 d.C., sendo constituída por sete soberanos. O período que perpassou o governo destes imperadores ficou conhecido como bastante benéfico para Roma, sendo considerado o apogeu do Império principalmente no século II, o chamado século de ouro por Dião Cássio, como destacamos anteriormente.



**Figura 4 – Esquema dinastia Antonina. Fonte: Elaborado pelo autor, 2025. As linhas azuis indicam a sequência imperial durante essa dinastia.**

O historiador brasileiro Deivid Valério Gaia (2020) traz um histórico sobre essa dinastia, apresentando cada um dos imperadores, suas ascensões e seus governos, um ponto em comum que destacamos são justamente as narrativas positivas na forma como foram representados, com exceção de Cômodo (180-192 d.C.), eram possuintes de qualidades que os faziam serem bem vistos.

O principado dos Antoninos foi representativo de uma época de grande prosperidade, a dinastia foi imortalizada como o período áureo da *pax*<sup>52</sup> e da *libertas*<sup>53</sup> *romanas*. Na Itália e nas províncias, conheceu-se uma administração imperial muito próspera, na qual o *consilium principis*<sup>54</sup> passou a ter um papel importante, e os membros da ordem equestre foram notadamente beneficiados. Durante a época de Trajano, o espírito expansionista romano levou o Império à sua máxima extensão territorial com a conquista da Dácia, da Pártia, da Mesopotâmia e com a anexação do reino Nabateu de Petra. A exploração das minas de ouro da Dácia enriqueceu o Império. As províncias prosperaram, ao passo que a Itália continuou seu declínio e, aos poucos, foi provincializada. Houve uma maior unificação legislativa e facilidade para obtenção do direito à cidadania. Os provinciais tiveram um grande espaço de poder no seio das ordens dirigentes de Roma, pois vários dos imperadores dessa dinastia eram de origem provincial. Houve uma intensificação urbana e um grande enriquecimento das elites, quadro que criou melhorias econômicas para o conjunto do Império (Gaia, 2020, p. 176).

Levando em consideração essas informações percebemos a representação positiva que permeia a dinastia, não à toa, Heliogábalo se beneficiou disto adotando nomes relacionados a esta. Segundo as fontes escritas antigas, Vario Avito Bassiano teve seu nome alterado após ser proclamado imperador pelo exército desertor, tal fato está registrado nas três documentações estudadas com algumas diferenças.

Herodiano e Dião atribuem a alteração aos soldados, segundo o primeiro escritor antigo teria ocorrido quando acobertaram o jovem, sua avó, mãe e sobrinho no acampamento militar estacionado na Síria e ali “toda a guarnição aclamou o menino com o nome de Antonino e, vestindo-o de púrpura, o acolheu no acampamento.”<sup>55</sup> (V 3; 12, p. 251). Já o segundo escritor antigo apresenta a mesma narrativa de introdução de Vario Avito ao local dos soldados, embora contradiga Herodiano ao dizer que foi levado sem conhecimento de Júlia Mesa e Júlia Soémia, ali Eutiquiano persuadiu os soldados da ligação parental de Vário Avito com Caracala e quando Juliano foi mandado junto com alguns soldados a mando de Macrino, Dião informa seu novo nome.

[...] Pois eles carregaram Avitus, a quem já chamavam de Marco Aurélio Antonino, ao redor das muralhas, e exibiram algumas imagens de Caracallus quando criança, como se tivesse alguma semelhança com o menino, ao mesmo tempo declarando

<sup>52</sup> Período de cerca de 200 anos de relativa paz e prosperidade no Império Romano, iniciado no governo de Augusto, em 27 a.C., até o fim do governo de Marco Aurélio em 180 d.C.

<sup>53</sup> Direito de participar da vida pública romana, bem como relacionado a autonomia do povo em relação ao poder tirânico.

<sup>54</sup> Conselho pessoal do imperador romano responsável por auxiliar em decisões políticas, legislativas e administrativas. Foi criado ainda por Augusto com o objetivo de controlar a legislação na instituição deliberativa do Senado, basicamente se tornando mais importante que esta última.

<sup>55</sup> “toda la guarnición aclamó al muchacho con el nombre de Antonino y, revistiéndole el manto de púrpura, lo acogieron en el interior del campamento”

que este último era verdadeiramente filho de Caracallus, e o único herdeiro legítimo do trono.<sup>56</sup> (LXXIX 32, 2-3, p. 413).

Ao tratar sobre a *Vita Heliogabali*, traz logo em seu início a informação de que a adoção do nome Antonino lhe foi um apelido dado, além disso a obra oferece uma possível justificativa para tal ato.

Assim, depois do assassinio (sic) de Macrino e do seu filho Diadúmeno, o qual, com a partilha do poder imperial também havia recebido o nome de Antonino, o poder imperial foi confiado a Vário Heliogábalos, de quem se dizia ser filho de Bassiano. Na verdade, ele era um sacerdote de Heliogábalos (ou de Júpiter ou do Sol) que tinha adotado o nome de Antonino, ou como forma de legitimar a sua origem ou porque percebera que esse nome era tão caro às pessoas que, por causa desse nome, até um parricida como Bassiano era amado (I 4-5, p. 188).

Devemos ter em mente, como ressalta o trecho acima, que Caracala, acima mencionado como Bassiano, também havia tomado o nome de Antonino dado por seu pai Septímio Severo. Além dele outros imperadores também fizeram essa inclusão como Marco Aurélio, Lúcio Vero, Cômodo, Diadumeniano e Heliogábalos. Com isso percebemos que não foi algo exclusivo de Vário Avito, mas fez parte de tentativas de associação à figura desse aclamado imperador que foi uma referência para seus sucessores, munido de uma preocupação em manter uma boa relação com o Senado e em governar diretamente de Roma, diferentemente de seu antecessor, Adriano, que ficou conhecido por imperador cosmopolita.

Antonino era um modelo a ser seguido, ao menos na mentalidade dos romanos, na projeção de características definidoras de um bom imperador, personificando as boas qualidades de um imperador, moderação, prudência e equanimidade. A tranquilidade, segurança e prosperidade de seu governo garantiram este enquanto pivô de sua dinastia (Gaia, 2020, p. 199).

Antonino Pio representava uma balança para o que seria um bom imperador, com sua relevante equanimidade<sup>57</sup> e senso de justiça, não à toa foi recebido e utilizado por Vário Avito que, além disso, também passou a se chamar Marco Aurélio, outro imperador Antonino, que Herodiano classificaria enquanto o perfeito representante das virtudes do homem romano.

Cultivava todas as virtudes e era um amante da literatura antiga [...] Apresentava-se aos seus súditos como um imperador magnânimo e moderado, acolhendo bem aqueles que o visitavam e não permitindo que sua guarda afastasse aqueles que se aproximavam. Foi o único imperador que conferiu credibilidade à sua filosofia não

---

<sup>56</sup> "[...] For they carried Avitus, whom they were already styling Marcus Aurelius Antoninus, round about upon the ramparts, and exhibited some likenesses of Caracallus when a child as bearing some resemblance to the boy, at the same time declaring that the latter was truly Caracallus' son, and the only rightful heir to the throne"

<sup>57</sup> Tranquilidade de espírito; moderação.

por suas palavras ou por seu conhecimento doutrinário, mas pela dignidade de seu comportamento e seu modo de vida prudente<sup>58</sup> (Herodiano, I 2; 3-4, p. 90).

Acreditamos que a adoção desse nome por Vario Avito representa uma dupla funcionalidade, tanto a identificação com nomes que carregavam um legado positivo na sociedade romana, quanto uma aproximação definitiva com a figura do ex-imperador Caracala, e em teoria com o próprio Septímio Severo em si.

Seja por decisão do próprio Heliogábalo ou de terceiros, esse contexto serviu como uma tática de legitimação da posição em que estava sendo colocado, ou seja, de próprio imperador, e não apenas isso, ao declarar o seu suposto parentesco com o antecessor de Macrino, era criada uma situação que adicionava um personagem mais qualificado para o governo do que o ex-prefeito de pretório, que como já abordamos sofreu com críticas e desaprovação de sua administração. Heliogábalo seria a mudança e ao mesmo tempo o retorno a uma continuidade que havia sido rompida.

Destacamos que a representação dos Antoninos perpassa por uma elevação de suas memórias positivas frente ao contexto imperial, assim, ao ser colocado que Heliogábalo adotou tais nomes, partimos do entendimento que este possuía uma preocupação em localizá-lo próximo a determinadas figuras que contribuiriam para sua legitimação.

Essa tentativa de legitimação não passa despercebida pelas fontes escritas, na *História Augusta*, como evidenciamos acima, é colocado que a adoção dos nomes partia de uma maquinação de Heliogábalo para se reafirmar no poder, pois como o mesmo documento coloca na *Vita Antonini Caracallae* “o nome dos Antoninos estava de tal forma enraizado que não podia ser arrancado dos espíritos dos homens, pois instalara-se nos corações de todos do mesmo modo que o nome de Augusto” (IX 2, p. 144). Esse enraizamento está presente na própria adoção do nome por outras figuras imperiais, que destacamos anteriormente, como o filho de Macrino, Diadumeniano.

[...] Por fim, subsistem uns versos de um poeta, com os quais se demonstra que o nome Antonino começou com Pio e se deteriorou paulatinamente durante os Antoninos até chegar ao cúmulo da baixeza, pois só Marco parece ter elevado este venerável nome com a exemplaridade da sua vida, enquanto Vero o abastardou e Cómodo profanou até a reverência devida a este nome sagrado. E que dizer de Antonino Caracala ou que dizer deste Diadúmeno? Por fim, que dizer também de Heliogábalo, o último dos Antoninos, que é recordado como tendo vivido na mais profunda imoralidade? (*Vita Macrini*, VII 7-8, p. 165).

---

<sup>58</sup> “Cultivaba todas las virtudes y era un enamorado de la literatura antigua [...] Se presentaba a sus súbditos como un emperador magnánimo y moderado, tanto acogiendo a los que le visitaban como no permitiendo que su guardia alejara a quienes se dirigían a él. Fue el único emperador que dio credibilidad a su filosofía no por sus palabras ni por sus conocimientos doctrinales sino por la dignidad de su comportamiento y por su prudente forma de vivir”.



O trecho acima evidencia uma representação negativa por parte da *História Augusta* em relação a adoção do nome Antonino por diferentes imperadores, sendo que aqui destacamos o uso por Heliogábalo, o qual é colocado como outro contribuinte para a deterioração de seu uso, sua profunda imoralidade é colocada enquanto uma desonra para a memória de Antonino Pio.

Herodiano representa de forma irônica e mais sutil, que a adoção do nome Antonino foi uma estratégia de Júlia Mesa para reafirmar a legitimidade de seu neto no poder em oposição ao Macrino, como evidenciamos anteriormente, sendo assim, partiria de uma estratégia oportunista.

Já Dião Cássio, também de forma irônica, mas mais explícita que Herodiano, narra a adoção do nome Antonino, como evidenciamos anteriormente, contudo ao contrário de Herodiano que passa então a chamar o imperador a partir desse nome, Dião passa a se referir a Heliogábalo como “falso Antonino” em diversas partes do seu escrito, o que denota um posicionamento contrário do escritor antigo à veracidade do parentesco do imperador com Caracala e a própria representação da adoção enquanto uma manobra política mentirosa.

Tratando sobre a já falada, tentativa de ligação com os Antoninos feita por Septímio Severo em relação a seu filho Caracala, representando uma espécie de construção de uma continuidade antonina no seu governo, a historiadora brasileira Ana Teresa Gonçalves (2007) chama atenção para a importância da palavra na sociedade romana.

[...] Numa sociedade oral, como a da Roma antiga, o ato de nomear era uma atitude séria que poderia encerrar em si mesma vários efeitos. Pela simples associação ao nome dos Antoninos se poderia atrair o apoio das divindades, que já haviam apoiado os governantes anteriores, por exemplo (Gonçalves, 2007, p. 9).

Consideramos que essa nomeação foi feita de forma semelhante na figura de Heliogábalo e aqui de forma dupla, garantindo tanto uma associação com um passado glorioso quanto com um presente legítimo do trono, pois adotou não somente os nomes de dois imperadores da dinastia Antonina, como também o nome que pertencia ao seu suposto pai, mantendo assim, novamente, uma nomeação de continuidade e legitimidade que confrontava o próprio governo de Macrino.

A representação da adoção do nome Antonino e o pertencimento sanguíneo com os Severos revelam a preocupação em legitimar o imperador e demonstrar que mesmo por ação de terceiros, quer do exército, quer de sua avó, Heliogábalo estava consciente das demandas que contribuiriam para o apoio e garantia do título de imperador. Essas representações entre

as fontes a partir dessa tentativa de legitimação de Heliogábalo podem ser problematizadas a partir das reflexões de Chartier.

[...] Várias hipóteses orientaram a pesquisa, fosse ela organizada a partir do estudo de uma classe particular de objetos impressos (por exemplo o corpus da literatura de colportage), ou a partir do exame das práticas de leitura, em sua diversidade, ou ainda a partir da história de um texto particular, proposto a públicos diferentes em formas muito contrastadas. A primeira hipótese sustenta a operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades. A segunda considera que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes) (Chartier, 1991, p. 178).

Chartier (1991) chama atenção no trecho acima, a partir de um contexto geral do seu trabalho, sobre a orientação realizada por este no estudo de diferentes tipos de textos e práticas de leitura. Segundo o autor a construção dos sentidos que irão permear a leitura estão envolvidos nas épocas e espaços onde estão sendo realizados, sendo assim seu contexto exerce um fator primordial nos entendimentos que serão atribuídos ao que se está lendo, além disso, essas próprias significações influenciadas pelos contextos, também serão impactadas pelas formas como os textos são recebidos pelos leitores.

Sendo compreendidos como fontes históricas para a história imperial romana na historiografia, os documentos aqui trabalhados para discutir a representação de Heliogábalo na escrita antiga são recebidos como contribuintes para se discutir não necessariamente a realidade dos imperadores, mas a forma como estes foram recebidos pelos escritores antigos, sendo representados mediante os supostos legados e memórias que evocaram durante seus reinados, embora não devamos ignorar que as fontes escritas de teor histórico ainda carregam uma historicidade, e no caso romano com objetivos moralizantes e políticos que revelam os contextos das épocas narradas.

A representação das fontes tanto na adoção do nome Antonino quanto em sua ligação parental com Caracala, apresentam nuances, contudo, revelam que os escritores antigos estavam inclinados a acreditar que partia de uma construção realizada por Júlia Mesa ou por Eutiquiano, como forma de contribuir para sua legitimação como novo imperador. Até mesmo a própria representação dos soldados, que se aliaram a Heliogábalo, é apresentada muito mais por ganância do que realmente por um elemento sentimental em relação a memória de Caracala.

O destaque para a associação parental ser parte de um plano narrado aos soldados romanos está presente na *História Augusta*, “A estes, Mesa ou Vária disse-lhes que Bassiano era filho de Antonino, facto que, a pouco e pouco, ecoou entre todos os soldados” (*Vita*

*Macrini*, IX 4, p. 167); em Herodiano, "Ela explicou a eles — fosse verdade ou mentira — que era filho ilegítimo de Antonino, embora se fizesse como filho de outro. Contou-lhes que Antonino havia dormido com suas filhas quando elas eram jovens, no auge de suas vidas..."<sup>59</sup> (V 3, 10, p. 250) e em Dião Cássio, "e embora tivesse como ajudantes apenas alguns libertos e soldados e seis (r) [homens da ordem equestre] e senadores de Emesa fingindo que ele era um filho natural de Tarautas e vestindo-o com roupas que este último usava quando criança..."<sup>60</sup> (LXIX 31, 3, p. 411).

Nas duas primeiras fontes escritas acima, a notícia é atribuída como uma história contada por Júlia Mesa, já na última, Eutiquiano teria sido o principal responsável. Essas representações destacam a desconfiança dos escritores antigos em relação a veracidade da paternidade de Caracala, essa teria sido evocada unicamente como elemento de um plano maior, sendo ironizado a partir de insinuações como na *História Augusta*, em que é afirmado que "o poder imperial foi confiado a Vário Heliogábalo, de quem se dizia ser filho de Bassiano" (*Vita Heliogabali*, I 4, p. 188).

Em Dião Cássio, tem-se a máxima negação da ligação parental entre Heliogábalo e Caracala, o novo Antonino é atribuído não somente a figura maternal de Júlia Soémia como também a uma figura paternal, Sexto Vário Marcelo (LXXIX 30, 2, p. 409), já mencionado anteriormente, demonstrando o total descredito por parte do escritor antigo em uma relação parental entre os dois membros da dinastia dos Severos.

Esses trechos denotam uma representação ambiciosa e mentirosa por parte do indivíduos próximos a Heliogábalo e chegam até mesmo a colocá-lo como alguém que evocou figuras históricas romanas como memórias que contribuiriam para sua legitimação. Assim, a representação da figura do imperador é construída a partir de uma tentativa de pertencimento a outros personagens importantes na sociedade romana, como forma de garantir o seu próprio espaço.

As características evocadas nesse encaixe dos legados dos Antoninos e Severos revelam as manobras políticas presentes no Império Romano, como formas de se garantir ascensões. Não bastava o ganho de apoio em golpes imperiais ou assassinatos, era necessário pensar também na permanência, na continuidade, o que, segundo as fontes escritas, parece ter

---

<sup>59</sup> "les explicaba -fuera verdad o mentira que era hijo natural de Antonino, aunque pasara por ser hijo de otro. Les decía que Antonino se había acostado con sus hijas cuando eran jóvenes en la flor de la edad..."

<sup>60</sup> "and though he had as helpers only a few freedmen and soldiers and six(r) [men of the equestrian] order and senators of Emesa pretending that he was a natural son of Tarautas and dressing him in clothing which the latter had worn as a child..."

sido motivo de preocupação por parte do imperador Heliogábalo e daqueles que estavam próximos a si.

Encaixar o novo Antonino e seu círculo imperial ainda emergente a manobras políticas mentirosas para ascender ao poder, revelam a construção de uma representação preocupada em ressaltar a ambição e presença de valores negativos na figura do imperador e daqueles que o cercavam, bem como o contexto de nomeação que estava inserida a sociedade romana. Além desses elementos, as fontes escritas chamam atenção para a desonestidade dos soldados, que foram atraídos pelas promessas de dinheiro por Mesa ou por Eutiquiano.

### 1.3. Aos moldes “heliogabalos”

Após o assassinato de Macrino e de seu filho Diadumeniano, Heliogábalo enfim pode tomar o trono que havia usurpado com a ajuda dos soldados. Segundo as fontes, o novo Antonino junto com sua mãe, avó, seu primo e sua tia, partiram da Síria em direção a Roma, tendo sido feita primeiramente uma parada na cidade de Nicomedia<sup>61</sup> por ocasião do inverno.

Nesse período que esteve presente em Nicomedia foram tomadas algumas medidas estratégicas ainda buscando a sua legitimação, representando-se uma preocupação em ser apoiado agora que havia se tornado governante. Não devemos nos esquecer, que a ascensão do imperador se deveu principalmente à ação do exército e ainda de forma distante de Roma, o que deixava outras esferas do poder sem contato com este e suscetível a resistências.

Buscando remediar essa situação, ele enviou mensagem para o Senado na qual criticou a figura de Macrino em relação a sua origem, que como falamos anteriormente não adivinha da classe senatorial e sim dos equestres, bem como a sua conspiração contra Caracala, a quem ele deveria proteger. Ainda nessa mesma carta, Heliogábalo também teria ironizado os comentários que haviam sido feitos pelo ex imperador em relação a sua pouca idade, já que o mesmo nomeou seu filho ainda criança como coimperador. Acrescido a isso, direcionou seu discurso ao Senado e ao povo com promessas, dentre elas a de que imitaria os imperadores Augusto e Marco Aurélio (Dião Cássio, LXXX 1, 2-4, p. 439).

Na *História Augusta* é narrado que em sua mensagem enviada para Roma animou a todos “com o nome de Antonino, que parecia ter sido restituído não apenas em título, como tinha acontecido com Diadumeniano, mas também pelo seu sangue, visto que ele escrevera

---

<sup>61</sup> Antiga cidade-Estado grega anexada à Roma durante a República e que se tornou um importante centro do Império Romano, se tornando capital da província da Bitúnia. Atualmente, compreende a cidade de Izmit, na Turquia.

que era filho de Antonino Bassiano, gerando-se um enorme carinho por ele” (III 1, p. 190), e, assim, sua carta foi recebida de bom grado e foi reconhecido como imperador pelo Senado.

Nesse tópico gostaríamos de dar atenção a outro aspecto que representa a forma como o novo Antonino governou Roma, a moldagem da corte imperial aos gostos do imperador e os muitos assassinatos orquestrados por este, estes dois elementos contribuíram para a sua representação como um tirano, tanto na perspectiva de crueldade quanto de desrespeito às normas, colocando sua vontade como o poder máximo e até único.

Inicialmente nos atentemos ao segundo ponto, Herodiano afirma que foi ordenada a morte de muitos homens ilustres e ricos devido a acusações de descontentamento com a forma como Heliogábalos vivia sua vida. Herodiano também narra que durante a tutela de seu primo, Alexandre Severo, o novo Antonino quis “habitua-lo aos mesmos passatempos de pular e dançar e a participar de suas funções sacerdotais com as mesmas roupas e práticas”<sup>62</sup> (V 7; 4-5, p. 261-262), mas foi impedido pela mãe de Alexandre, que tratou de chamar professores de diversas disciplinas que o treinaram em relação a moderação, palestra e exercícios viris, despertando o ódio do imperador, que mandou expulsar todos os professores do jovem, mandando matar alguns dos mais ilustres e banindo outros.

Dião Cássio oferece a descrição mais completa sobre os assassinatos, e aqui podemos dividir em três motivações principais: ligação com Macrino, por insubordinação ou crítica contra Heliogábalos e por caprichos do mesmo. Dos aliados a Macrino ele ordenou a morte de Fábio Agripino, governador da província, os principais cavaleiros seguidores de Macrino e os homens em Roma que tinham contato pessoal com Macrino (LXXX 3, 4, p. 445), bem como, Triciano por ter comandado uma legião durante o reinado de Macrino (LXXX 4, 3, p. 447).

Na segunda motivação é apresentada a figura de Sula que havia se intrometido em assuntos que fugiam do seu interesse e criado perturbação no período em que Heliogábalos e sua família estavam em Nicomedia (Dião Cássio, LXXX 4, 5, p. 447) e Píscia Caeriano por não ter declarado imediatamente aliança com o novo imperador (Dião Cássio, LXXX 3, 4, p. 445). Além desses, duas figuras que se destacam são a de Vero e Gélcio Máximo, ambos soldados de diferentes legiões que tentaram usurpar o poder através de revoltas, mas foram reprimidos e executados (Dião Cássio, LXXX 7, 1-2, p. 453). Segundo o próprio Dião Cássio, ocorreram outras tentativas além dessas.

[...] Mencionei apenas esses homens pelo nome, não porque fossem os únicos que perderam o juízo, mas porque pertenciam ao senado; pois outras tentativas foram

<sup>62</sup> “habituarlo a sus mismas aficiones a brincar y bailar y a participar en sus funciones sacerdotales con los mismos vestidos y prácticas”

feitas. Por exemplo, o filho de um centurião se encarregou de incitar a mesma legião gaulesa; outro, um operário de lã, interferiu na quarta legião, e um terceiro, um cidadão comum, na frota estacionada em Cízico, quando o Falso Antonino estava invernando em Nicomedeia; e havia muitos outros em outros lugares, pois era a coisa mais simples do mundo para aqueles que desejavam governar empreender uma rebelião, sendo encorajados a isso pelo fato de que muitos homens haviam assumido o governo supremo contra a expectativa e o mérito<sup>63</sup> (Dião Cássio, LXXX 7, 3-4, p. 453; 455).

Na última motivação temos Cláudio Átalo que ofendeu de alguma forma Comazon<sup>64</sup>, prefeito de pretório de Heliogábalo, e com isso teve seu fim em represália (Dião Cássio, LXXX 4, 3, p. 447); Seius Carus porque era “rico, influente e prudente”<sup>65</sup> (Dião Cássio, LXXX 4, 6, p. 447), mas com o pretexto, que estava tramando uma possível traição; Valerianus Faetus por ter estampado imagens suas em ouro como ornamentos para suas amantes, sendo também acusado de planejar uma possível revolta; Silius Messala e Pomponius Bassus por estarem descontentes com as atitudes do imperador, que chegou a categorizá-los como “investigadores de sua vida e censores do que acontecia no palácio”<sup>66</sup> (LXXX 5, 1-2, p. 449), Dião acrescenta que o primeiro havia exposto críticas a Heliogábalo perante o Senado e o segundo tinha uma esposa descendente de Marco Aurélio, que o imperador desejou se casar.

Um último caso e que acaba por se destacar nesse último tipo de motivação é a execução de Ganys, general romano que contribuiu para a ascensão de Heliogábalo, estando presente na Batalha de Antioquia travada contra Macrino. Dião informa aos leitores que ele não apenas foi responsável pelo golpe exitoso do novo Antonino, como também servia como uma espécie de pai adotivo e guardião para ele, zelando pelo mesmo (LXXX 6, 1, p. 451), além de ser próximo de Mesa, por ter sido criado por ela, e Soémia, por ser como um esposo para esta (LXXX 6, 2, p. 453). Sua proximidade era tamanha que Heliogábalo desejava torná-lo César (LXXX 6, 3, p. 453).

Apesar dessa relação de proximidade foi morto por supostamente contrariar Heliogábalo, criticando seu modo de viver e sugerindo uma vida com temperança e prudência.

---

<sup>63</sup> “[...] I have mentioned these men alone by name, not because they were the only ones that took leave of their senses, but because they belonged to the senate; for other attempts were made. For example, the son of a centurion undertook to stir up that same Gallic legion ; another, a worker in wool, tampered with the fourth legion, and a third, a private citizen, with the fleet stationed at Cyzicus, when the False Antoninus was wintering at Nicomedeia; and there were many others elsewhere, as it was the simplest thing in the world for those who wished to rule to undertake a rebellion, being encouraged thereto by the fact that many men had entered upon the supreme rule contrary to expectation and to merit”

<sup>64</sup> Explicaremos mais adiante sobre sua figura e a de Ganys e Eutiquiano, que muitas vezes acabam por se confundir.

<sup>65</sup> “rich, influential and prudent”

<sup>66</sup> “investigators of his life and censors of what went on in the palace”

O golpe fatal teria sido iniciativa do próprio imperador, já que os soldados se recusaram a tomar a iniciativa (LXXX 6, 3, p. 453).

Analisando o contexto geral das mortes aqui elencadas, percebemos que Heliogábalo não poupou esforços em eliminar seus inimigos e que isso não se restringia aos antigos apoiadores do governante anterior a si, mas estava proposto até mesmo aos seus aliados, caso o desagradassem. Aqui temos claramente a representação de Heliogábalo como um tirano, ou seja, um governante opressor com um aspecto violento e ao mesmo tempo mimado, que não aceitava ser contrariado.

Os assassinatos elencados por Herodiano e Dião Cássio representam um imperador cruel e sem escrúpulos, o que afetaria sua governança, pois constrói a imagem de um tirano incontrolável que se afastava dos valores romanos imperiais que haviam sido confiados a figura do imperador há séculos. Segundo a historiadora Renata Venturini (2001)

Em todos os níveis, o poder imperial se apoiava na *auctoritas*. A *auctoritas principis* ilustrava o prestígio, a supremacia moral traduzida na *virtus*, na *iustitia*, na *clementia*, na *fides* e na *pietas*. Ela resumia o valor da justiça associada à clemência daquele que controlava a lei, a confiança que ele inspirava como chefe político e religioso. A *auctoritas* emanava do indivíduo e permaneceu como um valor puramente moral: ela inaugurou o regime da personalidade (Béranger, 1953:13). De acordo com a *auctoritas*, o imperador era o patrono da Itália e exercia a tutela sobre uma imensa quantidade de indivíduos, pois o Império Romano oferecia o equilíbrio ao mundo através de um universalismo que dependia de um só homem. Ele era o *pater patriae*, era o representante de um Estado ideal que incorporava a unidade do mundo romano (Venturini, 2001, p. 216).

Ao entendermos esses valores como bases para o poder imperial instituído ao imperador desde Augusto, compreendemos que eles eram a representação de que o Império era governando por um indivíduo justo e legítimo, logo, ao exercer sua *auctoritas* de forma oposta aos valores da *virtus*<sup>67</sup>, *iustitia*<sup>68</sup>, *clementia*<sup>69</sup>, *fides*<sup>70</sup> e *pietas*<sup>71</sup>, Heliogábalo é representado falhando em princípios básicos da ordem romana, assim o uso da sua *auctoritas* seria motivo de questionamento, o que constituía o próprio questionamento da legalidade de um governo em Roma.

A maldade que aqui associamos a uma representação de Heliogábalo como um tirano, é atribuída também a outros imperadores nas fontes escritas. Dião Cássio afirma que Cômodo (180-192 d.C.), imperador que ficou conhecido pela sua participação em arenas como

<sup>67</sup> Relacionado nesse contexto a coragem e honra do indivíduo.

<sup>68</sup> Relacionado nesse contexto a legalidade e equidade dos atos.

<sup>69</sup> Relacionado nesse contexto à misericórdia, punindo com moderação ou mesmo perdoando seus inimigos.

<sup>70</sup> Relacionado nesse contexto à confiança exercida na relação entre o imperador e seus governados.

<sup>71</sup> Relacionado nesse contexto ao cumprimento dos deveres morais e religiosos, respeitando assim a própria tradição romana em relação aos seus deuses e a *Res Romana*.

gladiador, sendo associado comumente com a violência, matou homens e mulheres, tanto abertamente quanto por veneno (LXXIII 4, 1-2) e que em determinada ocasião reuniu um grupo de homens sem pés e os matou a golpes de clava, encenando que eram gigantes (LXXIII 20, 3, p. 113), os senadores temiam sua presença e Dião chega a afirmar que ele os ameaçou silenciosamente, balançando a cabeça de um avestruz em uma mão e a espada ensanguentada na outra diante deles.

Em *Vita Antonini Caracallae*, na *História Augusta*, é afirmado que Caracala (211-217 d.C.) arquitetou a morte de diferentes indivíduos, dentre esses, seu próprio irmão, Geta, que a partir do ano de 209 governava em conjunto consigo até o ano de 211, período de falecimento do pai de ambos, Septímio Severo. Caracala teria então comunicado aos pretorianos uma suposta conspiração por parte de Geta, fazendo que o mesmo fosse assassinado, e, logo após, comprometido sua memória com acusações de envenenamento ou de desrespeito a mãe de ambos (II 4-8, p. 134-135).

Ainda relacionado ao assassinato de seu irmão, Caracala ordenou a morte dos cúmplices da emboscada, daqueles que prestaram honras funerárias a Geta e de todos que haviam sido próximos a ele (*Vita Antonini Caracallae*, III 4-8, p. 136; IV 2-4, p. 137; IV 9, p. 138). Em meio a descrições de matanças e afirmações de seus maus costumes, crueldade e excessos com comida e bebida, afirma que com exceção dos pretorianos, todos os demais soldados lhe odiavam (*Vita Antonini Caracallae*, IX 3, p. 244).

Esses dois exemplos demonstram a representação de crueldade e assassinatos que estiveram ligadas a figura de determinados imperadores, construindo assim uma imagem tirânica nas fontes escritas. Em contraponto a essa representação, temos os imperadores elogiados por apresentarem as virtudes imperiais, como o próprio Marco Aurélio (161-180 d.C.) que é elogiado por Herodiano por ser magnânimo, moderado, prudente e corajoso (I 2, 4-5, p. 90), características relacionadas as virtudes anteriormente aqui elencadas.

Já na *História Augusta* é colocado que Antonino Pio (138-161 d.C.) possuía costumes moderados, semblante calmo, era generoso, clemente, magnânimo e não violento, ajudando de forma humilde o sogro, já debilitado, a se levantar em sessões do Senado (*Vita Antonini Pii*, 1 2-9, p. 88-89) Em *A vida dos doze Césares*<sup>72</sup> (2012), escrito antigo que aborda os imperadores

---

<sup>72</sup> A edição aqui utilizada foi a de Brasília, publicada pelo Senado Federal através do Conselho Editorial e traduzida para o português, do ano de 2012.



do primeiro século, é apresentado por seu escritor antigo, Suetônio<sup>73</sup>, a figura de Vespasiano (69-79 d.C.), aclamado por agir com brandura e clemência, rejeitando pompas excessivas e sendo benigno com os amigos e inimigos, os quais poupou a vida (p. 273; 274).

Essas duas classes de representações imperiais revelam a forma dicotômica pelas quais os escritores antigos apresentaram os imperadores. Não devemos acreditar que o ressaltamento dos valores ou a condenação de suas ausências partem unicamente de uma observância de suas vidas, antes, está relacionada também a própria conduta dos imperadores em relação a forma como estes exerceram sua *auctoritas*, ou seja, como exerceram seu poder imperial frente aos seus governos e a esferas de poder como o Senado.

Acreditamos que a representação do imperador Heliogábalo como um tirano cruel parte justamente do desagrado dos seus escritores antigos, pertencentes a aristocracia romana, sobre a forma como este exerceu sua *auctoritas*. Sua ascensão longínqua de Roma, apoiada por um grupo muito mais ligado a Síria e a porção oriental do Império em si e o desconhecimento de sua trajetória evocavam uma desconfiança em relação a sua imagem que é registrada nessas representações iniciais tanto nas suas tentativas de legitimidade quanto nas escolhas de assassinatos que este fez.

Antes de adentrar na formação de uma corte imperial específica, destacaremos ainda outras citações que contribuem para a discussão em torno da sua representação como um imperador tirano, Dião Cássio declara que seu governo foi marcado pelas práticas mais vergonhosas, ilegais e cruéis conhecidas na história romana (LXXX 3, 3, p. 443).

Na *Vita Heliogabali* é colocado que o imperador desejava fazer guerra contra o marcomanos<sup>74</sup>, povo com quem os romanos possuíam uma trégua, a qual a fonte afirma que Marco Aurelio (161–180 d.C.) havia conduzido com ajuda de magos por meio de encantamentos e, que agora o novo Antonino buscava a origem dessa magia como forma de neutralizá-la para desencadear a guerra. Sua motivação repousava em uma profecia de que somente um Antonino terminaria a guerra contra esse povo (IX 1-2, p. 199); Nesse trecho temos o destaque de uma atitude mesquinha, por puro interesse de se reafirmar como pertencente a essa dinastia e como um governante vitorioso em guerras.

---

<sup>73</sup> Escritor antigo romano que viveu durante os séculos I e II, tendo produzido o escrito, *Os doze Césares*, composta por um conjunto de doze biografias escritas no século II, que abrangem do período final da República ao início do Império, abordando de Júlio César (49-44 a.C.) a Domiciano (81-96 d.C.).

<sup>74</sup> Comunidade germânica que habitavam a região da Boêmia, atual República Checa, e que possuíam um histórico de conflitos com os romanos desde a época de Augusto.

Além do colocado acima, é dito que ele, se aproveitando da ebriedade dos amigos, os fechava em um quarto e ali introduzia animais como leões, leopardos e ursos, o que ocasionou a morte de muitos (*Vita Heliogabali*, XXV 1, p. 217-218). Também soltou serpentes entre o povo pela noite e ao amanhecer muitos haviam sido vítimas de mordidas (*Vita Heliogabali*, XXIII 2, p. 215), ordenou que servos lhe trouxessem mil libras de teias de aranha apenas para os ridicularizar (*Vita Heliogabali*, XXVI 6, p. 220), enviava a um grupo chamado de parasitas<sup>75</sup> vasos com animais dentro como rãs, escorpiões e serpentes (*Vita Heliogabali*, XXVI 7, p. 220).

Um ato que se destacou dentre suas maldades e que é narrado de forma consideravelmente dramático foi a de que teria mandado cair várias pétalas de violeta e outras flores em um quarto sobre um grupo de pessoas que morreram sufocadas com a grande quantidade de pétalas (*Vita Heliogabali*, XXI 5, p. 213). Tal narrativa é representada visualmente na pintura *The Roses of Heliogabalus*, de autoria do pintor holandês neoclassicista Sir Lawrence Alma-Tadema, do ano de 1888.

---

<sup>75</sup> Ajudavam os oficiais civis nas celebrações religiosas e eram mantidos pelo Estado. Segundo os editores da *História Augusta*, no rodapé 91, da página 213, daí se originou o sentido pejorativo do termo, pois passaram a ser associados àqueles que comiam à custa de outros.



**Figura 5 – Pintura de tinta a óleo, *The Roses of Heliogabalus*, 1888. Heliogábalos é representado à esquerda, com vestes em tons dourados e uma flor em sua cabeça, em seu rosto transmite-se uma expressão de desprezo e indiferença que corrobora com a sua própria representação nas fontes textuais. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/As\\_Rosas\\_de\\_Heliogabalos#/media/Ficheiro:The\\_Roses\\_of\\_Heliogabalus.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Rosas_de_Heliogabalos#/media/Ficheiro:The_Roses_of_Heliogabalus.jpg), 2023. Acesso em 18/10/2025.**

Estes são apenas alguns das narrativas escolhidas dentro da *Vita Heliogabali* que revelam alguém cheio de excessos e maldade, existem muitos outros trechos que adentram por exemplo o campo religioso, cotidiano e sexual do imperador, que iremos destacar ao longo deste trabalho.

As narrativas em torno dos assassinatos e das maldades do novo Antonino buscam representá-lo como um imperador tirânico, sem escrúpulos e luxurioso. Para esse trabalho, nos interessa como esses escritores antigos utilizaram dessas afirmações na construção de suas obras para formarem uma determinada caricatura do imperador, com base em suas frustrações com ele e até mesmo em uma tentativa de difamar sua memória.

Dião Cássio critica o fato de o imperador ter adotado títulos imperiais por sua própria vontade sem, no entanto, lhe ter sido entregue pelo Senado, como era de praxe (LXXX 8, 2-3, p. 455;457). Nesse trecho, é ressaltado que havia um desacordo entre o novo Antonino e a figura do Senado, é crítica pessoal de alguém pertencente a esse meio, que não via com bons

olhos essa sua autonomia em desrespeito a uma tradição consolidada. Esse distanciamento da aristocracia tradicional fica ainda mais evidente quando analisamos a composição de sua corte imperial.

Segundo o historiador francês Paul Veyne (2003), a figura do imperador ou *princeps* representava um alguém todo poderoso, com um poder único que se manifestava na concepção do *imperium*, ou seja, no poder absoluto e completo entregue a um único homem, podendo decidir pela paz ou pela guerra, aumentar os impostos, decidir a vida ou a morte sobre seus homens, tudo que ele decidia era legal (2003, p. 9-10).

Veyne (2003, p. 6) atesta a importante posição que um imperador romano possuía, mesmo com outras esferas de poder em circulação ninguém limitava sua autoridade. Ao Senado restava juntar-se a figura do imperador, o aclamar como *imperator* e garantir a concessão de seus novos poderes/títulos, já o povo era responsável por fornecer ao *princeps* o rol de seus poderes lhe outorgando por exemplo o *imperium* proconsular. Além disso era feito um acordo consensual entre o Senado e o exército de aceitação do novo governante, embora fosse muito mais representativo.

Apesar do seu grande poder, o balanceamento desses poderes pelo imperador se mostrava essencial, a própria ascensão de Heliogábalo é uma prova dessa necessidade. Ao perder o apoio político e militar, o destino de Macrino estava selado, as suas tentativas de contornar a situação, como a comunicação com o Senado e a retomada de benefícios aos soldados, mostram que era uma preocupação imperial garantir a união com essas esferas de poder, contudo, tais medidas não foram suficientes para lhe salvar ou mesmo para que os escritores antigos o retratassem de forma positiva.

A auto adoção de títulos registrada por Dião Cássio e elencada anteriormente representa um imperador despreocupado com a ordem do Senado, desrespeitando uma tradição imperial. Além disso, na *Vita Heliogabali* é colocado que o imperador “desprezou de tal modo o senado que aos senadores chamava ‘servos togados’<sup>76</sup> (XX 1, p. 211). Esse posicionamento de indisposição com o Senado, representava Heliogábalo como alguém que não tinha respeito pela própria *Res Romana*<sup>77</sup>, pois segundo Veyne (2003, p. 12) o insulto ao

---

<sup>76</sup> A toga tinha um valor simbólico e político. Ao chamá-los de servos de toga é feita uma caricatura de homens que se acham importantes, mas são apenas servos.

<sup>77</sup> Referente a estrutura romana em si, podendo ser entendida enquanto relacionada ao conceito de um “Estado Romano”, abrangia as instituições políticas, o poder, a história e a própria cultura de Roma.

Senado, representava um insulto à própria República, pois os seus magistrados eram entendidos como subordinados não ao *princeps* em si, mas a *Res Republica*<sup>78</sup>.

Existia um jogo de relações e influências diante do sistema imperial, a relação entre o *princeps* e o Senado perpassava por uma espécie de pacto, “a nobreza deixa o príncipe governar e, em troca, este concede aos nobres suas altas funções administrativas e trata-os como seus pares...” (Veyne, 2003, p. 12), logo ao desrespeitar as funções senatoriais e até mesmo insultá-los, Heliogábalo é representado novamente como um tirano, aqui no sentido de abusar de sua *auctoritas* frente ao próprio funcionamento da *Res Romana*.

Esse jogo de relações com práticas, títulos e discursos que serviam como legitimadores dos interesses de cada grupo que perpassou o império romano teve início ainda com a figura de Augusto (27 a.C. – 14 d.C.), responsável por acumular os poderes consulares e tribunícios, conquistando total controle civil, militar e religioso, aspectos já tratados neste trabalho. Contudo, mesmo com esse poder, o príncipe não podia governar sozinho.

O senado ainda se mantinha como um corpo amplo e bem constituído e o exército se apresentava como uma força traiçoeira, eram esferas a serem balanceadas. Em meio a isso, o imperador realizava alianças e aproximações, “ele se apoiava em um restrito círculo de parentes e amigos, isto é, o conselho dos *amici* ou o *consilium principis*, que tendia a se institucionalizar e a substituir algumas funções do senado” (Venturini, 2001, p. 220-221), eram tentativas de estabilizar seu poder e manter pessoas confiáveis por perto.

A corte imperial era uma instituição social não oficial que revela uma rede de pessoas envolvidas com a figura do imperador e consequentemente com seu governo, evidenciando estruturas pelas quais o Império operava. O historiador britânico Andrew Wallace-Hadrill (2008, p. 284) afirma que as cortes no contexto romano possuíam um caráter muitas vezes desconhecido, pois era referente ao particular, embora com uma importância pública, sendo acessados geralmente por anúncios oficiais pouco confiáveis ou por boatos.

Wallace-Hadrill (2008, p. 285) atesta uma forte presença, na qual seus membros se constituíam pela proximidade com o imperador e aqui entra em cena o termo *amicitia*, traduzido de forma genérica por “amizade”, que era relacionado ao envolvimento social entre os *amici* (amigos), contudo “não era somente um laço subjetivo de afeição, mas também uma ligação objetiva baseada na assistência mútua e na *fides*, isto é, na lealdade entre os *amici*” (Venturini, 2001, p. 216). Através da *amicitia* muitos tinham acesso ao próprio imperador.

---

<sup>78</sup> Termo advindo ainda do período republicano para se referir à República Romana, passou a designar no período imperial também um sentido próximo de “Estado”, sendo mais referente ao sistema político.

Segundo Wallace-Hadrill (2008, p. 288) a função principal da corte seria a de fornecer e controlar o acesso presencial ao governante, com a possibilidade de inclusive mediar o acesso ao imperador para terceiros. Sua divisão poderia ser feita em três grupos: família, casa servil e amigos, os dois primeiros adentravam diretamente a moradia do imperador de forma cotidiana, já os “amigos” e “conselheiros” possuíam papel nos assuntos públicos, com uma influência que rivalizava com os representantes republicanos, ou seja, o senado, o que claramente desagradava esses homens, pois significaria um outro grupo recebendo privilégios do imperador.

Os *amici principis* eram homens ocupados, admirados e até mesmo temidos, formados por senadores, equestres, intelectuais gregos e homens de conhecimento, estes dois últimos grupos eram bastante influentes desde os tempos de Augusto e, juntos aos outros, contribuíram dentro do âmbito da corte para refletir as normas existentes e ditar o tom da sociedade. Wallace-Hadrill (2008, p. 293) afirma que a corte impactava até mesmo na cultura, moralidade e possivelmente também na formação da sociedade romana, logo era de suma importância seu equilíbrio com os valores romanos, o que não parece ter acontecido com Heliogábalo, que é representado como cercado por pessoas de má índole e baixo status social.

As documentações nos fornecem ricas informações sobre a constituição da corte imperial de Heliogábalo, o que contribui para sua representação como um mal imperador, pois tinha ligações com pessoas malvistas, que influenciaram negativamente seu governo e aparentemente a narrativa dessas relações é justamente para representar alguém despreparado, influenciável e incapaz de manter os sujeitos corretos em seu convívio.

Duas figuras que se destacam inicialmente em sua rede de contato são sua avó e sua mãe, que serão melhor exploradas no terceiro capítulo, mas que foram criticadas por sua grande ambição, influência feminina sobre a figura do governante e aparente imoralidade em relação a Julia Soémia.

Além das figuras acima, temos como outro destaque os três homens mencionados anteriormente por Dião Cássio como essenciais para a vitória de Heliogábalo na Batalha de Antioquia ou mesmo para seu governo, começando por Eutiquiano, o ginasta e artista que concebeu o golpe em Macrino, Ganys que liderou as tropas no conflito e posteriormente esteve presente na corte imperial do imperador e Comazon que assumiu cargos políticos importantes durante o governo do novo Antonino.

É importante ter em mente que o único escritor antigo a falar diretamente sobre essas figuras é Dião Cássio, contudo, sua obra apresenta certas lacunas para um melhor

entendimento sobre estes indivíduos, o que advém inclusive de certas rasuras no documento original, impossibilitando sua leitura em determinados trechos. Em meio a isso temos confusão sobre a existência de três, duas ou mesmo apenas uma personalidade representada com diferentes nomes.

Nesse trabalho, tal como nas documentações, trataremos estes como sujeitos distintos e para isso nos baseamos em Leonardo de Arrizabalaga y Prado (1999, p. 29) que afirma, de acordo com a análise das mesmas três obras aqui analisadas, “Em primeiro lugar, não parecem haver nenhuma razão convincente, com base no texto existente, para supor que qualquer um desses personagens deva ser confundido com qualquer outro”<sup>79</sup>.

Em relação a Eutiquiano, temos por informação o fato de ter sido um ginasta e artista, podendo ter pertencido tanto ao circo quanto ao âmbito dos atores ou dançarinos, ocupações que eram associadas a classes mais baixas em Roma. Já em relação a Ganys e Comazon, temos ofensas diretas sobre suas condutas e personalidades.

Segundo Dião Cássio, Ganys, era acostumado a viver no luxo, talvez aludindo a uma origem familiar com boas condições financeiras, aceitava subornos e era o mais ímpio dos homens (LXXX 6, 1-2, p. 451), sobre Comazon, o autor expressa desprezo pelo seu caráter e pelo seu nome, vê com mal olhos sua elevação ao cargo de cônsul e posteriormente de prefeito pretoriano por três vezes, mesmo sem ter tido experiências anteriores que o qualificassem (LXXX 4, 1-2, p. 445).

A figura desses três homens é apresentada sobre uma ótica negativa por Dião, Ganys e Comazon são claramente caracterizados como indivíduos ruins com personalidades desprezíveis frente aos valores romanos e Eutiquiano, ao ser associado ao âmbito artístico, evoca representações negativas que os romanos possuíam em relação aos praticantes desses ofícios, as quais destacaremos mais adiante.

Por último, evidenciamos a representação da composição da corte imperial ou *consilium principis* do imperador formado por determinados indivíduos malvistas na sociedade romana. Na *Vita Heliogabali* é informado que ele

[...] vendia honras, dignidades e poderes, tanto pessoalmente como através dos seus servos e de todos aqueles que lhe proporcionavam prazeres. Fez admissões ao senado sem levar em conta idade, patrimônio ou nascimento, sendo o dinheiro o único mérito. E vendeu inclusive os cargos de chefia militar, de tribuno, de legado e de general, e até os de procurador e de oficiais do palácio. Aos aurigas Protógenes e Górdio, antes seus companheiros nas corridas de carros, fê-los depois participar em todos os atos da sua vida. Muitos foram os que, por o atraírem fisicamente, ele tirou

<sup>79</sup> “First, there seems no compelling reason, on the basis of the extant text, to suppose that any one of these characters is to be confused with any other”.



da cena, do circo e da arena e levou para a corte (*Vita Heliogabali*, VI 1-4, p. 193-194)

Nesse trecho acima percebemos que a obra representa Heliogábalo como alguém que não prezava pela constituição da própria corte imperial ou mesmo do Império Romano, sendo influenciado pelo dinheiro ou simplesmente pelo desejo sexual. Podemos entendê-lo não somente como alguém corrupto, mas também que governava com desonra.

Estas descrições continuam em outro trecho que informa que o imperador “fez dos seus libertos governadores, legados, cônsules, generais, e poluiu todos os cargos com a baixaza de homens da pior espécie” (*Vita Heliogabali*, XI 1, p. 201). Em outra parte da *Vita Heliogabali* é colocado que foi nomeado um dançarino para a prefeitura de pretório<sup>80</sup>, um auriga<sup>81</sup> e um cabelereiro como prefeitos de outra ordem, um corredor, um cozinheiro e um serralheiro como curadores do imposto (*Vita Heliogabali*, XII 1-2, p. 202-203). Além destes, é frequente na documentação a proximidade de prostitutas e meretrizes no convívio com Heliogábalo<sup>82</sup>.

Passando para Herodiano, esse aspecto do governo de Heliogábalo é apresentado de forma mais breve. O autor afirma que sua loucura foi tanta que deu os cargos mais importantes do império para pessoas que trabalhavam nos palcos e teatros públicos, para cocheiros, comediantes, mímicos e aos seus escravos e libertos, estes últimos grupos Herodiano ressalta que foram recompensados à medida que se destacaram em atividades vergonhosas, provavelmente de cunho sexual. Além disso, nomeou para o cargo de prefeito de pretório um dançarino que em sua juventude se apresentou para uma plateia no teatro de Roma e outro para ser responsável pela educação e bons costumes dos jovens romanos (V 7; 6-7, p. 262).

Sobre esse último ponto temos uma informação muito interessante sobre a moldagem da sociedade romana que o imperador estava realizando. A seguinte representação em Herodiano evoca um desejo por parte de Heliogábalo em que os sujeitos em Roma se aproximassem dos seus costumes e práticas, e a escolha de um dançarino para ensinar em contraponto a um intelectual revela uma nova dinâmica que estaria sendo estabelecida.

<sup>80</sup> Na nota de rodapé 54, na página 204, os editores da *História Augusta* colocam que possivelmente seria Públio Valério Comazão Eutiquiano, tratando-o como uma pessoa única, apresentando seu suposto nome completo.

<sup>81</sup> Conduziam os carros no circo durante as corridas de biga, que eram corridas de carruagem com equipes rivais que colidiam entre si enquanto o público vibrava.

<sup>82</sup> Deixaremos para melhor analisar essas relações no terceiro capítulo, quando nos atentaremos para o aspecto mais erotizado/sexual da trajetória do imperador.



Dião Cássio não dá uma grande atenção à composição de sua corte, apenas ressaltando alguns pontos em comum como a influência de sua avó e mãe, a de dois homens que ele colocou em determinados cargos e a figura de seus amantes, que melhor exploraremos no terceiro capítulo.

Como já mencionado anteriormente, a categoria dos artistas, que se incluem os atores, dançarinos, mímicos e membros do circo, eram vistos de forma negativa, como sujeitos de baixa classe social na sociedade romana. Segundo a historiadora britânica, Catharine Edwards (2002, p. 99), o teatro em Roma era apresentado de forma ambígua, ao mesmo tempo que eram parte central dos principais festivais religiosos, pago em parte pelo tesouro da *Res Publica*, e fosse uma instituição romana central com um público fiel, era visto com profunda suspeita.

O ato de atuar era uma antítese dos deveres romanos, pois, nada realizava, diferentemente dos soldados que guerreavam e conquistavam territórios, mostrando o poder romano. A atuação partia da capacidade do indivíduo em enganar, algo não valorizado, não romano. Atuar estava diretamente relacionado com práticas estrangeiras, que adentraram Roma e influenciaram negativamente afetando a moral dos seus cidadãos (Edwards, 2002, p. 102).

Os atores eram associados, segundo o aspecto jurídico romano, a criminosos condenados, prostitutas e gladiadores, possuindo assim restrições legais mesmo quando se tratava de cidadãos livres (Edwards, 2002, p. 123), embora ainda servissem a sociedade a partir de um aspecto de lazer, tais como os gladiadores e prostitutas. Além disso, os atores, incluindo-se aqui os mímicos e pantomímicos, eram considerados perigosos e perturbadores para a ordem (Edwards, 2002, p. 127), sua associação também perpassava por uma efeminação que ia contra os princípios de virilidade romana (Edwards, 2002, p. 129-130), pois, suas interpretações envolviam papéis femininos e temas licenciosos como adultério, associando-os ao feminino e a luxúria.

De acordo com a autora e com a própria documentação que mostra um tom negativo em relação às escolhas de Heliogábalo podemos constatar que suas nomeações e *amicítias* foram representadas como advindas de alguém que desrespeitava os costumes romanos, ou mais especificamente o chamado *mos maiorum*, conceito primordial para entendermos o funcionamento da sociedade romana.

O termo *mos maiorum* pode ser entendido enquanto “um conjunto de regras de conduta, morais e políticas, não sistematizado, transmitido no seio da aristocracia senatorial

tradicional” (Lemos, 2010, p. 47), que não funcionava de forma escrita, mas sim em uma ética que deveria ser cumprida pelos cidadãos orientando suas práticas políticas e religiosas.

Por mais que partilhassem a mesma língua, mesmo vestuário e participação em celebrações, o atendimento ao conjunto de comportamentos e códigos de moralidade eram os responsáveis por forjar os laços entre os bons cidadãos romanos (Lemos, 2010, p. 48). O *mos maiorum* definia na sociedade o que constituía a própria *Res Romana*, a sua obediência estava diretamente relacionada com a defesa da ordem romana.

O historiador espanhol Francisco Pina Polo (2011, p. 64) contribui para a discussão em torno do conceito de *mos maiorum* ao afirmar que a cultura em Roma esteve sobre o controle da aristocracia, foi esta a responsável por construir uma espécie de “identidade romana” com a qual os cidadãos poderiam se identificar e se caracterizar, e assim estabelecer as tradições e os valores que seriam passados de geração em geração como as verdades máximas.

É fundamental ressaltar que nas produções escritas não existia uma memória coletiva, mas sim a memória da aristocracia que monopolizava a produção de textos, assim a mobilização de noções relativas ao *mos maiorum* partem do entendimento que a aristocracia possuía em relação aos valores romanos a serem seguidos e isso seria ressaltado, por exemplo, nas fontes escritas referentes ao imperadores a partir do comportamento destes em relação à ordem romana (Polo, 2011, p. 64).

É a partir dos patrícios que o conceito de *mos maiorum* surgiu como um instrumento de legitimação de sua posição destacada na sociedade romana (Polo, 2011, p. 69). Seu conteúdo se expandiu ao longo do século IV e início do século III a.C. se tornando uma manual para a conduta social e atuação política da aristocracia, influenciando os futuros homens públicos (Polo, 2011, p. 70). Sua sobrevivência ainda no período imperial se dá pelo seu aspecto dinâmico e unificador, sendo reinterpretado e alterado de acordo com as necessidades de cada época, mas ainda mantendo sua característica central de ponto de referência (Polo, 2011, p. 69).

Se a religião romana conectava os homens aos deuses, o *mos maiorum* fazia o papel de unir os romanos a valores comuns (Polo, 2011, p. 73) que criavam uma espécie de identidade em comum. Assim, a sociedade romana permanecia sob o mesmo ordenamento, pois o *mos maiorum* garantia uma unicidade nos caminhos que deveriam ser seguidos, nas escolhas que deveriam ser feitas no cotidiano.

Nas documentações existe um desejo em representar que Heliogábalo se aproximou de pessoas ímpias e de baixa estirpe social, moldando uma corte imperial que ia contra os valores que um imperador deveria buscar, contra o sentido do *mos maiorum*. O respeito à ordem havia sido quebrado com suas escolhas e com isto estava selada sua representação como um inimigo da aristocracia seguidora desses princípios tradicionais.

Entender a corte como forma usada pelos imperadores em controlar e até mesmo limitar o poder das ordens sociais altas, justifica o seu olhar pelos aristocratas como ameaçadoras, pois, estes ficavam de fora da garantia de benefícios que a proximidade com o imperador garantia, o que acirrava ainda mais a vilanização de um imperador como Heliogábalo, que teria ousado ir contra o *mos maiorum*.

[...] A corte, portanto, desempenhou um papel vital na consolidação do poder imperial dentro do contexto da sociedade imperial. Primeiro, permitiu ao governante controlar a elite. Para buscar o poder, era necessário ir a Roma e entrar na intriga da corte. Isso estabeleceu firmemente Roma como a arena do conflito político e desencorajou o surgimento de bases de poder regionais alternativas. Os "grandes homens" do império estavam sob o olhar imediato do imperador. Ele podia manipular a ambição deles, jogando-os uns contra os outros, usando seu controle da distribuição de recursos para mantê-los em suspense, negando favores e elevando novos favoritos se a influência dos antigos favoritos ameaçasse se entrincheirar. Em segundo lugar, ele poderia, por meio da elite, exercer um controle progressivamente mais amplo em todo o império<sup>83</sup> (Wallace-Hadrill, 2008, p. 300).

Com tamanha influência, não é de se estranhar que a aparente preferência de Heliogábalo por artistas, atores, pessoas sem prévia experiência política, mulheres, prostitutos ou meretrizes desagradava por estes adentrarem espaços historicamente destinados a pessoas aristocratas e com histórico em cargos políticos importantes.

A visão elitizada que nossas três fontes apresentam justificam por si só representar essa formação da corte imperial aos moldes heliogabalos como uma demonstração de sua loucura, imoralidade ou mesmo influenciabilidade. Este imperador que já não possuía um envolvimento político anterior ao seu posto de governante ainda cometeu a audácia de exercer sua *auctoritas* de forma afrontosa a uma elite romana que não via com bons olhos os excessos imperiais.

---

<sup>83</sup> “[...] The court thus played a vital role in consolidating imperial power within the context of imperial society. First, it enabled the ruler to control the elite. In order to pursue power it was necessary to come to Rome and enter the intrigue of the court. That firmly established Rome as the arena of political conflict and discouraged the emergence of alternative regional power bases. The ‘big men’ of the empire were under the immediate eye of the emperor. He could manipulate their ambition by playing them off against each other, using his control of the distribution of resources to keep them on tenterhooks, withholding favours and elevating new favourites if the influence of old favourites threatened to become entrenched. Secondly, he could through the elite exercise a progressively wider control throughout the empire”.

De acordo com o exposto nas fontes escritas, acreditamos que o imperador utilizou de sua *auctoritas* de forma indiscriminada para exercer sua vontade sobre Roma, formando uma corte através do que chamamos de “aos moldes heliogabalos”, ou seja, de acordo com sua vontade, ignorando o *mos maiorum* e formando um círculo imperial, que se alinhava a sua própria visão de governo, se alinhando as suas convicções culturais e sociais.

Não devemos esquecer que o registrado nas fontes primárias são representações, conceito muito caro a Roger Chartier e que, segundo este, partem das “classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço” (2002, p. 27).

As estruturas que compõe o mundo social são historicamente produzidas pelas práticas articuladas de diferentes âmbitos que constroem as suas figuras, questionando a ideia de que a representação seria puramente o reflexo do social, mas, para além disso, está inserida em um suporte tal qual o texto, sendo assim, importante compreender o seu contexto e seus significados.

A representação nas fontes contribuiu para a construção de um governante que não buscava governar em conjunto com o senado e o povo, logo não seria digno da posição ocupada. Para os escritores antigos, Heliogábalo era um tirano, ou seja, alguém cruel e que abusava de sua autoridade perante a sociedade romana, chegando a desrespeitar os valores da ordem romana.

Esses discursos que envolvem o imperador estão inseridos nos próprios contextos dos quais os escritores antigos advêm, suas origens aristocráticas e públicos alvos que envolvem outros membros aristocráticos e a própria corte imperial, demonstram que a construções de suas narrativas são elitizadas, com envolvimento políticos que rejeitavam os abusos de *auctoritas* imperais. Como evidenciamos anteriormente, a formação da *mos maiorum* parte justamente desse meio aristocrático, é ele o responsável por construir as noções que permeiam os deveres e comportamentos a serem seguidos.

A elite romana deve ser entendida como uma categoria fluída, sujeita a negociação e munida de uma retórica moralizante, uma de suas marcas fundamentais era o status social, o qual envolvia ancestralidade, cultura, realizações e riquezas. Para além disso, o próprio reconhecimento do seus pares, superiores e até mesmo daqueles em posições inferiores dava validade aos discursos proferidos, em uma sociedade que valorizava as nomeações e discursos, ser reconhecido era ser legitimado (Edwards, 2002, p. 16).

Edwards (2002, p. 12-14) divide a elite romana em dois grupos principais, os senadores e os equestres, em uma hierarquia decrescente, ambos os grupos eram mobilizados pelo prestígio e pelo acúmulo de riquezas que acompanhavam seus cotidianos, dominando a sociedade romana, contudo, por mais que estivessem inseridos de forma destacada na aristocracia, ainda existiam outros grupos como os magistrados, que em meio aos seus diferentes cargos conseguiram acumular riquezas e status social.

Durante o império essa aristocracia passará a incluir ainda outros membros, a figura óbvia do imperador que acumulava diferentes poderes, a sua família e os libertos imperiais, além disso, nessa época irá se ter um influxo de aristocratas provinciais que irão ser inseridos em diferentes cargos políticos, até mesmo no senado (Corrêa, 2019, p. 67). Essa dupla origem aristocrática e senatorial, ou seja, a provincial e romana, irá contribuir para o desenvolvimento de facções, com uma complexa rede de sociabilidades que considerava a identidade étnica e cultural em comum (Corrêa, 2019, p. 75). Os escritores antigos que abordam Heliogábalo estariam inseridos justamente em uma aristocracia tradicional, defensora do *mos maiorum* e que via com preocupação a entrada dos provinciais em cargos políticos de Roma.

Essa aristocracia tradicional será responsável justamente por manipular o *mos maiorum* com as perspectivas que melhor estabelecessem o seu controle sobre os ideais da época, definindo códigos de comportamento preocupados em distinguir a elite do restante da sociedade e na organização dos relacionamentos dentro da própria elite em si (Edwards, 2002, p. 15).

Partindo dessa perspectiva, compreendemos que os discursos das fontes textuais estão envolvidos em concepções moralizantes sobre a conduta de Heliogábalo, buscando apreendê-lo e estruturá-lo através da representação de determinados aspectos sobre este para seus leitores.

Ao ressaltarem a crueldade e desrespeito com o *mos maiorum*, os escritores antigos se aproximam de uma tentativa de apropriação de uma realidade negativa de seu governo, que segundo Chartier (2002, p. 63), evoca “modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita”, sendo assim, através das construções narrativas realizadas em suas produções, Heliogábalo é tido como um tirano que se cercou de pessoas inapropriadas, a *auctoritas* natural de sua posição enquanto imperador dá lugar a afirmações de que sua conduta exprimia um lado desrespeitoso e abusador do poder que possuía.

Segundo nossa leitura, o molde dessa corte imperial contra os princípios do *mos maiorum* contribuíram para que Heliogábalo fosse representado enquanto um mal imperador e

consequentemente fosse traído posteriormente, perdendo seu posto de governante e sendo assassinado. Afrontar essa aristocracia tradicional provavelmente o fez perder apoio e as escolhas dos membros da corte foram um dos motivos da sua decadência, embora aqui e ao longo do outro capítulo devamos ter sempre em mente que as representações desses autores não partem necessariamente da realidade, pois este não é objetivo daquele que representa, antes o objetivo reside em mostrar a realidade que ele criou, “na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita” (Chartier, 2002, p. 63).

## CAPÍTULO 2: ORIENTAL

### 2.1. *Um Oriente romano*

Quando falamos sobre Roma imperial devemos ter em mente que não estamos falando de uma mera cidade isolada, com uma cultura puramente “nacional”, tal elemento não se deve simplesmente por ser um império, mas porque a própria história romana se insere em um contexto de influências de outras cidades e regiões, por exemplo, com a contribuição dos etruscos e gregos desde a época arcaica/monárquica. É necessário pensar Roma para além de uma centralização e subjugação de outros povos e observar as confluências<sup>84</sup> e afluências<sup>85</sup> que existem nesse contato com outros povos.

Segundo o historiador brasileiro Norberto Luiz Guarinello (2014, p. 127), o Império Romano era uma região marcada por profunda heterogeneidade, o que pode ser observado na falha unidade linguística, já que embora o grego e o latim fossem de uso oficial e literário, as populações locais ainda se expressavam em seus idiomas de origem; na diversidade étnica e cultural de povos que mantinham por exemplo suas tradições, roupas e crenças religiosas; e na própria estrutura social que variava em seus sistemas de organização e clivagens sociais, proporcionando diferentes direitos, estatutos e situações jurídicas.

Em outro trecho posterior, Guarinello chama atenção para as novas concepções de pesquisadores sobre a desfixação de uma identidade romana imutável para pensar em um “jogo de múltiplas identidades em dialogo” (2014, p. 152), sendo assim os estudiosos se afastam de uma visão sobre uma identidade cultural imposta às províncias conquistadas, para buscar compreender as continuidades e intercâmbios de culturas presentes na Roma antiga.

É um afastamento da própria noção de “romanização”, conceito que parte da ideia que o povo conquistador, Roma, era superior economicamente, politicamente e culturalmente aos povos conquistados, exercendo uma hegemonia sobre as regiões dominadas que adentrava até mesmo no abandono de suas culturas em prol da assimilação dos valores romanos (Funari; Grillo, 2014, p. 210).

A própria figura do imperador Heliogábalo é a representação de uma dessas identidades que entrava em confronto com a romana e é esse aspecto que pretendemos discutir nesse segundo capítulo, mais especificamente, a representação de sua identidade

---

<sup>84</sup> Ponto de convergência ou de encontro.

<sup>85</sup> Concorrência em grande quantidade (de pessoas ou coisas); em abundância

cultural por meio de suas práticas e costumes orientais aliado ao culto sírio a Elagabal, que o imperador instaurou em Roma.

Analisar a representação de Heliogábalo por parte das fontes textuais antigas também possibilita perceber as interações entre essas diferentes identidades, bem como a existência de conexões entre a Síria e Roma.

Ao abordar uma figura que, embora tenha alcançado a principal posição na Roma imperial, possuía origem síria e mantinha em destaque sua identidade cultural oriental, é de suma importância que, tal qual fizemos em relação ao Império Romano, também contextualizemos sua origem.

De acordo com a plataforma digital de pesquisa acadêmica EBSCO, a Síria, ou República Árabe Síria, é um país que faz fronteira com Turquia, Iraque, Jordânia, Israel, Líbano e o Mar Mediterrâneo, localizado no chamado Oriente Médio<sup>86</sup>. Com uma população estimada em 22.933.531 habitantes, apresenta uma composição étnica diversa, sendo constituída majoritariamente por árabes. Sua atual capital é a cidade de Damasco, e sua história política está marcada por décadas de governo autocrático da família al-Assad, bem como por conflitos, intervenções internacionais e operações contra grupos terroristas.

Na Antiguidade, a região onde atualmente se localiza a Síria era conhecida como Crescente Fértil, estando em posição estratégica de fronteira entre os continentes asiático, africano e europeu. Essa localização motivou, durante séculos, diversas invasões com o objetivo de conquistar seu domínio, além da influência cultural de outros povos orientais. Houve, por exemplo, o domínio dos amorreus (2200–1800 a.C.), dos assírios (900–612 a.C.), dos persas (539–332 a.C.) e dos macedônios e helenísticos (332–64 a.C.). Estes últimos marcaram o início da influência grega que perpassaria a história síria (Bentes; Neves; Lobato, 2018, p. 25–26).

Após a morte do rei Alexandre, o Grande, em 323 a.C., os domínios macedônicos passaram a ser disputados pelos chamados diádocos — generais e oficiais de Alexandre — entre os quais se destacam Seleuco, rei do Império Selêucida; Lisímaco, rei da Trácia e de partes da Ásia Menor; e Antígono Monoftalmo, conquistador da Síria, Mesopotâmia e partes da Ásia Menor.

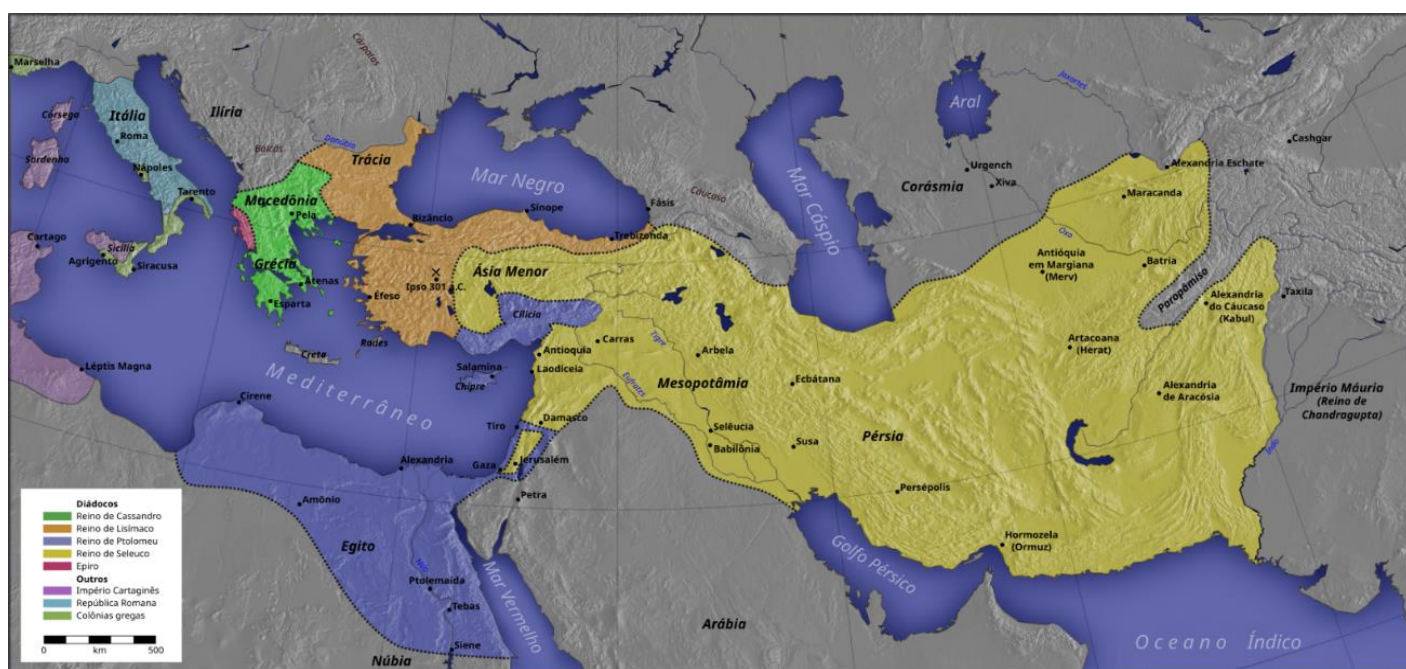
---

<sup>86</sup> região composta por países e território da Ásia Ocidental dos continentes asiático, europeu e africano como Afeganistão, Arábia Saudita, Barein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Síria e Turquia.



As conquistas de Antígono preocuparam Seleuco e Lisímaco, levando-os a formar uma aliança com o rei do Egito, Ptolomeu I, e a entrar em conflito na chamada Guerra de Ipso<sup>87</sup>, que culminou na derrota e morte de Antígono, seguida da divisão de seus territórios entre os vencedores. Seleuco recebeu a parte norte da Síria, enquanto Ptolomeu ficou com a parte sul.

Mais adiante, em 281 a.C., ocorreu a Batalha de Corupédio<sup>88</sup>, travada entre Seleuco e Lisímaco, que resultou na derrota e morte deste último. Com isso, estabeleceu-se o Império Selêucida<sup>89</sup>, que se estendeu da costa ocidental da Ásia Menor até a Índia (Butcher, 2003, p. 25).



**Figura 6 - Mapa mostrando os domínios dos Diádocos, após a Batalha de Corupédio. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio\\_Sel%C3%A9ucida#/media/Ficheiro:Diadochi\\_PT.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Sel%C3%A9ucida#/media/Ficheiro:Diadochi_PT.svg), 2016. O Império Selêucida está na cor amarelada à direita. Acesso em 11/08/2025.**

Durante o período selêucida, a Síria experimentou uma considerável difusão da cultura helenística. Um dos traços dessa influência manifestou-se em um programa de urbanização baseado no modelo da *polis* grega, que já havia sido iniciado durante o governo de Alexandre, o Grande, mas foi intensificado por Seleuco e, posteriormente, por seu filho, Antíoco I.

<sup>87</sup> Ocorreu em 301 a.C., em Ipsus, na região da Frígia, na Ásia Menor, atual Turquia. Envolveu uma coalização de forças entre Seleuco I Nicátor, Lisímaco e Ptolomeu I Soter contra as forças de Antígono I Monoftalmo.

<sup>88</sup> Ocorreu em 281 a.C., na região da Ásia Menor, perto de Sardes, atual Turquia ocidental.

<sup>89</sup> Império helenista que perdurou de 323 a 64 a.C., tendo sido inicialmente fragilizado na Guerra Romano-Selêucida (192-188 a.C.) pela República Romana, perdendo importantes territórios e encontrando seu fim oficial com a anexação da Síria em 64 a.C. pelos romanos.

Além disso, o norte da Síria foi transformado em uma região amplamente urbanizada, com grandes centros como Antioquia, Apameia, Laodiceia, Zeugma, entre outros. Durante o século II a.C., muitas cidades selêucidas passaram por um crescimento substancial (Butcher, 2003, p. 26).

Segundo o historiador britânico Kevin Butcher (2003, p. 28), o reino selêucida estava entre os mais ricos e formidáveis do mundo antigo. Logo, entrar em conflito com ele não seria uma tarefa fácil. Contudo, Roma, desde sua época republicana, expandia consideravelmente seus domínios e, entre o final do segundo e o início do primeiro século a.C., voltou sua atenção para o Mediterrâneo oriental<sup>90</sup>.

A região da Síria era estratégica tanto para o governo romano quanto para seus inimigos históricos, os partas<sup>91</sup>, que já haviam demonstrado interesse pelo território anteriormente. Caso a conquistassem, teriam acesso ao Mediterrâneo, o que aumentaria consideravelmente o poder de seu reino (Butcher, 2003, p. 19–20). Diante disso, percebe-se o grande benefício que a anexação da Síria representaria para Roma.

A anexação ocorreu entre 64 e 63 a.C., por meio da atuação de Cneu Pompeu Magno — o mesmo político que integraria posteriormente o Primeiro Triunvirato. Sua trajetória foi marcada tanto por sua atuação política, enquanto cônsul, quanto por sua carreira militar, destacando-se como general vitorioso em diversas campanhas. Durante sua atuação no Oriente, Pompeu anexou quatro novas províncias ao território romano: Bitúnia e Ponto, Síria, Cilícia e Creta, além de conquistar a cidade de Jerusalém.

A partir da intervenção de Pompeu, a Síria tornou-se oficialmente um domínio romano. Inicialmente, a presença de Roma na região foi discreta, sem alterações significativas na organização local nem uma clara delimitação do poder romano. No entanto, uma medida relevante foi a deposição dos últimos representantes selêucidas, acompanhada da remoção de elementos considerados hostis ou com potencial rebelde (Butcher, 2003, p. 22–23).

Em 58 a.C., a Síria havia se tornado uma, contudo a região enfrentou problemas como rivalidades dinásticas locais, guerras dos exércitos romanos contra si e uma invasão parto em 40 a.C., segundo o historiador britânico Fergus Millar (1993, p. 27),.

Kevin Butcher (2003, p. 38-39) acrescenta que a província era relativamente isolada do restante do império romano e as guarnições legionárias estavam todas estacionadas no

---

<sup>90</sup> Região localizada na costa leste do mar Mediterrâneo compreendendo Levante, Anatólia, Grécia e Egito.

<sup>91</sup> Império Parta ou Império Arsácida foi uma das principais potências político-culturais iranianas da Pérsia Antiga, com a Pártia se localizando no nordeste do Irã.

norte com pouca presença militar no sul, o que era um grande risco para essa parte da região. Contudo, durante o início do período imperial a Síria passou por outra mudança, alcançando o status de província imperial assim garantindo que o próprio Augusto (27 a.C.–14 d.C.) escolheria os governadores da província.

Em 58 a.C., a Síria havia se tornado uma província consular<sup>92</sup>. Contudo, a região enfrentou diversos problemas, como rivalidades dinásticas locais, conflitos entre exércitos romanos e uma invasão parta em 40 a.C. Segundo o historiador britânico Fergus Millar (1993, p. 27), “O controle romano era tênue e errático, e pouco ou nada fez para reduzir a insegurança de longa data da região”<sup>93</sup>.

Kevin Butcher (2003, p. 38–39) acrescenta que a província era relativamente isolada do restante do Império Romano, e que as guarnições legionárias estavam todas estacionadas no norte, com pouca presença militar no sul — o que representava um grande risco para essa parte da região, cenário que seria alterado no início do período imperial com a Síria alcançando o status de província imperial, o que garantia que o próprio Augusto (27 a.C.–14 d.C.) fosse responsável pela escolha de seus governadores.

Millar (1993, p. 31–32) afirma que, a partir da ação de Augusto, a Síria passou a ser considerada uma área militar, sendo assim, forças militares passaram a ser permanentemente estacionadas na região. Esse cenário conferiu à província maior importância estratégica e segurança, evidenciando o interesse romano em mantê-la sob seu controle.

Durante o governo de Vespasiano (69–79 d.C.), a composição territorial da Síria foi alterada com a incorporação de novas regiões à província, como o reino de Comagena, em 72, e Emesa, entre 72 e 78/79. Já durante o governo de seu filho, Domiciano (81–96 d.C.), a Judeia teria sido anexada por volta dos anos de 92/93. Além disso, houve melhorias na infraestrutura militar, especialmente no que diz respeito às comunicações, ao fornecimento de suprimentos e à construção de um sistema de canalização<sup>94</sup> nos arredores de Antioquia, que permitiu acesso direto ao vale médio do Eufrates a partir da Síria central (Butcher, 2003, p. 43).

---

<sup>92</sup> Território sobre o qual os cônsules e cônsules-gerais exerciam a sua jurisdição, diferenciando-se das províncias imperiais que estavam sobre o controle direto do imperador.

<sup>93</sup> “Roman control was tenuous and erratic, and did little or nothing to reduce the longstanding insecurity of the region”

<sup>94</sup> Criação de canais ou vias para direcionar fluxos.

No segundo século, persistiram as inovações, agora com a integração total da Síria e do Oriente Próximo<sup>95</sup> ao Império Romano, em uma perspectiva cultural, política e militar. Observa-se a entrada de elites sírias no Senado, a adoção, pelas classes dominantes romanas, do movimento cultural conhecido como Segunda Sofística<sup>96</sup>, além da incorporação de novos estilos arquitetônicos na Síria inspirados nas formas imperiais romanas. Verifica-se também a construção de edifícios associados ao mundo greco-romano, a presença do retrato do imperador em moedas cívicas locais, avanços militares nas estepes e desertos da região da Síria e Arábia, entre outros territórios (Butcher, 2003, p. 44).

A província da Síria passaria por mudanças significativas durante o governo de Septímio Severo (193–211 d.C.). Como mencionado no primeiro capítulo, o imperador possuía fortes vínculos com a região devido ao seu casamento com Júlia Domna. Além disso, manteve uma presença regular na província, estando lá nos anos de 197, 198 e 199, após sua ascensão ao trono. Em determinado momento, viajou ao Egito e retornou à Síria, onde permaneceu entre 199 e 202. Ao celebrar o início do décimo ano de seu governo, em Roma, no ano de 202, aproximadamente metade desse período havia transcorrido na Síria (Millar, 1993, p. 121).

Por volta de 198, Severo dividiu a província em duas: *Syria Coele* (ou Cele Síria) e *Syria Phoenice* (ou Síria Fenícia). Millar (1993, p. 121–122) e Butcher (2003, p. 49) atribuem essa divisão a uma tentativa de restringir o número de legiões sob o comando de cada governador no Oriente Próximo a, no máximo, duas. Assim, a primeira província contava com duas legiões sob o comando de antigos cônsules, enquanto a segunda dispunha de apenas uma, sob a responsabilidade de oficiais de status inferior. Butcher (2003, p. 85) afirma o seguinte sobre a divisão das fronteiras

[...] A partir das evidências disponíveis, parece que a fronteira entre as duas novas províncias sírias se estendia da costa perto dos portos de Paltus e Balanea-Leucas, para o interior, ao norte da sede da *legio III* Gallica em Rafanea, e ao sul de Aretusa, no Orontes. Palmira ficava na província da Síria Fenícia, mas mais para o interior. Dura Europus, na margem direita do Eufrates, ficava na Síria Cele. Ajustes também foram feitos no sul, entre a Síria Fenícia e a Arábia. A Arábia foi estendida para o

<sup>95</sup> Termo geográfico que compreende a Anatólia (porção asiática da Turquia moderna), o Levante, Mesopotâmia (atual Iraque) e a Transcaucásia (Geórgia, Armênia e Azerbaijão), mais utilizado em contextos arqueológicos, geográficos e históricos, principalmente se referindo a tempos mais recuados como a Antiguidade, sendo conhecida atualmente como parte do chamado Oriente Médio.

<sup>96</sup> Termo histórico-literário que se refere aos escritores gregos que floresceram do reinado de Nero até c. 230 d.C. que se preocupavam em atender às necessidades cotidianas e responder aos problemas práticos se utilizando da retórica e da oratória. Esse movimento se espalhou por diferentes locais como a Ásia e o mundo romano.



Figura 7 - Mapa mostrando a divisão da “Cele Síria” e da “Síria Fenícia”. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Coele-Syria#/media/File:Asia\\_minor-Shepherd\\_1923\\_Syria.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Coele-Syria#/media/File:Asia_minor-Shepherd_1923_Syria.jpg), 2011. Acesso em 11/08/2025.

A Celesíria tinha como capital a cidade de Antioquia e abrangia grande parte da porção sul da Síria, incluindo o distrito situado a leste da cadeia do Anti-Líbano, na região de Damasco, além de uma porção da Palestina a leste do rio Jordão. Seu território incluía cidades como Emesa, Palmira e a própria Damasco.

Já a Síria Fenícia possuía um território consideravelmente mais extenso do que a Fenícia histórica, abrangendo a região costeira ao norte e a parte superior da Síria. Sua capital era a cidade de Tiro, localizada no atual Líbano, e seu território incluía cidades como Sídon, Biblos e Berytos.

Dentro dessa divisão, mais especificamente na “Celesíria”, estava localizada a cidade de onde surgiria o personagem principal deste trabalho, Emesa, terra natal não apenas de

<sup>97</sup> “[...] From the evidence available it would appear that the boundary between the two new Syrian provinces ran from the coast near the ports of Paltus and Balanea-Leucas, inland north of the headquarters of the legio III Gallica at Raphanea, and south of Arethusa on the Orontes. Palmyra lay in the province of Syria Phoenice, but further inland. Dura Europus on the right bank of the Euphrates was in Syria Coele. Adjustments were also made in the south between Syria Phoenice and Arabia. Arabia was extended northwards to include northern Batanaea, Auranitis and Trachonitis [...] Namara, a site in the steppe east of the Hauran, seems to have been in Arabia rather than Syria Phoenice”.

Heliogábalo, mas também das irmãs Júlia Domna e Júlia Mesa e do culto ao deus sol Elagabal, que abordaremos mais detalhadamente em tópico posterior.

As informações sobre a terra natal do nosso imperador oriental são, de certa forma, obscuras, devido à escassez de registros sobre sua origem. Contudo, segundo Kevin Butcher (2003, p. 91), o reino localizado na Síria Central, no curso superior do rio Orontes, representou uma força política considerável durante os últimos anos do domínio selêucida e nos primeiros anos da administração romana. Como outros reis aliados, os governantes de Emesa forneceram apoio militar aos exércitos romanos.

A origem do reino de Emesa remonta ao primeiro século a.C., período no qual há referências a uma comunidade liderada por um chefe e dotada de algum tipo de capital no vale superior do rio Orontes. Essa comunidade dominava uma pequena cidade grega chamada Aretusa, que alcançou a independência entre 31 e 30 a.C. Grande parte dos governantes de Emesa tinham nomes como Samsigeramus, Lamblichus ou Azizus. Apesar de suas identificações serem limitadas, ainda assim, sabe-se que um dos reis chamados Samsigeramus teve influência significativa na dinastia selêucida; dois de seus sucessores foram depostos e executados na época da Batalha do Ácio, e o último governante conhecido, Sohaemus, prestou assistência militar aos romanos durante uma revolta na Judeia e na anexação do reino de Comagena (Butcher, 2003, p. 92).

Fergus Millar (1993, p. 302) acrescenta que as evidências associadas a Emesa permitem interpretar a existência de um assentamento de uma comunidade árabe comandada por um chefe, cujos descendentes foram reconhecidos como reis por Roma e receberam cidadania romana. O autor também menciona a hipótese — ainda incerta — de uma possível ligação entre essa dinastia e a família de Júlia Domna.

Segundo estudiosos, a cidade de Emesa foi anexada ao Império na segunda metade do primeiro século. O historiador britânico Edmund Bouchier (1916, p. 89–90) atesta que, até o século II, persistia em Emesa a figura do rei-sacerdote, considerado uma via de comunicação direta e constante com a divindade. A região era especialmente conhecida pelo templo dedicado ao deus-sol Elagabal, representado por uma pedra negra sagrada, ornada com ouro, prata e joias, à qual era consagrado um importante festival religioso.

Emesa era uma cidade consideravelmente edificada e desempenhou um papel importante nas guerras do século III d.C. Sua população possuía tradição militar, sendo comum a inclusão de emesenos nas listas de legionários. Em determinados períodos, a cidade serviu como guarnição, abrigando tropas militares de forma permanente, atuando como uma



base estratégica. Não por acaso, ao final da dinastia dos Antoninos, as legiões sírias estavam posicionadas nas proximidades da fronteira de Emesa (Bouchier, 1916, p. 90–91). Durante o governo de Caracala (198–217 d.C.), Emesa recebeu o título de colônia (Bouchier, 1916, p. 90).

Nesse contexto de transformações e benefícios, emergiu no Império Romano uma família oriunda da Síria, responsável por estabelecer a primeira dinastia síria no poder em Roma. Esse processo teve início com o casamento de Júlia Domna com Septímio Severo e se prolongou com seus filhos, sua irmã Júlia Mesa, as filhas desta e seus netos. Essa linhagem estabeleceu um contato significativo entre os mundos oriental e ocidental. Segundo Bouchier (1916, p. 111), esse período foi marcado pelo papel de liderança exercido pela Síria no Império Romano, sendo essa dinastia responsável por familiarizar o Ocidente com aspectos do pensamento oriental.

Para dar continuidade a este capítulo, é fundamental discutir o que se entende por "Oriente" e "Ocidente" e examinar as relações entre esses conceitos. Mesmo nos dias atuais, não há consenso definitivo sobre o que define cada uma dessas regiões. Em vez disso, predominam tentativas de distinção baseadas em critérios geográficos, simbólicos e, por vezes, preconceituosos.

Quando falamos de um Ocidente, estamos nos referindo a uma região historicamente preocupada com a “concepção de organização política da sociedade” (Falcão, 2006, p. 3), perpassando pelas “pólis gregas, pela *res publica* romana, pelos reinos germânicos medievos e pelas repúblicas italianas renascentistas” (Falcão, 2006, p. 3). Além disso, esse legado abrange as monarquias iluministas e suas revoluções, o estabelecimento de repúblicas e impérios no século XIX e, posteriormente, o desenvolvimento dos conceitos de Estados-nação no século XX.

Em termos contemporâneos e simplificados, o mundo ocidental incluiria, sobretudo, a Europa. No entanto, nem mesmo esse continente, frequentemente considerado o marco global do Ocidente, se encaixa integralmente no conceito. É comum distinguir-se uma Europa Ocidental, em contraposição à porção mais oriental, tradicionalmente associada ao Oriente.

Ao aprofundarmos essa reflexão sobre o pertencimento ao Ocidente, observamos que os Estados Unidos representam um símbolo claro dessa identidade ocidental. Contudo, também encontramos associações inesperadas, como a do Japão, especialmente quando a

análise se baseia em critérios tecnológicos. No caso da América Latina<sup>98</sup>, apesar de estar localizada no hemisfério ocidental segundo o meridiano de Greenwich<sup>99</sup>, ainda busca alcançar o reconhecimento como parte integrante do mundo ocidental (Hall, 2016, p. 315).

O Ocidente é um conceito mais histórico do que geográfico, sendo constituído por uma sociedade caracterizada como “desenvolvida, industrializada, urbanizada, capitalista, secular e moderna” (Hall, 2016, p. 135). Assim, ultrapassa-se uma noção puramente europeia, considerando-se que a ideia de Ocidente engloba países tidos como “modernos”, independentemente de sua posição geográfica. Com isso, existem diferenças internas entre essas nações que destoam da visão homogênea que a própria ideia de Ocidente tenta transmitir (Hall, 2016, p. 315; 319).

Ao tratarmos do termo Oriente, lidamos com uma ideia de alteridade<sup>100</sup> em relação ao mundo ocidental. Trata-se de uma “construção intelectual continuada e longa” (Falcão, 2006, p. 4), que remonta ainda aos gregos da era clássica. Nesse contexto, formou-se uma identidade associada à simplicidade e à organização política baseada em decisões coletivas, em contraste com a imagem dos persas, considerados luxuriosos e submissos a um monarca despótico. Essa noção de alteridade helênica foi posteriormente incorporada pelos romanos, que também passaram a representar a cultura dos povos do Oriente como estranha e exótica (Falcão, 2006, p. 317; 318).

A concepção de Oriente passou, então, a abranger, com base em distinções históricas, econômicas e culturais, os povos do Oriente Médio, do Extremo Oriente<sup>101</sup>, da África e da América Latina. Tal como ocorre com a ideia de Ocidente, há uma tendência à homogeneização dessas sociedades, que, nesse caso, são descritas como opostas aos valores ocidentais. A formulação dessas noções de Oriente e Ocidente é guiada por uma lógica de alteridade que enfatiza a diferença, frequentemente de maneira simplista e reducionista (Falcão, 2006, p. 319).

---

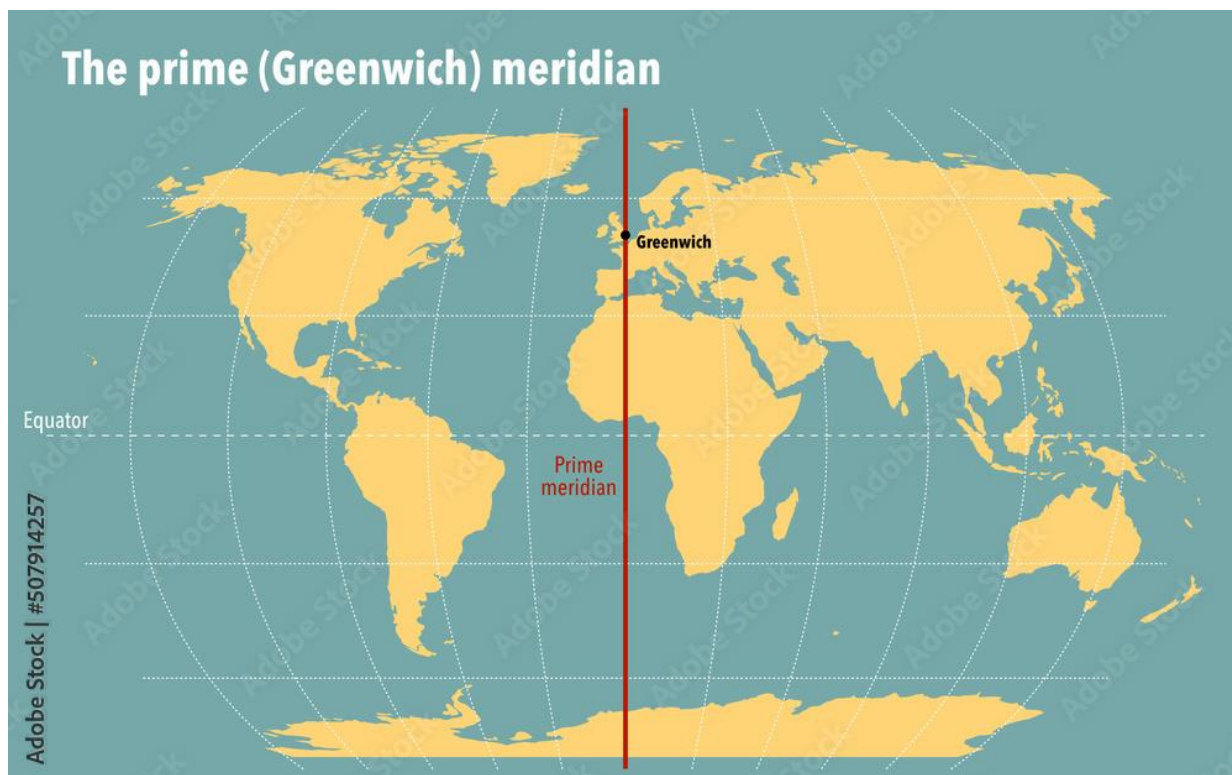
<sup>98</sup> De forma simplificada, é uma região do continente americano que engloba países com línguas derivadas do latim, ou seja, românicas, espanhol, português e francês, como Brasil, México, Argentina, Chile, Uruguai, Haiti, entre outros.

<sup>99</sup> Linha imaginária vertical que atravessa o Observatório Real de Greenwich, em Londres. Serve como referência para definir a longitude zero, dividir a Terra em hemisfério oriental e ocidental e como base para o cálculo dos fusos horários.

<sup>100</sup> Situação, estado ou qualidade que se constitui através de relações de contraste, distinção, diferença com o outro, possuindo tanto um sentido positivo de perceber as singularidades e subjetividades dos sujeitos quanto um sentido negativo de uma distância que diferencia o eu e o outro.

<sup>101</sup> Região localizada a leste do continente asiático composta por países como China, Japão, Coreia do Norte, Camboja, Indonésia, Tailândia, entre outros.





**Figura 8 - Mapa da divisão Ocidente e Oriente no mundo contemporâneo. Disponível em: <https://stock.adobe.com/br/images/modern-map-with-the-greenwich-prime-meridian/507914257>, s/d. Acesso em: 06/08/2025.**

Neste trabalho, interessa-nos especialmente a construção da ideia de Oriente e sua presença no contexto da Antiguidade, com ênfase na relação entre Roma e o Oriente, conforme será observada a partir da figura do imperador Heliogábalo.

A própria construção do Oriente como categoria analítica foi marcada por controvérsias, inclusive no campo da pesquisa acadêmica. Tal construção alimentou perspectivas eurocêntricas que buscavam justificar tanto o domínio ocidental sobre povos orientais quanto a suposta inferioridade cultural destes, tomando como base o desenvolvimento histórico-econômico das nações europeias. Uma das formulações mais influentes dessa visão foi o chamado orientalismo, conceito surgido entre os séculos XVIII e XIX, e que foi duramente criticado pelo professor de literatura e intelectual palestino-estadunidense Edward Said (1990).

Said afirma que a visão distorcida construída pelo Ocidente sobre o Oriente criou as bases para a definição do que viria a ser considerado o mundo ocidental. Isso se deu por meio do orientalismo, apresentado como um discurso científico voltado ao estudo das sociedades orientais, mas que, na prática, revelava concepções que reforçavam estereótipos de um Oriente exótico, bárbaro e culturalmente inferior.

[...] o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente), como sua imagem, idéia, personalidade e experiência de contraste. Contudo, nada desse Oriente é meramente imaginativo. O Oriente é parte integrante da civilização e da cultura *materiais* da Europa. O Oriente expressa e representa esse papel, cultural e até mesmo ideologicamente, como um modo de discurso com o apoio de instituições, vocabulário, erudição, imagística, doutrina e até burocracias e estilos coloniais. Em comparação, o entendimento americano do Oriente parecerá consideravelmente menos denso, embora as nossas recentes aventuras japonesa, coreana e indochinesa deveriam agora estar criando uma percepção “oriental” mais sóbria, mais realista. Mas ainda, o grande aumento da importância do papel econômico e político dos americanos no Oriente Próximo (o Oriente Médio) assume uma grande porção do nosso entendimento desse Oriente (Said, 1990, p. 13-14).

Para Said (1990, p. 17), o orientalismo negocia com o Oriente em suas descrições e opiniões, permitindo determinadas concepções sobre ele e, com isso, dominando-o e reestruturando-o. Ao compreendermos o orientalismo como um discurso, percebemos que ele está diretamente associado à construção do que se entende por Oriente, produzindo sua história, sua política e sua cultura. Os laços que conectam Oriente e Ocidente são profundos: “é uma relação de poder, de dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia”.

Não podemos incorrer no erro de supor que as concepções sobre o Oriente sejam inocentes ou fruto de uma mentalidade ultrapassada. Trata-se de um discurso mediado por esferas de poder, que cristaliza determinadas concepções e memórias com objetivos específicos. Entre esses objetivos, está a preocupação em apresentar as sociedades orientais como “o outro”, como diferentes daquilo que é tomado como padrão. Assim, a associação ao Oriente carrega um juízo de valor, baseado em parâmetros ocidentais, que o descreve como louco, pobre, delinquente e, ao mesmo tempo, o invisibiliza, fazendo dele apenas um contraste, um problema a ser superado (Said, 1990, p. 213).

A representação do Oriente parte de concepções ocidentais que projetam seus próprios ideais, contextos e formas de organização sobre uma região que possuía suas próprias referências, mas que eram ignoradas por serem consideradas sinais de inferioridade. Essa construção visa reafirmar a identidade e a superioridade do Ocidente: o Oriente é criado não por uma necessidade objetiva de divisão, mas por um processo de orientalização que o posiciona como oposto e inferior (Said, 1990, p. 16–17).

Ainda que não devamos ser ingênuos quanto às relações de poder presentes nessa dinâmica, é possível reconhecer que existiram momentos de contato, de troca e de conhecimento mútuo entre os dois contextos. Houve espaço para o envolvimento com os sujeitos, suas histórias e culturas. Contudo, quando essas interações são analisadas a partir da lógica do orientalismo, elas apenas reforçam a alteridade entre os mundos. A proposta deste segundo capítulo é justamente considerar essa construção do Oriente como diferente, no

contexto romano, mas também identificar que, mesmo em meio às representações deturpadas do mundo oriental, existiram vínculos e interações que revelam relações mais complexas do que uma simples desqualificação “ocidental” do Oriente.

Uma contribuição importante para refletirmos sobre esse contato entre Oriente e Ocidente é trazida pela História Global, representada, entre outros, pelo historiador alemão Sebastian Conrad (2019). Segundo o autor, a noção de História Global envolve o interesse em transformar a ordem institucional e a organização do conhecimento histórico. Propõe-se, assim, um afastamento das narrativas isoladas, centradas nos próprios países, para pensar outros passados como partes integrantes e conectadas da história (Conrad, 2019, p. 15).

A História Global não se limita a um único método de abordagem, não exigindo o estudo de tudo o que aconteceu ou todos os impactos do mundo sobre determinado tema ou sujeito. O foco principal está nas conexões e entrelaçamentos possíveis de serem percebidos historicamente, além da “intersecção entre os processos globais e as suas manifestações locais” (Conrad, 2019, p. 24).

Conrad propõe uma abordagem centrada na história das conexões, partindo da ideia de que nenhuma sociedade, nação ou civilização existe de forma isolada, mas sim em constante troca com outros grupos, sejam semelhantes ou diferentes. O global é constituído por mobilidade e entrelaçamentos (Conrad, 2019, p. 20).

Ao adotarmos essa noção como metodologia, podemos compreender de forma mais rica as relações entre Oriente e Ocidente. Ela nos permite observar as trocas e conexões estabelecidas, afastando-nos de uma visão centrada apenas em contradições. Além disso, essa abordagem contribui para uma história alinhada às dinâmicas globais, pois “a mobilidade de bens, as migrações e as deslocamentos de pessoas, a transferência de ideias e de instituições – todos estes processos constituem a substância que ajudou a formar o mundo globalizado em que hoje vivemos...” (Conrad, 2019, p. 84).

Nessa perspectiva, os historiadores Fábio Augusto Morales e Uiran Gebara da Silva (2020) discutem a possibilidade de aplicar uma abordagem global, comumente associada ao estudo do mundo contemporâneo, ao campo da Antiguidade. Os autores refletem inicialmente sobre a própria constituição da História Antiga como área de estudo, observando que sua consolidação, entre os séculos XIX e XX, esteve fortemente atrelada a uma perspectiva greco-romana, que privilegiava a civilização ocidental (Morales; Silva, 2020, p. 126). Em contraste, outras sociedades, especialmente orientais e africanas, tiveram sua importância diminuída e não foram alvos de estudos aprofundados ou conectados.

Esse cenário começou a apresentar mudanças significativas a partir de meados do século XX, com o colapso dos impérios europeus. Além disso, as lutas anticoloniais e os movimentos pelos direitos civis das mulheres e das populações afrodescendentes contribuíram para o surgimento de uma revisão crítica que passou a questionar muitos dos pressupostos até então tidos como verdades absolutas.

A chamada história universal, centrada na figura do homem branco, europeu e heterossexual como protagonista, teve sua narrativa de triunfo colocada em xeque. A partir da década de 1970, “as perspectivas pós-estruturalistas, culturalistas, pós-coloniais ou pós-modernas promoveram uma radical desconstrução dos paradigmas naturalizados daquela temporalidade linear eurocêntrica” (Morales; Silva, 2020, p. 128).

Com essas transformações, diversos autores influenciados pelos estudos culturais, pela virada linguística, pelos estudos literários e pela história cultural passaram a desconstruir pressupostos e objetos tradicionais da História Antiga. Realizaram-se análises mais rigorosas da linguagem e da estruturação das fontes, questionando o uso de determinados conceitos anacrônicos que nem sempre se adequavam à realidade da Antiguidade. Além disso, buscou-se a construção de alternativas que rompessem com os parâmetros espaciais tradicionais da disciplina, abrindo espaço para uma abordagem de escopo global.

Nesse contexto, Morales e Silva propõem cinco caminhos possíveis para discutir a História Antiga à luz dos debates da História Global. Entre eles, destacam-se as histórias conectadas, que “privilegiam objetos que articulam diferentes espaços, enfatizando a mobilidade de pessoas, ideias e artefatos” (2020, p. 134). Por meio do estudo dessas conectividades, é possível compreender as redes formadas por diferentes sociedades, as quais contribuíram para o surgimento de novas configurações históricas e fizeram parte de seus cotidianos.

A aplicação dessa abordagem à Antiguidade mostra-se não apenas possível, mas também eficaz, pois permite investigar sociedades que mantiveram interações e trocas relevantes. Considerando seus contextos específicos e os envolvimento estabelecidos, torna-se viável estudar e problematizar as conexões e redes históricas formadas ao longo do tempo.

## 2.2. *Oriente e Ocidente em contato*

Ao abordarmos o eixo *Oriental* do imperador Heliogábalo, estamos falando sobre sua identidade cultural, ou seja, suas práticas, costumes, vestimentas e forma de se portar, que

constituem a sua própria identidade enquanto *persona*<sup>102</sup> e seu pertencimento a uma determinada cultura. O caso do imperador se torna ainda mais interessante por estar imerso em duas culturas diferentes, a romana e a síria.

Segundo a lógica, a prioridade de Heliogábalo deveria ser Roma, contudo, segundo as documentações, ele deu destaque à sua terra natal e até mesmo rejeitou parte da cultura romana, o que desencadeou críticas a seu respeito e também estranhamento em relação aos seus costumes, sendo ele considerado “um oriental exótico em um império ocidental”.

Por estarmos abordando uma figura da Antiguidade, ao estudar o que em pesquisas mais atuais chamaríamos de etnia ou raça, é necessário que tomemos determinadas precauções para não recair em anacronismos, algo muito comum principalmente quando lidamos com fontes muito antigas.

A análise da origem síria de Heliogábalo, suas práticas e costumes tidos como orientais, bem como o próprio contato entre Oriente e Ocidente, perpassam uma dada representação narrada pelas três documentações aqui utilizadas, que influenciam a forma como percebemos esse vivenciamento de culturas por parte do imperador. É produzido um saber preocupado em responder determinados problemas, contudo até um determinado ponto. Será possível concluir que Heliogábalo queria tornar Roma uma nova Emesa? Ou seus planos eram menos ambiciosos e ele queria simplesmente vivenciar sua cultura independentemente de onde estivesse? São questões que se colocam ao estudar tanto a forma como ele se portava quanto a instalação do culto ao deus Elagabal em terras romanas.

Neste tópico, preocupamo-nos em abordar a forma como o novo Antonino vivenciou sua cultura e, para isso, entendemos que a maneira como se portava, se expressava, seus costumes e hábitos estão ligados à sua identidade cultural, que abarcava sua origem, seu amadurecimento e as escolhas que fez em sua trajetória enquanto imperador. Ao escolher trabalhar com essa noção de identidade cultural, consideramos ser essa a forma mais adequada para abordar o aspecto oriental de Heliogábalo, sem incorrer em anacronismos ou encaixá-lo em categorias que não lhe pertencem realmente.

Em relação a esse conceito de identidade, o sociólogo espanhol Manuel Castells (2018, p. 54) a entende enquanto o “processo de construção de significado com base em um

---

<sup>102</sup> Na Roma antiga, possuía três significados: papel ou personagem que o ator ligado ao teatro representava; aquele que possuía direitos e deveres legais, um sujeito jurídico; e por último o papel dos indivíduos individualmente na vida, em relação a sua posição social, moral e racional. Aqui nos referimos que a identidade cultural de Heliogábalo era responsável por constituir seu eu jurídico, ao mesmo tempo seu caráter e inclinações que compunham sua posição social, moral e racional e ao longo do trabalho o uso estará relacionado ao segundo significado.

atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado”. A partir da construção desses significados, a identidade é formada e o sujeito é individualizado. A influência da cultura nesse processo é primordial na forma como essa identidade irá compreender os significados que a cercam e constituir sua própria essência.

Essa identidade organizaria os significados, partindo de uma construção do sujeito; logo, a influência da cultura nesse processo é fundamental para que essa identidade compreenda os significados que a rodeiam e constitua sua própria essência.

Contribuindo para essa discussão, temos a figura do sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2006, p. 12-13), que afirma que a identidade é definida historicamente e não é estável, estando sujeita a variações e até mesmo contradições. Essas transformações e suas próprias formações estão diretamente relacionadas aos sistemas culturais que nos envolvem. A construção dessas identidades ocorre dentro do discurso, estando localizadas em contextos históricos específicos, “no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (Hall, 2014, p. 109-110), emergindo de um interior de jogos de poder que demarcam a diferença e exclusão.

É importante observar que, ao abordar o aspecto da identidade cultural em Heliogábalo, não nos referimos apenas à sua origem síria, mas também à cultura romana, que esteve envolvida e que o definia enquanto diferente. Logo, sua identidade entrará em conflito com aquela que é dominante, ocorrendo assim contradições em um mesmo contexto sobre até que ponto identidades divergentes seriam aceitas.

As narrativas em relação aos aspectos da identidade cultural de Heliogábalo podem ser melhor encontradas em Herodiano e Dião Cássio. Herodiano registra que, na parada do novo Antonino na cidade de Nicomedia, antes de adentrar Roma, este teria realizado danças rituais frenéticas em culto a Elagabal (V 5, 3, p. 255). Além disso, descreve no mesmo trecho o uso das vestes e adornos de Heliogábalo.

Vestia-se com as vestes mais caras, tecidas em púrpura e ouro, e adornava-se com colares e pulseiras; na cabeça, usava uma coroa em forma de tiara, coberta de ouro e pedras preciosas. Seu traje situava-se entre as vestes dos sacerdotes fenícios e as luxuosas vestimentas dos medos. Detestava as vestimentas romanas e gregas porque, segundo dizia, eram feitas de lã, uma matéria-prima de baixa qualidade. Só gostava de tecidos de seda. Aparecia em público ao som de flautas e tambores, sem dúvida em homenagem ao seu deus<sup>103</sup> (V 5, 3-4, p. 255).

---

<sup>103</sup> “Se vestía con los más costosos modelos tejidos en púrpura y oro y se adornaba con collares y brazaletes; en su cabeza llevaba una corona en forma de tiara cubierta de oro y piedras preciosas. Su atuendo estaba entre las vestiduras de los sacerdotes fenicios y la lujosa indumentaria de los medos. Detestaba los vestidos romanos y

Desse trecho acima, primeiramente podemos notar que, para além da realização de danças frenéticas, o imperador também fazia aparições ao som de flautas e tambores. Ambos os casos são associados ao seu aspecto religioso, mas ao mesmo tempo constroem a imagem de um imperador exótico ligado à arte ou performances, característica que já havia sido criticada em imperadores anteriores e que, como demonstramos no primeiro capítulo, era algo malvisto em determinados casos pelos romanos.

Dião Cássio registra algo semelhante ao colocar que ele costumava dançar em diferentes situações, não somente em momentos religiosos, mas também enquanto caminhava, recebia saudações e até mesmo ao discursar (LXXX 14, 3-4, p. 465). Nesse trecho, o autor insere um sentido de efeminação para essa prática, mas ao mesmo tempo percebemos uma contribuição para o seu estereótipo enquanto exótico e artístico.

Corrêa (2019, p. 76) nota uma similaridade entre os estereótipos no imaginário da aristocracia senatorial da região ocidental do Império Romano em relação aos sírios, como a de serem “dançarinos, atores e músicos decadentes – com as preocupações que, durante a República, os senadores tinham com as apresentações dos mímicos e dançarinos no teatro romano”, dado considerarem performances imorais e com um teor político perigoso em relação à ordem pública. Sendo assim, o autor percebe uma associação que os aristocratas romanos tinham em relação à figura dos sírios como perturbadores da ordem, mais especificamente do *mos maiorum*.

Além disso, Corrêa (2019, p. 76-77) chama atenção para a concepção diferente da relação entre política e arte teatral para os romanos e sírios, enquanto para os primeiros era algo inaceitável dentro dos princípios do *mos maiorum*, os segundos não condenavam essa intersecção, apresentando uma visão política divergente dos aristocratas tradicionais de Roma.

Percebemos novamente um choque entre as identidades culturais das duas regiões que recaia na própria visão política de ambas. Podemos refletir que, ao manter essas práticas, Heliogábalo estava simplesmente revelando uma parte de sua identidade cultural que lhe era natural, mas que, ao ser interpretada no contexto de Roma, seria uma anormalidade que outras pessoas veriam com maus olhos. Além dessa possibilidade, não devemos nos esquecer que a visão de Dião Cássio e Herodiano partem da aristocracia romana e, portanto, carregam essa carga de *mos maiorum* que contrastava com o imperador.

---

griegos porque, decía, estaban hechos de lana, una pobre materia prima. Sólo le gustaban los tejidos de seda. Aparecía en público al son de flautas y tambores, sin duda en honor de su dios”.

Garcia (2019, p. 215) também traz uma interessante perspectiva de Heliogábalo enquanto um artista, considerando que suas práticas de dança teriam a ver com uma forma de se expressar artisticamente, diretamente relacionada à sua origem síria. Para o autor, era simplesmente uma ação natural para este e que, inclusive, contribuiu para que ascendesse determinados grupos ligados à arte ao poder, como vimos no primeiro capítulo.

Consideramos uma perspectiva possível imaginar que a identidade cultural do imperador estava relacionada à sua autovisão enquanto um agente performativo, o que justificaria em muito sua expressão dançante nas mais diferentes situações. Contudo, discordamos de Garcia quando, ao completar seu raciocínio e em outros momentos, desconsidera um aspecto afeminado de Heliogábalo em prol de pensar que era apenas uma performance de artista ou fruto de exagero das fontes. Acreditamos na existência da efeminação como uma possibilidade histórica. Contudo, melhor discutiremos esse aspecto no terceiro capítulo.

Voltando ao trecho da página 255 em Herodiano, o escritor antigo também chama atenção para os tipos de vestes que o novo Antonino utilizava, além de informar sobre indumentárias utilizadas como colares, braceletes e uma coroa coberta de ouro e pedras preciosas. Dião Cássio também contribui para essa narrativa. De forma mais breve, ele informa que o imperador frequentemente surgia em público com o mesmo traje bárbaro dos sacerdotes sírios, ganhando assim o apelido de “O Assírio” (LXXX 11, 2, p. 457).

Em ambos os trechos acima existem diferentes aspectos que podemos analisar. Inicialmente, nos atentemos às vestes que ambos os autores informam que Heliogábalo utilizava, e para isto recorramos à pesquisadora em Estudos Clássicos e Museologia estadunidense, Maribeth Osowski (2016). Segundo a autora, quando os romanos descreviam as roupas típicas do Oriente Próximo, destacavam o caráter exótico e efeminado destas. Sua decoração elaborada, tinturas e tecidos caros e prática de ostentação eram vistas com estranheza e um olhar de contraste de “gênero”. Enquanto a sociedade romana era virtuosa e viril, a oriental era feminina e pomposa, com homens que usavam vestes e adereços ligados às mulheres (2016, p. 5).

Existe uma relação indissociável entre uma aproximação de identidade cultural e representação de virilidade, que no caso era vista como defeituosa nos povos do Oriente Próximo, criando assim uma relação de alteridade que contrastava Ocidente e Oriente, sendo o primeiro a representação de uma identidade “correta”, “natural”, “masculinizada”.



Osowski (2016, p. 31-32) afirma que, na Roma antiga, as roupas funcionavam como transmissoras de status e identidades para o público externo, sendo assim, também estavam sob a regulação do *mos maiorum*, pois faziam parte de uma hierarquização que implicava comportamentos aceitáveis. Segundo a autora, essa importância era atribuída principalmente às classes mais altas, logo, também tinha relações com o status dos sujeitos.

A descrição das vestes de Heliogábalo por Herodiano remete diretamente à discussão sobre roupas orientais que Osowski (2016) propõe. Para além da perspectiva de gênero, também eram vistas como complexas, caras, informais e inadequadas (2016, p. 43). Segundo a autora, a explicação para os seus altos custos estava relacionada ao comércio de tecidos, como a importação de linho egípcio, do “tecido atálico” produzido em Pérgamo<sup>104</sup> e ao aumento na importação de seda do Oriente Próximo e da China.

Os tecidos orientais eram vistos com desconfiança, e isso aparentemente recaiu sobre o imperador, que mostrou preferência por vestes com tecidos caros orientais, mais especificamente a seda. Além disso, é colocada a cor roxa como escolha para suas vestes e, segundo Osowski, a Síria era famosa pela produção de um corante roxo, conhecido como “veneno sírio”. Acreditamos que, dependendo da tonalidade de sua roupa, isso pode também ter contribuído para essa visão negativa, pois os romanos não viam com bons olhos roupas coloridas.

Contribuindo para a discussão, Herodiano afirma que o imperador se adornava com colares e pulseiras, além de uma coroa incrustada de pedras preciosas e ouro. Segundo Osowski, o uso de joias era associado ao feminino e, ao mesmo tempo, criticado pelo seu alto custo e por não possuir outro propósito além de realçar a beleza. A utilização de joias e acessórios era considerada “como uma frivolidade ‘não romana’ que era mais adequada aos bárbaros”<sup>105</sup> (Osowski, 2016, p. 31). Aqui percebemos outra marca de alteridade. O uso desses adornos era uma marcação dos considerados “bárbaros” em meio a um ato de vaidade extrema, em contraponto à sobriedade da persona romana, que não recorria a atos luxuosos e sem sentido.

Por meio da alteridade é manifestada a diferença entre os seres, mais especificamente entre o outro. Segundo Lévinas (1997, p. 240), “Cada um é outro para cada um. Cada um exclui todos os outros, e existe à parte, e existe por sua parte”, a humanidade do indivíduo

<sup>104</sup> Cidade grega antiga, rica e poderosa, localizada na atual Turquia.

<sup>105</sup> “as an ‘un-roman’ frivolity which was better suited to barbarians”.

está envolta em uma positividade da vida, no desejo de viver na liberdade do seu eu, mas também na negatividade da liberdade daqueles que limitam a sua.

O último ponto a ser destacado na citação de Herodiano é o aparente desgosto do novo Antonino pelas vestes romanas, o que entrava em choque diretamente com a identidade cultural dos romanos, pois representava quem eles eram, e alguém na posição de imperador, com toda certeza, possuía uma obrigação ainda maior de respeitar tal ordem social.

Osowski (2016) apresenta, como uma das principais roupas do contexto romano, a toga, símbolo de que seu portador era um cidadão romano. As variações das togas denotavam ainda as categorias sociais às quais o cidadão pertencia, tendo-se a simples e cotidiana (*toga pura*), as com riscos verticais roxos (*toga clavii*), que atribuíam a posição senatorial, as de cor totalmente púrpura (*toga purpurea*), reservadas aos imperadores, entre outras (2016, p. 34).

Para além de representar a “masculinidade” da *persona*, a toga exibia seu status de cidadania, seu orgulho em ser romano. Isso, combinado com o significado das vestes para os descendentes de Rômulo, demonstra que Heliogábalo entrou em um território muito perigoso para si, pois, ao preferir as roupas orientais, ele não estava apenas manifestando seu gosto, mas estava transmitindo, de certa forma, uma recusa aos ideais romanos. Ou ao menos é dessa forma que é representado nas documentações. Era uma rejeição à cidadania romana. Logo, se não compartilhava dos ideais romanos, o imperador então era um “bárbaro”, tal qual comparado por Dião Cássio ao falar sobre suas vestes.

Esse conceito de “bárbaro”, para os romanos, diferentemente dos gregos, que consideravam bárbaros todos aqueles que não eram nascidos em sua região, estava relacionado àqueles que não compartilhavam da cultura greco-romana, abrindo assim uma margem maior de aceitabilidade. Contudo, aparentemente, isso não foi o bastante para incluir Heliogábalo, pois este preferia sua identidade oriental e falhava em representar a chamada *humanitas*.

A *humanitas* seria um conceito romano com diferentes significados, uma adaptação para o latim de dois termos gregos: *paideia* e *philantropia*. O primeiro era referente ao conhecimento e à educação do indivíduo, que contribuíam para a reflexão, o seu autodesenvolvimento e o crescimento da comunidade. Já o segundo fazia referência à bondade do ser para com os outros, sem arrogância ou maldade. A *humanitas* seria justamente a união de ambos, com algumas complementações: seria o oposto do bárbaro, o ser culto, civilizado, bondoso e controlado. Era a distinção de uma elite como esclarecida e apta a governar, mas também um conjunto de ideais que todos os homens deveriam buscar.

[...] *Humanitas*, em sua forma mais elevada, era representada por uma série de realizações e qualidades intelectuais e morais que, no contexto ocidental, eram propriedade exclusiva de uma pequena elite de cidadãos romanos. No entanto, *humanitas* também era a quintessência humana, a realização do potencial do *genus humanum*. A barbárie, em sua forma mais ínfima, era a ausência dessas qualidades e, como resultado, os bárbaros eram humanos imperfeitos, a meio caminho de bestas. As qualidades morais atribuídas a eles, tanto em comentários casuais quanto nas etnografias, eram bestiais. Os bárbaros eram ferozes, selvagens como bestas<sup>106</sup> (Wolf, 1998, p. 59-60).

Ao encaixar o imperador como bárbaro, Dião Cássio o colocava em oposição à *humanitas*, o que parece ter sido corroborado pelas próprias ações do imperador ao recusar um dos elementos que definia a própria identidade romana. Acreditamos que, aqui, novamente, o imperador estava falhando em atender ao *mos maiorum* e, por isso, também foi um contribuidor para seu desagrado no contexto romano e sua própria derrocada enquanto governante. No entanto, devemos ter sempre em mente que os escritores antigos construíram uma determinada representação em relação a Heliogábalo, a partir de interesses específicos, que podem não estar relacionados exclusivamente à sua identidade cultural, mas sim à ascensão oriental na política romana.

No capítulo anterior, discutimos a nomeação de determinados indivíduos para cargos importantes da política romana durante o governo de Heliogábalo, que também adentraram sua corte imperial. Uma discussão semelhante à do primeiro capítulo, sobre a diferença de percepção do imperador ao nomear artistas e outros homens de baixa estirpe social, em relação à forma como os romanos os viam, foi inserida neste capítulo, relacionando sua identidade cultural a uma visão divergente sobre a arte/performance. Para além disso, gostaríamos de destacar que, durante a dinastia dos Severos, ocorreu uma considerável ascensão de orientais na política, o que inclusive pode ter contribuído para as escolhas do imperador e para sua própria ascensão. O Oriente de forma alguma estava isolado; sua circulação e contribuição para esse mundo ocidental antigo marcaram sua história.

Segundo Bouchier (1916, p. 15; 15-16), as províncias orientais apresentaram tanto uma resistência passiva ao processo de romanização quanto também usufruíram da *pax romana*, contribuindo, por exemplo, em determinados conflitos do Império contra revoltas de suas províncias e também apresentando determinadas trocas culturais. Os sírios, em seus momentos de lazer, frequentavam corridas de bigas, competições musicais, apresentações

---

<sup>106</sup> “[...] *Humanitas* in its highest form was represented by a series of intellectual and moral accomplishments and qualities that, in a Western context, were the exclusive property of a narrow elite of Roman citizens. Yet *humanitas* was also quintessential human, the fulfillment of the potential of the *genus humanum*. Barbarism in its lowest form was the absence of these qualities, and as a result barbarians were imperfect humans, part way to beasts. The moral qualities attributed to them, both in casual comments and in the ethnographies, were bestial. Barbarians were feroces, wild like beasts”.

teatrais, luta livre, teatros e circos, sendo que aqueles que se destacavam nessas atividades se empregavam nas províncias europeias.

Havia um número grande de festivais públicos nas principais cidades sírias, dos quais participavam atletas profissionais itinerantes, como é o caso de um corredor e boxeador chamado Aurelius Septimius, que acumulou um grande número de prêmios e recompensas em dinheiro, tanto na Síria quanto em outras regiões. Para além dos esportes, grupos de mímicos, mágicos, tocadores de flauta, harpistas, artistas de gaitas e castanholas, entre outros, estiveram presentes em diferentes partes do Ocidente, inclusive em Roma (Bouchier, 1916, p. 15-17)

Durante o século de 30 a.C. a 70 d.C., do qual agora apresentamos uma breve crônica, a Síria recuperou-se de maneira notável da depressão em que havia sido lançada por guerras civis e estrangeiras. O período foi, em geral, de paz, governadores experientes foram nomeados e o comércio, tanto com os produtos do Extremo Oriente quanto com os da Síria, foi grandemente estimulado. Colônias foram plantadas, reinos clientes absorvidos, o Estado separatista judeu desmembrado, e a posição da Síria, talvez como a principal província do império, recebeu atestado inequívoco do triunfo de Vespasiano e suas legiões orientais sobre Vitélio e os germanos. Uma geração depois, sentiu-se que havia chegado o momento da expansão e consolidação desse grande domínio. O comércio com o Extremo Oriente havia assumido vastas dimensões e exigido salvaguardas adicionais, enquanto a pacificação da Europa Central e a tranquilidade interna prevalecente em Roma tornavam uma política de avanço no Oriente novamente praticável. Assim, durante o reinado de Trajano, a Síria romana atingiu sua maior extensão e prosperidade...<sup>107</sup> (Bouchier, 1916, p. 39-40).

No trecho acima, para além do aspecto histórico de crescimento da província, percebemos que a cidade encontrou um equilíbrio que proporcionou seu desenvolvimento e seu comércio com outras regiões. Diferentes características contribuíram para um cenário de trocas culturais com distintos locais, como a própria Roma.

Na era Antonina, o autor registra o desenvolvimento de estradas, monumentos públicos, literatura, arte e a influência de religiões asiáticas no restante do império (Bouchier, 1916, p. 53). Durante a dinastia dos Severos, essa participação e influência oriental, iniciada nos reinados anteriores dos Antoninos em Roma, parece ter alcançado seu ápice, o que se reflete na própria composição da dinastia e em algumas de suas decisões.

---

<sup>107</sup> “During the century from 30 B.C. to A.D. 70, of which a brief chronicle has now been given, Syria had recovered itself in a remarkable manner from the depression into which it had been thrown by foreign and civil wars. The period was, on the whole, one of peace, experienced governors were appointed, and trade, both in the products of the Far East and in those of Syria, greatly stimulated. Colonies had been planted, client kingdoms absorbed, the separatist Jewish state broken up, and the position of Syria as perhaps the chief province of the empire received unmistakable attestation from the triumph of Vespasian and his Eastern legions over Vitellius and the Germans. A generation later the time was felt to have come for the enlargement and consolidation of this great domain. The trade with the Far East had assumed vast dimensions and required further safeguards, while the pacification of central Europe and the internal tranquillity prevailing at Rome made, a forward policy in the East again practicable. Thus, in the reign of Trajan, Roman Syria attained its greatest extent and prosperity...”

Júlia Domna, esposa de Septímio Severo (193–211 d.C.), ficou conhecida por seu apreço à literatura e à ciência, além de administrar um salão frequentado por membros sírios e outros asiáticos ligados à intelectualidade. Bouchier (1916, p. 96) identifica alguns desses participantes, como Ulpiano<sup>108</sup>, o jurista; Galeno<sup>109</sup> o médico; Diógenes Laércio<sup>110</sup>, o historiador da filosofia; Filóstrato<sup>111</sup>, o sofista e o cientista ítalo-grego<sup>112</sup> Aeliano. Segundo o autor, esse círculo provavelmente contribuiu para familiarizar a sociedade romana com os pensamentos asiáticos.

Além de Júlia Domna, destaca-se sua irmã Júlia Mesa, que conviveu nas cortes de seu cunhado e de seu sobrinho, bem como arquitetou o golpe de Estado que levou seu neto ao poder. Seu esposo, Júlio Avito, oficial equestre de origem emesena, serviu como tribuno e prefeito no exército romano. As filhas do casal, Júlia Soêmia e Júlia Mamea — ambas mães de imperadores romanos — também se destacaram na sociedade romana por sua atuação durante os reinados de seus filhos, tendo igualmente se casado com homens sírios: a primeira, supostamente, com Vário Marcelo, já comentado; e a segunda com Gêssio Marciano, oficial equestre romano de origem síria. Por fim, temos os imperadores primos Heliogábalo e Alexandre Severo, ambos sírios, sendo este último nascido na cidade de Arca Cesariana, na Fenícia.

Todos os personagens citados no parágrafo acima são exemplos individuais que ascenderam socialmente em Roma, mesmo em meio à visão estereotipada e negativa em relação aos povos orientais. Esses sujeitos conseguiram conquistar espaço e participaram ativamente da constituição da história romana, influenciando diferentes âmbitos a partir de suas posições e visões de mundo, que carregavam suas culturas e suas identidades.

Além desses exemplos específicos, há também apontamentos mais generalizados, como os apresentados por Corrêa (2019, p. 77), que destaca, durante o governo de Septímio Severo, uma crescente ascensão de orientais em posições de influência no Império, o que contribuiu para que Severo formasse alianças estratégicas com esses grupos.

A construção da corte imperial de Heliogábalo não foi aleatória, mas incluía uma perspectiva de aproximação com personas orientais. Os grupos de artistas escolhidos, as figuras de Eutiquiano, Ganys e Comazon, sua mãe e sua avó, bem como os próprios soldados

---

<sup>108</sup> Nascido na cidade de Tiro, no Líbano.

<sup>109</sup> Nascido em Pérgamo, na Turquia.

<sup>110</sup> Não se tem certeza sobre sua origem, mas é atribuída na região da Ásia Menor.

<sup>111</sup> Nascido na ilha de Lemnos, na Grécia.

<sup>112</sup> Cidadania italiana e grega.

oriundos de legiões orientais, representariam laços com indivíduos próximos de sua identidade cultural, moldando a corte heliogabalina a partir de uma perspectiva oriental.

Segundo Corrêa (2019, p. 111-112), Heliogábalo era um “representante das facções aristocráticas orientais e controlava diretamente seus clientes, libertos e artistas que havia promovido a cargos administrativos”. Essas facções estavam alinhadas à sua família, e o imperador atendia às suas vontades, o que, em nossa opinião, explicaria inclusive o tempo razoável que conseguiu se manter no poder, mesmo em meio às críticas que o colocam como um tirano. Essa visão, que conecta a identidade cultural do imperador às suas próprias escolhas políticas, contrastaria com sua representação enquanto um governante imaturo e influenciável.

Além do exposto, Corrêa (2019, p. 75), conforme ressaltado no primeiro capítulo, defende a existência de visões discordantes entre as facções aristocráticas, influenciadas por suas origens. Assim, os políticos romanos pertencentes às facções mais tradicionais não viam com bons olhos a ascensão do lado oriental, devido ao receio de perderem seu lugar. A esse receio somavam-se as concepções negativas que os romanos possuíam em relação ao Oriente, acrescidas da ideia de uma *humanitas* que inferiorizava os orientais. Dessa forma, formavam-se rivalidades que são perceptíveis inclusive na literatura romana.

As documentações que abordam Heliogábalo provêm de uma aristocracia preocupada com o *mos maiorum*. Com isso, cada facção aristocrática empenhava-se em criar diferentes “representações da realidade que legitimassem os seus interesses de grupo. Essas diferentes representações tornavam complexas as classificações das práticas culturais lícitas e ilícitas, através das regiões do Império Romano” (Corrêa, 2019, p. 75).

Conforme essa ideia, percebemos que o Império Romano também estava envolto em uma luta de representações preocupada em destacar seus próprios ideais. Partindo da concepção de Chartier (1991, p. 183), de que essas lutas envolvem um ordenamento e a “hierarquização da própria estrutura social”, podemos compreender que as fontes escritas que chegaram à nossa contemporaneidade — e que são aqui analisadas — são o produto de um olhar representativo que sobreviveu ao tempo e às disputas imperiais internas. Isso garantiu a consolidação de uma determinada construção de Heliogábalo, que persiste como a imagem que compõe a estrutura social romana.

Se pensarmos ainda no contexto de produção dessas fontes, percebemos que elas evocaram uma representação negativa voltada aos próprios leitores da época, reforçando a

figura desse “oriental tirano” no poder. Assim, contribuíram para um ordenamento simbólico que corroborava a visão romana em relação aos povos orientais.

Corroboramos com a ideia de Corrêa (2019) em relação à divisão de facções na aristocracia de Roma e acreditamos que isso motivou a forma como os escritores antigos escolheram representá-lo. No entanto, também percebemos a clara existência de uma relação entre esse Oriente e Ocidente antigos que, por mais que apresentassem contrariedades, ainda mantiveram trocas e conexões que marcaram a própria história de ambas as regiões.

A partir de uma visão da história global e conectada, a antropóloga e historiadora francesa Carmen Bernand (2016, p. 4) destaca que as conexões entre diferentes povos são observáveis desde a Antiguidade, por meio da produção de diferentes fontes escritas por autores antigos que narram contatos e trocas culturais, evidenciando o conhecimento dos povos sobre outros diferentes de si mesmos.

Por meio dessa abordagem global e conectada, nosso olhar sofre uma mudança não apenas de escala ou de temática, mas sobretudo de perspectiva. Passamos a compreender a inserção do que é estudado e lido em um contexto muito mais amplo. Com isso, alteram-se vícios da própria historiografia tradicional, que historicamente privilegiou uma narrativa ocidental e europeia, ignorando acontecimentos e interações em outras partes do mundo. Essa mudança permite pensar as pluralidades por meio de interações, trocas e na construção de redes de sociabilidade.

Trazer essa perspectiva para o contexto da Antiguidade representa um grande desafio, ainda mais ao tratarmos de uma cidade que simbolizou (e continua simbolizando) na memória histórica um dos ápices do Ocidente. Contudo, como exposto no início deste capítulo, o Império Romano estava imerso em um contexto de múltiplas influências externas, inclusive orientais. Logo, encontramos aqui um dos principais elementos da história conectada: a sociabilidade (Bernand, 2016, p. 11).

A partir dessa abordagem, compreendemos que existem redes de acontecimentos que conectam objetos, pessoas e lugares de maneira não apenas comparativa, mas relacional, inserida em contextos e épocas específicas. Há, portanto, elementos suficientes para entender que essa rede — tal como uma teia — é formada por cruzamentos que se fixam em determinados pontos e formam uma área interconectada. O que surge nesses cruzamentos reverbera na área geral, permitindo analisar o que está sobre essa teia: sua forma, resistência, bem como possíveis rachaduras ou remendos.

Dado esse conceito, não é de se estranhar a sua possibilidade de aplicação até mesmo em tempos muito recuados, pois não exige um determinado tamanho espacial para sua aplicação, nem a exclusão de indivíduos para tratar apenas das estruturas. Sua única preocupação está na análise dessas conexões estabelecidas, que são possíveis de serem observadas, afastando-se assim de uma visão limitada e muitas vezes excludente.

Nesse tópico expusemos as contribuições orientais no âmbito do jogo e da arte para os romanos e, ao mesmo tempo, as mudanças proporcionadas por Roma em relação à Síria, além da ascensão de grupos orientais a postos políticos importantes no Império e da participação da dinastia síria a partir do governo de Septímio Severo. Com tudo isso, notamos que ocorreram confluências e afluências entre esse Oriente e Ocidente, entre Síria e Roma, ou seja, movimentações de convergência, de encontro entre identidades divergentes, que mesmo assim proporcionaram uma troca de cultura. Talvez possamos até pensar na constituição de uma nova identidade, não fixa, mas sujeita a conflitos e fragilidades, e, ao mesmo tempo, capaz de permitir novos conhecimentos e oportunidades.

Heliogábalo é um caso à parte, pois, mesmo diante das críticas e de uma visão unilateral sobre si a partir somente do outro — ou seja, das nossas três fontes — aparentemente representou uma grande tentativa de conectar o mundo oriental e o mundo ocidental. Ao invés de adaptar sua identidade à *humanitas* e ao próprio *mos maiorum*, manteve-se firme em seus costumes e práticas, revelando talvez uma determinação em não abandonar sua identidade síria ou simplesmente um desejo de que os outros se adaptassem a si, pois sua cultura era intrínseca ao seu ser. A conexão entre esses dois mundos estava aos moldes heliogabalos e manifestava-se também na exibição de sua religião.

### 2.3. O deus-sol e o imperador sacerdote

Um dos maiores destaques nas fontes em relação ao imperador Vário Avito é, sem dúvida, seu aspecto religioso. As documentações registram sua intensa devoção ao deus Elagabal e a inserção do culto em Roma através dele, revelando o aspecto de um rei sacerdote que remontava aos princípios de Emesa.

Em relação às origens do culto ao chamado deus-sol, o historiador belga Gaston Halsberghe (1972) discute os registros encontrados tanto em documentos quanto na cultura material, buscando localizar suas menções para além da figura do imperador romano e revelando um fenômeno de sincretismo religioso ocorrido na Roma antiga, bem como a penetração de cultos estrangeiros que já ocorria desde a fundação da cidade, inclusive em



relação a deuses orientais. Como o próprio autor explica, sua pesquisa se limita à inserção do culto em Roma, não se aprofundando nas origens dentro da própria Síria.

Em relação a um culto dedicado a um deus-sol em Roma, Halsberghe afirma que provavelmente desde o período arcaico ou monárquico a cidade já deveria ter uma divindade relacionada ao sol, em especial à sua observação do ciclo solar (1972, p. 26). Na Península Itálica foram encontrados vestígios de uma representação antropomórfica de uma divindade solar e em Roma há indícios de um *Sol Indiges*<sup>113</sup> nos calendários por volta do século IV a.C. Além disso, foi encontrada a figura de um sol em uma carruagem puxada por quatro cavalos em um denário<sup>114</sup> de 135 a.C. (1972, p. 27).

Durante as últimas décadas da República, o culto ao sol tornou-se cada vez mais importante devido a um interesse crescente nas religiões mais esquecidas, ganhando destaque nas moedas romanas. Já no período imperial, Augusto (27 a.C. – 14 d.C.) enviou dois obeliscos<sup>115</sup> a Roma e os dedicou ao sol (Halsberghe, 1972, p. 29). A importância do culto a esse deus estava diretamente relacionada ao fato de que, durante os primeiros séculos da cidade, havia uma proeminência de fazendeiros que, para garantir a fertilidade dos campos, dependiam da luz solar (Halsberghe, 1972, p. 33).

Halsberghe aborda em seu livro diferentes cultos ao deus-sol, embora sua preocupação se centralize no contato desse culto com os romanos. Através dos termos *Sol Invictus* ou *Deus Invictus*, ele chama atenção para a existência de diferentes adorações no Oriente e na Síria, como é o caso de Emesa em relação a Elagabal. O autor deixa claro que, nesse momento inicial, esse deus-sol em Roma não possuía relações com o Oriente, mas era uma referência a uma antiga adoração dos romanos (Halsberghe, 1972, p. 29).

Os legionários, estacionados em grande número no Oriente romano, especialmente na Síria, foram um dos principais responsáveis por aumentar o número de devotos a Elagabal em Roma, inclusive com relatos de que alguns desses soldados saudavam o sol nascente da mesma forma que os sírios (Halsberghe, 1972, p. 36).

Os imperadores foram outro grupo contribuinte para esse contato religioso, por meio do envolvimento cada vez maior dessas *personae*<sup>116</sup> com a Síria e com o próprio Oriente. Através do culto a Elagabal, “viram nesta visão do deus-sol indestrutível e sempre vitorioso

<sup>113</sup> Os *Indiges* fazem referência a divindades da Roma primitiva que não teriam sido adaptadas de outros contextos.

<sup>114</sup> Pequena moeda de prata que era a de maior circulação no Império Romano.

<sup>115</sup> Monumentos comemorativos surgidos no Antigo Egito, eram constituídos por um pilar de pedra em forma quadrangular alongada e que em sua parte mais alta forma uma ponta piramidal.

<sup>116</sup> Plural para o conceito de *persona*.

um símbolo de seu poder”<sup>117</sup> (Halsberghe, 1972, p. 37). Com isso, o culto ao chamado *Sol Invictus* ou *Deus Invictus* passou a ocupar uma posição importante a partir do segundo século d.C.

O autor afirma que o primeiro contato de Roma com o culto sírio provavelmente ocorreu durante o governo de Adriano (117–138 d.C.), momento em que as relações com o Oriente se intensificaram. O próprio imperador buscava uma identificação mais próxima com o deus-sol, cuja representação apareceu em sua última série de moedas, sendo retratado em uma carruagem puxada por quatro cavalos (Halsberghe, 1972, p. 46).

Esse aumento da adoração ao *Sol Invictus* contou com a contribuição dessas tendências políticas acima apontadas, seguindo os próprios dogmas dos sacerdotes orientais em relação à astronomia. Estes consideravam o sol o coração do universo, um rei cercado por seus servos. Enquanto o primeiro concedia a vida, os outros regulavam o curso dos elementos celestes. A analogia imperial partia do entendimento dos imperadores como comitês do deus-sol e possuidores de uma descendência direta do mesmo, legitimando assim seu poder a partir de um culto público que atraiu a atenção dos romanos.

[...] A propaganda literária, a pregação e a difusão dos ensinamentos pelos sacerdotes orientais que haviam atraído a atenção dos romanos, a atividade dos propagadores desses sistemas filosóficos, mas sobretudo o apoio oportunista dos imperadores, garantiram a supremacia incontestável do culto ao *Sol Invictus*<sup>118</sup> (Halsberghe, 1972, p. 37).

Com o narrado acima, percebemos que essa adoração não apenas se expandiu, mas também se fixou como um elemento da própria cultura romana. O próprio culto ao *Sol Indiges* contribuiu para o sucesso dessas práticas religiosas, aliado a concepções científicas, políticas e filosóficas que resultavam na valorização do sol enquanto astro, fonte de energia e símbolo da ascendência dos imperadores.

Diferentemente das religiões das demais províncias, que acabaram sendo absorvidas ou substituídas pela religião oficial de Roma, os cultos orientais foram capazes de resistir e se expandir de forma destacada dentro do Império (Halsberghe, 1972, p. 38).

Esse contexto pode parecer confuso diante de tudo que já discutimos até aqui. Por que esse Oriente, mesmo sendo temido e rechaçado, continuava a despertar o interesse romano? Seria possível falar em uma espécie de conquista cultural sobre o Império que o dominou

<sup>117</sup> “saw in this vision of the indestructible and ever-victorious sun god a symbol of their power”.

<sup>118</sup> “The literary propaganda, the preaching, and the diffusion of the teachings by the Eastern priests who had attracted the attention of the Romans, the activity of the propagators of these philosophical systems, but above all the opportunistic support of the emperors, guaranteed the incontestible supremacy of the cult of *Sol Invictus*”.

politicamente? Percebemos, nesse ponto, que a relação entre Oriente e Ocidente, tal como debatido anteriormente, é mais complexa do que uma simples rivalidade entre “mocinhos e vilões”. Houve conexões, interações e influências mútuas entre essas regiões.

O sociólogo brasileiro Octavio Ianni (2003, p. 67–68) afirma que a história das relações entre o Ocidente e o Oriente tem sido uma parte fundamental da própria história do mundo moderno e contemporâneo, envolvendo tanto a ocidentalização do mundo quanto sua orientalização. Essas relações são marcadas por “contato, negociação, acomodação, tensão e conflito, ou interdependência” e provocam mudanças significativas no modo de ser de indivíduos, coletividades, nações e nacionalidades.

Para além do mundo moderno e contemporâneo, acreditamos que essa influência mútua entre Oriente e Ocidente é perceptível já na Antiguidade. Esses contatos envolveram tanto enfrentamentos quanto aprendizados, tanto perdas quanto trocas culturais. Por isso, é essencial compreendê-los para além de uma perspectiva puramente rivalizadora, enxergando-os como construtores de realidades, ideias e conhecimentos, ao mesmo tempo em que consideramos os impactos, desgastes e problemáticas gerados por esse contato milenar.

Mais adiante, Ianni (2003, p. 96) ressalta a transformação enquanto processo constante, que tanto o Oriente quanto o Ocidente vivenciam. Em meio a esse processo, constroem e reconstroem suas culturas e sociedades, evidenciando que não são civilizações encerradas em definições fixas ou imutáveis.

Dessa forma, a ideia de um Ocidente que conquistou e dominou o Oriente, impondo-lhe certos valores culturais, não é suficiente. Ainda que muitas vezes possuente de um teor crítico sobre o Oriente, Roma continuamente, ao longo de sua existência, mantinha relações e interações com essa região. Suas elites observaram características orientais, desejaram algumas delas e, em diferentes momentos, permitiram que indivíduos oriundos do Oriente adentrassem seu espaço e o influenciassem nos mais diversos aspectos. Ambos os mundos se influenciaram mutuamente e, nesse processo, se reinventaram.

Vistos assim, em perspectiva ampla, o Oriente e o Ocidente podem ser caracterizados não somente como duas civilizações, mas principalmente como dois processos civilizatórios distintos. Ainda que pareçam, não são duas civilizações definidas, prontas, acabadas, cristalizadas. Ao contrário, são civilizações em devir, em transformação. Cada uma desenvolve sua dinâmica interna, modificando-se e recriando-se ao longo da história e ao largo da geografia. Além disso, e provavelmente muito mais importante do que isso, desenvolve-se o intercâmbio resultante do contraponto entre as civilizações oriental e ocidental, sem esquecer o eslavismo, os africanismos e os indigenismos compondo processos civilizatórios transnacionais. De fato, é possível distinguir o cristianismo, o capitalismo, o liberalismo, o socialismo e outras expressões do ocidentalismo. Simultaneamente, é possível distinguir o hinduísmo, o budismo, o confucionismo, o taoísmo, o

xintoísmo, o islamismo e outras expressões do orientalismo. Mas também é verdade que o orientalismo e o ocidentalismo se encadeiam, influenciam-se, polarizam-se, acomodam-se e recriam-se continuamente... (Ianni, 2003, p. 75-76).

Quando pensamos, por exemplo, na influência religiosa oriental em Roma, Halsberghe (1972, p. 38) a atribui à exposição considerável dos legionários aos “usos e costumes, ideias e convicções religiosas”<sup>119</sup> dos povos orientais, proporcionada pelas próprias conquistas romanas. Essas campanhas não apenas anexavam cidades ao território imperial, mas também mantinham tropas estacionadas nesses espaços, o que colocava os soldados em contato direto com a cultura local.

Outro aspecto fundamental dessas interações foi o aumento do comércio com o Oriente, que proporcionava um intenso tráfego de produtos, ideias religiosas e dogmas orientais (Halsberghe, 1972, p. 38). Podemos imaginar o impacto dessas trocas considerando os modos de comunicação da Antiguidade, tão diferentes dos atuais. Era por meio do poder das palavras e dos encontros presenciais que novos conhecimentos eram transmitidos. A própria lógica da compra e venda impulsionava a busca por vendedores e produtos desconhecidos, aguçando a curiosidade e abrindo espaço para o contato com culturas diferentes.

Para além dos legionários, o autor chama atenção para a ampla movimentação dos sírios no Império. No segundo século, muitos deles serviram como domésticos em Roma e em outras regiões da Itália, atuaram no comércio em cidades do Império, chegaram como trabalhadores, escravizados ou colonos provenientes das províncias, foram recrutados para o exército romano, e ascenderam politicamente, como se vê na presença de orientais no Senado durante o governo de Septímio Severo (193–211) e ao longo da dinastia que leva seu nome. A principal característica em comum entre esses grupos era a forte fidelidade às suas religiões de origem. Mantinham suas crenças e ritos de adoração, revelando uma permanência de suas identidades culturais e uma conexão profunda com suas raízes nacionais por meio da veneração aos seus deuses, entre os quais se destacava o Sol Invictus Elagabal (Halsberghe, 1972, p. 39–40).

Outro ponto importante apontado por Halsberghe é a atuação dos sacerdotes orientais. Diferentemente dos religiosos romanos, que muitas vezes acumulavam funções políticas e administrativas e provinham de classes nobres, os sacerdotes sírios não eram funcionários públicos e tinham como única preocupação o serviço à sua divindade. Com isso, esforçavam-se para expandir o culto o máximo possível. Alcançavam maior sucesso justamente por sua

---

<sup>119</sup> “manners and customs, ideas and religious convictions”.

disponibilidade, persistência e abertura a diferentes públicos. Homens e mulheres libertos, por exemplo, podiam tornar-se sacerdotes, o que contrastava com as práticas religiosas romanas, onde a ocupação de cargos sacerdotais estava restrita à elite senatorial ou aos cidadãos com nascimento nobre (Halsberghe, 1972, p. 40).

O governo da dinastia dos Severos representou uma contribuição ainda maior para a disseminação dos cultos orientais. Já em 179 d.C., Septímio Severo, ainda enquanto comandante durante o reinado de Marco Aurélio (161–180 d.C.), teve contato com filósofos orientais seguidores de Elagabal, e posteriormente estreitou ainda mais seus vínculos com esse culto ao se casar com Júlia Domna, filha de Júlio Bassiano<sup>120</sup> que, em Emesa, era *sacerdos amplissimus Dei Solis Invicti Elagabali*<sup>121</sup>, ou seja, possuía relações diretas com esse deus sírio. Esse cenário favoreceu de maneira significativa a influência religiosa da aristocracia síria que passou a se estabelecer em Roma (Halsberghe, 1972, p. 41).

Durante o governo de Caracala, a cidade de Emesa recebeu o título honorário de colônia e o direito de *ius Italicum*<sup>122</sup>; Júlia Domna solicitou a um dos intelectuais de sua corte a escrita da biografia do filósofo-mago neopitagórico Apolônio de Tiana<sup>123</sup>, um devoto do deus-sol, embora Halsberghe não especifique se se trata especificamente de Elagabal; Domna e sua irmã, Júlia Mesa, atuaram como propagadoras do culto ao *Sol Invictus Elagabal* (Halsberghe, 1972, p. 41).

Com todos esses antecedentes, torna-se evidente que os romanos já haviam tido contato com o culto a Elagabal antes mesmo do governo de Vário Avito, seja na própria Síria, seja em outras regiões do Império. Halsberghe identifica menções e dedicatórias ao *Sol Invictus* que ele associa serem referentes ao próprio Elagabal enquanto deus-sol, por exemplo em Apulum, fortaleza legionária da província da Dácia, atual Alba Iulia na Romênia, na e na Lusitânia). Entre os exemplos estão Apulum, fortaleza legionária localizada na província da

---

<sup>120</sup> Pai de Júlia Domna e Júlia Mesa.

<sup>121</sup> “Sacerdote majestosíssimo do Deus Sol Invicto Elagabal”. Título oficial para descrever o papel religioso mais elevado no culto ao deus solar sírio, considerando-se assim o indivíduo enquanto o mais elevado dos sacerdotes.

<sup>122</sup> Traduzido por Direito Itálico, concedia vantagens jurídicas às cidades como se estivessem localizadas no solo italiano, logo sua importância era acentuada.

<sup>123</sup> Filósofo neopitagórico, matemático e cientista que teria nascido na cidade grega de Tiana, na Capadócia, região localizada na atual Turquia, no continente asiático. Sua figura se destacou pela sua filosofia e pelo misticismo que o envolvia com supostos milagres atribuídos a este.

Dácia (atual Alba Iulia, na Romênia), além de registros na Germânia<sup>124</sup> e na Lusitânia Hispânia<sup>125</sup>.

O autor observa ainda que, para além dos fatores políticos e sociais que contribuíram para a expansão desse culto, havia também um elemento característico das religiões orientais: seu apelo emocional, intelectual e místico, o que contrastava com a relativa simplicidade e o formalismo dos cultos tradicionais romanos (Halsberghe, 1972, p. 42–43).

Em relação à origem do deus-sol Elagabal, Halsberghe (1972, p. 62) afirma que provavelmente se trata de uma divindade originária do território de Canaã<sup>126</sup>, mantendo uma personificação ancestral enquanto princípio do masculino e do calor fértil, chamado de “Elagabal (Elegabal, Elaeiagabal, Heliogabal), El-Gabal, o deus Gabal”<sup>127</sup>.

Quanto à etimologia do nome, “Gabal” derivaria da palavra semítica *gabal*, algo como “maciço” ou “exaltado”. Esse termo originaria, por exemplo, a palavra árabe correspondente a “montanha”. Presume-se, assim, que em aramaico e siríaco, o termo *gebal* também estivesse relacionado a lugares altos. Isso leva Halsberghe (1972, p. 62) a sugerir que o deus Gabal pode ter sido, originalmente, um deus das alturas ou dos montes, com cultos realizados em regiões elevadas antes de sua associação à cidade de Emesa.

Além dessa etimologia, o autor apresenta as hipóteses de outros estudiosos, como F. Lenormant, que identifica o deus *Gabal* de Emesa com o antigo deus caldeu<sup>128</sup> do fogo chamado de *bil-gi*, pronunciado *gibil*, este já era adorado por povos pré-semíticos como os sumérios e os acádios e posteriormente se tornou conhecido por povos semitas<sup>129</sup>, seu significado era de Deus da Pedra Negra, “o deus do fogo cósmico, da chama do sacrifício ou do lar doméstico”<sup>130</sup> (Halsberghe, 1972, p. 63), logo poderia se supor uma identificação com o sol ao ser transportado para a Síria.

Já Fuller e Tiele consideram que El-Gabal significa “o deus formador” ou “criador”, advindo da raiz síria *gebal* significando “completo, definidor, limitador [...] e na forma siríaca

<sup>124</sup> Região da Europa ocupada pelo Império Romano, que se estendia do rio Reno até às florestas e estepes da atual Rússia e Ucrânia. Incluía os germânicos, celtas, bálticas e citas.

<sup>125</sup> Região que engloba toda a Península Ibérica (atuais Portugal, Espanha, Andorra, Gibraltar e uma pequena parte a sul da França).

<sup>126</sup> Território que abrange atualmente Israel, Palestina, Líbano e partes da Síria e Jordânia. Na Antiguidade era habitada por diversos povos de língua semítica e cidades-estado como Sidom, Tiro, Jericó.

<sup>127</sup> “Elagabal (Elegabal, Elaeiagabal, Heliogabal), i.e., El-Gabal: the god Gabal”.

<sup>128</sup> Povo semita que habitou a Mesopotâmia no primeiro milênio a.C. Eles formaram o Império Neobabilônico, que teve como capital a Babilônia.

<sup>129</sup> Grupo de povos que compartilham origens culturais (origem no Oriente Médio tendo habitado a Península Arábica e Mesopotâmia), linguísticas (fenício, hebraico, aramaico, árabe, etíope, entre outros) e religiosas (judaísmo, cristianismo e islamismo) em comum.

<sup>130</sup> “the god of cosmic fire, of the flame of the sacrifice, or of the domestic hearth”.

de criar”<sup>131</sup> (Halsberghe, 1972, p. 63). Essa explicação e a elencada anteriormente sobre as origens dessa divindade são consideradas prováveis por Halsberghe.

Uma descrição da divindade é apresentada em Herodiano, cujo qual, destaca a diferença da sua representação para com os deuses romanos que eram interpretados enquanto esculturas, mas já Elagabal possuía a forma de um meteorito negro, com incisões em sua superfície, tendo sido feito não pelos homens, mas sim por uma força divina que representava visualmente o próprio sol. Herodiano destaca ainda o templo magnífico que Elagabal possuía em Emesa, conhecido até mesmo pelos sátrapas e reis vizinhos que ofereciam oferendas ao deus. O escritor antigo insere o culto em um contexto de destaque e magnificência, mas ao mesmo tempo destaca seu exotismo em relação a religiosidade greco-romana.

[...] Este povo construiu para ele um templo magnífico, sem poupar ouro ou prata e prodigamente esbanjando pedras. Não apenas os habitantes locais o adoram, mas todos os sátrapas e reis bárbaros vizinhos enviam oferendas custosas ao deus todos os anos, ansiosos por se distinguirem. Não se vê nenhuma estátua representando o deus feita por mãos humanas, como as dos gregos e romanos. Há, no entanto, uma pedra enorme, redonda na base e pontiaguda no topo, cônica e de cor preta. Eles afirmam orgulhosamente que ela caiu do céu e exibem pequenas saliências e incisões em sua superfície; afirmam que é a imagem do Sol, na qual a mão do homem não interveio, e é assim que a veem<sup>132</sup> (Herodiano, V 3, 4–6, 249).

---

<sup>131</sup> “complete, define, limit [...] and in Syriac form of create”.

<sup>132</sup> “[...] Este pueblo le ha construido un grandioso templo, sin escatimar el oro y la plata y con derroche de piedras. No sólo le rinden culto los habitantes del lugar, sino que todos los sátrapas vecinos y los reyes bárbaros cada año envían costosas ofrendas al dios con afán de distinguirse. No se ve ninguna estatua que represente al dios hecha por la mano del hombre, como las de griegos y romanos. Hay, sin embargo, una enorme piedra, redonda por la base y terminada en punta por arriba, cónica y de color negro. Aseguran con orgullo que ha caído del cielo y muestran unos pequeños salientes e incisiones en su superficie; pretenden que es la imagen del Sol, en la que la mano del hombre no ha intervenido, y así es como la miran”.



**Figura 9 - Moeda do Imperador Heliogábalo (Marcus Aurelius Antoninus Augustus), ano 218-222 d.C. Anverso: busto laureado do imperador, com a inscrição IMP CAES M AVR ANTONINVS AVG. Reverso: quadriga transportando a divindade Elagabal, representado na forma da pedra sagrada de Emesa, com a inscrição SANCT DEO SOLI ELAGABAL. Disponível em: <https://www.wildwinds.com/coins/ric/elagabalus/i.html>. Acesso em: 06/08/2025.**

Seguindo a narrativa em torno de Heliogábalo, Herodiano informa que, após passar o inverno em Nicomédia e chegar a Roma, uma de suas primeiras ações foi ordenar a construção de um templo grandioso e belo para seu deus, onde ergueu muitos altares (Herodiano, V 5, 8, p. 256). O nome dessa construção era Elagabálio e, segundo Halsberghe (1972, p. 74), suas dimensões eram médias, mas sua ornamentação era notável, destacando-se pelos tapetes orientais e pedras preciosas de diferentes tipos e cores. O templo estava localizado no Palatino<sup>133</sup>, próximo ao palácio imperial, o que facilitava o exercício da função sacerdotal pelo imperador.

Outro templo também foi construído na cidade de Ad Spem Veterem<sup>134</sup>, no bairro próximo à Porta Praenestina<sup>135</sup>, provavelmente situado nos jardins imperiais. Nesse templo ocorriam as grandes festividades dedicadas a Elagabal, celebradas durante o verão (Halsberghe, 1972, p. 75).

<sup>133</sup> O Monte Palatino é uma das colinas centrais de Roma. Segundo a lenda de fundação da cidade, foi o local onde Rômulo, primeiro rei de Roma, fundou a cidade. Apresenta dois cumes distintos separados por uma elevação: o cume central, mais alto, era conhecido como Palácio e o outro, que fica perto da encosta de frente para o Fórum Boário e o Tibre, conhecido como Germalo. Dentre outros motivos se destaca por ter sido o lar dos palácios imperiais a partir de Augusto.

<sup>134</sup> Subúrbio ou bairro localizado no setor sudeste da cidade de Roma.

<sup>135</sup> Uma das saídas orientais da Muralha Aureliana, construída no século III d.C.



Todos os dias, no Elagabálio, o novo Antonino sacrificava uma grande quantidade de gado e ovelhas, colocando-os sobre altares junto a plantas aromáticas e ânforas com os melhores vinhos (Herodiano, V 5, 8, p. 256). Essa prática evidencia sua intensa dedicação religiosa, que, aliada às suas danças ao redor dos altares ao som de instrumentos variados e acompanhadas por mulheres fenícias com címbalos e tambores, reforça sua imagem como um imperador-sacerdote (Herodiano, V 5, 9, p. 257).

As entranhas dos sacrifícios e os aromas eram transportados em utensílios dourados por prefeitos pretorianos e altos funcionários, que deveriam se vestir à moda oriental, com sapatos de linho semelhantes aos sacerdotes dos oráculos fenícios e túnicas de mangas compridas com uma faixa roxa centralizada, tal qual o estilo fenício, enquanto todo o senado e a ordem equestre assistiam como em um teatro (Herodiano V 5, 9-10, p. 257).

A ordem para todos os romanos que realizavam sacrifícios públicos e para os magistrados romanos era de dar preferência a Elagabal frente a outros deuses invocados nos sacrifícios (Herodiano, V 5, 7, p. 255).

Com o exposto acima, percebemos novamente o elemento performance ligado às práticas do imperador. Constatamos que era mais do que um culto: era a liberação de sua identidade cultural direcionada a um público. O imperador estava demonstrando quem era e suas convicções. Acreditamos que a religião era um elemento tão forte para o novo Antonino que estava diretamente relacionada a forma como ele se entendia no mundo.

Se a documentação o representou como um fanático que desrespeitou a hierarquia religiosa romana, tal como inicialmente observamos ao ler a citação acima da página 255, também é possível entender que sua função sacerdotal não era uma obrigação, mas sim seu significado, tal qual defendido por Hall (2006, p. 41): “o significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença)”.

Esse “significado” discutido por Hall e que, em Heliogábalo, estava representado pela sua função sacerdotal, se relaciona diretamente com a formação de sua própria identidade, mas acabou sendo perturbado pelo contexto em que estava envolvido e que não via com bons olhos os “excessos de seu significado”. Um exemplo é sua própria avó, Júlia Mesa, que, segundo Herodiano, censurava suas roupas à moda oriental e inclusive tentava convencê-lo a preferir as vestes romanas (V 5, 5, p. 255).

Outra reflexão que podemos ter é a percepção de que, novamente, o imperador escolheu um rumo perigoso para sua trajetória ao fazer exhibições públicas de seu culto e

ordenar a preferência de Elagabal aos demais deuses em sacrifícios. Ocorreu uma demonstração de seu grande fervor, que recaía no desrespeito ao *mos maiorum* e também em sua associação direta com elementos orientais, que os romanos já viam com desconfiança. Acreditamos que o imperador estava contribuindo para sua própria derrocada posterior por não conseguir ou não querer alterar seu significado, e esse cenário somente iria se agravar com seus demais atos.

Herodiano (V 6, 3-5, p. 258-259) e Dião Cássio (LXXX 11, 12, p. 461) registraram um curioso ato do imperador em relação ao seu deus. Segundo os autores, este buscou, dentre as deusas instaladas em Roma, uma que se tornasse esposa de Elagabal. A escolhida foi Urânia, deusa venerada pelos cartagineses<sup>136</sup> e pelo povo da Líbia. Esta era conhecida entre os fenícios como a deusa da lua, o que pareceu de bom grado ao imperador, pois representava a união entre o sol e a lua. Então, mandou buscar a estátua da deusa junto com todo o ouro de seu templo para o Elagabálio e, após realizar a cerimônia, decretou o dever de toda Roma e da Itália em celebrar festas e banquetes em honra ao casamento.

Dião Cássio narra o mesmo acontecimento e acrescenta à narrativa um tom de desprezo ao ato, caracterizando-o como um “extremo absurdo” e afirmando que foram coletados presentes de casamento de todos os seus súditos, como era comum de se fazer em casamentos reais.

A *Vita Heliogabali* (III 4-5, p. 191) registra uma série de atitudes desrespeitosas em relação a figuras religiosas romanas. Segundo o escrito, foram transferidas para o Elagabálio a “imagem da Grande Mãe<sup>137</sup>, o fogo de Vesta<sup>138</sup>, o Paládio<sup>139</sup>, os escudos<sup>140</sup> e tudo que é venerado pelos romanos, de modo a que nenhum outro deus, além de Heliogábalo, fosse cultuado em Roma”. Além disso, o imperador desejava transferir também os elementos relacionados à religião dos judeus, dos samaritanos e bem como à “devoção cristã”. Heliogábalo desejava que os sacerdotes do deus-sol guardassem os mistérios de todos os cultos.

Também é relatado que ele roubava santuários romanos, buscando objetos sagrados para levar ao templo de seu deus. Toda sua motivação, segundo a fonte, era tornar Elagabal o

---

<sup>136</sup> Habitantes de Cartago, civilização da Antiguidade que se desenvolveu na Bacia do Mediterrâneo, localizada entre o norte da África e Sudoeste da Europa, existente entre o fim do século IX a.C. e meados do século II a.C.

<sup>137</sup> Cibele, a deusa de origem frígia (região da Ásia Menor, que hoje faz parte da Turquia).

<sup>138</sup> Fogo de caráter sagrado que se localizava no centro do Templo de Vesta, em homenagem à deusa romana que personifica o fogo sagrado, o lar e a lareira.

<sup>139</sup> Estátua de Atena / Minerva.

<sup>140</sup> *Ancilia* ou doze escudos sagrados de Marte, que eram considerados penhores do império.

deus mais importante e adorado por todos os lados: “ele afirmava que todos os deuses eram meros ministros do seu deus, chamando seus camareiros a alguns deles, servos a outros e servidores de diversos assuntos a outros ainda” (*Vita Heliogabali*, VII 4, p. 196).

Sobre os fatos narrados pela *Vita Heliogabali*, desconfiamos de sua autenticidade, já que esses acontecimentos são relatados somente nessa fonte. Contudo, a partir deles podemos extrair que a obra buscou relacionar o fanatismo do imperador a um total desrespeito à cultura romana, em prol de elevar o seu culto como o elemento mais importante, já que era o templo de Elagabal que continha todos os mistérios religiosos. Isso revelava a obsessão do novo Antonino em torná-lo o centro religioso de Roma e em relegar os outros deuses a uma hierarquia inferior, contribuindo, assim, para uma visão de alguém que não respeitava o próprio Império.

Outra reflexão que podemos ter é a de que, ao realizar sua reforma religiosa em Roma, o imperador se muniu dessa tática de absorção das outras religiões, não com o objetivo de exterminá-las em si, mas de conectá-las a Elagabal, logo, tornando-o a ponte para todas as demais religiões. De deus-sol, ele se tornava o deus dos deuses, a referência máxima a ser cultuada. Uma tática como essa faria total sentido para uma reforma religiosa voltada a adaptar uma divindade estrangeira em um território ocidental. Combinado ao próprio contato breve dos romanos com Elagabal, representaria tanto uma união definitiva desse Oriente, agora em posição dominante, com este Ocidente já orientalizado.

Apesar de não fazerem menções aos mesmos atos, Herodiano e Dião trazem informações de certa forma semelhantes. O primeiro, ao abordar a busca de uma esposa para Elagabal, afirma que o novo Antonino mandou buscar a deusa Urânia de seu templo para o Elagabálio e já havia feito o mesmo anteriormente com a deusa Palas<sup>141</sup>, pelo mesmo motivo, mas desistiu da ideia por causa de sua representação com armas e como aliada das guerras, substituindo-a por Urânia (V 6, 3-5, p. 258-259). Aqui notamos que o imperador fez a transferência de duas deusas de seus templos para atender a um certo capricho seu, o que, de certa forma, dialoga com o trecho anterior da *História Augusta*.

Dião Cássio acusa o imperador de colocar Elagabal em um patamar acima do deus Júpiter<sup>142</sup> e, inclusive, de fazê-lo sacerdote de sua própria divindade (LXXX 11, 1, p. 457). Tal ato pode ser entendido como o auge de sua afronta ao sistema romano, pois Júpiter

---

<sup>141</sup> Palas Atenas, deusa da sabedoria, da justiça, da civilização, da estratégia, da força, da habilidade e dos ofícios, associada na cultura romana com a deusa Minerva.

<sup>142</sup> Deus romano do céu, do trovão e do dia, e o rei dos deuses, logo estava no topo da hierarquia religiosa romana, sendo adorado desde tempos bem antigos e era associado ao deus grego Zeus.

representava o deus mais importante da hierarquia religiosa em Roma. Inclusive, estudiosos acreditam que esse foi o principal motivo de seu assassinato, o que também demonstraria o desprezo pela cultura romana e a tentativa de elevação de sua divindade a um posto bastante superior.

Além dessa acusação, Dião Cássio mostra repúdio às práticas religiosas do novo Antonino. Segundo o autor, ele ofendia Roma através de seus atos, como o de colocar Elagabal acima de Júpiter, mas, para além disso, ofendeu-se ao se circuncidar e abster-se de comer carne de porco, dois atos que aparentemente estavam relacionados a exigências sacerdotais, tendo outros sacerdotes do deus-sol também sido circuncidados, ou, como Dião Cássio se refere, “mutilados” (LXXX 11, 2, p. 457). Aqui, o escritor antigo deixa claro que sua posição contrária ao imperador não estava relacionada apenas à quebra do *mos maiorum*, mas à sua própria concepção da estranheza de suas práticas. Acreditamos estar, assim, diante de uma visão etnocentrista, assim como ao abordar a representação de sua identidade.

Segundo o filósofo brasileiro Paulo Meneses (1999, p. 19), o etnocentrismo é um preconceito produzido pelas sociedades e culturas, partindo da concepção de uma cultura certa e uma cultura errada, com parâmetros que se baseiam em seus próprios valores e crenças como ideais. Em meio a isso, tudo que representa o outro é rejeitado e considerado “aberrações”; desde coisas mais cotidianas até elementos mais particulares, que são considerados negativos.

Posteriormente, o autor continua com suas reflexões, afirmando que esse etnocentrismo pode ainda se combinar com um “sentimento de superioridade que o grupo ou a nação dominante dedica aos dominados e oprimidos” (Meneses, 1999, p. 19). A partir da consideração destes como sub-humanos, ocorre uma relação de dominação.

Meneses afirma que a rejeição ao outro, combinada com a dominação, pode ser executada pela manutenção da alteridade que justificaria a opressão: “A diferença torna-se título que legitima a dominação e a exploração, já que demonstra uma degradação da condição humana; por isso merece um estatuto de inferioridade e de discriminação” (Meneses, 1999, p. 20). Acreditamos que a representação de Heliogábalo pode ser compreendida a partir dessa perspectiva, que considera sua cultura inferior e justifica essa condição pelas diferenças em relação à cultura romana, o padrão que deveria ser seguido pelos demais povos.

Outro autor que reflete sobre o etnocentrismo é o filósofo brasileiro Caio Moura (2009), que o pensa a partir do conceito de bárbaro. Segundo o autor (2009, p. 210-211)

Ao longo de toda a história do Ocidente, o conceito de bárbaro aparece sob a forma de uma categoria negativa: na Antiguidade, ele se define por oposição ao grego e ao romano; na Era Moderna, como o outro do ideário de civilização. Em todas essas épocas, os bárbaros representaram uma espécie de antimodelo, um domínio hostil diante do qual seria preciso manter a distância, ou, contrariamente, uma forma inferior de alteridade frente à qual seria preciso assegurar a supremacia. [...] Aos olhos dos romanos, por sua vez, a imagem da barbárie estará incondicionalmente associada à violência; o que essencialmente caracteriza a natureza do *barbarus* é a selvageria, o caráter violento, a inclinação interminável para a guerra e a destruição – *feritas, ferocia, belli furor*. De Aníbal a Alarico, os bárbaros não cessarão de representar uma ameaça exterior, um domínio rival, pronto, a qualquer momento, a romper os limites que os separam do Império...

Para os romanos, os bárbaros estavam estritamente ligados à violência, a um estado de quase bestialidade, em que esse homem basicamente não possuía humanidade ou discernimento sobre as questões da vida. Nas fontes textuais, essas menções a uma característica bárbara de Heliogábalo são feitas algumas vezes. Herodiano a utiliza ao se referir à sua performance sacerdotal e às suas vestes (V 3, 8, p. 250; V 5, 5, p. 255), e Dião Cássio em relação às suas roupas (LXXX 11, 2, p. 457) e também à sua performance sacerdotal, mais especificamente aos cantos que proferia em adoração a Elagabal (LXXX 11, 1, p. 461).

Esses elementos bárbaros associados ao imperador revelam que ele estava afastado da *humanitas* e, conseqüentemente, do *mos maiorum*. Logo, estava próximo dos habitantes de locais conquistados por Roma, que necessitavam do controle de um povo civilizado. Era uma luta na qual a barbárie não buscava ser eliminada, mas sim controlada, “por sua subordinação a um poder que, numa relação de hierarquia, deve assumir uma função de comando diante de um impulso que jamais cessará de rondar o homem” (Moura, 2009, p. 214).

Acreditamos que a visão etnocentrista dos romanos partia do sentimento expresso nesse trecho. O Império estava sendo governado por um oriental que exibia livremente sua identidade cultural, mas que deveria estar sendo controlado e subordinado ao *mos maiorum*. Sua posição como esse imperador-sacerdote oriental ia contra a hierarquia natural segundo os romanos; sendo assim, os escritores antigos buscaram mostrar os perigos que sua religião representava para a sociedade.

Como outro tipo de acusação de cunho religioso, a *Vita Heliogabali* afirma que o novo Antonino realizou sacrifícios humanos, mais especificamente de crianças da nobreza escolhidas por toda a Itália, com boa aparência e que ainda tivessem pais e mães. A fonte afirma que se acreditava que a característica de ter os dois progenitores decorria do entendimento de que, assim, a dor da perda seria maior. Ainda nesse trecho, são registradas torturas nas vítimas desses rituais (VIII 1-2, p. 197-198).

Dião Cássio registra algo semelhante, contudo, com alguns outros detalhes.

Não descreverei os cânticos bárbaros que Sardanapalo, junto com sua mãe e avó, entoavam para Heliogábalo, ou os sacrifícios secretos que ele lhe oferecia, matando meninos e usando feitiços, de fato, encerrando vivos no templo do deus um leão, um macaco e uma cobra, e jogando entre eles genitais humanos e praticando outros ritos profanos, enquanto ele invariavelmente usava inúmeros amuletos<sup>143</sup> (Dião Cássio, LXXX 11, 12, p. 461).

Ambos os trechos chamam atenção para a maldade do imperador, ao mesmo tempo em que a associam a práticas ligadas à sua religião. Aqui, existe uma clara representação do culto a Elagabal como perverso, ligado a atos profanos, bem como se enquadra novamente o imperador como um fanático que não media esforços na adoração a seu deus mediante as práticas orientais, desonrando, assim, a *humanitas* e o *mos maiorum*.

Esses sacrifícios não são narrados por Herodiano, o que é de se estranhar, pois ele é o autor que melhor fornece informações sobre o culto. Diferentemente das outras duas fontes, que se preocupam em apresentar os excessos religiosos do imperador, Herodiano traz uma narrativa menos julgadora, o que, como mencionamos na introdução, pode estar relacionado à sua suposta origem oriental.

Herodiano também narrou de forma detalhada como eram os festivais ocorridos no segundo templo para Elagabal, no qual este era conduzido por seis cavalos em uma carruagem coberta de ouro e pedras preciosas, enquanto o novo Antonino corria à frente da carruagem, com o olhar voltado para a figura de seu deus. Em meio a isso, a imagem de todos os deuses com oferendas permeava seu redor. O escritor antigo oferece uma descrição dramática de como acontecia o festival, associando-o ao luxo e à performance: Elagabal era o centro de tudo, o merecedor das honras do imperador, o maior dentre os demais deuses (V 6, 6-9, p. 259-260).

Esses dois trechos acima demonstram a preocupação de Herodiano em detalhar melhor o culto a Elagabal, algo ausente nas outras duas fontes. Logo, é estranho que ele tenha omitido os sacrifícios humanos, o corte de genitais e a preferência pelas crianças. Acreditamos, então, que os fatos narrados por Dião Cássio e pela *Vita Heliogabali* necessitam de questionamento quanto à sua veracidade. Era um conflito de representações que buscavam legar sua memória a uma determinada construção de quem ele supostamente era.

---

<sup>143</sup> I will not describe the barbaric chants which Sardanapalus, together with his mother and grandmother, chanted to Elagabalus, or the secret sacrifices that he offered to him, slaying boys and using charms, in fact actually shutting up alive in the god's temple a lion, a monkey, and a snake, and throwing in among them human genitals, and practising other unholy rites, while he invariably wore innumerable amulets.

Acreditamos que, partindo de uma visão etnocentrista, as duas fontes acima buscam forjar uma identidade para o novo Antonino a partir de sua prática sacerdotal, fazendo uso de suas influências literárias advindas de suas posições na sociedade. Ao mesmo tempo, se demarca a diferença do imperador em relação à *humanitas*, existindo assim uma clara exibição das relações de poder: “O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca inocentes” (Silva, 2014, p. 81).

A diferenciação é uma demonstração de poder. Produzindo a identidade e a diferença a partir de uma relação de alteridade que classifica etnocentricamente “o outro” enquanto inferior, Dião Cássio e a *Vita Heliogabali* usam a narrativa textual para cristalizar a imagem de um imperador fanático, maldoso e falho em seguir a *humanitas*, aproximando-se assim da barbárie. Contudo, não devemos nos esquecer que Herodiano também apresenta imagens negativas em relação à identidade cultural do imperador; logo, ele também, de certa forma, utilizou a diferenciação para evidenciar as falhas do novo Antonino em seguir o *mos maiorum*.

Podemos compreender as narrativas das fontes textuais antigas a partir da noção de representação. Nela, “não há zonas de discurso ou de realidade definidas de uma vez por todas, delimitadas de maneira fixa e detectáveis em cada situação histórica” (Chartier, 2002, p. 78). Essas narrativas são compostas de exclusões, partilhas e relações, bem como a partir da identidade e da diferença, demarcando fronteiras que incluem ou excluem os indivíduos: “Os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder” (Silva, 2014, p. 82).

Entendemos que a *humanitas* serviu para classificar o imperador em relação à sua identidade cultural, fixando a norma que deveria ter sido seguida. Como ele falhou, é classificado enquanto o outro, “eles”, os orientais exóticos e luxuriosos, em contraponto ao “nós”, que representava o equilíbrio do *mos maiorum* e a execução esperada da *humanitas*.

A identidade cultural do novo Antonino, e aqui incluímos também o âmbito religioso, é complexa de ser associada à sua perda do trono, pois, como vimos, existiram diferentes momentos de conexão entre Oriente e Ocidente. O que nos parece é que o imperador conseguiu ultrapassar os limites da “aceitabilidade” romana em relação aos costumes estrangeiros de seus domínios. Talvez possamos afirmar que o problema consistiu no seu desejo de tornar seu deus tão ou mais importante que os demais e em tornar visíveis os

elementos de seu culto enquanto sacerdote, atos que seriam percebidos como demonstrações de sua alteridade e, conseqüentemente, de sua inferioridade.

Além disso, havia desconfiança em relação aos costumes orientais e desagrado da aristocracia romana frente à entrada maciça de provinciais em cargos de poder, especialmente de orientais. Entretanto, acreditamos que esses fatores tiveram menor influência em sua derrocada, sendo sua própria conduta identitária oriental a força mais decisiva.

Na nossa concepção, a conexão entre Oriente e Ocidente pode ser percebida não apenas pela inserção de orientais na sociedade romana ou pela penetração de seus cultos, influenciando o modo de vida dos romanos, mas também na figura do próprio novo Antonino. Por meio dele, compreendemos que esses mundos estavam entrelaçados: o imperador representava a convivência entre duas regiões que se conectaram, inclusive na figura de um governante estrangeiro à frente do principal Império de sua época.

Contribuindo para a discussão em torno da História Conectada, o historiador brasileiro José D'Assunção Barros (2019, p. 5) afirma que, para perceber as multiplicidades históricas e os diferentes contribuintes, para além de uma Europa centralizada, é necessário “repensar o mundo a partir destas unidades identitárias maiores que se tornaram realidades bem presentes nos novos cenários políticos e econômicos do planeta”. A partir desse caminho, é possível construir uma história com múltiplos pontos de vista interconectados, sem estabelecer um centro único.

Sob uma perspectiva conectada, podemos entender que os laços entre romanos e orientais perpassaram a própria constituição do Império, impactando suas culturas. Mesmo diante das desconfianças e ofensas, existiu um intercâmbio cultural entre Ocidente e Oriente antigo. De forma alguma devemos supor que, dada a dimensão e importância de Roma, esta tenha estado isenta de influências externas. Pelo contrário, observamos que a própria construção do que seria Roma passou por influências externas. Logo, é plausível pensar, com base em tudo discutido neste capítulo, em um impacto oriental significativo em um dos maiores impérios da história.

A partir dessa perspectiva sobre Roma, podemos compreender mais facilmente que, além de um contexto mais generalizado, os personagens específicos que discutimos — mais precisamente a dinastia síria que se consolidou com o governo de Septímio Severo — tiveram um papel importante na conexão entre o mundo ocidental e o oriental. Destaca-se, inclusive, a influência feminina, notável na figura das Júlias, que ascenderam socialmente e, por meio de suas ações, moldaram o contexto romano com sua cultura e crenças.



Heliogábalo representou, de certa forma, uma novidade dentro desse panorama. Assim como Macrino, não pertencia à classe senatorial e, além disso, não possuía experiência política anterior, um requisito considerado essencial para um imperador. Ademais, como discutimos no primeiro capítulo, sua ascensão se deu a partir de regiões distantes do centro do Império, com apoio de legiões mais isoladas, criando um cenário que parecia conspirar contra seu governo.

A maior inovação em sua ascensão foi o fato de que o Império Romano passou a ser governado por um sírio. Embora Heliogábalo não tenha sido o primeiro oriental a governar Roma, diferentemente de outros imperadores que se romanizaram e se adequaram ao *mos maiorum*, ele manteve e perpetuou sua cultura oriental. Acreditamos que isso torna ainda mais perceptível as conexões entre Oriente e Ocidente por meio de seu governo.

Ao se recusar a passar por um processo de romanização, Heliogábalo alterou a ótica romana. A questão deixou de ser simplesmente permitir que as províncias mantivessem certa liberdade cultural, desde que observassem o *mos maiorum* e a *humanitas*. Agora, o Império tinha que se adequar à cultura do imperador, às suas práticas orientais, à sua religião. Era necessário reconhecer que ele se expressava por meio da dança, que preferia vestes diferentes e que seu deus-sol tinha tanta importância quanto os deuses romanos.

Dessa forma, ao inverter a ótica, a conexão entre Oriente e Ocidente se intensificou. Por mais breve que tenha sido, essa mudança alterava a relação de dominação e contraste entre uma cultura “superior” e outra “inferior”, permitindo uma troca cultural mais equilibrada. Ambos os mundos puderam se conhecer, não apenas por meio de conflitos, mas por observação, troca de saberes e, eventualmente, pela adoção de práticas orientais pelos ocidentais.

Os entrelaçamentos promovidos por Heliogábalo no Império moldaram uma nova identidade e um novo contexto. Apesar de seu reinado ter sido curto e marcado por conflitos, suas ações influenciaram a sociedade romana, criando um espaço para analisar o Império a partir de uma perspectiva aos moldes heliogabalos, que evidenciam as conexões culturais entre Oriente e Ocidente.

## CAPÍTULO 3: DESVIANTE

### 3.1. *O desvio do ser*

Para este terceiro e último capítulo, nos dedicaremos ao eixo desviante, preocupando-nos com as representações em torno de Heliogábalo em relação à sua suposta efeminação, luxúria e homoerotismo, que, quando entendidas no contexto da Roma Antiga, estão relacionadas à ideia de virilidade no homem romano e aos envolvimento sexuais entre homens nessa sociedade, que perpassava por determinadas regras de conduta. Podemos analisar criticamente essas questões a partir dos estudos de gênero e sexualidade.

É necessário um determinado cuidado ao lidar com essas temáticas na Antiguidade e, além disso, para entender esses aspectos em Heliogábalo, é importante considerar o contexto que o envolve.

O uso do termo “desviante” como nome do eixo faz referência à forma como as fontes escritas relativas a Heliogábalo o representam, enquanto uma *persona* que não se encaixa no *mos maiorum* e na *humanitas*, falhando em atender às normas e expectativas do homem romano e de sua própria posição enquanto imperador. Quando nos atentamos para o aspecto sexual e comportamental, Heliogábalo se “desviava” da norma em relação à virilidade e à forma como o homem romano deveria se relacionar sexualmente com outro.

Ao utilizar o termo desviante, de forma alguma estamos tentando enquadrar o imperador em uma posição de militância, como se ele tivesse uma conduta de resistência à ordem social romana ou mesmo a uma suposta opressão, mas sim o enquadramos enquanto um sujeito que, com base nas fontes documentais, divergiu da norma romana.

A representação de Heliogábalo enquanto luxurioso e depravado merece uma discussão em torno da forma como essa narrativa é colocada, mas podemos compreender que foi de interesse dos escritores antigos relacioná-lo a esses aspectos como contraponto às normas que regiam os romanos, desviando-se do padrão a ser seguido. Era um desviante dos valores romanos.

Nossa preocupação, nesse capítulo, se centrará em torno das representações realizadas pelos escritores antigos sobre Heliogábalo, em relação a seus comportamentos associados à efeminação e à luxúria, bem como a seus envolvimento sexuais com outros homens. Esses aspectos nos remetem diretamente a uma aproximação com os estudos de gênero e de sexualidade, dois campos que muito nos interessam de um ponto de vista teórico na análise

dessas narrativas, unida a uma contextualização com o período estudado, para não incorrermos em anacronismos.

Quando se trabalha com perspectivas que envolvem análises de gênero e sexualidade na Antiguidade, é preciso cautela, tanto para não incorrermos em anacronismos quanto para não sermos enganados por pesquisadores que falham em perceber a importância e a possibilidade de se trabalhar essas questões. É preciso compreender a afirmativa de que não se pode encaixar os antigos enquanto “homossexuais” ou “bissexuais” para, ao mesmo tempo, também questionar uma identidade “hetero” entre estes. Ora, se não podemos afirmar que existiu homossexualidade na Antiguidade, tampouco podemos afirmar que existiu uma heterossexualidade, ambos termos da contemporaneidade.

Da mesma forma que não podemos encaixar Augusto, Tibério, Nero, Adriano, entre tantos outros imperadores que são descritos como efeminados ou envolvidos sexualmente com outros homens, enquanto homossexuais ou bissexuais, também não podemos afirmar que Cláudio Druso (41-54 d.C.) foi um heterossexual, por Suetônio<sup>144</sup> afirmar que este não tinha interesse por homens.

Ao analisar a Antiguidade a partir de uma ótica de gênero e sexualidade, devemos estar atentos tanto aos “desvios” quanto à forma como os envolvimentos sexuais e a própria norma em torno da qual o desejo sexual/amoroso funcionava, buscando compreender o que era aceitável e o que era reprovável, as nuances existentes entre as leis ou regras sociais e o que seria considerado uma “ultrapassagem” dos limites. O enquadramento do que seria ser homem ou ser mulher, e o que determinava a presença ou ausência do que entendemos hoje como “masculinidade” e “feminilidade”.

Nesse primeiro tópico, nos preocuparemos com as representações que perpassam por uma perspectiva comportamental e sexual, que mobilizam tanto os estudos de gênero quanto os de sexualidade em relação ao imperador, pois adentram narrativas que constroem uma figura luxuriosa, efeminada e homoerótica. O envolvimento do imperador com outros homens será melhor explorado no próximo tópico.

Tal qual ressaltamos no primeiro e no segundo capítulo, existe uma preocupação nas fontes escritas em representar Heliogábalo enquanto um governante cruel e um oriental exótico, mas também há destaque aos aspectos que abrangem sua esfera sexual e comportamental, para tratá-lo basicamente como um efeminado receptivo, ou seja, alguém

---

<sup>144</sup> Na biografia do imperador Tibério Claudio Druso, Suetônio afirma que “era luxuriosíssimo com as mulheres, abstendo-se completamente dos homens” (p. 194).

que emulava um comportamento considerado próprio das mulheres e se relacionava sexualmente com outros homens, desempenhando um papel de receptor no coito anal.

Explorando esses aspectos neste tópico, somos apresentados a narrativas nas três fontes antigas que tratam dessa questão comportamental e sexual, buscando retratá-lo negativamente em relação à forma como agia indecorosamente em seu cotidiano. Destacamos, neste tópico, uma ligação nas fontes textuais que associavam Heliogábalo a um *effeminatus* e o afastavam da *virtus*.

Quando pensamos sobre o termo romano *effeminatus*, este se associava ao que entendemos atualmente como afeminado, ou seja, um sujeito que se comportava de forma delicada, vaidosa, envolvido em prazeres indignos para os homens, como danças e perfumes. Outras características ainda seriam andar delicadamente, cachear os cabelos, depilar-se, usar roupas soltas, coloridas e femininas, ou mesmo falar de forma feminina (Williams, 2010, p. 141).

Com isso, percebemos que o termo demarcava características e atitudes que feriam o caráter de virilidade romana. Era o encaixe do sujeito enquanto um “desviante” do que era esperado de um homem romano, associando-se muito mais a uma mulher, o que significava a desordem em uma sociedade que privilegiava a organização sociopolítica.

Ao se afastar da virilidade e se aproximar de uma *femina*<sup>145</sup>, o *effeminatus* era considerado desonroso por abandonar sua posição natural enquanto “homem” e se encaixar em uma perspectiva feminina que remetia diretamente a ideais como obediência, submissão ou modéstia, que não eram próprios do público masculino.

Williams (2010, p. 139-140) destaca ainda o termo *muliebris*, que determinava um efeminado, e também outros termos que estavam relacionados às suas características e se opunham diretamente à virilidade, como *delicatus* (“delicado”), *fractus* (“quebrado”), *enervis* (algo como “sem tendões”, uma clara referência ao aspecto combativo que este homem falhava em ter), *mollis* (“mole”) e *mollitia* (“moleza”).

Williams (2010) localiza em diferentes escritores antigos o uso desses termos e a própria descrição negativa das características anteriores, como em Lucano, Catulo, Cipião

---

<sup>145</sup> Palavra mais comum para se referir a “mulher” no latim, embora também exista *Mulier* que referenciava “feminino” e “mulher” também. Conley (2019) estabelece uma diferença no uso destas duas palavras nas fontes escritas, enquanto a primeira é um termo respeitoso e neutro, aplicado a uma mulher distinta moral e socialmente (p. 6), a segunda era utilizada em determinados momentos para denotar uma promiscuidade sexual ou uma maturidade. Por essas colocações, preferimos utilizar o primeiro conceito romano.

Emiliano, Suetônio, Marcial, entre outros. Para este trabalho, focaremos no uso do termo *effeminatus* pela proximidade do termo com nossa contemporaneidade.

Outras noções importantes de serem contextualizadas para esta pesquisa referem-se a *vir* e *virtus*, tendo sido este segundo apresentado ainda no primeiro capítulo, mas que aqui terá sua noção ampliada. O termo *vir* perpassa por sua associação principal com a figura do “homem”, mas que, em um sentido próximo ao nosso, denotaria “macho”, podendo também se relacionar aos órgãos masculinos (Thuillier, 2013, p. 73). Mais do que isso, é um esposo ativo que cumpre com as práticas sexuais próprias do seu “gênero”, reafirmando assim sua própria posição enquanto *vir* (Thuillier, 2013, p. 75).

Esse *vir* se contrapunha ao comportamento feminino e à própria figura feminina, mas também ao chamado *puer*, termo que denotava os jovens meninos sem pelos faciais ou corporais. Embora tivesse relação com a juventude, também carregava um sentido sexual, de juventude com traços femininos e um possível receptor no sexo. Aqui é importante lembrar que, no caso dos romanos, as relações sexuais com esse *puer* eram normalizadas e até incentivadas, desde que este não fosse um romano livre. Ao mesmo tempo, o *puer* livre poderia ser alvo do desejo masculino e até mesmo interpretar o papel passivo nas relações com escravos, prostitutos ou homens livres, desde que mantivesse a discrição (Thuillier, 2013, p. 76).

A virilidade desse *vir* estaria associada também ao seu papel insertivo no sexo, tanto oralmente quanto analmente ou vaginalmente, fosse com homens ou com mulheres. O *vir* deveria assumir uma postura viril de penetração: “Em contrapartida, ser penetrado sexualmente não pode ser senão coisa de efeminado, de um homem que abdicou de sua virilidade, ao menos parcialmente” (Thuillier, 2013, p. 82-83).

Como outra principal característica desse *vir*, temos a presença dos pelos faciais e corporais. A barba seria uma simbologia de que se abandonava a adolescência e se chegava à idade adulta: o *puer* se transformava em um *vir*, simbolizando inclusive o abandono de possíveis papéis receptores no sexo que, por ocasião, tivesse tido, para assumir sua virilidade. O ato de depilar os pelos corporais ou mesmo os faciais seria condenado, pois seria associado à feminilidade e à efeminação (Thuillier, 2013, p. 105; 107).

Como últimas características definidoras desse *vir*, teríamos a observância de se evitar uma preocupação demasiada com a aparência ou mesmo ser muito tagarela com mulheres (Thuillier, 2013, p. 108; 113), não manifestar abertamente seus sentimentos (Thuillier, 2013, p. 119) e exercer sua coragem física e dominação sobre “o outro” e sobre as mulheres. Aqui

adentramos a noção de *virtus*, apresentada enquanto um valor viril, uma coragem militar de defesa de sua pátria (Thuillier, 2013, p. 114). *Virtus* também podia abranger o ideal de masculinidade que perpassava pela figura do *vir*: a coragem, o domínio, a força, fazendo referência até mesmo ao conceito de *imperium*, enquanto essa capacidade de governo que o imperador possuía.

Ao se encaixar um indivíduo enquanto um *effeminatus*, não apenas se denotava sua feminilidade referente a um papel receptor, ao cuidado excessivo com a aparência ou à depilação, mas também sua ausência de *virtus*, ou seja, sua incapacidade de exercer seu papel dominador, que era um valor fundamental para o homem. Era um covarde e fraco e, quando associada à figura do imperador, transmitia sua incapacidade de exercer o *imperium*.

Voltando à documentação, ao descrever as vestes de Heliogábalo enquanto sacerdote de Elagabal em Emesa, Herodiano apresenta uma composição visual exótica e efeminada. Aqui devemos nos lembrar do que foi discutido no segundo capítulo, muito com base na estudiosa Osowski (2016), sobre a representação e a identidade presentes nas roupas para os romanos, que, quando percebidas nos orientais, eram tidas como estranhas. Mais do que isso, eram compreendidas a partir de uma dualidade de “gênero”, que nos transporta para os ideais de “masculinidade” e “feminilidade” do Império Romano.

Não por acaso, cor, design e joias eram aspectos da moda que os romanos associavam às mulheres, e não é coincidência que os autores romanos frequentemente considerassem os homens do Oriente Próximo especialmente efeminados. Ver o Oriente Próximo através de ideias sobre gênero e masculinidade foi outra maneira útil para os autores greco-romanos contrastarem uma sociedade oriental mais "feminina" com uma sociedade greco-romana virtuosa e "masculina"<sup>146</sup> (Osowski, 2016, p. 5).

Herodiano (V 3, 6-7, p. 249-250), além de afirmar que o ainda Vário Bassiano se vestia no estilo bárbaro em público, também descreve o uso de túnicas douradas e roxas, de mangas compridas, e vestes que iam até os pés, bordadas nas mesmas cores. Além disso, chega a compará-lo “às belas estátuas de Dionísio”<sup>147</sup>.

Desse trecho, para além da questão das vestes e adornos para as quais já chamamos atenção, temos a comparação do jovem imperador com a divindade Dionísio ou Baco na mitologia romana, que representava o vinho, as festas e a fertilidade. Segundo Silva (2021, p.

<sup>146</sup> "Not by accident, color, design, and jewelry were all aspects of fashion which the Romans associated with women, and it is no coincidence that Roman authors frequently viewed Near Eastern men as especially effeminate. Viewing the Near East through ideas about gender and masculinity was another useful way for Greco-Roman authors to contrast a more “feminine” Eastern society with a virtuous, “masculine” Greco-Roman society"

<sup>147</sup> "las hermosas estatuas de Dioniso".

99-100), a figura do deus é representada, em determinados mitos, como um jovem que transita entre as fronteiras de gênero, o que, para ele, uma divindade, seria algo aceitável. No entanto, quando essa associação é feita a Bassiano, por mais que ressalte a juventude, ainda reside um tom crítico nessa dissidência de gênero do futuro imperador.

Após afirmar que, em sua parada durante o inverno em Nicomédia, Heliogábalo teria executado danças rituais frenéticas em honra a Elagabal, Herodiano (V 5, 3-4, p. 255) relata que, já como imperador, ele usava tecidos de alto custo nas cores púrpura e ouro, se adornava com colares e braceletes e usava uma coroa coberta de ouro e pedras preciosas. Além disso, destaca novamente seu aspecto performático ao afirmar que aparecia ao som de flautas e tambores.

Em conexão com essa descrição, Herodiano afirma em outro trecho (V 5, 5, p. 255) que sua avó, Júlia Mesa, demonstrava insatisfação ao vê-lo com esses trajes e tentava convencê-lo a mudar sua roupa para vestes romanas, pois tinha medo de que tais vestimentas, estranhas e bárbaras, incomodassem os romanos “por não estarem acostumados e pensarem que aquelas vestimentas não eram apropriadas para homens, mas para mulheres”<sup>148</sup>.

No trecho acima, temos, para além de outra descrição de suas vestes, a informação de que Júlia Mesa mostrou contrariedade a esse aspecto, o que revela que esse era um fato que merecia preocupação, mesmo ainda no início de seu governo. Após todo o complô de golpe contra Macrino e a busca de legitimação de Heliogábalo junto aos Antoninos e aos Severos, preocupar-se com a forma como o imperador se comportava frente aos limites da *virtus* denota a importância desse elemento na sociedade romana.

Acreditamos que, apenas ao adentrar nos escritos de Herodiano, já demonstramos a presença e a possibilidade de se trabalhar gênero e sexualidade na Roma Antiga. O destaque da fonte nas roupas, adornos e danças que faziam parte do cotidiano de Heliogábalo, além da preocupação de sua avó, revela que o *effeminatus* era um desviante da ordem romana. Sua existência ia contra os valores que definiam a concepção do que era ser um “homem” e contra características que ressaltariam o que entendemos hoje por “masculinidade”.

Por Herodiano, podemos perceber que existe uma conotação negativa em aspectos comportamentais do imperador, os quais podemos refletir a partir do uso de gênero enquanto categoria de análise histórica. E aqui cabe tecer algumas importantes reflexões.

---

<sup>148</sup> “por no estar acostumbrados y pensar que aquellos atavíos no eran propios de hombres sino de mujeres”.

O uso de gênero como uma categoria possível de ser analisada historicamente teve como uma de suas contribuições mais destacadas o livro da historiadora norte-americana Joan Scott, *Gender and the Politics of History* (1988), em que a autora realiza um estudo aprofundado sobre as mulheres e as relações de gênero em uma perspectiva histórica e teórica, dedicando um de seus capítulos, “*Gênero: uma categoria útil de análise histórica*”, a discutir de forma mais teórica as problemáticas que envolvem o gênero. Tal capítulo foi posteriormente traduzido e transformado em artigo (1995).

Em consonância com Scott (1995, p. 75), podemos entender que gênero está muito mais relacionado a uma perspectiva de substituição do determinismo biológico, que condicionava os corpos aos seus sexos, ignorando as dissidências e desvios, do que a um posicionamento político em contato direto com o feminismo. A importância de um estudo que leve em consideração tanto mulheres quanto homens perpassa pelo entendimento de que suas experiências e ações não estão isoladas, antes se relacionam, e através dessa relação existe uma influência que afeta ambos e constitui a própria ordem dos papéis atribuídos a cada gênero.

Scott (1995, p. 75) acrescenta ainda uma consideração que muito nos interessa para este capítulo, em relação ao gênero enquanto indicação das construções culturais que perpassam as sociedades, atestando não somente os papéis a serem cumpridos por homens e mulheres, mas também impondo uma identidade a um corpo sexuado. Quando utilizamos essa categoria neste eixo do trabalho, nossa preocupação reside no desvio da ordem romana referente ao *virtus* que Heliogábalo demonstrou. Existiam “padrões de gênero” a serem seguidos na época, responsáveis por demarcar as diferenças entre o *vir* e a *femina*.

Herodiano (V 5, 9, p. 257) acrescenta à sua narrativa sobre Heliogábalo que ele dançava ao redor dos altares dedicados a Elagabal, acompanhado de diferentes instrumentos e também de mulheres fenícias. Aqui, para além de uma aproximação religiosa com o aspecto performático, algo já discutido no segundo capítulo, existe também um ressaltamento de uma feminilidade em sua prática de dança, que o unia a mulheres.

Mais adiante (Herodiano, V 6, 10, p. 260), esse ressaltamento também é visível quando o escritor antigo afirma que, nas festas dedicadas ao deus-sol, o imperador era frequentemente visto dançando, “e não tentou esconder seus vícios”<sup>149</sup>, logo após descrever o uso de maquiagem em seus olhos e bochechas, “desfigurando seu rosto naturalmente bonito

---

<sup>149</sup> “y no trataba de ocultar sus vicios”.



com maquiagens lamentáveis”<sup>150</sup>. O imperador falhava em cumprir sua virtus por meio de sua forte aproximação com comportamentos e elementos considerados femininos, o que, posteriormente, segundo Herodiano, causaria o desgosto de todos, em especial dos soldados.

Quando tudo o que antes era considerado respeitável decaiu nesse estado de delírio desenfreado, todos, e especialmente os soldados, começaram a demonstrar seu desgosto e desconforto. Sentiram aversão por ele ao vê-lo com o rosto maquiado, com mais exagero do que o permitido a uma mulher decente, e vestido efeminadamente com colares de ouro e vestidos leves, dançando de tal forma que todos o notassem<sup>151</sup> (Herodiano, V 8, 1-3, p. 263).

No trecho acima, novamente o escritor antigo ressalta que o uso da maquiagem, de suas vestes e adornos e de sua prática de danças eram malvistas. O imperador, enquanto *effeminatus*, causava desordem, desvio e rejeição. A representação de Heliogábalo em Herodiano a partir do eixo desviante perpassa muito por uma conexão entre sua identidade cultural oriental e seu aspecto religioso. Parece existir uma intenção de ressaltar que seu aspecto oriental, em relação às vestes, adornos e maquiagem, bem como sua adoração a Elagabal, em relação às danças, destacava características femininas que o tornavam um *effeminatus*.

Essa representação, tal como destacamos no segundo capítulo, está relacionada à própria visão que os romanos possuíam em relação aos povos do Oriente, ou seja, enquanto efeminados. Mediante a relação que Herodiano estabelece entre a identidade cultural de Heliogábalo e seu desvio dos padrões de gênero enquanto uma falha pessoal, acreditamos que Herodiano realmente era um grego de origem ou, ao menos, não originário do Oriente, pois ignora elementos do imperador que não estavam necessariamente relacionados à emulação de uma *femina*, mas que correspondiam aos seus aspectos culturais.

Voltando-nos novamente para Scott (1995, p. 89), a autora considera que o gênero “fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana”, centrando-se na busca pelas formas pelas quais o conceito de gênero legitima e estrutura as relações sociais, compreendendo as formas particulares pelas quais é construído e a “natureza recíproca do gênero e da sociedade”.

<sup>150</sup> “afeando su rostro, hermoso de natural, con maquillajes lamentables”.

<sup>151</sup> “Cuando todo lo que antes se consideraba respetable hubo caído en aquel estado de desenfrenado delirio, todo el mundo, y en especial los soldados, empezaron a mostrar su disgusto e inquietud. Sentían aversión por él al verlo con la cara maquillada, con más exageración que la permitida a una mujer decente, y ataviado afeminadamente con collares de oro y vestidos ligeros, bailando de tal forma que todos se fijaran en él”.

Através dessa perspectiva apresentada por Scott (1995), o uso do gênero nos permite compreender que a sociedade romana era permeada por determinados valores que atingiam diretamente as relações sociais e moldavam suas interações. Existiam expectativas e características a serem atendidas que, ao serem ignoradas, provocavam reações negativas.

A representação realizada por Herodiano demonstra que colocar Heliogábalo em uma posição de *effeminatus*, baseando-se fortemente em sua origem oriental, o colocava em uma visão negativa frente aos seus leitores. Era uma reafirmação dos estereótipos que os romanos associavam aos orientais. Além disso, Herodiano reforçava a posição de alteridade que permeava não apenas a religião e elementos culturais, mas também a própria questão de gênero. Esse “outro” não apenas adorava um deus em formato de pedra, rejeitava as vestes romanas e ressaltava sua identidade síria, mas também se desviava da *virtus* e, consequentemente, do que era ser um vir.

Continuando nossa exposição documental, passemos agora para Dião Cássio. Já no início do capítulo, o escritor antigo menciona nomes pelos quais o jovem Avito ficou conhecido, sendo estes “Falso Antonino”, “Assírio”, “Tiberinus” e “Sardanápalo”. Esses nomes faziam referência, respectivamente, à sua suposta ligação parental com Caracala, sua origem síria, seu fim envolvendo o rio Tibre e uma comparação que Dião faz entre Heliogábalo e um rei assírio com esse nome (século VII a.C.).

Segundo Silva (2021, p. 107-108), Sardanápalo é conhecido por meio do escritor Diodoro Sículo, de final do século I a.C. e início do século I d.C., que afirma que o rei assírio usava tanto roupas femininas quanto maquiagens, similar às representações sobre Heliogábalo. Aqui temos uma clara ligação com as narrativas encontradas anteriormente em Herodiano. Além disso, o governante teria tido muitos concubinos e concubinas e morrido em meio a uma orgia. Se em Herodiano se destacava a relação próxima entre a origem oriental de Heliogábalo e sua efeminação, em Dião Cássio o *effeminatus* é associado muito mais à luxúria e ao sexo.

Seguindo a narrativa, Dião Cássio afirma que Heliogábalo “se desviava para todas as práticas mais vergonhosas, ilegais e cruéis, com o resultado de que algumas delas nunca antes conhecidas em Roma...”<sup>152</sup>. Esse trecho aparece logo após um elogio prestado pelo escritor antigo ao imperador em relação à sua clemência para com aqueles que o insultaram por palavras e ações motivadas por cartas de Macrino (LXXX 3, 2, p. 443). Isso parece indicar

---

<sup>152</sup> “he drifted into all the most shameful, lawless, and cruel practices, with the result that some of them, never before known in Rome...”

que, mesmo sendo capaz de realizar atos bons, Heliogábalo estava imerso na crueldade e na vergonha, existindo um desejo de relacioná-lo à *impudicitia*.

Quando falamos de *impudicitia*, estamos contrapondo diretamente esse conceito a outro, *pudicitia*, que se relacionava à virtude da *femina*, envolvendo pureza sexual e fidelidade. Quando aplicada aos homens, “frequentemente se refere à integridade sexual ideal do cidadão romano nascido livre...”<sup>153</sup>. Essa virtude, quando violada, resultava na impudicitia, a qual, segundo Williams (2010, p. 191), podia envolver lascívia e indecência, sem necessariamente significar que o homem havia sido penetrado, mesmo que desempenhasse o papel sexual de receptor na penetração. Em Dião Cássio, a representação de Heliogábalo como luxurioso evidencia seu comportamento sexual, mas também sua colocação enquanto *effeminatus*.

Essa *impudicitia* e essa representação enquanto *effeminatus* atingem um dos seus auge quando Dião Cássio afirma, em dois trechos diferentes, o desejo de Heliogábalo de ter suas partes íntimas retiradas. Primeiramente, o escritor menciona que ele havia planejado amputar seus genitais, destacando que a motivação era puramente sua efeminação: “Ele havia planejado, de fato, cortar completamente seus genitais, mas esse desejo foi motivado apenas por sua efeminação”<sup>154</sup> (LXXX 11, 1, p. 457). Mais adiante, Dião Cássio faz uma afirmação ainda mais ousada: “Ele levou sua lascívia a tal ponto que pediu aos médicos que construíssem uma vagina feminina em seu corpo por meio de uma incisão, prometendo-lhes grandes somas por isso”<sup>155</sup> (LXXX 16, 6; 17, 1, p. 471).

Esses trechos evocam questionamentos importantes: o que significaria essa representação de um *vir* desejando ser emasculado<sup>156</sup> e, mais que isso, ter um órgão sexual diferente do seu? Estaríamos diante de um imperador que, pela linguagem atual, poderia ser considerado uma mulher trans?

Em uma matéria da BBC News Brasil, pela repórter de cultura Yasmin Rufo, publicada em 21 de novembro de 2023, é informado que o Museu Britânico, *North Hertfordshire*, em Hitchin, Londres, alterou os dados de uma exposição sobre Heliogábalo, trocando os pronomes masculinos por femininos e concluindo que o imperador se tratava de uma mulher trans. Como justificativa para tal interpretação, os responsáveis se basearam em

<sup>153</sup> “often refers to the ideal sexual integrity of the freeborn Roman citizen...”

<sup>154</sup> “He had planned, indeed, to cut off his genitals altogether, but that desire was prompted solely by his effeminacy”.

<sup>155</sup> “He carried his lewdness to such a point that he asked the physicians to contrive a woman's vagina in his body by means of an incision, promising them large sums for doing so”.

<sup>156</sup> Remoção dos órgãos sexuais masculinos externos, incluindo tanto o pênis quanto o escroto.

uma passagem de Dião Cássio (LXXX 16, 5, p. 469), na qual, ao receber um homem em seus aposentos e ser saudado, o imperador pede que não o chame de senhor, pois ele é uma senhora.

Ainda na matéria, são tragas duas falas por parte do museu em relação a essa consideração de Heliogábalo enquanto mulher trans, primeiramente um porta-voz do estabelecimento afirmou que a identificação dos pronomes mais adequados é uma atitude educada e respeitosa para com as pessoas do passado. Posteriormente, o membro do departamento cultural do *North Herts Council*, responsável pela administração do museu, Keith Hoskins, declarou que textos como o de Dião Cássio possuem evidências da preferência do imperador pelo tratamento feminino.

A notícia sobre a decisão do museu nos oferece uma perspectiva de diálogo entre o presente e o passado. Ao se basear em uma das fontes antigas sobre o imperador e imprimir uma preocupação e problemática do mundo contemporâneo, é feita uma atividade de reflexão que inclusive poderia responder uma de nossas perguntas anteriores, contudo seria o suficiente de justificativa? Como podemos relacionar esse acontecimento de nossa época com os trechos de Dião Cássio, que afirmam um desejo de ser emasculado ou mesmo de ter uma vagina no lugar de seus órgãos genitais de nascimento?

O historiador alemão Filippo Carlà-Uhink (2017, p. 3), conceitua “transgênero” enquanto uma categoria desenvolvida na década de 1990, um conceito que abrangia e definia a experiência de “adotar elementos (desde roupas até características anatômicas) geralmente atribuídos a um gênero que não corresponde ao seu sexo de nascimento”<sup>157</sup>, além disso, afirma que uma identidade transgênero só é formada a partir da última década do século XX, já que entende que um novo vocabulário tem a capacidade de gerar o objeto que define.

Concordamos com Carlà-Uhink (2017) na clara percepção de que o conceito de “transgênero” é próprio do seu tempo e somente na evocação de seu desenvolvimento que temos sujeitos pertencentes a essa categoria, logo tornar esse termo já anacrônico em outro mais específico, como transexual, transfere uma ótica atual inexistente no passado, se revelando enquanto uma falha tentativa de conectar uma figura histórica a demandas que existem no presente.

Muito mais interessante seria perceber que os comportamentos ou performances transgênero, ou seja, a adoção de vestimentas, adereços e papéis socioculturais divergentes às

---

<sup>157</sup> “adopt elements (from clothes to anatomical characteristics) generally attributed to a gender which does not correspond to their sex at birth”.

normas impostas a determinado gênero, estão presentes já na Antiguidade, a partir do entendimento que ao assumirem comportamentos que não eram atribuídos, segundo a cultura que estava inserida, ao seu sexo de nascimento, apresentavam uma imagem associada ao que podemos definir enquanto performances transgêneros (Carlà-Uhink, 2017, p. 3).

Compreender que esses sujeitos dissidentes existiram ao longo das sociedades, confere uma historicidade as suas existências. Por mais que não pertençam as categorias atuais, seus comportamentos e desejos ainda revelam que os envolvimento entre pessoas do mesmo gênero e a existência de corpos que se aproximavam de “desvios” às formas de vivência masculina e feminina de sua época, eram uma realidade e merecem ser reconhecidos e estudados.

A *Vita Heliogabali*, tal qual o escrito de Dião Cássio, destaca o aspecto feminino de Heliogábalo. Nessa fonte, existe uma significativa intenção em mostrar o imperador enquanto alguém que não controlava seus impulsos sexuais e agia de forma lascívia e, ao mesmo tempo, enquanto um *effeminatus*. A *impudicitia* atribuída a ele se mostra tanto em sua efeminação quanto em suas práticas sexuais.

Além disso, recriava a história de Páris, em casa, desempenhando ele mesmo o papel de Vênus. De repente, deixava cair aos pés as suas vestes e, com uma mão sobre o seio e outra sobre as partes pudendas, ajoelhava-se nu e erguia o traseiro, que esticava e oferecia ao enrabador. Assumia também no rosto a expressão que os pintores dão a Vênus e depilava todo o corpo, considerando que o principal desfrute da vida consistia em parecer digno e ao mesmo tempo capaz de satisfazer o prazer do maior número de pessoas possível (*Vita Heliogabali*, V 4-5, p. 193).

A encenação que a fonte faz referência é ao mito grego que retrata a guerra de Troia, presente no escrito grego, *Ilíada*, no qual é apresentado o rapto da esposa do governador de Esparta, Helena, por um dos filhos do rei de Troia, Páris. Em determinado ponto da narrativa são apresentadas algumas deusas olímpianas, dentre elas, Afrodite, deusa grega do amor, beleza e prazer, aqui colocada com o seu nome romano, Vênus, a qual o jovem Antonino teria interpretado em encenações, é interessante notar a associação do trecho entre a feminilidade do imperador e sua lascívia.

Em análise desse mesmo trecho, Silva (2019, p. 258) aponta uma tradição na representação do imperador enquanto “dramático, teatral e feminino”, nesse fragmento, por exemplo, ele é associado a uma deusa feminina ligada aos prazeres por meio de uma encenação. Além disso, a autora chama atenção para um tom crítico da fonte em relação a sua preocupação com depilação, o que era considerado depreciativo dentro do contexto de *virtus*.

Mais adiante na fonte, em uma espécie de enumeração de todos seus excessos, são dedicadas páginas para explorar diferentes atos de maldade, luxúria e efeminação, algo que destacamos ainda no primeiro capítulo. Dentre as narrativas temos a afirmação de que ele usava túnicas de ouro e em púrpura e túnicas persas com pedras preciosas, bem como tinha pedras preciosas até mesmo nos sapatos, além disso, “De modo a ficar ainda mais bonito e com rosto mais parecido ao de uma mulher, decidiu usar também um diadema com pedras preciosas” (*Vita Heliogabali*, XXIII 4-5, p. 215-216).

Ainda na temática de vestes, a *História Augusta* aponta o uso público de “dalmática” (*Vita Heliogabali*, XXVI 2, p. 219), que em nota de rodapé na mesma página, é explicada enquanto uma túnica longa, feita em lã, da região da Dalmácia<sup>158</sup>, que deveria ser usada em privado, sendo associada a homens efeminados.

Mais adiante, é narrada a prática do imperador de ir aos banhos acompanhado de mulheres, as depilando e depilando a sua barba com o mesmo instrumento (*Vita Heliogabali*, XXXI 7, p. 226). Na *História Augusta* existem diferentes menções a Heliogábalo em companhia de mulheres, é dito que ele andava em um carro puxado por belas mulheres nuas enquanto ele era levado também nu, “A um pequeno carro de uma única roda, atrelava quatro belíssimas mulheres, ou duas de cada vez, ou três, ou mais, e assim se passeava, muitas vezes nu, puxando elas o carro, também nuas” (*Vita Heliogabali*, XXIX 2, p. 223).

Em outro trecho é colocado que ele teria convocado a sua mãe a participar do senado romano, algo que nunca teria acontecido anteriormente e que foi visto como uma decisão que afrontava o *mos maiorum*, subvertendo a separação natural da época entre *vir*<sup>159</sup> e *feminae*<sup>160</sup>.

Depois, logo a partir do primeiro dia em que o senado se reuniu, ele mandou convocar a sua própria mãe para o senado. Quando ela chegou, foi convidada a sentar-se junto dos cônsules e participou nos trabalhos de redação, ou seja, ela assistiu como terceiro à elaboração dum senátus-consulta. Ele foi o único dos imperadores sob quem uma mulher ingressou no senado, tomando o lugar de um homem, como se fosse alguém muito ilustre. (*Vita Heliogabali*, IV 1, p. 191);

Já enquanto imperador, levava em suas viagens um cortejo de seiscentos veículos onde estavam incluídas proxenetas<sup>161</sup>, alcoviteiras<sup>162</sup>, meretrizes, prostitutos e debochados<sup>163</sup>.

<sup>158</sup> Província romana que abrangia a maior parte dos modernos estados da Albânia, Croácia, Bósnia e Herzegovina, Montenegro e Sérvia.

<sup>159</sup> Plural de *vir*.

<sup>160</sup> Plural de *femina*.

<sup>161</sup> Pessoa que explora a prostituição de outras, lucrando com seus ganhos.

<sup>162</sup> Referia-se a mulheres que intermediavam relações amorosas, podendo também facilitar os encontros com prostitutas.

<sup>163</sup> No sentido de jovens prostitutos ou mesmo homens submissos.

Na verdade também se diz que, enquanto imperador, levava um cortejo de seiscentos veículos, alegando que o rei persa viajava com dez mil camelos e que Nero se tinha feito ao caminho com quinhentas carruagens. O motivo para tantos veículos era o grande número de proxenetas, alcoviteiras, meretrizes, prostitutos e debochados bem fornidos de órgãos genitais. (XXXI 5-6, p. 226).

Como última parte dessa enumeração feita pela *Vita Heliogabali* que gostaríamos de destacar, está sua associação ao luxo em uma perspectiva de extravagância, com descrições de suas vestes e adornos que já mencionamos, mas também no uso de pedras preciosas em determinados objetos que ele utilizava. Segundo o escrito ele tinha “veículos adornados com pedras preciosas e ouro, desprezando os que tinham prata, marfim ou bronze” (XXIX 1, p. 223), havia pavimentado caminhos com raspadas de ouro e de prata (XXXI 8, p. 227) e até mesmo suas necessidades fisiológicas eram feitas em recipientes de ouro, vasos múrrinos e de ônix<sup>164</sup> (XXXII 3, p. 227).

O que podemos empreender inicialmente dessas narrativas da *História Augusta*? Existe nessa fonte uma clara intenção em associar Heliogábalo a um *effeminatus*. Tanto na forma como se vestia quanto em seu comportamento, são feitas insinuações e acusações de sua proximidade com uma *femina*, não somente em questão de relações, mas em seu próprio jeito de ser. Acreditamos que por mais que exista uma ligação, tal qual presente em Herodiano, entre essa efeminação e sua identidade cultural síria, é clara a intenção de associá-lo as *feminae*, não à toa, é representado frequentemente entre elas.

A *Vita Heliogabali* se preocupa em destacar uma *impudicitia* em torno do imperador que abrangia sua efeminação e também sua luxúria, mesclada com uma vaidade, como quando é registrado que nunca repetia calçados ou anéis (*Vita Heliogabali* XXXII 1, p. 227). Talvez possamos pensar que a representação busca colocar que sua efeminação o tornava *impudicus*<sup>165</sup>, com um comportamento luxurioso que contrariava os valores do *virtus*, em uma sequência de atos que demonstra que enquanto um *effeminatus* e *impudicus*, Heliogábalo era não apenas um mal governante, mas também uma *persona* que com seu corpo ofendia os valores romanos relacionados ao *virtus* e *pudicitia*.

Mantendo um olhar crítico em relação aos documentos trabalhados, é importante lembrar que tais representações evocam acusações que iam contra o próprio *mos maiorum*, pois emulava o princípio do *vir*, tal conceito alcançava o cidadão romano enquanto uma

<sup>164</sup> O rodapé 137 presente na página 227 afirma que eram vasos consideravelmente valiosos, importados do Oriente e da Germânia.

<sup>165</sup> Aquele que emulava a *impudicitia*.

*persona* respeitosa e viril na sociedade romana, e em um tom de superioridade frente a outros povos.

De acordo com o exposto acima, podemos perceber que o apontamento da imoralidade nas *personae* poderia ser utilizada como uma forma de controle sobre os corpos, essas normas morais romanas estavam enraizadas na sociedade e suas acusações poderiam influir de forma considerável naqueles que fossem acusados. Mais adiante, Edwards (2002, p. 26) afirma que essas acusações eram “parte fundamental do vocabulário político da elite na Roma antiga”<sup>166</sup>, era um campo de disputas que articulavam as linguagens.

Ao compreender essas questões, podemos refletir que as representações de *effeminatus* e *impudicus* em Heliogábalo perpassam por acusações contra a moralidade que tinham um peso na sociedade romana, logo as narrativas em torno do imperador, partindo do entendimento que os homens romanos e os antigos costumes (*mores maiorum*<sup>167</sup>) são “os fundamentos da res Romana” (Edwards, 2002, p. 20), evocavam uma memória negativa, imprópria e desrespeitosa deste para com o Império Romano.

Acreditamos que as representações evocadas pelas fontes em relação a sua efeminação partem do desejo de descreditar a memória de Heliogábalo, contudo pensamos que a reflexão não se encerra aqui, antes é permeada pelas narrativas que supõe uma considerável ligação do imperador com o feminino, se existe essa narrativa, ela também deve ser problematizada, é necessário que não tenhamos uma visão normativa sobre o passado.

De acordo com Carlà-Uhink (2017, p. 20) existem registros de reis helenísticos e imperadores romanos que aparentemente realizaram atos considerados atualmente enquanto transgêneros, partindo principalmente de uma perspectiva performática para reivindicar uma conexão particular com divindades ou uma natureza divina para si. Para o autor, as transições de gênero são possíveis de serem observadas no mundo clássico, mas perpassam muito mais por um âmbito performativo de contato com o divino, como pode ser observado na narrativa da *Vita Heliogabali* que afirma que Heliogábalo se travestia como a deusa Vênus, ou mesmo nos tipos de vestes que o imperador utilizava enquanto sacerdote de Elagabal.

Para além de Heliogábalo, as fontes antigas romanas apresentam ainda outras narrativas de imperadores que passam por acusações de efeminação e travestismo. O escritor antigo, Suetônio, que em *A vida dos doze Césares* (2012) registra diferentes imperadores que passaram por essas acusações, como Augusto (27 a.C.-14 d.C.) que teria sido chamado de

<sup>166</sup> “were a fundamental part of the political vocabulary of the elite in ancient Rome”.

<sup>167</sup> Plural de *mos maiorum*.



efeminado e acusado de queimar os pelos das pernas com nozes em brasas, para que os pelos crescessem mais macios (2012, p. 86); Calígula (37-41 d.C.) que aparecia em público com vestes consideradas femininas, como vestidos de seda com cauda, tamancos de mulher ou mesmo em trajes representando a deusa Vênus (2012, p. 169); Otão (69 d.C.) que é comparado ao requinte de uma dama, depilando todo o corpo, raspando a barba e aplicando uma técnica para que a mesma não crescesse (2012, p. 252).

Os exemplos acima mostram performances que eram lidas pelos romanos enquanto efeminadas, próprias para as mulheres e mais do que isso, revelam a existência de uma mentalidade em relação aos corpos dos *effeminati*<sup>168</sup>, por mais que possamos questionar a veracidade das narrativas, elas demonstram que as acusações partem de prerrogativas em relação a existência desses sujeitos que se desviavam do conceito de virtus e se aproximavam do que era próprio do mundo das *feminae*.

Concordamos com Carlà-Uhink (2017) que essas transições de gênero presentes no mundo antigo estão inseridas em um âmbito performático, mas pensamos que para além do âmbito religioso, também estariam inseridas no cotidiano, com narrativas que apontam práticas de auto cuidado, vaidade e luxúria que dialogam diretamente com o que os romanos entendiam por hábitos próprios para as *feminae*.

Esses entendimentos que os romanos possuíam em torno do que constituía o *vir* e a *femina* não perpassam por atos únicos e isolados, mas antes estão inseridas em um contexto maior, de condutas que atravessaram gerações enquanto as mais apropriadas a serem performadas, ou seja, repetidas. A partir do *mos maiorum* que regia a sociedade romana, são construídas normas sobre os comportamentos e corpos, e tal qual defendido por Butler (2002, p. 314), o estabelecimento de normas sociais e culturais perpassa por uma repetição constante intitulada pela autora de “performance”, assim, interpretamos que essa repetição é capaz de atravessar até mesmo séculos e o *effeminatus* que já era um problema nos imperadores iniciais, continua sendo ainda no século III.

A performance seria manifestada através de atos performativos que funcionam enquanto enunciados autorizados do discurso que revelam uma teia de autorização e punição aos atos manifestados. Esses enunciados performativos são percebidos em batismos, inaugurações, sentenças judiciais, entre outros acontecimentos/documentos que realizam uma ação e ao mesmo tempo conferem poder vinculativo ao que foi realizado. A performatividade

---

<sup>168</sup> Plural de *effeminatus*.

seria uma esfera perpassada pelo poder atuante na fala, produzindo aquilo que nomeia (Butler, 2002, p. 316).

O conceito de performatividade apresentado por Butler (2002) é um processo pelo qual ocorre as construções das identidades sem necessariamente revelar quem são esses sujeitos, antes estes perpassam por atos performativos que já foram autorizados pelo discurso. Assim, os *mores maiorum* quando problematizados em um aspecto de normas relativas as noções de *virtus* atravessam os discursos de poder romanos em torno de como essa “masculinidade” e “feminilidade” devem ser performadas. As repetições proferidas, por exemplo, nas narrativas escritas, servem para reforçar o cumprimento dos atos performativos de acordo com o esperado.

As narrativas apresentadas nesse tópico em relação a Heliogábalo perpassam por discursos que o criticam, a partir de sua falha em atender as performances requeridas. O desvio narrado nas fontes apresenta uma figura que interferia na ordem romana, na forma como os atos performativos deveriam ser cumpridos e assim o controle exercido sobre os corpos falhava em atingi-lo em sua totalidade. O elemento do controle falho pode ser observado ainda nas suas preferências para a corte imperial e cargos políticos, ou mesmo na demonstração de sua identidade cultural síria.

A representação de Heliogábalo enquanto um *effeminatus* e de sua *impudicitia* é anterior aos próprios escritores, se inserindo em discursos repetidos pelo *mos maiorum*, que contribuíram para o estabelecimento de ideias que o moviam. Esses discursos moldam esse “eu” que fala, ou seja, os escritores antigos, e assim nomeiam o que se encaixa ou não na ordem romana, “Quando há um “eu” que pronuncia ou fala e, conseqüentemente, produz um efeito no discurso, há primeiro um discurso que o precede e o possibilita, um discurso que forma na linguagem a trajetória obrigatória de sua vontade”<sup>169</sup> (Butler, 2002, p. 317).

O acesso a realidade da efeminação em Heliogábalo se torna algo irreal, pois o que as fontes escritas nos permitem ver são os atos performativos do imperador que, segundo os escritores antigos, não se encaixavam na performance desejada pelos produtores dos discursos, contudo, ao mesmo tempo Heliogábalo está inserido na performance de sua identidade cultural oriental, o que pode nos revelar tanto alguém que estava performando de acordo com sua identidade, como alguém que representava uma efeminação na Antiguidade que ia contra os valores romanos.

---

<sup>169</sup> “Cuando hay un “yo” que pronuncia o habla y, por consiguiente, produce un efecto en el discurso, primero hay un discurso que lo precede y que lo habilita, un discurso que forma en el lenguaje la trayectoria obligada de su voluntad”.

### 3.2. *Luxúria e homoerotismo*

As representações em torno do contexto do homoerotismo em Roma são permeadas por diferentes narrativas nas fontes antigas que demonstram ter sido uma prática recorrente e aceitável, contudo tal qual outros aspectos da vida romana, era permeado por um conjunto de normas sociais. Segundo Williams (2010, p. 18) como principal diretriz do comportamento sexual em relação ao homem tem-se a obrigação de que exercesse o papel insertivo em atos de penetração, existindo uma ligação do ato de penetrar com a dominação, enquanto o ser penetrado simbolizaria a subjugação, envolvia as próprias estruturas sociais hierárquicas.

Para além dessa norma social, o autor ainda inclui que fossem homem ou fossem mulheres, o que deveria ser observado, para além do papel sexual a ser desempenhado, era seu status social, se resumindo a uma proibição as relações sexuais com homens e mulheres livres, com exceção da esposa, enquanto os escravizados/as, prostitutas/as e não cidadãos exerceriam a função sexual fora do casamento (Williams, 2010, p. 19).

Por último, Williams (2010, p. 19) afirma que também havia uma tendência a uma preferência pelos corpos jovens e sem pelos, assim quando se pensa nos parceiros do homem romano, se tinha mulheres ou meninas (*feminae* e *puellae*<sup>170</sup>) e homens ou meninos jovens (*pueri*, *adolescentuli*<sup>171</sup> ou *iuvenes*<sup>172</sup>). Este ideal romano, no caso específico dos meninos, era desejável ao que consideramos hoje como “adolescente”, período entre 12 e 14 anos, com aparecimento de leves penugens de pelos e que chegava ao fim com a chegada da barba. Não devemos nos esquecer que essa tendência ainda deveria se encaixar nas normas acima.

Essas normas e tendências revelam que a sociedade romana incluía em seu *mos maiorum* também o controle sexual. A existência dessa normas para as relações sexuais entre dois homens, revelam uma prática normalizada, mas que perpassava por um encaixe em limitações e proibições, que revelam sua difusão entre a sociedade romana, necessitando assim de repetições que geraram normatizações sobre a forma como os sujeitos deveriam agir. Novamente estamos diante de performances e atos performativos.

Um sistema conceitual que dá origem à diretriz primordial de que um homem deve aparentar desempenhar o papel insertivo com suas parceiras, sejam elas homens ou mulheres, inclui necessariamente a compreensão de que é normativo (natural e normal, poderíamos dizer) que um homem deseje contato sexual com corpos masculinos e femininos igualmente. Tal perspectiva é evidente em textos que

<sup>170</sup> Plural de *puella*, que se refere à menina/moça.

<sup>171</sup> Diminutivo de *adolescens* (adolescente, jovem) que remetia a “jovenzinhos”, “mocinhos”, em um tom afeito ou mesmo perjorativo.

<sup>172</sup> Plural de *iuvenis* (jovem adulto), jovens entre a adolescência e a plena maturidade.

abrangem desde os primórdios até os mais recentes, em todos os gêneros literários, do grafite à poesia lírica<sup>173</sup> (Williams, 2010, p. 20).

Junto a um comportamento *effeminatus*, as fontes antigas em relação a Heliogábalo apresentam uma figura que transgrediu as normas relativas ao comportamento sexual. Desobedecendo as duas primeiras regras que regulavam os envolvimento sexuais, Heliogábalo é representado enquanto um desviante, manifestando assim novamente um discurso de alguém que abalava a ordem romana em sua essência.

Nesse tópico estaremos preocupados em analisar a presença do homoerotismo escritos nas fontes antigas sobre Heliogábalo, percebendo a forma como essas narrativas estão em consonância com a associação de Heliogábalo enquanto rompedor da ordem romana. Para além disso, destacaremos a associação do imperador com uma depravação sexual que muitas vezes estava relacionado com a visão que os romanos tinham em relação aos orientais, e por vezes é narrado juntamente com o destaque para sua efeminação.

Antes de adentrar propriamente no homoerotismo, como primeira análise desse tópico em relação às fontes escritas, iniciaremos pelos casamentos de Heliogábalo como forma de introduzir o aspecto depravado que os escritores antigos representam.

Dião Cássio (LXXX 9, 1-4, p. 457; 459) atribui ao imperador impressionantes cinco casamentos com mulheres diferentes e dois casamentos, em momentos diferentes, com a mesma mulher. O escritor antigo afirma que ele teria se casado com Cornélia Paula, com o pretexto de querer ser pai mais cedo, se divorciado desta e então coabitado com Aquília Severa, se separado, se casado em momentos diferentes com outras quatro mulheres, e então retornado a Aquília. Para esse trabalho destacaremos a figura de sua segunda e última esposa, Aquília Severa, a qual era uma virgem vestal.

[...] Posteriormente, divorciou-se de Paula, alegando que ela tinha alguma imperfeição no corpo, e coabitou com Aquília Severa, violando assim a lei de forma flagrante; pois ela era consagrada a Vesta, e, no entanto, ele a profanou de forma impia. De fato, teve a ousadia de dizer: "Fiz isso para que filhos divinos pudessem nascer de mim, o sumo sacerdote, e dela, a suma sacerdotisa." Assim, vangloriou-se de um ato pelo qual deveria ter sido açoitado no Fórum, jogado na prisão e depois condenado à morte. No entanto, não manteve nem mesmo essa mulher por muito tempo, mas casou-se com uma segunda, uma terceira, uma quarta e ainda outra; depois disso, retornou a Severa<sup>174</sup> (LXXX 9, 1-4, p. 457; 459).

<sup>173</sup> "A conceptual system that gives rise to a prime directive that a man should appear to play the insertive role with his partners, whether they are male or female, necessarily includes an understanding that it is normative (natural and normal, we might say) for a man to desire sexual contact with male and female bodies alike. Such a perspective is evident in texts ranging from the earliest to the latest times, in all genres of writing from graffiti to lyric poetry".

<sup>174</sup> "Afterwards he divorced Paula on the ground that she had some blemish on her body, and cohabited with Aquilia Severa, thereby most flagrantly violating the law; for she was consecrated to Vesta, and yet he most

As virgens vestais eram um grupo composto por seis sacerdotisas virgens subordinadas ao Colégio dos Pontífices<sup>175</sup> e adoradoras da deusa Vesta, relacionada ao fogo de Vesta guardado em Roma. A admissão das meninas perpassava por um processo criterioso, permitindo a entrada de meninas de seis a dez anos de idade, sem deficiência e com ambos os pais vivos, os quais não poderiam ser libertos e necessitavam de um histórico de cumprimento das responsabilidades religiosas e sociais. Após serem admitidas e passarem por um ritual, as vestais eram emancipadas do poder de seu pai e passavam a serem responsabilidade do *pontifex maximus*<sup>176</sup> (Sauter, 2017, p. 2-3).

Por um período de trinta anos, gozavam de diferentes privilégios que as contrastavam fortemente com outras mulheres romanas, sendo uma das organizações religiosas mais antigas e importantes de Roma (Beard; North; Price, 1998, p. 51). Contudo, estavam munidas de deveres, como manter aceso o fogo de Vesta, produzir ingredientes para rituais de outros grupos públicos, assistir os pontífices e preservar sua virgindade, cujo descumprimento resultava na morte por enterramento viva (Sauter, 2017, p. 3). Algumas condenações podem ser encontradas em Suetônio, especialmente durante o governo de Domiciano (81-96 d.C.), quando o imperador ordenou que uma vestal chamada Cornélia fosse enterrada viva e seus estupradores açoitados até a morte (Suetônio, 2012, p. 291).

Essas informações ajudam a compreender o destaque das virgens vestais na sociedade romana, cujas vidas estavam profundamente entrelaçadas ao Império e ao sistema religioso. Seus deveres eram vistos com extrema seriedade, especialmente a virgindade, cuja preservação era vinculada à integridade da própria cidade. Nesse contexto, a atitude de Heliogábalo em se casar com Aquília Severa, uma vestal, configurava não apenas uma transgressão social e religiosa, mas também um risco potencial à própria vida, evidenciando mais uma vez a representação do imperador como alguém que rompia abertamente com os valores do *mos maiorum* e desafiava a ordem romana.

A narrativa da relação de Heliogábalo com Aquília Severa é registrada também nas outras duas fontes principais sobre o imperador. A *Vita Heliogabali* (VI 6, p. 194) afirma de

---

impiously defiled her. Indeed, he had the boldness to say: "I did it in order that godlike children might spring from me, the high priest, and from her, the high-priestess." Thus he plumed himself over an act for which he ought to have been scourged in the Forum, thrown into prison, and then put to death. However, he did not keep even this woman long, but married a second, a third, a fourth, and still another; after that he returned to Severa".

<sup>175</sup> Mais alto corpo sacerdotal na Roma Antiga, responsável pela supervisão da religião estatal, que reunia o *Pontifex Maximus* (o sumo sacerdote), outros pontífices, as virgens vestais, entre outros indivíduos com deveres religiosos.

<sup>176</sup> Mais alto sacerdote na Roma Antiga, o chefe do Colégio dos Pontífices. Responsável por zelar pela ordem religiosa e realizar rituais importantes. Figura influente na República romana, durante o império, logo a partir de Augusto (27 a.C.-14 d.C.) se tornou um dos títulos imperiais, ligando a religião ao poder imperial.

forma breve que ele cometeu incesto<sup>177</sup> com uma virgem vestal, enquanto Herodiano (V 6, 2, p. 257) relata que Heliogábalo retirou-a do serviço de Vesta e a fez sua esposa. Junto à narrativa de Dião Cássio, essas fontes mostram a associação do governante com uma vestal como um crime contra os ritos e a ordem romana, representando novamente o imperador como alguém que desrespeitava o *mos maiorum*.

Esse casamento, por si só, já evidenciaria que Heliogábalo se comportava de forma desviante em seus envolvimento sexuais e afetivos com mulheres, mas as fontes oferecem ainda outros detalhes. Enquanto a *Vita Heliogabali* destaca o *incestum* do imperador, adentrando em um espectro mais político, Herodiano e Dião Cássio enfatizam aspectos religiosos e de *virtus* relacionados à união. Herodiano relata que o imperador enviou uma carta ao senado se desculpando pela sua atitude, a qual associa a um crime e à impiedade, mas justificando o casamento como justo e sagrado por unir um sacerdote e uma sacerdotisa (V 6, 2, p. 257-258).

Dião Cássio, por sua vez, é categórico em condenar a ação de Heliogábalo, afirmando que ele violou uma lei publicamente e profanou Aquília de forma ímpia, embora também registre que o imperador justificou o ato religiosamente, desejando gerar filhos divinos a partir da união entre dois sacerdotes. De forma mais condenatória que Herodiano, Dião afirma que Heliogábalo merecia ser punido com açoitamento, prisão e até a morte (LXXX 9, 3, p. 459).

Ambos os autores registram falas do imperador que revelam uma tentativa de justificativa religiosa para a ação, associando a dimensão religiosa ao cotidiano do imperador, especialmente aos seus relacionamentos sexuais. Ao colocar Elagabal como prioridade, Heliogábalo parece ter buscado utilizar a união entre sua figura sacerdotal e um elemento religioso romano de grande destaque, as vestais, para promover uma “orientalização” de Roma, ou, mais especificamente, para elevar o deus-sol sírio à posição máxima das divindades na cidade.

A manobra de Heliogábalo se mostra consideravelmente arriscada, como falamos anteriormente, tanto a vestal quanto o seu parceiro eram punidos, o próprio Dião Cássio afirma que ele deveria sofrer castigos. Acreditamos que esse também foi um dos fatores que contribuiu para a ruína posterior do imperador, pois atingia diretamente o *mos maiorum*,

---

<sup>177</sup> A virgem vestal era um corpo pertencente a figura do Império, logo se relacionar com ela era considerado um *incestum*, termo que para os romanos estava relacionado a um significado de sacrilégio, pois era uma figura aquém dos cidadãos particulares, além disso, sua virgindade estava relacionada ao bem-estar romano, quando perdia esse status, a vestal trazia um abalamento à sociedade romana.

quebrando performances repetidas a séculos e tentando instaurar um novo ato performativo, ou seja, a união oriental e ocidental por meio do rompimento da ordem romana.

Para além do aspecto religioso, as fontes escritas atribuem um novo elemento aos seus casamentos, algo que poderíamos compreender como tentativa de reafirmar sua virilidade, ou seja, sua *virtus*. Herodiano afirma que Heliogábalo fingiu se apaixonar por Aquília Severa, “para que não houve dúvidas sobre sua virilidade”<sup>178</sup> (V 6, 2, p. 257) e já Dião Cássio, ao falar sobre seu primeiro casamento com Cornélia Paula, coloca o desejo do imperador de se tornar pai mais cedo, mas ironiza com a seguinte afirmação: “ele que nem sequer podia ser homem!”<sup>179</sup> (LXXX 9, 1, p. 457).

Herodiano e Dião Cássio chamam atenção para o aspecto da *virtus* no imperador, enquanto o primeiro afirma a tentativa de seu ressaltamento, o segundo ironiza sua falta e duvida até mesmo de seu posto enquanto *vir*.

Dião Cássio adiciona ainda outros detalhes. Seus casamentos e relações sexuais com outras mulheres, de forma “ilegal”, partiam unicamente do desejo de imitar a forma como se portavam nesses momentos quando estivesse com seus amantes masculinos (LXXX 13, 1, p. 461; 463). Essa narrativa de Dião ressalta novamente uma efeminação do imperador, evocando seu desejo de se portar como uma *femina* até mesmo nas relações sexuais, o que, obviamente, também destaca um homoerotismo receptor por parte do imperador.

Mas este Sardanapalo, que achou por bem fazer até os deuses coabitarem sob a devida forma do casamento, viveu ele próprio com a mais licenciosidade do princípio ao fim. Casou-se com muitas mulheres e teve relações sexuais com ainda mais sem qualquer sanção legal; contudo, não era que ele próprio precisasse delas, mas simplesmente queria imitar suas ações quando se deitasse com suas amantes e queria obter cúmplices em sua lascívia associando-se a elas indiscriminadamente. Ele usava seu corpo tanto para fazer quanto para permitir muitas coisas estranhas, que ninguém suportava contar ou ouvir...<sup>180</sup> (Dião Cássio, LXXX 13, 1, p. 461; 463).

Em outros trechos, Dião Cássio destaca dois homens específicos que estiveram em contato sexual com o imperador. O primeiro é Hiérocles (LXXX 14, 4, p. 465), um escravo cário que havia sido cocheiro de Heliogábalo. Este atraiu o governante pela sua beleza e performance sexual, o que lhe garantiu uma posição de destaque no governo de seu amante. Dião chega a afirmar que Hiérocles era mais influente que o próprio imperador e a relação

<sup>178</sup> “para que no hubiera ninguna duda sobre su virilidad”.

<sup>179</sup> ““he who could not even be a man!”

<sup>180</sup> “But this Sardanapalus, who saw fit to make even the gods cohabit under due form of marriage, lived most licentiously himself from first to last. He married many women, and had intercourse with even more without any legal sanction; yet it was not that he had any need of them himself, but simply that he wanted to imitate their actions when he should lie with his lovers and wanted to get accomplices in his wantonness by associating with them indiscriminately. He used his body both for doing and allowing many strange things, which no one could endure to tell or hear of...”.

entre ambos era uma “paixão ardente e firmemente fixada”. Por mais que o escritor antigo afirme que outros homens foram honrados por serem seus aliados ou por terem se unido sexualmente com Heliogábalo, o imperador era a "esposa, amante e rainha" de Hiérocles.

[...] E finalmente — voltando agora à história que comecei — ele foi agraciado em casamento e foi chamado de esposa, amante e rainha. Trabalhava com lã, às vezes usava rede para o cabelo e pintava os olhos, borrando-os com chumbo branco e alcaneta. Certa vez, de fato, raspou o queixo e realizou um festival para marcar o evento; mas depois disso mandou arrancar os pelos, para parecer mais com uma mulher. E frequentemente reclinava-se ao receber as saudações dos senadores. O marido dessa "mulher" era Hierocles, um escravo cário, outrora favorito de Górdio, com quem aprendera a conduzir uma carruagem. Foi nesse contexto que conquistou o favor do imperador por um acaso extraordinário. Parece que, em certa corrida, Hiérocles caiu de sua carruagem bem em frente ao trono de Sardanapalo, perdendo o capacete na queda. Ainda imberbe e adornado com uma coroa de cabelos loiros, atraiu a atenção do imperador e foi imediatamente levado às pressas ao palácio; e lá, com seus feitos noturnos, cativou Sardanapalo mais do que nunca e tornou-se extremamente poderoso. [...] Certos outros homens também eram frequentemente honrados pelo imperador e se tornavam poderosos, alguns por terem se juntado à sua revolta e outros por terem cometido adultério com ele. Pois ele desejava ter a reputação de cometer adultério, para que também nesse aspecto pudesse imitar as mulheres mais obscenas; e frequentemente se deixava apanhar em flagrante, em consequência do que costumava ser violentamente repreendido por seu "marido" e espancado, a ponto de ficar com os olhos roxos. Sua afeição por esse "marido" não era uma inclinação leve, mas uma paixão ardente e firmemente arraigada, tanto que ele não apenas não se irritava com tal tratamento severo, mas, ao contrário, o amava ainda mais por isso e desejava, de fato, fazê-lo César<sup>181</sup> (LXXX 14, 4, p. 465).

Nesses trechos de Dião Cássio, novamente é ressaltado um aspecto feminino no comportamento de Heliogábalo, mas agora unido a um contexto sexual. Não é somente o uso da maquiagem e a depilação do rosto que o remetiam a uma *femina*, mas a própria forma como se comportava. O aspecto sexual no imperador é ressaltado a partir de uma ideia de depravação e submissão. Dião afirma seu desejo de ser visto como um adúltero, como as mulheres dissolutas, se envolvendo com outros homens e se deixando ser flagrado, o que

<sup>181</sup> “[...] And finally,—to go back now to the story which I began,—he was bestowed in marriage and was termed wife, mistress, and queen. He worked with wool, sometimes wore a hair-net, and painted his eyes, daubing them with white lead and alkanet. Once, indeed, he shaved his chin and held a festival to mark the event; but after that he had the hairs plucked out, so as to look more like a woman. And he often reclined while receiving the salutations of the senators. The husband of this "woman" was Hierocles, a Carian slave, once the favourite of Gordius, from whom he had learned to drive a chariot. It was in this connexion that he won the emperor's favour by a most remarkable chance. It seems that in a certain race Hierocles fell out of his chariot just opposite the seat of Sardanapalus, losing his helmet in his fall, and being still beardless and adorned with a crown of yellow hair, he attracted the attention of the emperor and was immediately rushed to the palace; and there by his nocturnal feats he captivated Sardanapalus more than ever and became exceedingly powerful. [...] Certain other men, too, were frequently honoured by the emperor and became powerful, some because they had joined in his uprising and others because they committed adultery with him. For he wished to have the reputation of committing adultery, so that in this respect, too, he might imitate the most lewd women; and he would often allow himself to be caught in the very act, in consequence of which he used to be violently upbraided by his “husband” and beaten, so that he had black eyes. His affection for this "husband" was no light inclination, but an ardent and firmly fixed passion, so much so that he not only did not become vexed at any such harsh treatment, but on the contrary loved him the more for it and wished to make him Caesar in very fact”.



resultava em espancamentos por parte de Hiérocles, que encaixavam o imperador em um papel submisso, próprio das *feminae*, frente ao seu “esposo”.

O segundo caso sexual específico apresentado por Dião Cássio foi Aurélio Zótico, um atleta natural de Esmirna<sup>182</sup>, que atraiu o imperador por relatos que chegaram a este sobre o tamanho avantajado de suas partes íntimas. Levado para os aposentos do imperador em uma narrativa carregada de dramaticidade, teria sido acompanhado por uma imensa escolta, recebido o título de *cubicularius*<sup>183</sup> e o nome de *Avitus*, adornado com guirlandas e recepcionado por um imperador dançante. Ao ver Heliogábalo, Aurélio teria feito uma saudação habitual, dirigindo-se como “Senhor Imperador” ao jovem Antonino; contudo, o imperador teria assumido “uma pose feminina encantadora, e virando os olhos para ele com um olhar enternecedor e respondido sem qualquer hesitação: ‘Não me chame de Senhor, pois sou uma Dama.’”<sup>184</sup> (LXXX 16, 1-5, p. 469).

Aurélio Zótico, natural de Esmirna, a quem também chamavam de “Cozinheiro”, em homenagem à profissão de seu pai, incorreu no profundo amor e ódio do imperador, e por esta última razão sua vida foi salva. Este Aurélio não só tinha um corpo belo por toda parte, visto que era um atleta, mas, em particular, superava em muito todos os outros no tamanho de suas partes íntimas. Este fato foi relatado ao imperador por aqueles que estavam atentos a tais coisas, e o homem foi subitamente retirado dos jogos e levado a Comé, acompanhado por uma imensa escolta, maior do que Abgaro tivera no reinado de Severo ou Tirídates no de Nero. Ele foi nomeado *cubicularius* antes mesmo de ser visto pelo imperador, foi homenageado com o nome do avô deste, *Avitus*, foi adornado com guirlandas como em um festival e entrou no palácio iluminado pelo brilho de muitas tochas. Sardanapalo, ao vê-lo, levantou-se com movimentos rítmicos e, então, quando Aurélio se dirigiu a ele com a saudação habitual: “Meu Senhor Imperador, Salve!”, inclinou o pescoço para assumir uma pose feminina encantadora e, virando os olhos para ele com um olhar enternecedor, respondeu sem hesitar: “Não me chame de Senhor, pois sou uma Dama”<sup>185</sup>.

Dião Cássio possui uma preocupação em apresentar um Heliogábalo muito ligado a *femina*, o que poderia novamente nos levar a refletir sobre o encaixe contemporâneo do imperador enquanto uma mulher trans, contudo, devemos analisar com cuidado essas

<sup>182</sup> Cidade portuária da Jônia, localizada na costa ocidental da Ásia Menor, atual Turquia.

<sup>183</sup> Título que remetia ao camareiro do palácio imperial, o qual tinha acesso direto aos aposentos do imperador.

<sup>184</sup> “a ravishing feminine pose, and turning his eyes upon him with a melting gaze, answered without any hesitation: ‘Call me not Lord, for I am a Lady.’”

<sup>185</sup> “Aurelius Zoticus, a native of Smyrna, whom they also called ‘Cook,’ after his father’s trade, incurred the emperor’s thorough love and thorough hatred, and for the latter reason his life was saved. This Aurelius not only had a body that was beautiful all over, seeing that he was an athlete, but in particular he greatly surpassed all others in the size of his private parts. This fact was reported to the emperor by those who were on the look-out for such things, and the man was suddenly whisked away from the games and brought to Rome, accompanied by an immense escort, larger than Abgarus had had in the reign of Severus or Tiridates in that of Nero. He was appointed *cubicularius* before he had even been seen by the emperor, was honoured by the name of the latter’s grandfather, *Avitus*, was adorned with garlands as at a festival, and entered the palace lighted by the glare of many torches. Sardanapalus, on seeing him, sprang up with rhythmic movements, and then, when Aurelius addressed him with the usual salutation, ‘My Lord Emperor, Hail!’ he bent his neck so as to assume a ravishing feminine pose, and turning his eyes upon him with a melting gaze, answered without any hesitation: ‘Call me not Lord, for I am a Lady.’”

representações. Se levarmos em consideração seu aparente comportamento feminino em relações sexuais apresentadas por Dião, estamos diante de um governante que é um exemplo de desviante das normas de sua sociedade. A forma como conduzia seus relacionamentos sexuais entrava em confronto com a própria ordem romana e exemplifica um indivíduo da Antiguidade que manifestava não apenas relações homoeróticas discordantes das normas, mas também comportamentos e práticas que o conectavam ao universo feminino.

Embora seja importante manter esse olhar crítico sobre as fontes e não nos esquecermos dos contextos em que são produzidas, também é essencial não termos um olhar heteronormativo sobre o passado estudado, e aqui nos posicionamos de acordo com Ribeiro Junior (2016, p. 22-23), que propõe a rejeição à heteronormatividade, “regime que regula corpos, gêneros e desejos, naturalizando o sujeito heterossexual e taxando como anormal qualquer indivíduo que escape a esse regime”, para dar espaço a um olhar que vislumbre as diversidades e multiplicidades de corpos e vivências na sociedade romana.

Essa proposta de combate ao olhar heteronormativo sobre o passado entende que as concepções dos estudiosos em relação ao corpo e sexo dos antigos tendem a supor uma heteronormatividade que exclui as demais possibilidades, colocando como óbvios os envolvimento entre homens e mulheres e olhando com desconfiança o que difere disso. É necessário “extinguir da análise histórica o olhar naturalizante sobre heterossexualidade” (Ribeiro Junior, 2016, p. 23) e problematizar concepções heteronormativas em relação ao passado.

Assim, não devemos naturalizar, por exemplo, os discursos que atribuem a Heliogábalo os casamentos com outras mulheres e tornar como infundados seus envolvimento homoeróticos. É necessário que nosso olhar crítico sobre a história não seja influenciado por posicionamentos que desconsiderem as multiplicidades e heterogeneidades possíveis de serem percebidas no passado. Devemos ter em mente que, por mais que esses envolvimento homoeróticos não estejam tão bem fundamentados quanto seus casamentos com mulheres, através de outros tipos de fonte, as relações homoeróticas ainda eram um elemento da sociedade romana e devem ser levadas em consideração.

Combater um olhar heteronormativo sobre o passado evita o próprio anacronismo, pois nos permite compreender que o mundo antigo não era povoado por entidades assexuadas, mas, antes, por indivíduos que manifestaram complexas redes de relações afetivas e sexuais que norteavam o próprio funcionamento de suas sociedades. Essas redes não eram compostas somente por um homem e uma mulher, mas também por outros indivíduos que representam a

heterogeneidade dos povos antigos em questões que hoje encaixamos enquanto gênero e sexualidade.

Um contribuinte para não se ter um olhar heteronormativo sobre o passado e compreender a dimensão desses diferentes corpos é a teoria queer. Apresentando uma possível definição para esta, Miskolci (2014, p. 8-9) a define enquanto “um rótulo que busca abarcar um conjunto amplo e relativamente disperso de reflexões sobre a heterossexualidade como um regime político-social que regula nossas vidas”. Tais regulações são impostas, abrangendo gênero e sexualidade, criando e mantendo desigualdades.

Com surgimento no final da década de 1980, nos Estados Unidos, a teoria queer abarca o desenvolvimento de análises sobre a hegemonia política heterossexual, tomando-a não como natural ao ser humano, mas antes como norma regulatória envolvida em performances reiteradas e repetidas, impostas aos corpos relacionados aos seus gêneros.

A importância das análises queer recai sobre a ideia de que a sexualidade é um dispositivo histórico de poder, ou seja, “conjunto heterogêneo de discursos e práticas sociais, uma verdadeira rede que se estabelece entre elementos tão diversos como a literatura, enunciados científicos, instituições e proposições morais” (Miskolci, 2009, p. 154-155), estabelecendo padrões de regulação e normatização sobre os corpos a partir de determinados critérios.

Ao utilizarmos a teoria queer na análise desse eixo em relação a Heliogábalo, pretendemos tanto nos afastar de uma visão que heteronormatize a Antiguidade, não levando em consideração os diferentes afetos, corpos e relações que existiram, quanto compreender que as normas romanas em relação ao âmbito sexual perpassam pela constituição de um poder regulatório sobre os corpos e seus envolvimento sexuais, com a formação de uma ordem a ser seguida dentro do *mos maiorum*, da qual as fontes escritas afirmam que Heliogábalo se desviou.

Ressaltamos novamente o anacronismo em considerar Heliogábalo enquanto uma mulher trans ou mesmo enquanto homossexual ou bissexual. Contudo, é importante levar em consideração que a representação em torno de sua efeminação, como exemplificado no tópico anterior, e de seu homoerotismo estão presentes em fontes escritas antigas e em estudos de pesquisadores, o que ressalta um contexto que ultrapassa uma visão heteronormativa sobre o mundo antigo e torna necessário um olhar queer para uma análise cuidadosa.

Ao abordar os imperadores romanos do século I, Suetônio apresenta narrativas que abordam os envolvimento homoeróticos desses governantes, destacando suas falhas em

obedecer às normas que os abrangiam, fazendo assim papéis de receptores, se envolvendo em cenas luxuriosas que iam contra o ideal de moderação e mesmo se relacionando com outros *virii*.

Iniciando seu escrito com um indivíduo ainda da República Romana, Suetônio afirma que Júlio César (49 a.C. – 44 a.C.<sup>186</sup>) foi chamado de “o marido de todas as mulheres e a mulher de todos os maridos” (p. 35); Augusto (27 a.C. – 14 d.C.) teria feito o papel de receptor com o rei da Bitínia, Nicomedes IV (p. 33); Tibério Nero (14 – 37 d.C.) teria mandado construir um espaço dedicado a encenar orgias e espetáculos sexuais privados dos quais participava (p. 126); Galba (68 – 69 d.C.) tinha uma preferência por homens, ignorando os *pueri* e escolhendo *virii* maduros. Este mesmo imperador teria, inclusive, demonstrado afeições em público com um de seus concubinos (p. 144); entre outros imperadores.

É importante ressaltar que essas narrativas do homoerotismo em diferentes imperadores vão para além do século I, alcançando outras épocas e outras fontes escritas antigas, demonstrando preocupações e problematizações desse elemento na forma como são representados, pois iam contra os valores apontados anteriormente por Williams (2010).

Silva (2024, p. 199) chama atenção para a presença, na imaginação popular e nas representações artísticas, de “personagens da Antiguidade que desestabilizam padrões culturais e históricos de gênero e corpo, como andróginos, hermafroditas e os sujeitos classificados de forma genérica como eunucos”.

O acesso e o estudo dessas figuras mostram-se desafiadores, pois recaem em problemáticas como a rara noção das práticas possíveis de serem observadas nas fontes, o que obriga as pesquisas a se centrarem nas representações; generalizações com categorias definidoras ligadas a fenômenos atuais; e os discursos elitizados que chegaram à nossa contemporaneidade, excluindo sujeitos subalternizados (Silva, 2024, p. 200). Contudo, esses personagens ainda estão presentes nas fontes antigas e nas mais diferentes sociedades, demonstrando a heterogeneidade de indivíduos e suas ambiguidades, que desafiam o olhar histórico sobre a forma como se estudam os personagens históricos.

Um olhar queer possibilita levar em consideração que esses diferentes corpos estão inseridos no contexto romano, em fontes que revelam uma sociedade heterogênea. Além disso, a perspectiva queer permite analisar os discursos envolvidos nas regulações desses corpos, visando discipliná-los mediante o *mos maiorum* e encaixando aqueles que se

---

<sup>186</sup> Período que Júlio César esteve no poder enquanto ditador da República Romana, com o título de “*dictator perpetuo*”.

desviassem dessa ordem enquanto indivíduos abjetos. Aqui temos os termos que os próprios romanos adotavam negativamente para esses sujeitos, como é o caso de *effeminatus*, *impudicus* ou *cinaedus*, que explicaremos mais adiante.

A *Vita Heliogabali* também traz narrativas sobre os envolvimento homoeróticos de Heliogábalo. Contudo, aqui Aurélio Zótico ganha maior destaque, o mesmo mencionado por Dião Cássio, o qual, segundo a *História Augusta*, teria sido o “esposo” do imperador. O imperador teria se juntado a ele em uma noite de núpcias, acompanhado de uma pronuba, e sua influência sobre o governante era tão significativa que era considerado marido de Heliogábalo (X 5, p. 200-201).

Sobre Hiérocles, a *Vita Heliogabali* é breve, afirmando que o imperador possuía um amor tão grande por ele, a ponto de lhe beijar os órgãos genitais (VI 5, p. 194). Além disso, ao falar sobre as núpcias de Heliogábalo, afirma que esta aconteceu quando Aurélio estava doente (X 5, p. 201), o que remeteria ao trecho de apresentação de Aurélio por Dião Cássio, no qual o escritor antigo afirma que, com medo de perder sua posição, Hiérocles teria mandado dar uma poção a seu rival, a qual o privou de ter uma ereção durante sua estadia nos aposentos imperiais.

[...] Então Sardanapalo imediatamente se juntou a ele no banho e, encontrando-o despido à altura de sua reputação, ardendo em uma luxúria ainda maior, reclinou-se sobre seu peito e jantou, como uma amante amada, em seu seio. Mas Hierocles, temendo que Zótico cativasse o imperador mais completamente do que ele próprio, e que, portanto, pudesse sofrer algum destino terrível em suas mãos, como frequentemente acontece no caso de amantes rivais, fez com que os copeiros, que estavam bem dispostos a ele, administrassem uma bebida que atenuasse a proeza masculina do outro. E assim Zótico, após uma noite inteira de constrangimento, por não conseguir obter uma ereção, foi privado de todas as honras que recebera e expulso do palácio, de Roma e, mais tarde, do resto da Itália; e isso lhe salvou a vida<sup>187</sup> (Dião Cássio, LXXX 16, 6, p. 469).

Hiérocles e Aurélio Zótico são representados nas documentações enquanto exemplos de alianças negativas realizadas pelo imperador Heliogábalo. O que é condenado nas duas fontes não é necessariamente o envolvimento entre dois *viri*, mas o descumprimento do *mos maiorum* e a suposta maldade de ambos.

<sup>187</sup> "[...] Then Sardanapalus immediately joined him in the bath, and finding him when stripped to be equal to his reputation, burned with even greater lust, reclined on his breast, and took dinner, like some loved mistress, in his bosom. But Hierocles fearing that Zoticus would captivate the emperor more completely than he himself could, and that he might therefore suffer some terrible fate at his hands, as often happens in the case of rival lovers, caused the cup-bearers, who were well disposed toward him, to administer a drucr that abated, the other's manly prowess. And so Zoticus, after a whole night of embarrassment, being unable to secure an erection, was deprived of all the honours he had received, and was driven out of the palace, out of Rome, and later out of the rest of Italy; and this saved his life".

Sobre o primeiro, a *Vita Heliogabali* afirma que, próximo ao período de seu assassinato, os soldados, desgostosos com a forma como Heliogábalo vivia, exigiram que este afastasse de si os homens ruins e “regressasse aos bons valores, apartando de si sobretudo aqueles que, para sofrimento de todos, tinham muito poder sobre ele e aqueles que vendiam tudo o que vinha dele, fosse realidade ou ilusão” (XV 1, p. 205-206). Dentre esses estaria Hiércles, que mais adiante é caracterizado como *impudicus* (XV 4, p. 206).

Já Dião Cássio chama atenção para uma influência que ultrapassava a do próprio imperador, que desejava até mesmo torná-lo César. Essa paixão era tamanha que chegou a ameaçar sua avó e a entrar em desacordo com os soldados por sua afeição a Hiércles (LXXX 15, 4; 16, 1, p. 467). Além disso, Dião o apresenta como um personagem ambicioso ao narrar o uso da poção contra Aurélio, motivado pelo medo de que este cativasse demasiadamente o imperador (LXXX 16, 6, p. 468; 470).

Aurélio Zótico é representado de forma mais neutra em Dião Cássio, sendo mencionado somente no episódio já citado. Contudo, na *História Augusta*, ganha um maior aprofundamento: sua considerável influência sobre Heliogábalo garantia-lhe uma posição destacada na sociedade. Com isso, ele vendia informações e planos falsos do imperador para os mais diferentes indivíduos, como se sua posição lhe garantisse saber de todas as palavras e gestos deste (X 2-4, p. 200). Essa ação de Aurélio representaria sua desonestidade e ambição pelo dinheiro.

Sob ele, Zótico teve tanta influência que todos os responsáveis de cargos o consideravam o marido do senhor. Além disso, era este mesmo Zótico que, abusando desse tipo de intimidade, vendia todas as palavras e gestos de Heliogábalo — ainda que tudo aquilo não passasse de ilusão —, ameaçava uns, fazia promessas a outros, enganava a todos, assim reunindo uma enorme riqueza. Quando ficava só, abordava cada um deles, dizendo: “isto é o que disse sobre ti”, “isto é o que ouvi acerca de ti”, “isto é o teu futuro”. Assim são os homens deste jaez: quando admitidos numa excessiva familiaridade com um príncipe, vendem a fama dos maus e dos bons príncipes e, aproveitando-se da estultícia ou da ingenuidade dos imperadores que disso não se apercebem, alimentam-se de boataria infame (X 2-4, p. 200).

É interessante notar que as representações em torno de Heliogábalo buscam tratá-lo e tratar aqueles ao seu redor como desviantes da ordem romana ou mesmo, a partir de uma perspectiva queer, como corpos abjetos. Segundo Miskolci (2017, p. 24), a abjeção “se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política”. O abjeto representa, com sua própria existência, uma ameaça ao homogêneo e ao estável, pois interfere na ordem e no sistema por meio de seus atos, com atos performativos dissidentes.

Ao encaixar Heliogábalo e seu círculo imperial enquanto abjetos, partimos do entendimento do conceito acima, como corpos que interferiam no *mos maiorum* e que, no âmbito sexual e afetivo, se desviavam das normas estabelecidas, tornando-se assim indesejados e alvo de críticas sobre seus comportamentos.

Acreditamos que Heliogábalo era representado como um corpo abjeto, com suas conexões e identidade cultural interferindo na ordem romana e relegando-o a uma posição de anormal. Os trechos que narram os soldados exigindo o afastamento do imperador de determinados sujeitos (*Vita Heliogabali*, XV 1, p. 205-206) ou mesmo quando sua avó sugeriu que mudasse suas vestes orientais para as romanas (Herodiano, V 5, 5, p. 255) compõem representações de tentativas de terceiros de reencaixá-lo no padrão romano.

No primeiro capítulo, ao tratar da corte imperial, destacamos como Heliogábalo se cercou de pessoas consideradas de baixa estirpe social, o que resultou em críticas por parte dos escritores antigos sobre os indivíduos que o imperador escolhia manter próximos a si. Nesse tópico, gostaríamos de ressaltar a presença recorrente de prostitutos e meretrizes como figuras que conectavam o feminino, o homoerotismo e a lascívia ao imperador.

Na *Vita Heliogabali*, é afirmado que, em banquetes, ele priorizava, ao seu lado, prostitutos, com os quais trocava carícias e toques (XII 4, p. 203), e que, em determinada ocasião, reuniu, em edifícios públicos, as meretrizes de todos os lugares de Roma e discursou perante elas de forma semelhante a uma parada militar, bem como debateu sobre os tipos de posições e prazeres. A essa reunião teriam se unido posteriormente proxenetas, prostitutos e rapazes dissolutos, enquanto o próprio imperador, vestido de mulher e com o seio à mostra, prometeu-lhes donativos como se fossem soldados (XXVI 3-5, p. 220).

Reuniu em edifícios públicos todas as meretrizes do circo, do teatro, do estádio e de todos os lugares, incluindo os banhos, discursou perante elas como se fosse numa parada militar, chamando-lhes camaradas, e debateu com elas todos os tipos de posições e de prazeres. Depois convocou para essa parada proxenetas, prostitutos vindos de toda a parte, assim como os miúdos e os rapazes mais dissolutos. E apresentando-se perante as meretrizes vestido de mulher, de seio descoberto, e perante os prostitutos com o aspecto dos miúdos que se prostituem, depois de arengar prometeu-lhes um donativo de três moedas de ouro, como se fossem soldados, e pediu-lhes que pedissem aos deuses para que ele encontrasse outros que merecessem ser-lhe por estes mesmos recomendados (*Vita Heliogabali*, XXVI 3-5, p. 220).

No trecho acima, temos a conexão entre a efeminação e a luxúria do imperador. Sua caracterização vestido como mulher denota um aspecto luxurioso a tal ato; não se tratava de um simples gosto pelo aspecto de *femina*, mas, antes, de uma espécie de associação com

aspectos femininos que o colocavam em um papel de luxúria e de ligação com o âmbito sexual.

Na passagem que citamos anteriormente, em que Dião Cássio afirma que Heliogábalo pede a Aurélio Zótico que o chame não de senhor, mas de senhora (LXXX 16, 5, p. 469), percebemos outro momento de associação às *feminae*. Contudo, entendemos que aqui, muito mais do que uma afirmação de “identidade transgênero”, está explícito um papel de submissão sexual por parte do imperador diante do atleta famoso que recebeu em seus aposentos.

A associação de Heliogábalo à femina perpassa principalmente o âmbito sexual, mas, em determinados trechos, ressaltam-se também performances transgênero do imperador, como em seu casamento com Hiérocles, no qual é dito por Dião Cássio que ele era chamado por nomeações femininas, como rainha, amante e esposa (LXXX 14, 4, p. 465). Tecer reflexões que substituam uma visão anacrônica de Heliogábalo enquanto mulher trans, para pensar as performances transgênero que são representadas nas fontes escritas, nos parece contribuir para uma visão não heteronormativa sobre o passado e possibilita uma análise queer sobre sua figura, comprometida em estudar os diferentes corpos antigos.

Mais adiante, a *Vita Heliogabali* afirma que o imperador ordenou que fossem entregues “às meretrizes, aos proxenetas e aos prostitutas que residiam dentro da cidade o equivalente a um ano do tributo pago ao povo romano” (XXVII 7, p. 221), sendo que teria prometido o mesmo valor àqueles e àquelas que residiam fora da cidade. Segundo o rodapé 116, na página 222, esse tributo consistia em cereal, ouro, prata ou roupas.

Posteriormente, outro trecho chama atenção para mais uma benesse do imperador para com as prostitutas, ao entregar moedas de ouro às meretrizes presentes em todos os lugares de Roma, como o circo, o teatro e o anfiteatro (*Vita Heliogabali*, XXXII 9, p. 228).

Essas passagens da História Augusta ressaltam uma conexão considerável de Heliogábalo com figuras ligadas ao sexo, o que torna a representação do imperador associada à *impudicitia*. A abjeção de seu corpo estava presente até mesmo naqueles que o cercavam, com um círculo imperial que estimulava rompimentos na ordem romana e desestruturava o *mos maiorum*.

Considerar o corpo do imperador enquanto abjeto nas representações das fontes escritas antigas perpassa pelo entendimento de que sua presença e, mais especificamente, seu governo o tornavam indesejável para aqueles que o representavam e, de acordo com estes, também para os grupos de poder de sua época, como os soldados.



Dião Cássio afirma que Heliogábalo usava seu corpo para atos promíscuos, destacando de forma moralizante suas idas noturnas a tabernas, nas quais, usando perucas, exercia a função de “vendedora mercantil”, uma espécie de atendente ou vendedora, mas que também estava associada à prostituição; sua frequência em bordéis, nos quais expulsava as meretrizes e ele mesmo se prostituía; e a reserva de um quarto no palácio para seus encontros sexuais, no qual ele, tal qual as prostitutas, ficava nu à porta do quarto, balançando a cortina, oferecendo-se com uma voz suave e comovente e cobrando dinheiro de seus parceiros.

[...] Ele ia às tavernas à noite, usando uma peruca, e lá exercia o ofício de vendedor ambulante. Frequentava os bordéis notórios, expulsava as prostitutas e se prostituía ele mesmo. Finalmente, reservou um quarto no palácio e lá cometeu suas indecências, sempre nu à porta do quarto, como fazem as prostitutas, sacudindo a cortina pendurada em argolas de ouro, enquanto, com uma voz suave e comovente, solicitava aos passantes. Havia, é claro, homens especialmente instruídos para desempenhar seu papel. Pois, como em outros assuntos, também neste negócio, ele tinha numerosos agentes que procuravam aqueles que melhor o agradavam com suas torpezas. Ele cobrava dinheiro de seus clientes e se vangloriava de seus ganhos; também disputava com seus associados nessa ocupação vergonhosa, alegando que tinha mais amantes do que eles e que ganhava mais dinheiro. Era assim, agora, que ele se comportava com todos que mantinham tais relações com ele...<sup>188</sup> (Dião Cássio, LXXX 13, 2-4, p. 463).

O trecho acima representa o imperador de uma forma extremamente lasciva. Aqui, sua associação à uma *femina* é complementada por uma devassidão que rompia com os valores romanos. Ele não é somente um *effeminatus* que, segundo Williams (2010, p. 137), poderia ser uma acusação direcionada também àquele que desempenhasse o papel insertivo nas relações sexuais e/ou fosse um mulherengo, adúltero ou mesmo um jovem buscando conquistar a atenção feminina. Heliogábalo é atacado em relação à sua imoralidade; ele era um *cinaedus*.

Explicando o termo *cinaedus*, Williams (2010, p. 193-194) afirma que seu uso mais frequente era direcionado para descrever um homem penetrado analmente, contudo possuía um contexto mais amplo em sua conceituação. Trata-se de um termo advindo do grego *kinaidos*, que referenciava um dançarino oriental efeminado, utilizador de tímpano ou pandeiro, que balançava de forma sugestiva suas nádegas como incentivo ao sexo anal.

---

<sup>188</sup> "[...] He would go to the taverns by night, wearing a wig, and there ply the trade of a female huckster. He frequented the notorious brothels, drove out the prostitutes, and played the prostitute himself. Finally, he set aside a room in the palace and there committed his indecencies, always standing nude at the door of the room, as the harlots do, and shaking the curtain which hung from gold rings, while in a soft and melting voice he solicited the passers-by. There were, of course, men who had been specially instructed to play their part. For, as in other matters, so in this business, too, he had numerous agents who sought out those who could best please him by their foulness. He would collect money from his patrons and give himself airs over his gains; he would also dispute with his associates in this shameful occupation, claiming that he had more lovers than they and took in more money. This is the way, now, that he behaved toward all alike who had such relations with him..."

Williams considera que tal homem falha na reprodução dos padrões tradicionais de comportamento masculino.

O *cinaedus* ostentava sua violação das normas de masculinidade, sendo considerado um “desviante de gênero, um ‘não-homem’ que quebrou as regras do comportamento masculino e cujo transtorno efeminado pode muito bem ser incorporado no sintoma particular de buscar ser penetrado”<sup>189</sup> (Williams, 2010, p. 197). Contudo, Williams ressalta na mesma página a possibilidade de que esse homem acusado de *cinaedus* ainda pudesse se envolver em práticas sexuais com mulheres, bem como o fato de que um homem penetrado sexualmente não se caracterizava automaticamente como um.

Complementando sua fala, Williams (2010, p. 196) afirma que o insulto de *cinaedus* a outro homem romano o associava à dança, ao papel sexual de ser penetrado e ao próprio Oriente em si, em um “contraste de gênero entre orientais decadentes e efeminados e romanos virtuosos e másculos”<sup>190</sup>.

Refletindo sobre esse aspecto de efeminação associado aos orientais, o historiador Martin Icks (2017, p. 66) afirma que, enquanto o papel sexual insertivo, a destreza militar e a coragem no campo de batalha eram marcas de masculinidade, a *mollitia* era caracterizada pela preocupação com a aparência, depilação do corpo, apetites exagerados por sexo, comida e bebida, uso de cosméticos e, claro, o papel de receptor no sexo. Esses elementos eram associados a um excesso de luxo advindo de um mundo oriental decadente.

Aos olhos dos gregos e romanos, povos “orientais”, como os persas e os sírios, caracterizavam-se pela extravagância, pelo luxo e pela servilidade, sendo, portanto, mais adequados para serem escravos do que guerreiros. Dificilmente considerados homens, eram geralmente considerados pervertidos sexuais imorais que se encharcavam de perfume e se cercavam de eunucos – criaturas com as quais, de qualquer forma, tinham muito em comum. Portanto, não é surpreendente que a figura do rei oriental efeminado ocupasse um lugar de destaque no imaginário greco-romano<sup>191</sup> (Icks, 2017, p. 67).

As representações de Heliogábalo nas fontes escritas perpassam elementos que, em nosso entendimento, visam construir sua imagem enquanto um *cinaedus*. Sua associação à dança, ao papel receptor, suas vestimentas, luxúria, cercamento de pessoas relacionadas ao

<sup>189</sup> “gender-deviant, a “nonman” who has broken the rules of masculine comportment and whose effeminate disorder might well be embodied in the particular symptom of seeking to be penetrated”

<sup>190</sup> “gendered contrast between decadent, effeminate Easterners and virtuous, masculine Romans”.

<sup>191</sup> “In the eyes of the Greeks and Romans, ‘Oriental’ peoples like the Persians and the Syrians were characterized by extravagance, luxury and servility, and hence were more fitted to be slaves than warriors. Hardly considered men, they were generally regarded as immoral sexual perverts who drenched themselves in perfume and surrounded themselves with eunuchs – creatures with whom in any case they had a lot in common. Therefore, it is not surprising that the figure of the effeminate eastern king loomed large in the Graeco-Roman imagination”.

sexo, efeminação e sua própria identidade cultural e social constroem a imagem de um corpo aquém dos valores romanos, que desrespeitava, em seu cotidiano e em sua própria existência, o próprio entendimento do que era ser um homem romano. O imperador é representado enquanto ultrapassando os limites do aceitável, das normas impostas.

Retomando o conceito de abjeção, Miskolci (2017, p. 40) afirma que o corpo abjeto é “algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador e nauseante”. Logo, possui uma carga de rejeição à sua existência e aos possíveis contatos com outros corpos, correndo o risco de contaminá-los com sua impureza. Miskolci (2017, p. 40) exemplifica ainda que, ao se xingar alguém, não apenas se nomeia esse corpo a partir daquele xingamento, mas também se classifica como objeto de repulsa, nojo, “como alguém de quem você quer distância por temer ser contaminado”.

Acreditamos que a representação realizada pelas fontes escritas em relação a Heliogábalo parte desse princípio de repulsa e rejeição. Os escritores antigos buscam representá-lo enquanto um tirânico cruel, um oriental exótico e um efeminado luxurioso, que contaminava a sociedade romana através de suas práticas e de sua própria vivência. As ofensas dirigidas a Heliogábalo constroem uma representação preocupada em mostrar que seus vícios e excessos o tornavam uma persona indesejada, uma falha de *vir*, e assim os escritores antigos promovem uma espécie de abjeção de seu corpo e de sua memória, inclusive localizando rejeições dentro de outras esferas de poder.

A teoria queer, contextualizada com o cenário romano imperial, nos permite analisar as figuras desses sujeitos representados enquanto desviantes da ordem ou diferentes do padrão. Segundo Louro (2004, p. 89-90), os indivíduos que realizam transgressões das fronteiras de gênero ou de sexualidade “que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados ‘próprios’ de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes e desviantes”, sendo acompanhados de correções e punições por falharem na obediência às regulações. Acreditamos que, nesse contexto de demarcação, temos também a produção de corpos abjetos que serão classificados enquanto objetos de repulsa.

Enquanto os corpos considerados “normais” ou dentro da ordem são “produzidos através de uma série de artefatos, acessórios, gestos e atitudes que uma sociedade arbitrariamente estabeleceu como adequados e legítimos” (Louro, 2004, p. 89), ou seja, por performances que os antecedem, os corpos desviantes serão rotulados e isolados como forma

de prevenir contaminações naqueles que seguem as normas. Essa rotulação tanto os afasta quanto serve de exemplo para os demais.

O imperador Heliogábalo, enquanto *effeminatus* e *cinaedus*, carrega uma representação que conecta sua memória a atos performativos desviantes. A quebra da ordem romana que seu “desvio” propaga entra em conflito com as performances realizadas e exaltadas há séculos. Logo, o poder imbuído nas escritas de seus representantes demarca o perigo do seu governo e de sua existência, pois entrava em conflito com valores que definiam o próprio *mos maiorum*.

Ao demarcarmos Heliogábalo enquanto desviante, atentamo-nos para essas representações nas fontes escritas antigas, evidenciando as interferências do imperador na ordem romana em relação a aspectos sexuais e comportamentais. Sua efeminação e seu homoerotismo receptor, por mais que sirvam como parte da construção representativa negativa objetivada por seus escritores antigos, ainda revelam as possibilidades de desvio presentes na sociedade romana.

### 3.3. A *dinastia das Júlias*

Como último tópico deste capítulo, dedicamo-nos a um outro elemento recorrente na representação de Heliogábalo: as figuras femininas de sua família, mais especificamente sua avó Júlia Mesa, sua mãe Júlia Soémia e sua tia Júlia Mameia. Essas mulheres desempenharam um papel considerável durante o governo de Heliogábalo. Juntamente com Júlia Domna, elas formaram a chamada “dinastia das Júlias”, compondo também uma coalizão de poder sírio/oriental no Império Romano.

A inclusão deste tópico no terceiro capítulo se justifica pelo entendimento de que essas personagens representam, de certa forma, um “desvio” em relação à esfera de influência do imperador, pois constituem contatos e influências femininas que não eram sempre bem vistas na sociedade romana. Por isso, optamos por aprofundar a análise sobre suas representações em um capítulo que já discute questões de gênero, permitindo compreender melhor o papel das mulheres em Roma e a forma como essas Júlias foram representadas.

A importância de se analisar essas figuras também se dá pelo papel direto que desempenharam na trajetória e ascensão de Heliogábalo. Assim como o imperador, elas revelam aspectos de um Império Romano heterogêneo, onde indivíduos se utilizavam de estratégias e manobras para se estabelecerem em determinados espaços de poder. As Júlias exemplificam *feminae* que conseguiram manipular o poder imperial em uma sociedade

dominada por *viri*, alcançando influência através de sua inserção no círculo imperial, estando diretamente relacionadas com a vida e o governo de Heliogábalo.

A discussão em torno da dinastia das Júlias se insere, portanto, na perspectiva da história das mulheres, isto é, da inclusão das mulheres como sujeitos de estudo, capazes de produzir efeitos históricos e não apenas objetos de análise. Joan Scott (1992, p. 77-78) argumenta que destacar a história das mulheres demarca a importância de suas trajetórias, influências e participações históricas, questionando a priorização de uma “história do homem” em oposição a uma “história da mulher” e problematizando a noção de uma história universal centrada apenas nas ações masculinas.

Para além da história das mulheres, a abertura para discussões sobre gênero e sexualidade se beneficia das abordagens feministas das últimas décadas, que questionaram “o papel das mulheres na História, procurando compreender as diferenças instituídas entre os sexos e as relações de poder estabelecidas entre eles” (Feitosa, 2003, p. 104). Esses debates ampliaram o conceito de documento histórico, valorizaram perspectivas femininas e possibilitaram análises que investigam as relações de poder entre homens e mulheres nas diferentes sociedades.

O uso da categoria de gênero como ferramenta analítica também permite questionar as noções de “essência masculina” e “essência feminina”, bem como o próprio uso dos termos “homem” e “mulher” como categorias fixas e homogêneas em diferentes contextos históricos (Feitosa, 2003, p. 104-105).

A partir dessa compreensão, buscamos analisar as representações das Júlias nas fontes antigas relacionadas a Heliogábalo, não como uma “análise à parte”, mas como parte da investigação sobre seu reinado, demonstrando que o governo do imperador envolve também questões de poder e representação feminina na Roma imperial.

Como primeira personagem da composição da dinastia das Júlias, e que não apresenta interações diretas com Heliogábalo, temos Júlia Domna, esposa do imperador Septímio Severo (193–211 d.C.) e mãe dos coimperadores Caracala (211–217 d.C.) e Geta (209–211 d.C.).



**Figura 10 – Busto de Júlia Domna. Fonte: Museu de Belas Artes de Lyon, França. Final do séc. II - início do séc. III. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Julia\\_Domna\\_MBA\\_Lyon\\_X482-115.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Julia_Domna_MBA_Lyon_X482-115.jpg), 2010. Acesso em: 26/10/2025.**

Nascida em Emesa, na Síria, por volta de 170 d.C., Júlia Domna era filha de Júlio Bassiano, sacerdote do deus-sol sírio Elagabal, e irmã mais nova de Júlia Mesa. Ao pai é atribuída uma suposta ligação com uma linhagem de reis-sacerdotes que governou Emesa e obteve a cidadania romana no século I a.C. Embora essa conexão não possa ser confirmada com certeza, supõe-se que Domna tenha sido educada em um ambiente religioso e de destaque, dada a função sacerdotal de seu pai (Puerta, 2014, p. 9).

Sua união com Septímio Severo também é permeada por elementos míticos e premonitórios. Segundo a *Vita Severi* da *História Augusta*, quando ainda não era imperador, Severo, então legado<sup>192</sup> e viúvo, consultou horóscopos para encontrar uma nova esposa. Teria ouvido sobre a previsão de que uma jovem síria, Júlia Domna, se casaria com um futuro imperador. Instigado por esse prenúncio, Severo teria decidido se casar com Domna, tornando-se pai em curto período de tempo (III 8-9, p. 76).

Em 193 d.C., com a ascensão de Severo ao trono, Domna tornou-se imperatriz romana, trazendo consigo sua família: a irmã mais velha, Júlia Mesa, seu esposo Júlio Avito e suas duas sobrinhas, Júlia Soémia e Júlia Mameia. Segundo Puerta (2014, p. 10),

---

<sup>192</sup> Representante oficialmente delegado por uma autoridade senatorial ou pelo imperador que poderia ter diferentes funções, no caso de Severo, ele era um governador de província imperial.

representavam “uma lembrança viva do dia a dia de sua terra natal, de seus costumes, tradições e religião, contribuindo para orientalizar a casa de Severo e a corte, sem jamais abandonar completamente as tradições romanas”<sup>193</sup>.

Embora não tenha tido contato direto com Heliogábalo, Domna mantém vínculos com ele, tanto no plano parental — sendo sua tia-avó — quanto no plano cultural e simbólico, já que desempenhou papel fundamental na consolidação de uma dinastia síria no Império Romano. Seu casamento com Severo representou a união de duas regiões com proximidade histórica e cultural, agora conectadas pelo poder imperial, e indicou a influência da *auctoritas* do imperador sobre o sistema romano, mediada por sua relação com uma oriental.

No segundo capítulo deste estudo, destacamos mudanças históricas promovidas na Síria durante a dinastia severiana, incluindo a divisão administrativa entre “Celesíria” e “Síria Fenícia” e a nomeação de legados militares, consolidando a reorganização da província (Butcher, 2003, p. 49). Além disso, ocorreram a fortificação das fronteiras orientais, concessão de direitos coloniais com isenção de impostos territoriais e garantias específicas para cidades sírias como Antioquia e Emesa no governo de Caracala, e Sídon durante Heliogábalo (Bouchier, 1916, p. 94-95).

Também houve mudanças jurídicas significativas, como a retirada da distinção entre províncias imperiais e senatoriais, a curadoria das cidades provinciais por magistrados imperiais e a extensão do direito civil romano a todas as comunidades organizadas, culminando na concessão da cidadania a todo o Império Romano no governo de Caracala (Bouchier, 1916, p. 96). Juristas sírios tiveram destaque, e membros das províncias orientais ingressaram no Senado (Bouchier, 1916, p. 95-96).

Essas transformações indicam que a união de Domna com Severo contribuiu para a elevação da Síria como província estratégica no Império, preparando um terreno próspero para a ascensão de Heliogábalo. A presença e influência de Domna na corte imperial foram decisivas na consolidação da dinastia síria.

Segundo a historiadora espanhola Rebeca Fernández Puerta (2014, p. 11), Domna acumulou diversos títulos que a colocaram entre as imperatrizes mais poderosas da história romana: *Augusta*<sup>194</sup>, Mãe dos Augustos (*Mater Caesaris*, *Mater Augustorum*, *Mater*

<sup>193</sup> “fueron el vivo recuerdo de su patria día a día, de sus costumbres, tradiciones y religión, que contribuyó positivamente a orientalizar la casa de Severo y la corte, aunque sin abandonar nunca las tradiciones romanas”.

<sup>194</sup> Legitimava a mulher enquanto parte do poder imperial, possuindo um teor mais simbólico.

*Augusti*<sup>195</sup>), Mãe da Pátria e do Senado (*Mater Patriae et Senatus*<sup>196</sup>) e Mãe do Exército (*Mater castrorum*<sup>197</sup>).

Durante o governo de Severo, destacou-se politicamente, associando-se à Maternidade e à Fortuna Militar. O título de *Mater Castrorum* indica sua participação nas relações com o exército e a manutenção da *auctoritas* imperial, ainda que sem um poder político formal visível, sendo comparável, segundo Puerta (2014, p. 13-14), à associação de Faustina, esposa de Marco Aurélio (161-180 d.C.), com o mesmo título.

Voltando-nos para as fontes escritas, Domna ficaria conhecida principalmente através de Dião Cássio. Segundo o autor, em determinado ponto, a imperatriz teria começado a se dedicar ao estudo de filosofia e se aproximado dos sofistas, incluindo suas figuras no círculo imperial (LXXVI 15, 6, p. 233), narrativa que aludimos no segundo capítulo e aqui complementamos que sua influência contribuiu também para a dedicação de uma obra de autoria do escritor grego Diógenes Laércio a si, e não devemos nos esquecer de sua participação para o início da produção da biografia de Apolônio de Tiana pelo escritor e sofista grego Filóstrato, já destacada no segundo capítulo (Bouchier, 1916, p. 96).

Após o falecimento de Severo, Domna esteve diante de uma difícil missão: lidar com seus dois filhos, na época já coimperadores, que, segundo as fontes escritas, se odiavam. Enquanto Dião Cássio atribui a Geta uma semelhança com seu pai que garantia o apreço dos soldados pela sua figura, Caracala é representado enquanto alguém ambicioso e sem escrúpulos que já teria tentado matar o próprio pai (LXXVIII 14, 3-7, p. 269; 271). A rivalidade entre os dois culminou em uma tragédia. Através de uma emboscada planejada por Caracala no próprio palácio, Geta foi atacado por centuriões e morreu nos braços de sua mãe em meio a súplicas de socorro (LXXVIII 2, 2-3, p. 281; 283).

A partir da morte de Geta, temos a representação de Júlia Domna enquanto uma mulher forte e influente. Dião Cássio afirma que esta foi proibida de lamentar ou chorar pelo seu filho, sendo compelida a se alegrar e rir, passando a ter sua atitude vigiada (LXXVIII 2, 5-6, p. 283). A imperatriz teve que controlar suas emoções como forma de lidar com seu filho problemático e não ter o mesmo fim que Geta, o que aparentemente produziu frutos, pois,

<sup>195</sup> Os três títulos possuem significados próximos, se referindo no caso do *Caesaris* a uma mãe de César, ou seja, de um herdeiro do trono, *Augusti* fazia referência a mãe de um imperador, um Augusto, enquanto *Augustorum* seria o seu plural, mãe de dois imperadores, no caso de Domna fazia referência ao período que Geta e Caracala governaram em conjunto.

<sup>196</sup> Combinação de *Mater patriae* e *Mater Senatus*, associavam respectivamente a figura feminina à moralidade e religiosidade da *Res República* e à autoridade senatorial.

<sup>197</sup> Mãe dos acampamentos, associação da figura feminina ao poder militar, simbolizando a proteção dessa esfera tão importante para o Império.



mais adiante, o escritor antigo chama atenção para o fato de que Domna foi instituída pelo próprio Caracala para receber petições e cuidar de sua correspondência, incluindo o nome dela em grandes elogios a si e às legiões (LXXVIII 18, 2, p. 327).

Além disso, Dião afirma que, durante esse período, ela se aprofundou em seus estudos sobre filosofia, continuou sua prática de recepções públicas com intelectuais da época e também foi responsável por aconselhar continuamente Caracala nos assuntos imperiais (LXXVIII 10, 4, p. 299-301; 18, 2-3, p. 327).

Tais trechos denotam a figura de uma *femina* que teve uma posição de destaque na sociedade romana e conseguiu exercer sua influência e alcançar prestígio durante sua época enquanto imperatriz. Logo, ao afirmarmos que ela preparou um terreno próspero para a sobrevivência da dinastia síria a partir de sua figura, nos baseamos principalmente nas exposições acima, que demonstram seu envolvimento na sociedade romana, sua importância e destaque que, com toda certeza, influíram no adentramento oriental não somente na sociedade, mas também no *Imperium*.

Seguindo com a análise da dinastia, temos a figura de Júlia Mesa, avó de Heliogábalo, personagem de grande destaque e envolvimento no reinado de Heliogábalo, e que está presente nas três fontes que abordam o imperador. De acordo com a *História Augusta* e com Herodiano, Mesa teria sido a principal responsável pela ascensão do neto ao cargo de imperador, sendo responsável por espalhar o boato do parentesco deste com Caracala e por prometer sua fortuna aos soldados que apoiassem o golpe.



**Figura 11 – Moeda com busto de Júlia Mesa.  
218-222 d.C. Na legenda têm-se IVLIA MAESA  
AVG. Disponível em:  
<https://www.historyhoard.com/products/rome-julia-maesa-denarius-pietas-respect-devotion-218-to-222-ce-roman-empire-ac25v?pos=1&sid=3cea97091&ss=r,s/d>.  
Acesso em 26/10/2025.**

Nas três fontes, é evidenciado que Mesa esteve presente na corte imperial de Severo e Caracala, sendo afastada de volta para sua terra natal, Emesa, por ocasião do golpe executado a mando de Macrino, que o consagrou como novo imperador. Como evidenciado anteriormente, Júlia Domna a trouxe juntamente com suas duas filhas e seu esposo, Júlio Avito, para o convívio da corte.

Destacamos aqui o afluxo de quatro personagens orientais para uma proximidade imperial. Por mais que Júlia Domna tenha sido motivada por um sentimento familiar, a inclusão desses indivíduos no círculo imperial é exemplo da inserção oriental em Roma em âmbitos cada vez mais significativos. Além disso, a manobra realizada por Mesa demonstra que tanto ela quanto a Síria eram forças a serem reconhecidas em tal contexto. Através da coalizão de forças realizada por esta, um imperador que havia conseguido a morte do seu antecessor foi derrubado.

Nesse trabalho já foram expostos os motivos que contribuíram para a queda de Macrino, mas, para além disso, a representação oferecida pelas fontes escritas demonstra que a coalizão de forças desempenhada por Júlia Mesa, Eutiquiano, Ganys e as legiões que os apoiaram desempenhou um papel primordial para que a tentativa de golpe não se tornasse

apenas mais uma tentativa frustrada de usurpação de poder na história romana, tal como ocorreu em outros momentos.

Se em Júlia Domna temos a preparação do terreno para a ascensão de uma dinastia síria no poder, através de Júlia Mesa temos a concretização dessa dinastia. Sua ação e intervenção são representadas como primordiais para que seu neto chegasse ao poder. Mesmo em Dião Cássio, que diminui sua participação em comparação às outras duas fontes, ainda é ressaltada sua atuação na Batalha de Antioquia, quando, ao pular da sua carruagem juntamente com a filha Soémia, estimulou a luta dos soldados (LXXIX 38, 4, p. 427).

Em relação à participação de Júlia Mesa durante o andamento do governo de Heliogábalo, temos representações dúbias sobre ela nas fontes. Sua figura parece ser uma representação, nas três fontes, do suposto vício dos sírios, apontado por Dião Cássio como “malícia”; essa característica é associada negativamente por duas vezes ao imperador Caracala (LXXVIII 6, 1, p. 291; 10, 2, p. 299) e parece representar a forma como Mesa agiu em relação ao seu neto.

Dião Cássio destaca a figura de Mesa como participante dos movimentos de Heliogábalo pelo império, afirmando que ela participava dos cânticos “bárbaros” que o imperador entoava junto com a mãe para Elagabal (LXXX 11, 12, p. 461); assistia, juntamente com Soémia, libertos imperiais, prefeitos, entre outros, Heliogábalo simulando a atividade de um cocheiro em um coliseu (LXXX 14, 2, p. 465); e também esteve presente, junto de Soémia, lado a lado de Heliogábalo, quando este adotou seu primo, Alexandre Severo, como filho (LXXX 17, 2, p. 473).

Além dessas participações, Dião Cássio aponta dois momentos de contenda entre avó e neto. Primeiramente, afirma que Heliogábalo ameaçou Mesa quando esta se opôs à sua relação com Hiérocles (LXXX 15, 4, p. 467). Aqui temos a representação de que esta não apenas acompanhou o imperador em seu cotidiano, mas também se posicionou em relação às suas decisões. Embora não seja informado o motivo pelo qual Mesa se mostrou contrária à união “matrimonial” entre seu neto e o liberto, podemos supor que sua preocupação partia da forma como tal relação ressoaria entre a sociedade romana.

O outro momento narrado por Dião Cássio se refere ao arrependimento na adoção de Alexandre Severo por Heliogábalo. Segundo o escritor antigo, Heliogábalo teria percebido com desconfiança que os soldados estavam se afeiçoando e se mostrando favoráveis ao seu primo (LXXX 19, 1, p. 475), o que se provou uma verdade, pois este seria protegido das tentativas de assassinato do imperador por sua mãe, Júlia Mameia, sua avó, pelos soldados e

até mesmo pelos pretorianos. Dião afirma que sua avó passou a odiá-lo por suas atitudes, que “pareciam mostrar que ele não era filho de Antonino e que estava começando a favorecer Alexandre, como se realmente tivesse nascido dele”<sup>198</sup> (LXXX 19, 2; 19, 4).

Esse último trecho apresenta um destaque interessante por parte de Dião Cássio, pois o escritor antigo escolhe ressaltar que o ódio nutrido por Mesa era direcionado às suas atitudes que iam contra sua associação com Antonino, aspecto que discutimos no primeiro capítulo enquanto uma tentativa de legitimação por parte do imperador visando a nomeação da memória antonina e de Caracala (211-217 d.C.) com sua figura. Essa representação de Mesa evidencia uma preocupação, por parte da avó do imperador, com sua reputação frente a terceiros, o que nos leva a pensar que, tal como no caso de Hiérocles, a principal preocupação de Mesa estava inserida em sua imagem pública.

Esses trechos de Dião Cássio representam Júlia Mesa como alguém que não desejava perder sua posição no círculo imperial. Não à toa, esteve envolvida diretamente na conspiração contra Macrino e na própria Batalha de Antioquia. Sendo assim, é sugerido que esta abandonou o apoio e a relação direta com Heliogábalo e passou para uma aliança com Alexandre Severo, tal reflexão parte da proteção oferecida por esta das tentativas de assassinato do imperador em relação ao seu primo e também porque, posteriormente, em meio às tentativas de emboscadas contra Alexandre Severo, Heliogábalo teria sido assassinado pelos soldados juntamente com sua mãe, Júlia Soémia, enquanto Júlia Mesa permaneceu viva.

Essa preocupação e o lado ambicioso de Júlia Mesa são ainda destacados em Herodiano. O escritor antigo afirma que Mesa preferia passar por situações perigosas a viver como uma exilada e pessoa privada (V 3, 11, p. 211); que a partida de Heliogábalo para Roma não demorou, pois estava impaciente para chegar ao luxo a que estava acostumada, o palácio imperial (V 5, 1, p. 254); e, como destaque, tem-se a afirmativa de que a elevação de Alexandre a filho de Heliogábalo e a concessão do título de César foram influência sua, pois desconfiava que os soldados desaprovavam o modo de vida de Heliogábalo (V 7, 2, p. 261).

Representada enquanto alguém capaz de mudar seu apoio ao próprio neto pelo desejo de se manter ao luxo, Júlia Mesa é mostrada novamente como uma protagonista nessa dinastia síria, capaz de utilizar artimanhas para se manter no poder.

Esse protagonismo pode ser notado ainda quando Herodiano afirma que Mesa foi responsável por cuidar dos assuntos urgentes no Oriente para Heliogábalo antes de sua

---

<sup>198</sup> “which seemed to show that he was not the son of Antoninus at all, and was coming to favour Alexander, as being really sprung from him”.

mudança para Roma (V 5, 1, p. 254); quando Mesa frustrou todas as tentativas de assassinato do imperador contra Alexandre e sua mãe (V 8, 3, p. 263); e quando, após o assassinato de Heliogábalo, passou a tutelar, junto com sua filha Júlia Mameia, seu neto Alexandre Severo, agora imperador.

Essas representações em torno de Júlia Mesa a destacam como alguém ambiciosa e maliciosa, capaz de entrar em conflito com Heliogábalo, como é observado no trecho de desaprovação de Mesa em relação à forma como Heliogábalo se vestia (V 5, 5, p. 255) ou em sua relação com Hiérocles, ou ainda capaz de retirar o apoio de um familiar próximo caso isso afetasse sua posição no círculo imperial.

Segundo Butler (2003, p. 117), “o corpo só ganha significado no discurso no contexto das relações de poder”. Analisando as representações acima, devemos ter em mente que partem de discursos sobre feminae na sociedade romana. Assim, Júlia Domna e Júlia Mesa são componentes de uma sociedade que definia o valor dos corpos a partir de suas observâncias ou não do *mos maiorum*; a atribuição dos papéis e expectativas estava diretamente relacionada às relações de poder que moviam o Império Romano, sendo produzidos discursos performáticos que evocavam representações positivas ou negativas sobre diferentes indivíduos.

Puerta (2014, p. 36) afirma que, no período anterior à dinastia das Júlias, o gênero feminino não tinha lugar na política. Contudo, essas convenções foram ignoradas a partir das figuras das quatro mulheres que, em meio ao estabelecimento de suas relações com os imperadores, conquistaram o poder. Júlia Domna teria conseguido alcançar títulos importantes e se tornado a mulher mais poderosa e influente de sua época, enquanto Júlia Mesa conseguiu, através de sua astúcia, manter os interesses dinásticos que haviam se iniciado com a irmã.

Já a historiadora espanhola María Hidalgo de la Vega (2012, p. 152) destaca duas noções atribuídas pela tradição historiográfica às mulheres imperiais que se destacaram na sociedade romana por meio de seus papéis culturais ativos, sendo elas “virtuosas” e “infames”. Enquanto as primeiras são apreciadas pelos valores apresentados e pelas formas como se portaram, as segundas sofreriam com uma memória que destacava suas ambições por um poder que tradicionalmente era masculino.

Ao mesmo tempo em que Domna e Mesa podem ser consideradas virtuosas por terem conseguido se inserir na sociedade romana a partir de um contato cultural que não excedia os

limites do *mos maiorum*, algo que Heliogábalo aparentemente falha em fazer ou simplesmente não tem interesse em seguir, podem ser consideradas também exemplos de mulheres infames que mobilizaram um poder tipicamente masculino em torno de si e o usaram para assegurar suas posições. O que teria acontecido com Domna se esta tivesse se mostrado raivosa em relação ao assassino de seu filho? O que teria acontecido com Mesa se esta não tivesse passado a apoiar o novo afeto dos soldados? Ambas são exemplos de *feminae* que souberam contornar os discursos de poder inseridos em seus corpos e moldaram a sociedade romana de acordo com suas ambições.

As duas últimas membras da dinastia das Júlias são Júlia Soémia e Júlia Mameia, ambas filhas de Mesa, e que trazem um interessante contraste em relação à forma como são representadas nas fontes escritas. Enquanto a primeira é mostrada a partir de uma ótica negativa, que a encaixa na categoria de “infame”, a segunda apresenta características positivas destacadas em sua conduta, sendo encaixada na categoria de mulher virtuosa.

Júlia Soémia é retratada principalmente na companhia de seu filho, Heliogábalo, sendo mostrada, tal qual Mesa, junto a ele quando entoava os cantos “bárbaros” em honra a Elagabal (LXXX 11, 12, p. 461), quando este simulava a atividade de cocheiro (LXXX 14, 2, p. 465) e no momento de adoção de Alexandre Severo, sentando, igual a sua mãe, ao lado de Heliogábalo (LXXX 17, 2, p. 473).



**Figura 12 – Busto de Júlia Soémia. 218-222 d.C.**  
**Fonte: Rheinisches Landesmuseum Trier, Trier,**  
**Alemanha. Disponível em:**  
**<https://www.alamy.com/stock-photo-julia-soaemias-bassiana-circa-180-113222-bc-roman-empress-218-222-10876285.html?imageid=47BE3627-AA82-4156-878A-8D7AD7953A0B&pn=1&searchId=0198f0eaa7285fff29482ff0e3a13cf2&searchtype=0>, 2006. Acesso em: 26/10/2025.**

Até no próprio assassinato do imperador, ambos são representados juntos nas três fontes. Dião Cássio afirma que Soémia se agarrou ao corpo do filho enquanto este estava sendo assassinado pelos soldados e morreu com ele. Ambos tiveram as cabeças cortadas, seus corpos despidos e arrastados por toda a cidade, tendo o corpo de Soémia sido jogado em algum local não especificado pelo escritor antigo (LXXX 20, 2, p. 477; 479). Herodiano afirma que ambos foram assassinados, seus corpos entregues para serem arrastados, insultados e mutilados e então jogados nos esgotos (V 8, 8, p. 264-265). A *Vita Heliogabali* é mais breve ao afirmar somente que Soémia foi assassinada junto com seu filho (XVIII 2, p. 209).

Além dessa representação conjunta, é destacada uma preocupação maternal em relação ao imperador nos seus momentos finais de reinado. A *Vita Heliogabali* afirma que Heliogábalo teria se isolado em um jardim, ordenado que assassinos fossem ao encontro de Alexandre Severo, enviado carta aos soldados retirando o título de César e ordenado que homens cobrissem de lama as inscrições de suas estátuas, o que irritou os soldados.

Irritados e preocupados com Alexandre, abrigaram este, sua mãe e sua avó em seu acampamento e partiram em direção ao local onde se encontrava o imperador. Soémia teria os

seguido, preocupada com seu filho, que conseguiu se salvar por intermédio de um de seus prefeitos de pretório, que intercedeu por sua vida (*Vita Heliogabali*, XIII 4-7, p. 204; XIV 3-8).

Em outro momento, Mesa e Soémia teriam alertado Heliogábalo do perigo relativo aos soldados, já desagradados com sua conduta para com o primo, caso ele não entrasse em consenso com este (*Vita Heliogabali*, XV 6, p. 206).

As representações mais individuais de Soémia estão presentes principalmente na *Vita Heliogabali*, que a compara a uma meretriz que praticava diferentes tipos de torpeza. Inclusive, diferente do que demonstramos no primeiro capítulo, aqui a biografia do imperador parece corroborar a ideia de que Heliogábalo era filho de Caracala, o que nos parece ser simplesmente para ressaltar a promiscuidade de Soémia, pois logo em seguida, no próprio trecho, a biografia usa a expressão “alegado pai” em relação ao laço sanguíneo de Caracala e Heliogábalo.

A relação ilícita que manteve com Antonino Caracala era tão conhecida que este Vário, ou Heliogábalo, era geralmente considerado como fruto dessa relação. Alguns também afirmam que o nome “Vário” lhe foi posto pelos seus colegas de escola, porque eles pensavam que ele era fruto de “várias” sementes, como filho que era de uma meretriz (*Vita Heliogabali*, II 1-2, p. 189).

A *Vita Heliogabali* busca representar Soémia como uma mulher que, tal como o filho, estava inserida na *impudicitia*, corroborando assim com a ideia de que o imperador estava cercado de pessoas ruins e depravadas. No trecho em que narra a morte de Heliogábalo, a *Vita Heliogabali* novamente destaca esse aspecto em Soémia, afirmando que era “uma mulher absolutamente infame e digna do seu filho” (XVIII 2, p. 209).

Já Júlia Mameia é representada a partir de uma perspectiva mais positiva, sendo associada às tentativas de proteção de seu filho, Alexandre Severo, contra as emboscadas de Heliogábalo. Herodiano afirma que Mameia não permitia que seu filho experimentasse nenhuma comida ou bebida enviada pelo imperador, cuidando até mesmo para que os cozinheiros e copeiros fossem diferentes daqueles do palácio imperial (V 8, 2, p. 263). Dião Cássio afirma que Mameia e Mesa, juntamente com os soldados, cuidavam e guardavam Alexandre (LXXX 19, 2, p. 477).





**Figura 13 - – Busto de Júlia Mamaea.**  
**222-235 d.C. Fonte: Römisch-**  
**Germanisches Museum, Colônia,**  
**Alemanha. Disponível em:**  
**[https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%](https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlia_%C3%81vita_Mameia#/media/Ficheiro:Julia_Mamaea_-_R%C3%B6misch-Germanisches_Museum_-_Cologne_-_Germany_2017.jpg)**  
**[BAlia\\_%C3%81vita\\_Mameia#/media/](https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlia_%C3%81vita_Mameia#/media/Ficheiro:Julia_Mamaea_-_R%C3%B6misch-Germanisches_Museum_-_Cologne_-_Germany_2017.jpg)**  
**[Ficheiro:Julia Mamaea -](https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlia_%C3%81vita_Mameia#/media/Ficheiro:Julia_Mamaea_-_R%C3%B6misch-Germanisches_Museum_-_Cologne_-_Germany_2017.jpg)**  
**[R%C3%B6misch-](https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlia_%C3%81vita_Mameia#/media/Ficheiro:Julia_Mamaea_-_R%C3%B6misch-Germanisches_Museum_-_Cologne_-_Germany_2017.jpg)**  
**[Germanisches Museum - Cologne -](https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlia_%C3%81vita_Mameia#/media/Ficheiro:Julia_Mamaea_-_R%C3%B6misch-Germanisches_Museum_-_Cologne_-_Germany_2017.jpg)**  
**[Germany\\_2017.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlia_%C3%81vita_Mameia#/media/Ficheiro:Julia_Mamaea_-_R%C3%B6misch-Germanisches_Museum_-_Cologne_-_Germany_2017.jpg), Acesso em:**  
**26/10/2025.**

Esse cuidado com o filho ainda é evidenciado em outros trechos, os quais acreditamos revelar parte do gênio de Mamaea. Herodiano afirma que Mamaea se recusou a aceitar que o filho tivesse os mesmos costumes que Heliogábalo, mais especificamente as funções sacerdotais que incluíam suas roupas e práticas, bem como hábito de dançar e pular (V 7, 4, p. 261-262), Mamaea,

[...] sua mãe, o manteve longe dessas atividades vergonhosas e impróprias de um imperador; ela secretamente enviou professores de todas as disciplinas e o treinou em práticas de moderação, enquanto o acostumava à palestra e aos exercícios masculinos, dando-lhe uma educação grega e romana ao mesmo tempo<sup>199</sup> (Herodiano, V 7, 5, p. 262).

Um trecho com semelhante ideia pode ser encontrado em Dião Cássio, quando o mesmo afirma que, após Alexandre Severo assumir o poder, Mamaea tomou a direção dos negócios e aproximou do filho homens sábios, com o objetivo de que estes influenciassem sua

<sup>199</sup> “[...] su madre, lo apartó de aquellas actividades vergonzosas e impropias de un emperador; envió a buscar en secreto maestros de todas las disciplinas, y lo ejercitaba en prácticas de moderación al mismo tiempo que lo habituaba a las palestras y a los ejercicios viriles, dándole una educación griega y romana a la vez”.

formação, além de ter inserido conselheiros escolhidos dentre homens do Senado (LXXX FRAGMENT, p. 489).

Desses trechos, podemos compreender que os escritores antigos representam Mameia como alguém que entendia e valorizava os valores romanos. Sua representação é a de uma mulher sábia, que estendia seu entendimento sobre a sociedade romana ao filho, buscando prepará-lo conforme os costumes romanos e, com isso, ganhava a afeição dos soldados.

Enquanto Mesa e Soémia são associadas aos costumes e à religião síria, Mameia é ressaltada como alguém que abraçou os valores romanos, compreendendo a importância de segui-los e até mesmo de rejeitar os costumes religiosos que envolviam o deus-sol de sua terra natal e de seu convívio familiar. Herodiano destaca, no trecho acima, sua visão de que o imperador executava atividades vergonhosas e incompatíveis com seu status imperial, enquanto Mameia preparava Alexandre para portar-se segundo os valores romanos.

Um outro ponto interessante diz respeito à questão do poder feminino, e aqui é importante ressaltar um último aspecto em relação a Soémia: seu envolvimento com a política romana. Segundo a *Vita Heliogabali*, Heliogábalo teria convocado, ainda no início do seu reinado, sua mãe para o Senado; esta teria se sentado junto aos cônsules e participado dos trabalhos de redação. A fonte chama atenção para o fato de ela ter sido a única mulher a ingressar no Senado como se fosse um homem; contudo, a narrativa não se encerra aqui.

Também instalou na colina do Quirinal um pequeno senado, ou seja, um senado de mulheres, no mesmo sítio onde antes se reunia uma assembleia de matronas, ainda que somente em dias solenes ou quando alguma matrona era obsequiada com as insígnias decorrentes do seu casamento com um cônsul (IV 1-4, p. 192).

A *Vita Heliogabali* afirma que não apenas Júlia Soémia participou do Senado, como também teria sido criado um senado feminino. Segundo o historiador espanhol Pedro David Navarro (2019, p. 196), a inclusão de Soémia no Senado pode ter acontecido, mas em um caráter representativo, não possuindo as mesmas prerrogativas que os senadores.

Já em relação ao senado feminino, Navarro (2019, p. 197-198) defende que, caso realmente tivesse acontecido, estaria presente em outras fontes escritas e teria sido rechaçado. A afirmativa da existência de tal instituição teria partido muito mais de uma alegoria à participação feminina na política romana. Concordamos com Navarro (2019) que essas afirmativas da *Vita Heliogabali* partem muito mais de um caráter representativo da participação feminina na política, enquanto um fato negativo que ocorria em Roma.

Por mais que se tenha outros exemplos de mulheres romanas que mobilizaram os imperadores em prol de seus interesses, aparentemente a dinastia das Júlias se diferenciou por

possuir um protagonismo destacado frente a três imperadores jovens, imaturos e que, no caso de Heliogábalo ou mesmo de Caracala, estavam muito mais preocupados com seu cotidiano do que em comandar o Império.

Destacamos que a representação de Júlia Mameia por Dião Cássio perpassa por uma exaltação de suas escolhas frente ao seu filho, aproximando-o de pessoas que estavam relacionadas aos valores romanos. Mas, para além disso, ao afirmar que ela assumiu a direção dos negócios, não se tem uma conotação negativa. A representação textual destaca Mameia como uma mulher sábia, que soube proteger seu filho não apenas do inimigo, mas da própria *impudicitia* e barbaridade que atravessava Heliogábalo.

A importância e o destaque que a dinastia das Júlias possuíram também podem ser afirmados a partir dos títulos que estas conquistaram, começando pelo título de *Augusta*, recebido pelas quatro mulheres (Navarro, 2019, p. 187-188); *Mater castrorum*, que também teria sido exercido pelas quatro Júlias (Corrêa, 2019, p. 78; Cascio, 2008, p. 140; Varner, 2004, p. 194-195); *Mater patriae*, que teria sido recebido por Domna e por Mameia (Corrêa, 2019, p. 79-80; Cascio, 2008, p. 140); *Mater senatus*, por Domna, Mesa e Mameia (Puerta, 2014, p. 11; Navarro, 2019, p. 195; Cascio, 2008, p. 140); *Mater Augusti*, por Domna e Soémia (Puerta, 2014, p. 11; Varner, 2004, p. 194-195); e o título de *mater universi generis humani*<sup>200</sup>, por Mameia (Cascio, 2008, p. 140).

As narrativas acima analisadas demonstram que a dinastia das Júlias se constituiu como um exemplo de poder feminino na sociedade romana. Sua existência evocou representações que perpassavam por questões que envolviam o entendimento imperial sobre o corpo feminino e também sobre identidade cultural oriental.

Concordando com Butler (2003, p. 199), que o gênero “é uma performance com consequências claramente punitivas. Os gêneros distintos são parte do que ‘humaniza’ os indivíduos na cultura contemporânea” e que estes são normalmente punidos por suas diferenças, compreendemos que, contextualizando discussões de gênero para a época, as representações negativas das Júlias perpassam de forma punitiva os limites ultrapassados por estas nas barreiras impostas aos seus corpos na sociedade romana.

Segundo a pós-graduada brasileira em Direito Civil, Leda Pinho (2002, p. 288), a condição da mulher na Roma Antiga era marcada por dependência, subordinação e incapacidade de agir por conta própria. Sendo considerada inferior ao homem, estava sujeita à

---

<sup>200</sup> Mãe de todo o gênero humano, uma mãe universal, reforçando o caráter universal de ordem e estabilidade provida daquela que recebia tal título.

tutela do pai ou do irmão, e, quando se casava, essa tutela era transferida para o esposo. O espaço da *Res Publica* lhe era negado, devendo ficar restrita ao espaço privado. Contudo, esse tratamento apresenta mudanças na época imperial, em que as transformações sociais culminaram no enfraquecimento da tutela feminina (2002, p. 279).

No período imperial, a mulher passa a participar da vida social e política, conquistando uma autonomia que a levou a uma posição favorável na sociedade (Pinho, 2002, p. 279). Contudo, a relação entre mulher e poder era vista com desconfiança pelas elites, contribuindo, assim, para representações nas fontes escritas a partir de um ideal de falha em aceitar os papéis associados aos seus corpos. Logo, eram consideradas problemáticas e causadoras de tensões. Analisar essa perspectiva perpassa pelos conflitos entre essas “punições” que representam as mulheres enquanto ameaçadoras (Bélo; Funari, 2017, p. 87).

Trazendo novamente para a discussão a ideia de performance, Butler (2003, p. 200-201) afirma que o gênero é uma identidade constituída no tempo e instituída em um espaço externo, a partir de uma repetição refinada de atos que agem nos corpos, garantindo que os gestos, movimentos e estilos corporais ressaltem a ilusão da demarcação performática imposta a determinado gênero. É “uma identidade construída, uma realização performativa em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença”.

Partindo da ideia de Butler, podemos compreender que, no contexto romano imperial, a situação da mulher estava inserida em atos performáticos que visavam encaixá-la em seu papel de inferioridade e submissão. Assim, mesmo quando esta ganha notoriedade e autonomia no Império, ainda tem seus atos vigiados e é vista com desconfiança, especialmente no contexto de poder que a proximidade com o círculo imperial garantia.

A representação negativa em torno das *feminae* nas fontes escritas está inserida em um contexto de preocupação com a transposição de barreiras impostas aos seus corpos femininos. A dinastia das Júlias é exemplo de mulheres que vivenciaram essa autonomia feminina no período imperial, mas os limites que perpassavam suas relações de poder contribuíram para representações dúbias, enquanto mulheres ambiciosas e dispostas a diferentes sacrifícios para se manterem no poder.

Até mesmo Júlia Mameia, que aqui destacamos como uma representação positiva antagônica à sua irmã, ainda é colocada como alguém capaz de subornar os soldados com quantias de dinheiro, ainda no período do reinado do seu sobrinho, objetivando ganhar o afeto destes por Alexandre (Herodiano, V 8, 3, p. 263). Júlia Domna, após a morte de Caracala,

teria ficado desolada, mas não pelo filho, e sim porque perderia sua posição de poder, passando a se recusar a comer (Dião Cássio, LXXIX 23, 1, p. 391).

Essas representações das Júlias demonstram um desejo, por parte dos escritores antigos, de encaixá-las como *feminae* acostumadas ao luxo, ambiciosas por poder e possuidoras de uma “malícia”. Não devemos nos esquecer de que, para além do seu gênero, todas estão inseridas em um contexto oriental que já era alvo do etnocentrismo romano. Logo, elas não eram somente *feminae* que se relacionaram diretamente com o poder, abusando de sua posição imperial e da autonomia da época, mas também orientais que se destacaram no âmbito romano, passando a dominar o Império que dominava suas províncias de nascimento.

A dinastia das Júlias é outro exemplo da heterogeneidade romana. Os envolvimento de suas trajetórias com Heliogábalo mostram que o imperador evocou diferentes elementos em suas representações escritas, que alcançavam até mesmo os papéis femininos da época. As narrativas em torno de suas memórias e relações com a história do imperador são marcadas por demonstrações da influência oriental e feminina no século III, contribuindo, assim, para um olhar que contrasta com a ideia de um poder centralizado nas mãos masculinas e etnicamente romanas.

## Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, analisamos as fontes textuais que abordam o imperador romano Heliogábalo a partir de três eixos, sendo respectivamente “Imperador”, “Oriental” e “Desviante”, com o objetivo de compreender a sua figura e o próprio Império Romano que são possíveis de perceber nas leituras dos documentos.

Mantendo uma visão crítica em relação à percepção de um Império subjugador e extremamente viril, discutimos como existem pluralidades culturais e “identitárias” no contexto romano, as quais, ao se estudar Heliogábalo, acabam sendo destacadas e proporcionam uma mudança na forma como se estuda e compreende o Império Romano, percebendo os diferentes indivíduos, influências e contextos que estão envolvidos na história romana.

Partindo da tese central de que o estudo das representações de Heliogábalo revela aspectos cruciais em torno do Império Romano, estivemos preocupados em analisar os elementos que estão incluídos em suas representações, não nos fechando em uma abordagem puramente biográfica, mas a utilizando para inseri-lo em um contexto maior da sociedade romana, como aspectos estruturais do sistema político imperial, a influência oriental, as performances transgênero, a presença do homoerotismo, a participação feminina em posições de poder, entre outros elementos.

Através da análise de sua representação enquanto um tirano cruel, oriental fanático e efeminado receptor, buscamos compreender elementos que percorrem a *Res Romana*, contrastando com visões homogeneizadoras, para perceber uma sociedade extremamente heterogênea, composta por diferentes normas e diferentes indivíduos que contribuíam para a construção de uma complexidade política, social e cultural.

A influência que as províncias romanas exerceram no Império Romano é crucial para entendermos o contexto que propiciou a ascensão do imperador e a demonstração de sua identidade cultural oriental em uma sociedade que não só dominava regiões ao oriente, como também demonstrava uma visão etnocentrista em relação a esse mundo oriental.

Estudar Heliogábalo a partir da história cultural e, mais especificamente, a partir da noção de representação, nos permitiu uma visão crítica em relação às fontes escritas, as tomando não como narrativas factuais sobre o imperador, mas antes como discursos construídos pelos escritores antigos como forma de atenderem a determinados objetivos e que, no caso específico de Heliogábalo, envolviam críticas que evocavam diferentes

acontecimentos e características que construíam a imagem de alguém que desrespeitou os valores romanos.

Essa noção acima também contribuiu para se levar em consideração o contexto e a época que envolviam os produtores dessas fontes, entendendo que a *História Augusta*, *História de Roma* e *História de Roma depois de Marco Aurélio* não são produções neutras, mas sim carregam marcas dos seus criadores. As posições sociais, origens, seus públicos-alvo e objetivos influem na produção dessas fontes escritas, evocando discursos que estão alinhados a um contexto específico. Esses elementos foram levados em consideração nas análises aqui realizadas e, assim, pudemos realizar um trabalho preocupado tanto com o conteúdo das fontes escritas quanto também com os contextos que envolvem os escritores antigos e suas possíveis intenções.

A análise das fontes antigas a partir da noção de representação demonstrou que Heliogábalo teve sua imagem atrelada a uma construção negativa por parte dos escritores antigos que o abordaram. Havia um intuito claro em reproduzir sua memória enquanto um exemplo ruim de moralidade e que não obedeceu aos valores romanos, ou, mais especificamente, ao *mos maiorum*.

As narrativas em torno da trajetória do imperador até chegar ao trono e, posteriormente, do seu governo perpassam uma mescla de informações e historicidade unida a críticas e denúncias sobre seu comportamento, contribuindo para a construção de um personagem que é envolvido em fatos e invenções, as quais muitas vezes tornam difícil até mesmo o seu estudo e a reconstituição dos impactos, influências e imagem de Heliogábalo no contexto em que esteve envolvido.

Realizando o estudo a partir da noção de representação, foi possível analisar as narrativas textuais em torno de Heliogábalo com um tom crítico às arbitrariedades, acusações e moldagens na forma como o imperador foi representado, justamente para entender que essas fontes ainda apresentam o personagem e, mais do que isso, valores da própria sociedade romana. Para além das dificuldades de análise, as fontes textuais oferecem uma riqueza de detalhes na forma como essa aristocracia romana via personagens como Heliogábalo, permitindo assim compreender que a construção de sua imagem esteve atrelada a diferentes elementos que compunham essa elite romana que escrevia sobre ele e a própria sociedade da época em que ele ascende ao poder.

O século III foi destacado enquanto um contexto propício para a ascensão de Heliogábalo, com uma presença considerável de orientais em posições de poder ou de ofício

no contexto romano. Esse cenário foi tratado e trabalhado a partir da ótica da história global, demonstrando os contatos existentes entre o Oriente antigo e o Império Romano, os quais perpassavam contradições e visões etnocentristas, bem como o estabelecimento de trocas e entrelaçamentos que marcaram o próprio cenário da Antiguidade. Com o afastamento de uma visão “romanizadora”, foi destacado e argumentado a forma como o Oriente esteve envolvido na história romana, com conexões significativas.

Com o uso da história global, entre outros contribuintes, foi possível compreender que a Antiguidade é permeada por trocas culturais e entrelaçamentos profundos que não se limitaram a relações ocidentais. Grécia e Roma não resumem a História Antiga e nem mesmo são a chave para se entender todo o contexto antigo de construção de importantes bases para outros povos e culturas que existiram ao longo da história, com alguns resistindo até a nossa contemporaneidade. O contexto da Antiguidade foi bem mais amplo, envolvendo povos de diferentes regiões, como os do Oriente Próximo, que não somente participaram e influenciaram a história ocidental, como também foram personagens centrais e protagonistas de suas próprias historicidades na construção do global.

Mesmo quando se fala a partir do Ocidente antigo, ainda é possível analisar e perceber as relações estabelecidas com os não ocidentais, o que foi realizado ao longo deste trabalho. O Império Romano foi contextualizado enquanto uma região de influências e contatos orientais que estiveram presentes ao longo de sua história, destacando-se uma perspectiva não eurocentrada e isolada, mas sim em consonância com as conexões que existiram no mundo antigo.

A trajetória de Heliogábalo e a própria forma como foi representado nas fontes textuais destacaram a presença de elementos culturais orientais no contexto romano, como a questão das vestes e religiosidade. Por mais que os escritores antigos destaquem a partir de uma ótica etnocentrista, suas narrativas, aliadas à bibliografia aqui trabalhada, demonstram que Roma foi influenciada pelo Oriente e estabeleceu importantes conexões que propiciaram a ascensão e continuidade do poder de Heliogábalo por determinado tempo. Mesmo após seu assassinato, o poder continuaria em mãos sírias, na figura de seu primo, Alexandre Severo. A coalizão de forças orientais, a corte imperial de Heliogábalo, a ação das Júlias e o próprio imperador demonstraram as relações e trocas estabelecidas nesse contexto.

Outro elemento discutido e destacado foi a representação de Heliogábalo a partir da ótica da efeminação e do homoerotismo receptor, os quais, por si só, refutam a visão de um Império Romano dotado de extrema virilidade. Existiram diferentes sujeitos que revelaram



uma sociedade permeada por uma multiplicidade de indivíduos, com identidades que não necessariamente se encaixavam nos padrões de virilidade erroneamente atribuídos em nossa contemporaneidade ou mesmo nos conceitos de virilidade de sua época. Ignorar esse cenário múltiplo se revela um erro de anacronismo que contribui para a manutenção e construção de visões reducionistas e simplistas em relação aos povos antigos.

As representações de Heliogábalo em relação à sua falta de virilidade foram criticadas e discutidas não apenas a partir de uma visão atenta aos objetivos de difamação que as fontes textuais possuíam, mas também a partir de uma visão não heteronormativa. A preocupação não recaiu na simplicidade de buscar a porcentagem de verdades nesse elemento que provoca terror nos historiadores, mas antes em considerar essa representação e discuti-la com base na presença de multiplicidades nos envolvimento e relações afetivas/sexuais e nas identidades que não necessariamente se encaixavam em padrões de heteronormatividade.

Unida a essa questão, a discussão em torno da dinastia das Júlias também contribuiu para o questionamento de uma visão homogeneizadora do poder viril masculino no contexto romano. A representação da ação, destaque e relações com o governo de Heliogábalo e outros imperadores demonstrou que as mulheres também manobravam o poder em Roma, sendo tão importantes, embora com outras linhas de ação, quanto as figuras masculinas viris que são comumente associadas ao Império. Essa dinastia ainda destaca a própria ação oriental em Roma, através de uma verdadeira coalizão de poderes que contribuiu para que conquistassem posições de poder e mantivessem essas mesmas posições durante suas vidas. A ação feminina e oriental proporcionada pelas Júlias conversa diretamente com o próprio reinado de Heliogábalo, demonstrando um cenário heterogêneo tal qual a própria figura do imperador.

A partir de uma análise focada nos eixos “Imperador”, “Oriental” e “Desviante”, as fontes textuais foram contextualizadas com diferentes elementos da sociedade romana. A representação de Heliogábalo demonstra a importância do *mos maiorum* para a aristocracia tradicional romana e a forma como agia em Roma, com uma abrangência sobre diversos aspectos do cotidiano dos habitantes do Império. O *mos maiorum* atingia uma dimensão que era utilizada como forma de controle dos corpos e de disciplinamento, sendo que aqueles que se desviavam da obediência desse conjunto de valores e costumes se tornavam personagens abjetos.

Outros termos aqui apresentados demonstraram como a dinâmica imperial era complexa e heterogênea, com um mesmo termo possuindo diferentes aplicações e sentidos, sendo importante considerar o contexto em que está sendo utilizado. Os conceitos aqui

destacados moldaram a narrativa de Heliogábalo e foram centrais para a discussão em torno de sua representação, mas também revelaram os conflitos, as negociações, o funcionamento e a discordância que definiam o que significava pertencer ou mesmo não pertencer à cultura greco-romana que o Império valorizava. A cultura tinha um valor considerável para os romanos e, juntamente com os âmbitos sociais e políticos, influenciava a forma como os povos eram percebidos e entendidos.

As discussões realizadas nesta dissertação contribuíram para uma já em progresso renovação na forma como o imperador Heliogábalo vem sendo analisado, apresentando uma visão crítica em relação às suas fontes textuais, que não tomam as narrativas enquanto fatos, mas sim enquanto inseridas em determinados objetivos, que neste trabalho foram analisadas a partir da noção de representação. Além desse acréscimo, também parte de uma nova abordagem que trabalhe o governante a partir da ótica da história global, destacando a possibilidade de se trabalhar a Antiguidade a partir de uma perspectiva globalizada, bem como insere o seu contexto oriental em uma perspectiva não somente de alteridade e conflito, mas também de interação e troca cultural.

Essa dissertação também se preocupou em trabalhar com uma abordagem que não restringisse os elementos de virilidade e homoerotismo como meras acusações políticas, mas antes em trabalhá-los e discuti-los enquanto presentes no contexto antigo e possibilidades na trajetória de Heliogábalo, afastando-se assim de um termômetro de veracidade, para uma discussão em consonância com a multiplicidade de identidades na Antiguidade.

Heliogábalo foi inserido no contexto maior do próprio estudo do Império Romano, contribuindo para um debate sobre a produção escrita, elementos políticos, identidade, relações com o Oriente, estudos de gênero e sexualidade, entre outros elementos que não somente promovem avanços no conhecimento, mas também desafiam noções de senso comum sobre Roma e seu período imperial e de estudiosos que ignoram as multiplicidades na Antiguidade, contribuindo para anacronismos e desconhecimentos sobre a história antiga.

A relevância de abordar o Império Romano continua se fazendo necessária, dada sua grande importância e impacto na Antiguidade, que permanecem em discussões da nossa contemporaneidade, mas essas abordagens devem vir acompanhadas de afastamentos de visões homogeneizadoras e falhas em perceber as conexões com outros povos de diferentes culturas, que não se resumem aos gregos e não são restritas a uma ótica subjugadora, mas também revelam interações e entrelaçamentos.

Heliogábalo se mostra enquanto um personagem que contribui em muito para o alcance dessa abordagem acima destacada. Essa dissertação, ao se inserir em um contexto de pouca produção brasileira em relação à sua figura e desconhecimento por grande parte das pessoas sobre sua existência e impacto, busca divulgar o conhecimento em relação ao imperador e trazer uma discussão centralizada em contextos da pesquisa histórica do exterior para as discussões de Antiguidade no Brasil, complementando com a abordagem acima destacada para a análise de Heliogábalo.

Nesta dissertação foram trabalhadas as três principais fontes textuais que tratam sobre o imperador de forma mais destacada, com eixos que buscaram nortear os principais elementos abordados pelos escritores antigos sobre a trajetória de Heliogábalo. Contudo, outras possibilidades de abordagem em relação a esse interessante personagem ainda são possíveis, com elementos aqui não tratados. Alguns exemplos seriam um estudo sobre os impactos causados pelo reinado de Heliogábalo, os simbolismos na construção das narrativas em torno dele, o dualismo antagônico na representação de Heliogábalo e seu primo, Alexandre Severo, bem como a delimitação de novos eixos, metodologias e teorias que o tratem a partir de uma nova ótica e problematização.

Futuras investigações podem ainda deslocar a análise para outros tipos de fontes além de Dião Cássio, Herodiano e a *História Augusta*, com uma análise de sua representação textual em escritores da Antiguidade Tardia ou Idade Média, um estudo da numismática ou epigrafia, as quais apresentam uma riqueza de novos detalhes e argumentações em relação às fontes textuais, ou ainda um estudo das representações contemporâneas em relação a Heliogábalo, pois sua figura esteve presente em diferentes tipos de mídia, indo do cinema ao teatro, músicas, pinturas, documentários e até mesmo jogos. A riqueza de possibilidades aqui é significativa.

Existe também a possibilidade de inserir Heliogábalo em discussões com uma ótica maior, como estudos sobre a construção das representações de imperadores romanos tirânicos, orientais ou homoeróticos, o surgimento de personagens orientais na Roma do século III, a influência feminina na política imperial, deuses orientais no panteão romano e a influência oriental na Antiguidade.

São diferentes caminhos que permeiam novas possibilidades de abordagens e estudos sobre o imperador, seja com novas análises, novas fontes ou mesmo novos encaixes de sua figura e importância. Esta dissertação pode servir como uma referência ou mesmo incentivadora para novos estudos em relação a Heliogábalo, Império Romano, história global,

estudos de gênero e sexualidade no contexto da Antiguidade ou mesmo para outras temáticas relacionadas às discussões aqui realizadas. A discussão em torno da história antiga foi mostrada aqui enquanto um âmbito de ricas possibilidades e estudos que contribuem para o conhecimento da formação de diferentes sociedades e seus impactos até nossa contemporaneidade.

O estudo da Antiguidade possui uma dimensão considerável de possibilidades. As novas abordagens, metodologias e teorias vêm contribuindo cada vez mais para que se renove a forma como esse período longínquo vem sendo estudado, contribuindo para análises cada vez mais comprometidas em não isolá-lo, mas sim em contextualizá-lo com problemas e hipóteses que partem de preocupações do presente, mas que podem ser compreendidos no mundo antigo. Assim, é construída a desmistificação da Antiguidade como um período sem relações com o presente e construídas novas noções de diálogo entre o passado e o presente.

Heliogábalo é um dentre outros diversos personagens e culturas que atravessam a história do mundo antigo, que se apresenta como muito maior do que o mundo greco-romano, revelando novos indivíduos, povos e culturas que tiveram importâncias e estabeleceram relações entre si. É urgente e necessário que os estudos históricos continuem se comprometendo com perspectivas que combatam o eurocentrismo, o etnocentrismo, o orientalismo e outras noções problemáticas, e se comprometam em divulgar e pesquisar para a sociedade estudos que apresentem as multiplicidades históricas, desmistificando noções anacrônicas, errôneas, colonizadas, preconceituosas, racistas, LGBTfóbicas e misóginas e apresentando uma História que é feita por diferentes culturas, povos e indivíduos.

Para finalizar esta parte das considerações finais, gostaríamos de apresentar a conclusão do reinado de Heliogábalo, destacando como ocorreu o fim de seu poder. As narrativas nas três fontes escritas se complementam: o imperador teria se arrependido da adoção de seu primo, Alexandre Severo, e então passado a tentar assassiná-lo, contudo sem sucesso, chegando ao ponto em que suas tentativas provocaram o ódio dos soldados, que acabaram por assassiná-lo.

A *Vita Heliogabali* afirma que Heliogábalo teria ordenado que o Senado retirasse o título de César de seu primo, notícia recebida de mau grado, pois os senadores se agradavam de Alexandre (XIII 1-2, p. 203-204). O imperador teria se isolado em um jardim, mandado assassinos contra seu primo, enviado uma carta aos soldados na qual informava a retirada do título de César, ordenado que cobrissem de lama as inscrições de suas estátuas, prometido

honrarias para aqueles que o matassem (XII 5-8, p. 204) e até mesmo expulsado os senadores da cidade de Roma para que não testemunhassem o assassinato (XVI 1, p. 206).

Os soldados, já cientes de seus planos, organizaram entre si uma conspiração e então mataram primeiramente os aliados de Heliogábalo, chegando ao ponto de castrar ou empalar alguns (*Vita Heliogabali*, XVI 5, p. 207-208) e, em seguida, assassinaram o imperador em uma latrina, arrastaram seu corpo pelas vias públicas, atiraram-no em um esgoto, mas, como não coube, lançaram-no ao rio Tibre com um peso amarrado a si. Daí teria vindo seu apelido de “Tiberino” ou “Arrastado”. Seu nome teria sido apagado<sup>201</sup> (*Vita Heliogabali*, XVII 1-7, p. 208) e sua mãe teria sido assassinada junto com ele (*Vita Heliogabali*, XVIII 2, p. 209).

Herodiano afirma que Heliogábalo teria tirado o título de César de Alexandre, deixado de aparecer em público com ele e então espalhado o boato de que este estava morrendo. Os soldados, revoltados e tristes com a notícia e por não o terem mais visto, exigiram que pudessem encontrar Alexandre, o que foi atendido por um imperador aterrorizado com a exigência. No entanto, o terror teria dado lugar à irritação, pois os soldados saudavam seu primo e ignoravam Heliogábalo, que ordenou que os aclamadores fossem punidos, o que revoltou a todos e ocasionou a organização de um ataque e a morte do imperador juntamente com sua mãe (V 8, 4-8, p. 263-264).

Heliogábalo, Júlia Soêmia e toda a comitiva do imperador, acusados de cumplicidade por seus crimes, teriam sido assassinados, sendo que o corpo do governante e de sua mãe teriam sido arrastados e mutilados pela cidade de Roma. Após isso, teriam sido jogados nos esgotos que descem ao rio Tibre (Herodiano, V 8, 8-9, p. 264-265).

Apesar de não especificar anteriormente em sua narrativa tal acontecimento, Dião Cássio afirma que, quando os soldados ficaram cientes de uma tentativa de assassinato de Alexandre pelo imperador, fizeram um grande tumulto, só cessado quando o próprio Heliogábalo chegou ao acampamento com seu primo e pediu clemência, inclusive entregando, por exigência dos soldados, alguns de seus companheiros.

Contudo, como o imperador conspirou novamente contra Alexandre e, dessa vez, não conseguiu apaziguar os soldados, que novamente se mostraram contrariados, Heliogábalo tentou fugir, mas foi descoberto e morto aos dezoito anos, em 222 d.C. (Dião Cássio, LXXX

---

<sup>201</sup> Esse ato se refere a prática romana chamada pela historiografia moderna de *damnatio memoriae* que se traduziria por “condenação de memória”, sofrida pelo imperador Heliogábalo e por outros imperadores romanos que consistia no apagamento de registros públicos relacionados àquela figura, como inscrições, estátuas, retratos e menções em registros oficiais, estes eram rasurados, modificados ou mesmo destruídos.

19, 2-4; 20, 1-2, p. 477). Sua mãe teria morrido abraçada junto com ele. As cabeças do imperador e de sua mãe teriam sido cortadas e seus corpos despidos e arrastados por toda a cidade. O corpo do falecido governante teria sido jogado em um rio e o de sua mãe em outro lugar não especificado (Dião Cássio, LXXX 20, 2, p. 477; 479).

Dião Cássio também narra a queda dos aliados de Heliogábalo, sendo mais específico que os outros dois escritores antigos, destacando a figura de Hiérocles e outros nomes que somente aparecem nesse momento, como Aurélio Êbulo, um emeseno responsável pelo fisco, e Fúlvio, um dos prefeitos da época. Dião, tal qual a *Vita Heliogabali*, ressalta que o nome do imperador foi banido de Roma (LXXX 21, 1-2, p. 479).

E assim teria sido concluído o reinado do jovem imperador, marcado por críticas, descrições dramáticas e fantasiosas e por uma trajetória interessante tanto literariamente quanto historicamente. Os personagens que acompanham e movimentam as narrativas de sua vida e seu governo, e a própria forma como este teria escolhido governar, são agrupados em representações que nos permitem conhecer mais sobre o Império Romano e perceber diferentes aspectos que foram abordados ao longo deste trabalho.

Encerra-se aqui o reinado de Heliogábalo e a análise deste trabalho.

## Referências

### *Fontes Primárias*

DIÃO CÁSSIO. **Dio's Roman History**. Traduzido por Earnest Cary. London/Harvard: William Heinemann, Harvard University Press (The Loeb Classical Library). Nine Volume, books LXXI-LXXX, 1957.

HERODIANO. **Historia del Imperio Romano después de Marco Aurelio**. Tradução de Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

*HISTÓRIA AUGUSTA*. **Vidas de Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avidio Cássio e Cómodo**. Tradução do latim, introdução, notas e índice de Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno S. Rodrigues. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, volume I, 2021.

*HISTÓRIA AUGUSTA*. **Vidas de Hélio Pertinaz, Dídio Juliano, Severo, Pescênio Nigro, Clódio Albino, Antonino Caracala, Antonino Geta, Opílio Macrino, Diadúmeno Antonino, Antonino Heliogábalo**. Tradução do latim, introdução, notas e índice de Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno S. Rodrigues. Coimbra: Universidade de Coimbra, CECH, volume II, 2021.

SUETÔNIO. **A vida dos doze césaes**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2012.

### *Sites*

ALIPRANDINI, Michael. Syria. EBSCO Research Starters: Geography and Cartography (Research Starters). 2024. Disponível em: <https://www.ebsco.com/research-starters/geography-and-cartography/syria>. Acesso em: 12 ago. 2025.

RUFO, Yasmin. 'Sou uma senhora': museu britânico passa a se referir a imperador romano como mulher trans. BBC News Brasil, [S.l.], 21 nov. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c97rdr4mzypo>. Acesso em: 12 ago. 2025.

### *Bibliografia*

ALFÖLDY, Géza. **História Social de Roma**. Tradução por Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ARRIZABALAGA Y PRADO, Leonardo de. Pseudo-eunuchs in the court of Elagabalus: The riddle of Gannys, Eutychianus, and Comazon. Full corrected version of a paper delivered at a conference held under the auspices of the University of Wales Institute of Classics and Ancient History entitled: "Neither Man nor Woman": Eunuchs in Antiquity and Beyond, Aberdare Hall, Cardiff University, 26-28, July 1999. Cambridge: Cambridge University (s.d.). Disponível em: <https://www.cantab.net/users/leonardo/Downloads/LAP%20Academic%20Texts/Pseudo-Eunuchs.pdf>. Acesso em: 12/08/2025.

ARRIZABALAGA Y PRADO, Leonardo de. **The emperor Elagabalus: fact or fiction?** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BARNES, Timothy D. The composition of Cassius Dio's "Roman History". **Phoenix**, Toronto, v. 38, n. 3, 1984, p. 240-255.

Barros, José D'Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **Textos de História**, v. 11, n. 1/2, p. 145-171, 2003.

BARROS, José D'Assunção. Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. **Secuencia**, México, n. 103, e1528, abr., 2019, p. 1-30.

BEARD, Mary. **SPQR: Uma História da Roma Antiga**. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: Planeta, 2017.

BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. **Religions of Rome: Volume 1: A History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BÉLO, Taís Pagoto; FUNARI, Pedro Paulo. As romanas e o poder nos anais de Tácito. **Revista Classica**, v. 30, n. 2, 2017, p. 75-90.

BENTES, Natália Mascarenhas Simões; NEVES, Rafaela Teixeira Sena; LOBATO, Luísa Cruz (Orgs.). **Síria: da história à crise humanitária**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

BERNAND, Carmen. El reto de las historias conectadas. **Historia Crítica**, nº 70, 2018, p. 3-22.

BOUCHIER, Edmund Spenser. **Syria as a Roman Province**. Oxford: B.H. Blackwell, 1916.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula – 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

BUTCHER, Kevin. **Roman Syria and the Near East**. London: The British Museum Press, 2003.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARLA-UHINK, Filippo. “Between the human and the divine”: cross-dressing and transgender dynaics in the Graeco-Roman world In. CAMPANILE, Domitilla; CARLA-UHINK, Filippo; FACELLA, Margherita (org.). **TransAntiquity: Cross-Dressing and Transgender Dynamics in the Ancient World**. New York; London: Routledge, 2017.

CASCIO, Elio Lo. The Emperor and His Administration In. BOWMAN, Alan K.; CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter (Ed.). **The Cambridge Ancient History**. Volume XII, The Crisis of Empire, A.D. 193-337. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade: A Era da Informação**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt, vol. 2., 9ª ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CERRI, Mariane. **A biografia do imperador Cômodo na História Augusta como uma crítica ao Dominato (século IV d.C.)**. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, 2020.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.



CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, 1991, p. 173-191.

CONLEY, Emily. **Women in Roman Republican Literature**: the use of mulier in Sallust and Plautus. History & Classics Undergraduate Theses. Department of Classics, Providence College, 2019.

CONRAD, Sebastian. **O que é história global?** Tradução de Teresa Furtado e Bernardo Cruz. Lisboa: Edições 70, 2019.

CORASSIN, Maria Luiza. A composição da biografia de Severo Alexandre na História Augusta. **Revista de História**, São Paulo, n. 119, 1988, p. 153-178.

CORASSIN, Maria Luiza. Biografia e História na "Vita Aureliani". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 17, n.33, 1997, p. 98-111.

CORASSIN, Maria Luiza. **Sociedade e política na Roma antiga**. 1. ed. São Paulo: Atual, v. 1, 2011.

CORRÊA, Ariel Garcia. **As perspectivas elaboradas por Dião Cássio e Herodiano sobre as práticas político-culturais do imperador Heliogábalo (séc. III d.C.)**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) — Faculdade de Ciências e Letras de Franca (FCHS), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Franca, 2019.

CRAIG, Williams A., **Roman Homosexuality**. Second Edition. Oxford: Oxford University Press, 2010.

DE BLOIS, Lukas. The perception of Roman imperial authority in Herodian's work. In: DE BLOIS, Lukas; RICH, John (ed.). **The representation and perception of Roman imperial power**. Amsterdam: J.C. Gieben, 2003, p. 241-251.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, jul./dez. 2009, p. 7-16.

EDWARDS, Catharine. The politics of immorality in ancient Rome. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2002.

ESTEVES, Anderson Martins. Díon Cássio: um Historiador no Reino de Ferro (Cassius Dio: a Historian under a reign of iron) In: SEBASTIANI, Breno Battistin; RODRIGUES JR., Fernando; SILVA, Bárbara da Costa e (coords.). **Problemas de Historiografia Helenística** (Problems of Hellenistic Historiography). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, p. 193-207.

FALCÃO, Rodrigo. Oriente e Ocidente: a terra dos vivos, a terra dos mortos. **Hegemonia**, [S. l.], n. 1, 2006, p. 1-11.

FEITOSA, Lourdes. História, gênero, amor e sexualidade: olhares metodológicos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Brasil, n. 13, 2003, p. 101-115.

FERNÁNDEZ UBIÑA, J. La Crisis del siglo III. Realidad histórica y distorsiones historiográficas. **Tiempo y Espacio**, [S. l.], n. 7-8, 2015, p. 263-287.

FUNARI, Pedro Paulo. **História de Roma**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo; GRILLO, José Geraldo Costa. Os conceitos de "Helenização" e de "Romanização" e a construção de uma antiguidade clássica In: NEMI, Ana; ALMEIDA, Néri de Barros; PINHEIRO, Rossana Alves Baptista Pinheiro (Orgs.). **A construção da narrativa**

**histórica séculos XIX e XX.** – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, São Paulo, SP: Fap-Unifesp, 2014, p. 205-214.

GAIA, Deivid Valério. Os Antoninos: o Apogeu e o Fim da Pax Romana In. BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco de (coords.). **História de Roma Antiga: Volume II: Império Romano do Ocidente e Romanidade Hispânica.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020, p. 175-216.

GASCÓ LA CALLE, Fernando. La patria de Herodiano. **Habis**, Sevilla, n. 13, p. 165–170, 1982.

GIBBON, Edward. **Declínio e Queda do Império Romano.** Tradução de José Paulo Paes. – Ed. Abreviada – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GÓMEZ, Miguel Pablo Sancho. **La religion del autor de la Historia Augusta.** CEPOAT, Murcia, 2018.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Rupturas e Continuidades: os Antoninos e os Severos. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, jan/fev/mar/2007, p. 1-15.

GRIMAL, Pierre. **A civilização romana.** Tradução de Jorge Bastos. 10ª ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

GRIMAL, Pierre. **História de Roma.** Tradução de Maria Leonor Loureiro. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Ensaio sobre história antiga.** 2014. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. O ocidente e o resto: discurso e poder. Tradução de Carla d'Elia. **Projeto História**, São Paulo, n. 56, Mai.-Ago. 2016, p. 314-361.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In. SILVA, Tomas Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 103-133.

HALSBERGHE, Gaston H. **The Cult of Sol Invictus.** Leiden: Brill, 1972.

HIDALGO DE LA VEGA, María José. **Las emperatrices romanas: sueños de púrpura y poder oculto.** Ediciones Universidad de Salamanca, Salamanca, 2012.

HOSE, Martin. Cassius Dio: a senator and historian in the age of anxiety. In: KREBS, Christopher B.; WIENER, Christa; WIENER, Elke (org.). **Seeing Caesar anew: studies in Cassius Dio.** Leiden; Boston: Brill, 2010. p. 69-84.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ICKS, Martin. Cross-dressers in control In. CAMPANILE, Domitilla; CARLA-UHINK, Filippo; FACELLA, Margherita (org.). **TransAntiquity: Cross-Dressing and Transgender Dynamics in the Ancient World.** New York; London: Routledge, 2017.

KEMEZIS, Adam M. Greek narratives of the Roman Empire under the Severans: Cassius Dio, Philostratus and Herodian. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

KEMEZIS, Adam M. The fall of Elagabalus as literary narrative and political reality: a reconsideration. **História**: Revista da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, v. 65, fasc. 3, 2016, p. 348–390.

LEMOS, Márcia Santos. O ‘mos maiorum’ e a fortuna do Império Romano no século IV d.C. **Dimensões**, vol. 25, 2010, p. 46-62.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Tradução de Pergentino S. Pivatto (coords.). Petrópolis: Vozes, 1997.

LISSNER, Ivar. **Os Césares**: apogeu e loucura. Tradução de Oscar Mender. 1. ed. São Paulo: Itatiaia, 1985.

Louro, Guacira Lopes, **Um Corpo Estranho** – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MENESES, Paulo. Etnocentrismo e Relativismo Cultural: algumas reflexões. **Revista Gestão & Políticas Públicas**, São Paulo, Brasil, v. 10, n. 1, 2020, p. 1–10.

MILLAR, Fergus. **The Roman Near East, 31 B.C.–A.D. 337**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias** (UFRGS. Impresso), v. 21, 2009, p. 150-182.

MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer. **Florestan**, v. 2, 2014, p. 8-25.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MORALES, Fábio Augusto e SILVA, Uiran Gebara da. História Antiga e História Global: afluentes e confluências. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 40, nº 83, 2020, p. 125-150.

MOURA, Caio. Para além do etnocentrismo e da exclusão: repensando o estatuto da barbárie no mundo antigo. **Hypnos**, São Paulo, número 23, 2º semestre, 2009, p. 210-225.

NAVARRO, Pedro David Conesa. Julia Maesa y Julia Soemias en la corte de Heliogábalo: el poder femenino de la *domus* severiana. **Stud. hist.**, H.<sup>a</sup> antig., 37, 2019, p. 185-223.

OLIVEIRA, Cícero Josinaldo da Silva. Chartier e Foucault: poder, cultura e representação. **Poliética**, São Paulo, v. 6, n. 2, 2018, p. 68-87.

OSOWSKI, Marybeth. **Fashioning Identity**: clothing and the image of the syrian in the Roman empire. Dissertacion in Arts (Master). Dallhousie University, Halifax – Nova Scotia, 2016.

PINHO, Leda de. A mulher no direito romano: noções históricas acerca de seu papel na constituição da entidade familiar. **Revista Jurídica Cesumar** – v.2, n. 1 – 2002, p. 269-291.

POLO, Francisco Pina. Mos Maiorum como instrumento de controle social da nobilitas romana. **Revista digital de la Escuela de Historia** – unr/ año 3 – nº 4/ Rosario, 2011, p. 53-77.

PUERTA, Rebeca Fernández. **La dinastía siria de las Julias**. Estudio del poder público de las emperatrices en época de los Severos (193-235). Grado de Historia. Facultad Filosofía y Letras, Universidad de Zaragoza, Zaragoza, 2014.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales**: a inovação em história. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

RIBEIRO JUNIOR, Benedito Inácio. **Para além da heteronormatividade**: uma análise dos eunucos re-presentados por Estácio, Marcial e Suetônio (Roma, 80-121 d. C.). Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras – Assis: UNESP, 2016.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: O Oriente como Invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAUTER, Juliano. As vestais virgens de Roma: novidades na historiografia a partir de Mary Beard. **Anais do EP HIS** [on-line]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Lopes Louro. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SCOTT, Joan. História das mulheres In. BURKE, Peter. **A Escrita da História**: Novas Perspectivas. Tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora UNESP, 1992.

SILVA, Filipe Noé da. **Gênero e poder no Império Romano**: considerações sobre o imperador Adriano. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas - SP, 2016.

SILVA, Gilvan Ventura; SOARES, Caroline da Silva. O "fim" do mundo antigo em debate: da "crise" do século III à Antiguidade Tardia e além. **NEARCO** – Revista Eletrônica de Antiguidade, Rio de Janeiro, n. 11, 2013, p. 11-25.

SILVA, Helenice Rodrigues da. A história como “a representação do passado”: a nova abordagem da historiografia francesa. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (org.). **Representações**: contribuição a um debate transdisciplinar. – Campinas -SP: Papirus, 2000, p. 81-100.

SILVA, Janaice Bertoldo da. **Escrever a História em Tempos de Crise**: Herodiano e o Reinado do Imperador Heliogábalo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Marechal Cândido Rondon, 2019.

SILVA, Semíramis Corsi. A corrupção e os crimes de Heliogábalo: aspectos da governabilidade imperial romana e as práticas políticas do princeps sírio vistas por seus detratores (século III EC). In: Semíramis Corsi Silva; Carlos Eduardo da Costa Campos. (Org.). **Corrupção, crimes e crises na Antiguidade**. 1ed. Rio de Janeiro: Desalinho/CNPq, v. 1, 2018, p. 193-216.

SILVA, Semíramis Corsi. Barbaridade versus Humanitas no Principado Romano: a política e a construção da imagem do imperador Heliogábalo (século III EC). **ALETHÉIA (GOIÂNIA)**, v. 2, 2017, p. 114-136.

SILVA, Semíramis Corsi. Eunucos no Império Romano: tipos diferentes de práticas e regulações legais contra as castrações no Principado. In: BALIEIRO, Fernando de Figueiredo; SILVA, Semíramis Corsi. (Org.). **Gênero e Regulações do sexo entre antigos e modernos**. 1ed.Cachoeirinha: Fi, 2024, p. 199-223.

SILVA, Semíramis Corsi. Heliogábalo vestido divinamente: a indumentária religiosa do imperador sacerdote de Elagabal. **ARYS. Antigüedad: Religiones y Sociedades**, v. 1, 2019, p. 251-276.

SILVA, Semíramis Corsi. Identidade cultural e gênero no Principado Romano: uma proposta de análise interseccional das representações do imperador Heliogábalo (século iii e.c.). **Phoênix**, v. 24, 2018, p. 142-166.

SILVA, Semíramis Corsi. Não me chame de senhor, pois eu sou uma senhora: a performatividade transgênero do imperador Heliogábalo (218-222). In: Semíramis Corsi Silva; Moisés Antiqueira. (Org.). **O Império Romano no Século III**. Crises, transformações e mutações. 1ed.São João de Meriti: Desalinho, v., 2021, p. 89-118.

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In. \_\_\_\_\_ (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. [15]. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 73-102.

VANHAUTE, Eric. Who is afraid of global history? Ambitions, pitfalls and limits of learning global history. **Revista Austríaca de Ciências Históricas** (Österreichische Zeitschrift für Geschichtswissenschaften), vol 2, 2009, pp 22-39.

VARNER, Eric R. *Mutilation and Transformation Dannatio Memoriae and Roman Imperial Portraiture*. Leiden; Boston: Brill, 2004.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Amizade e Política em Roma: o Patronato na Época Imperial. **Acta Scientiarum**, Maringá, 23(1), 2001, p. 215-222.

VEYNE, Paul. **O Império Greco-Romano**. Traduzido por Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

WALLACE-HADRILL, Andrew. The Imperial Court. In. BOWMAN, A. K.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. (Ed.). **The Cambridge Ancient History**. Volume X: The Augustan Empire, 43 BC – AD 69. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 283-308.

WOOLF, Greg. **Becoming Roman: the origins of provincial civilization in Gaul**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.